

Cristiana Schettini Pereira

Um gênero alegre

Imprensa e pornografia no Rio de Janeiro (1898-1916)

Dissertação de mestrado apresentada ao
Departamento de História do Instituto de Filosofia
e Ciências Humanas da Universidade Estadual de
Campinas, sob orientação da Profa. Dra. Maria
Clementina Pereira Cunha

Campinas-SP
Fevereiro de 1997

UNIDADE	B3C
N.º CHAMADA	UNICAMP
	P414g
V. E.	
INVEN. Nº	30.361
PROC.	281197
C	☐
D	☒
PREÇO	R\$ 11,00
DATA	22/05/97
N.º CPD	

CM-00098886-1

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP**

P414g

Pereira, Cristiana Schettini

Um gênero alegre: imprensa e pornografia no Rio de Janeiro (1898-1916) / Cristiana Schettini Pereira. - - Campinas, SP: [s.n.], 1997.

Orientador: Maria Clementina Pereira Cunha.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. História social. 2. Imprensa - Rio de Janeiro (Cidade) - 1898-1916. 3. Pornografia - Rio de Janeiro (Cidade) - História. 4. Comportamento sexual. I. Cunha, Maria Clementina Pereira. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Cristiana Schettini Pereira

Um gênero alegre

Imprensa e pornografia no Rio de Janeiro (1898-1916)

Dissertação de mestrado apresentada ao
Departamento de História do Instituto de Filosofia
e Ciências Humanas da Universidade Estadual de
Campinas, sob orientação da Profa. Dra. Maria
Clementina Pereira Cunha

Este exemplar corresponde à redação final da
dissertação defendida e aprovada pela
comissão julgadora em 26/01/97

Banca:

Profa. Dra. Maria Clementina Pereira Cunha (orientadora)

Profa. Dra. Martha de Abreu

Prof. Dr. Sidney Chaloub

Prof. Dr. Mariza Corrêa (suplente)

Campinas-SP
Fevereiro de 1997

97-01-02

Agradecimentos

Agradeço às agências financiadoras, CNPq e FAPESP, que prestaram seus auxílios em momentos diferentes. Agradeço também aos funcionários da Biblioteca Nacional e da Biblioteca da Casa de Rui Barbosa, em especial às funcionárias da seção de obras raras da BN, que mesmo estranhando as minhas leituras, criaram boas condições para a pesquisa. Mariza Correa e Silvia Lara comentaram cuidadosamente o trabalho comigo no exame de qualificação; às duas sou grata pela leitura e pelas idéias. À Silvia Lara e ao Sidney Chalhoub, devo um agradecimento por outras leituras e conversas desde a graduação. Sueann Caulfield leu o projeto; seus comentários e seu próprio trabalho foram fundamentais para eu pensar várias questões da pesquisa. Gabriela Sampaio, depois de ter sido uma grande companheira de pesquisa no Rio, ainda teve paciência para ler os capítulos, discuti-los e me acalmar mil vezes. À minha avó Lycia agradeço o apartamento, a companhia divertida e as balinhas de leite. Também não posso deixar de lembrar da Mona, Ana e Ique, boas companhias no Rio. Claudia e Marcelo tiveram paciência com meu mau-humor e me ajudaram com vários problemas. Paula foi e é uma interlocutora muito especial, e não só nas questões da AAM. À Elciene devo um difícil agradecimento por ter me suportado cotidianamente por tanto tempo, e por ter dividido tantas horas ruins e boas. Leonardo foi fundamental no meu aprendizado de história, e também ajudou em muitas questões nos diferentes momentos deste trabalho, desde a pesquisa, até aqui, na finalização. À Clementina devo outro agradecimento difícil, quase impossível, pelo seu trabalho de orientação paciente e extremamente dedicado. Por fim, agradeço a minha família, que mesmo de longe deu todo o apoio necessário para que este trabalho chegasse até aqui.

Introdução

Ao descrever o Rio de Janeiro de sua mocidade, em 1910, o jornalista Gilberto Amado identificava muitos sinais de mudanças - a começar pelo "lugar de encontro obrigatório e cotidiano da elite política e social da cidade", a recém aberta Avenida Central, que viera substituir nessa função a estreita rua do Ouvidor¹. Mas certamente não foram as dimensões da nova avenida o que mais impressionou o novo colunista do jornal O Paiz:

"No Pavilhão Internacional, de Pascoal Segreto, defronte da Galeria Cruzeiro, às sessões de Animatógrafo, às primeiras horas da noite, sucediam as exhibições de filmes obscenos, iguais aos que se mostravam em certos bordéis de Paris, de um realismo torpe. A sala enchia-se de deputados, senadores, comerciantes, homens mais sérios e de mulheres da vida, da rua Senador Dantas, Sete de Setembro (...).

Naquele clima de facilidade de costumes, o intenso tráfego carnal assumia o caráter regular de um negócio lícito, de absoluta normalidade."²

As impressões de Gilberto Amado estavam longe de ser excepcionais em relação a muitos de seus contemporâneos. Novas diversões pautadas pelos moldes parisienses, e valorizadas por isso, tornavam-se cada vez mais visíveis e uma verdadeira organização empresarial emergia em torno deste novo filão, extraindo lucros consideráveis³. Nas lembranças de Gilberto Amado, e de muitos outros, delineavam-se os componentes de uma *belle époque* elegantemente imoral⁴.

¹ - Gilberto Amado, Mocidade no Rio e Primeira Viagem à Europa Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio, 1958, p.11.

² - Idem, p.12.

³ - Cinematógrafos deste gênero já eram anunciados desde 1903: "As funções do Cassino estão cada vez mais divertidas. Agora, além do que se vê no palco do teatro, há, do lado de fora, um outro divertimento interessantíssimo: mulheres nuas, apresentadas por um cinematógrafo da rua Senador Dantas gratuitamente apreciadas pelos habitués do Cassino.", "Carteira de um peru", Rio Nu, 25 de março de 1903.

⁴ - Para inserir as impressões de Gilberto Amado no contexto dos memorialistas que contribuíram para a construção de uma *belle époque* imoral e elegante, ver a análise de Margareth Rago sobre a construção de um imaginário sobre as prostitutas na *belle époque* paulistana. Margareth Rago, Os Prazeres da noite Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

O italiano Pascoal Segreto, proprietário da maioria dos teatros e casas de diversões da capital, passou elétrica a simbolizar o empresário que enriquecia anunciando inovações que iam desde a iluminação nos teatros e casas de espetáculos até os filmes obscenos exibidos à noite para um ávido público consumidor masculino que incluía políticos e homens respeitáveis⁵. Mas os "modernos" estabelecimentos de Pascoal Segreto nem sempre eram frequentados por esses distintos senhores. Na Maison Moderne, por exemplo, eram apresentadas "gaiolas com feras, cabeça de turco, estereoscópio com vistas reservadas para velhos que precisam de excitantes e meninos que começam a sentir as primeiras *pulsões* do amor, jogos de argolinhas, etc. etc." para uma audiência no mínimo diversificada: "O pessoal da platéia é difícil de ser descrito. Há ali de tudo: brancas, negras, mulatas; estrangeiros e nacionais; bem vestidos e descalços"⁶. Pessoas muito diferentes se encontravam em função de uma mesma diversão. Em outra descrição no mesmo jornal: "na platéia, abanca-se o burguês em *vis-a-vis* com o empregado do comércio ou com as mulheres de vida fácil que ali vão à pescaria de reboques."⁷

O Pavilhão Internacional, por sua vez, era um local conhecido não só pelos filmes de "gênero livre" que exibia, mas também pelos espetáculos que mais pareciam pretextos para a exibição de atrizes e coristas escassamente vestidas. Chegavam a provocar bem-humorados protestos por parte de frequentadores que, convenientemente, não figuravam na descrição de Amado. Esta "reclamação", por exemplo, referia-se a uma atriz da companhia que lá atuava:

⁵ - O Almanaque do Teatro 1906/1907 Rio de Janeiro: Tip. da pap. Portela, 1906, registra como propriedade de Segreto os teatros S. José, Carlos Gomes (ex Sant'Anna) e a Maison Moderne, esta última onde eram encontrados "rapazes, mulheres alegres e cerveja em penca". Todos tinham boa localização, próximos à praça Tiradentes, e portanto dos pontos de bondes. Os preços pareciam ser acessíveis: o S. José oscilava entre trezentos réis e trinta mil réis (o primeiro referente às galerias, o segundo aos camarotes e frisas). Além disso, o Maison Moderne anunciava "poderosos dínamos" que podiam acionar um sistema de iluminação elétrica e ventiladores para os camarotes e platéias. O S. José possuía "duas campainhas elétricas, sendo uma do palco para o público e uma do ponto para o palco."

⁶ - Noctívago, "Rio à noite", Rio Nu, 6 de maio de 1905. Nesse clima de promiscuidade, eram comuns denúncias de exploração de menores e caftismo nos estabelecimentos de Pascoal Segreto. Ver, por exemplo, no Rio-chic de 4 de março de 1909, na seção "Serviço telegráfico especial", sobre o teatro S. José: "Monstruoso caftismo! Exploração meninas menores quatorze anos. Jogo franco público feito meninas, duas vezes prostituídas proveito empresa tipos sem imputabilidade moral, com proteção jornalistas sem escrúpulos."

⁷ - Noctívago, "Rio à noite", Rio Nu, 28 de junho de 1905.

"(...) vem vestida de forma tão extravagante que nos faz ficar exaltados de um modo especial, isto é, faz-nos imediatamente levantar... o entusiasmo!

Isso não era nada se a tal atriz o quisesse depois abaixar também, mas não quer, e assim faz-nos ir, depois do espetáculo, correr as zonas e gastar uns cobses, esforços esses que nem todos os dias podemos fazer, porque não somos ricos."⁸

Os espetáculos escandalosos do Pavilhão, assim, alimentavam a prostituição das redondezas, fazendo com que, do ponto de vista deste "leitor", tanto um como outro fizessem parte de uma mesma diversão. A graça da sua reclamação está, justamente, na comparação entre a atriz e a prostituta; ambas teriam a função de excitá-lo - e tirar seu dinheiro, aproveitando seu ponto fraco - sendo que a primeira se diferencia apenas por não se dispor a "baixar o entusiasmo" que provocara. A prostituta, assim, além da importante função como parte dessas diversões, constitui também uma referência para a caracterização (e o julgamento) de outras mulheres⁹.

Ao lado da frequência aparentemente promíscua em casas de diversões como a Maison Moderne, os espetáculos "imorais" do Pavilhão forneciam assunto para jornais como o Rio Nu, famoso pelo seu humor malicioso, explorarem com humor. Na rua Espírito Santo, onde se localizavam os principais teatros, este jornal descrevia, na saída dos espetáculos, "a família do conselheiro, ou do deputado fulano, a par de uma cocotte de baixa esfera; o elegante ao lado do vagabundo; o rico ao lado do pobre"¹⁰. No Passeio Público, onde era possível se divertir sem gastar um vintém, via-se, "aos domingos, à noite, aquele vaivém de gente de todas as cores e castas, numa promiscuidade despreocupada..."¹¹.

No caso do Passeio Público a promiscuidade podia até ser, em alguns momentos, vista como relativamente despreocupada. Mas com certeza a situação mudava quando a mistura deixava de ser de pessoas socialmente diferentes, passando a envolver mulheres "moralmente" diferentes nos mesmos espaços públicos, o que aparece de forma especialmente clara quando o

⁸ - "Reclamam ao 'Rio Nu'", Rio Nu, 22 de maio de 1912.

⁹ - Ver Margareth Rago, op. cit., sobre a construção de imagens sobre a prostituta em S. Paulo do começo do século XX como um limite simbólico à liberação da mulher "honesta", em especial o primeiro capítulo - "Brilhos".

¹⁰ - Noctívago, "Rio à noite", Rio Nu, 1 de julho de 1905.

assunto era a prática conhecida por "bolinagem". Mulheres assediadas em bondes e cinematógrafos preocupavam as autoridades e a imprensa desde a virada do século, transformando-se até em assunto para carros de críticas das sociedades carnavalescas. Em 1899, os Fenianos desfilaram com um carro intitulado "Companhia Ferro Carril Janotas Bolinas", aludindo aos "peralvilhos que nos bondes de Botafogo desrespeitam as famílias"¹². No último ano do século XIX, o problema da bolinagem era visto como uma ameaça às famílias de Botafogo que circulavam no espaço público dos bondes ao lado dos "janotas", moços bem vestidos, de acordo com a moda. Não por acaso trata-se de um bairro aristocrático, o que evidencia uma associação entre respeitabilidade moral e distinção social. Os "bolinas", assim, aparecem como uma ameaça à moralidade de famílias distintas.

Em 1908, o Rio Nu, jornal famoso pelo seu humor malicioso, sempre atento à nova situação de promiscuidade social, refere-se à "democracia" que imperava nos bondes da Light: "o senador, o deputado, qualquer cidadão, enfim, que tenha cem réis, senta-se ao lado do vagabundo, do sem camisa, do maltrapilho, etc."¹³ Nessa descrição o problema ganha contornos mais definidos: quando homens de condições sociais diferentes passam a dividir os mesmos espaços com mulheres respeitáveis, o espaço público se torna ameaçador para elas. Apesar das recorrentes condenações feitas pela imprensa, a prática permaneceu por muito tempo. Em 1910, um redator do Filhote da Careta comentava:

"A bolinagem recrudesce. Nós quiséramos profligar esse pouco jeitoso meio de conquistar, mas com franqueza! é preciso ser totalmente insensível para ficar a ler os jornais lado a lado de certas criaturinhas que andam por aí por esses bondes. Reparem só no modo como elas sentam, reparem depois como elas ficam sentadas..."¹⁴

Este redator constrói a ameaça dos "bolinas" como uma provocação das próprias mulheres que andariam de bondes. Justificando assim o assédio masculino, o autor reitera o perigo que correriam as mulheres que tivessem uma

¹¹ - Noctívago, "Rio à noite", Rio Nu, 27 de maio de 1905.

¹² - Gazeta de Notícias, de fevereiro de 1899.

¹³ - Rio Nu, 15 de janeiro de 1908.

¹⁴ - O Filhote da Careta, 17 de fevereiro de 1910.

"honestidade" a preservar ao se exporem em locais públicos como os bondes, confundindo-se com prostitutas. Ao mesmo tempo em que sugere os perigos da exposição públicas de "mulheres honestas", entretanto, o autor se anima, como homem, com as possibilidades de encontros surgidas com a nova situação, indicando que muitas vezes, os "bolinas" não precisavam ser homens socialmente desqualificados.

E é o próprio Rio Nu que vem redefinir os "papéis" e defender a moral, aplaudindo um pai que deu umas bengaladas num sujeito que mexera com sua filha na praça Tiradentes. Estimulando que as próprias assediadas se defendessem "com o leque ou com o cabo da sombrinha", o redator repreende as investidas dos "desocupados":

"Que os rapazes digam chufas às *cocottes*, vá: elas gostam disso e, que diabo! é difícil ver passar a Suzanna sem dizer: - Aí vovó! (...)

As pecadoras não se importam com essas coisas, mesmo quando têm a pretensão de passar por senhoras sérias e, no final das contas, não é censurável que um rapaz dirija gracejos mais ou menos pesados a uma mulher com quem pode, querendo, ter o choque de pai e mãe. É só questão de mais ou menos pelegas.

Mas levar a insolência e a desfaçatez ao ponto de confundir as senhoras de família com as *cocottes*, é coisa que está mesmo solicitando umas boas bengaladas."¹⁵

Mesmo que a confusão entre mulheres honestas e prostitutas possa ser uma perspectiva excitante, o redator procura repor as fronteiras morais, diferenciando as mulheres com quem se "pode ter o choque de pai e mãe" das "senhoras de família". Caberia aos homens respeitar essa diferença fundamental - já que as prostitutas se disfarçariam de mulheres sérias e estas teimariam em frequentar lugares públicos provocando uma perigosa mistura. A condenação dessa prática quando dirigida às mulheres "erradas", no entanto, tem uma compensação: mexer com as prostitutas nas ruas seria a única forma viável de aproximação por parte daqueles que não teriam dinheiro para frequentar, por exemplo, a casa da Suzanna, a prostituta francesa mais famosa do período.

¹⁵ - Rio Nu, 29 de abril de 1903.

Assim, o redator do Rio Nu relaciona os dois lados do mesmo problema: referindo-se à visibilidade de mulheres "honestas" em locais públicos, a ameaça representada pelos "bolinas" dizia respeito também a homens aparentemente indiferenciados nos mesmos espaços. A diferenciação se estabeleceria entre os que saberiam agir convenientemente com as mulheres certas e os "insolentes" que não apresentariam um comportamento adequado nessa nova situação, mesmo que a tentação fosse para todos, com ou sem "pelegas".

O grande interesse provocado pela "bolinagem" representa bem a percepção contemporânea de que vivia-se uma inédita fluidez dos limites morais, tida como uma das consequências visíveis do processo de "modernização" da cidade. A insistência do Rio Nu em enfatizar a "promiscuidade" daí decorrente contrasta com as lembranças de Gilberto Amado que privilegiavam uma visão em que, das diversões "imorais", emergia um cenário de *belle époque* para homens respeitáveis e prostitutas francesas. Amado, como outros contemporâneos, atribuía um sentido de distinção social para essas novas diversões, ao destacar, por exemplo, um público respeitável para o cinematógrafo "obsceno"; os redatores do Rio Nu, por sua vez, reconheciam o público socialmente heterogêneo que tinha acesso, como consumidor, a muitas dessas diversões. Apesar das diferenças entre ambos, a identificação de uma situação de instabilidade moral parece estar acompanhada, de parte a parte, por um esforço de redefinição das fronteiras sociais.

As percepções registradas por um periódico como o Rio Nu revelam-se extremamente significativas: indicam a existência de mais sentidos na situação do que a "imoralidade elegante" identificada por Amado e muitos outros cronistas do período. O público diversificado para o qual seus redatores chamaram atenção consumia os "produtos" oferecidos pelas novas diversões, compostas tanto por cafés que anunciavam *chanteuses*, teatros, cinematógrafos, prostitutas estrangeiras vistas como mercadorias "de luxo", e até uma imprensa que se especializava no público interessado nestas atrações. O Rio Nu era reconhecido como parte de uma imprensa conhecida como "gênero alegre" ou "gênero livre", termos que caracterizavam a opção tanto por

um certo tipo de assunto como por uma forma específica de explorá-lo que enfatizava suas conotações sexuais¹⁶.

Sua existência bem sucedida, nesse sentido, é indicativa do êxito que a imprensa de "gênero alegre" alcançava no começo do século XX. Tendo surgido em 1898 como um desprezível jornal de humor "cáustico" e apresentando o programa de "passear com seus sapatos trocistas por sobre as conveniências sociais", o Rio Nu em pouco tempo afirmou-se com um estilo peculiar de humor malicioso¹⁷. Simultaneamente, adquiriu uma consolidada estrutura empresarial. Em 1910, funcionava na movimentada rua da Carioca, "num amplo primeiro andar, com três sacadas de frente", possuindo iluminação elétrica, telefone, e principalmente, uma tabuleta de três metros e meio de extensão, cujas letras eram cobertas por lâmpadas elétricas, que causavam um inédito efeito à noite.

O episódio da inauguração da tabuleta, aliás, é significativo do senso comercial que norteava as preocupações do proprietário e gerente do jornal. A inauguração aproveitou a grande quantidade de pessoas nas ruas por ocasião do regresso do Marechal Hermes da Fonseca à capital, recém eleito presidente da República em eleições que mobilizaram de forma inédita a opinião pública¹⁸. Além de atrair público, a tabuleta teve a função de enfrentar a atitude do diretor dos correios que proibira, alguns meses antes, a circulação do jornal pelas repartições postais com o argumento de tratar-se de uma "publicação obscena".

As ilustrações foram o destaque do jornal, desde o seu início, trazendo principalmente mulheres pouco ou nada vestidas. Em 1910, ocupavam a primeira, a última, e as duas páginas centrais, acompanhando piadas de duplo sentido. O Rio Nu trazia colunas fixas em que parodiava jornais "sérios", e

¹⁶ - Os autores da História da Polícia do Rio de Janeiro registram a introdução do 'gênero alegre' no Brasil com a inauguração do Alcazar Lirique. Ver Melo Barreto Filho e Hermeto Lima, História da Polícia do Rio de Janeiro Rio de Janeiro: A noite, 1942, p. 218, cit. in Lená de Medeiros Menezes, Os estrangeiros e o comércio do prazer nas ruas do Rio Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1992, p.21. O "gênero alegre" é associado, assim, com a introdução de diversões francesas, com o início de uma "vida noturna", e também com a prostituição. Sans dessous, um dos primeiros periódicos a trazer o subtítulo "gênero alegre", traz no seu primeiro número uma foto da famosa prostituta francesa Susana Castera com a legenda: "a iniciadora do gênero alegre no Brasil - uma justa e respeitosa homenagem de Sans dessous". Sans dessous, 28 de outubro de 1909 (Ver ilustrações). Em 1916 surge outro periódico no mesmo estilo de Sans dessous, o Gigolette - semanário ilustrado - gênero alegre.

¹⁷ - Rio Nu, 12 de maio de 1900. Comemorando o segundo ano de existência do jornal, reafirmam o programa: "Isso é que tem sido mais ou menos a estrada em que marchamos, por esse ano com que hoje aumentamos a nossa curta vida, essa vida despreocupada e boêmia de andar a pisar com sapatos trocistas as senhoras conveniências sociais...".

¹⁸ - "A nova sede do Rio Nu", Rio Nu, 29 de outubro de 1910.

outras que tornaram uma espécie de marca registrada. No ano da proibição, as principais seções eram: "Nas zonas", assinada por "Língua de Prata", em que apareciam fofocas e escândalos das zonas de prostituição; "Nua e crua - crônica semanal" e "Comentários", que exploravam com comentários maliciosos os acontecimentos mais relevantes ou escandalosos da semana; "Avenida Central", em que "Vagabundo", um "personagem narrador" contava suas peripécias, criticando e ridicularizando altas figuras da política e os transeuntes da elegante avenida; e "Gambiarra", que tratava dos bastidores do mundo teatral.

O Rio Nu, entretanto, não era o único periódico deste tipo. Em 1910, ele dividia a briga com o diretor dos correios com pelo menos mais um jornal de "gênero alegre", proibido pelo mesmo motivo: o Sans dessus, expressão que significava literalmente sem roupa de baixo, mas também referia-se à última moda das roupas que expunham o corpo feminino de um modo ineditamente provocante, deixando de lado a grande quantidade de panos usados por baixo das saias.

Surgido no final de 1909, Sans dessus também apresentava um humor de conotações sexuais, embora tivesse algumas especificidades significativas: seu assunto principal eram as *demi-mondaines* da alta sociedade carioca e seus principais frequentadores, os políticos e homens sérios aos quais Gilberto Amado se referiu. Tematizando assuntos mundanos e peripécias de seus personagens mais famosos, flagrava-os em situações comprometedoras e embaraçosas. Traziam, ao lado de ilustrações semelhantes às do Rio Nu, a inovação das fotografias, que retratavam prostitutas passeando pelas avenidas, no melhor estilo das senhoras de sociedade retratadas por periódicos como Fon-Fon ou A Careta¹⁹. As mesmas prostitutas podiam ser encontradas em fotografias mais insinuantes e, no carnaval, eram centrais nos flagrantes

¹⁹ - As fotografias de senhoras passeando pelas avenidas do centro da cidade causaram problemas por serem uma forma de publicidade que iam de encontro ao suposto recato esperado de senhoras de família. Assim, em 1907, o Fon-Fon, um dos precursores do hábito das fotografias, publica uma denúncia, chamando a atenção da polícia: "A várias famílias de Botafogo têm sido dirigidas cartas, em nome do Fon-Fon, ameaçando-as de publicação de falsos escândalos e de fotografias mentirosamente comprometedoras, nas colunas deste jornal, no caso, naturalmente, de não ser o silêncio do missivista comprado por boas somas de para isto exigidas", Fon-Fon, 30 de novembro de 1907. Mais uma vez, é um problema em torno da novidade da exibição pública que tornava a "honestidade" das mulheres retratadas passível de desconfiança. Desse ponto de vista, as fotografias de prostitutas no Sans dessus reforçariam ainda mais esta desconfiança, contribuindo para a indefinição das fronteiras morais.

comprometedores ao lado de homens respeitáveis, nem sempre convenientemente mascarados.

Suas principais colunas fixas traziam títulos sugestivos: "Pepinos e nabos" e "Uma... por semana" comentavam acontecimentos recentes; na "Caixa postal de Sans dessous" misturavam-se as respostas a cartas fictícias de grandes figuras da política com respostas a pedidos e oferecimentos de contribuições literárias reais. As seções "Postais a Simone" e "Carnet de uma mundana" tinham prostitutas francesas como referências centrais; na primeira como uma destinatária dos "postais", na segunda como narradora. Nessas colunas registravam-se impressões irônicas sobre a dupla moral masculina, criticava-se a hipocrisia moral que grassava na alta sociedade carioca e exaltava-se a importância "civilizatória" das prostitutas refinadas. Como na "Caixa postal", a intenção é brincar com os limites entre personagens e situações fictícias e reais.

"Leur Minois", por fim, é uma coluna que não deixa dúvidas quanto à pretensão elegante do periódico. Sempre redigida em francês, esta seção, recheada de trocadilhos, trazia descrições das mais famosas mundanas cariocas do período: Tina Tatti, Sylvie Sylvia, Ab-del-Kader; as mesmas que ficaram para a posteridade, lembradas por homens como Gilberto Amado.

Entre as colunas fixas, os dois periódicos publicavam contos e pequenas histórias pródigas em adúlteras, lésbicas, "viúvas alegres", prostitutas, enfim, mulheres transgressoras que muitas vezes ridicularizavam os maridos traídos e "marchantes", denominação dos homens que sustentavam as prostitutas. Veiculando figuras femininas que, de alguma forma, rompiam as fronteiras morais que caracterizariam uma mulher "honesta", os periódicos contribuíam para redefinir as fronteiras entre o moralmente lícito e o ilícito; ao mesmo tempo, construindo identidades sexuais e, portanto, operando com categorias de gênero, os jornais evidenciavam uma certa visão sobre as relações de poder que não diziam respeito somente a homens e mulheres, mas também às próprias relações sociais em que seus redatores e leitores estavam inseridos²⁰.

²⁰ - Estou levando em conta as proposições de Joan Scott de que gênero é o "saber que estabelece significados para as diferenças corporais" e que essa categoria é uma "boa maneira para se pensar os modos pelos quais as hierarquias de diferenças - inclusões e exclusões - foram constituídas" (p. 26). A partir de questões colocadas pelos desconstrucionistas, especialmente Derrida, esta autora propõe gênero como um elemento constitutivo das relações sociais, servindo, assim, para significar relações de poder. Joan Scott, "Prefácio a Gender and

Uma verdadeira organização comercial em torno do "gênero alegre", assim, parecia estar direcionada tanto para o frequentador sem dinheiro do Pavilhão - e suposto leitor do Rio Nu - como para respeitáveis homens de sociedade - seguidos pelo olhar irreverente de Sans dessous. Na sua função imediata de diverti-los e excitá-los sexualmente, à primeira vista aproximava homens socialmente diferentes que compunham o público masculino destas diversões. As descrições das novas possibilidades de diversões para homens, assim, indica o quanto sexo adquiria uma inédita importância e visibilidade como, no mínimo, um bom negócio. Sua comercialização podia ser utilizada como um signo de distinção social e como uma forma de participar do processo de "modernização" da cidade²¹. Os periódicos que tinham a intenção maliciosa de "despir" o Rio, no entanto, podem ser úteis na compreensão de outros significados desta inédita publicidade em torno do sexo. Afinal, além de serem parte dessa verdadeira "indústria de diversões" que se dirigia a um público consumidor masculino aparentemente diversificado, os periódicos "alegres" tinham como assunto principal exatamente as relações estabelecidas em torno desta nova situação em que o sexo se transforma em produto de consumo. Tendo identificado uma promiscuidade social e moral em torno destas novas diversões, acabaram sendo, eles mesmos, considerados ameaçadores. Que limites morais estes periódicos romperam; que ameaça, afinal, representavam e para quem?

* * *

Politics of history", Cadernos Pagu, 3, 1994, pp. 11-27. Sobre os limites dessas proposições, ver Sueann Caulfield, que chama atenção para o silêncio de Scott a respeito de como se recuperar usos alternativos de gênero e de construção de identidades; ou seja, como aqueles que não deixaram registros textuais participavam das lutas de poder em torno do que seus corpos significavam. Para isso ela se volta para as propostas de Butler, a respeito da "constituição da identidade subjetiva". Sueann Caulfield, "Getting into trouble: Dishonest women, modern girls and women-men in the conceptual language of *Vida Policial*, 1925-1927", Signs: Journal of women in culture and society, vol. 19, n.1, 1993, pp.146-176; Judith Butler, Gender Trouble: Feminism and the subversion of identity New York: Routledge, 1990. Ver também Eleni Varikas, que discute o risco de se privilegiar "a textualidade e a dinâmica interna do discurso" de forma que se acabe desconsiderando qualquer forma de atuação das mulheres. Esta autora propõe recuperar a noção de "experiência", não como "uma realidade objetiva prévia à linguagem ou fora dela", mas como "as maneiras pelas quais elas mesmas viveram e interpretaram a sua existência de mulher, operária ou cidadã." (p. 82). Eleni Varikas, "Gênero, experiência e subjetividade: a propósito do desacordo Tilly-Scott", Cadernos Pagu, 3, 1994, pp. 63-84. Levando em conta estas leituras críticas da teoria de Scott sobre gênero como uma categoria analítica, acredito ser possível utilizar suas proposições para uma prática de história social.

²¹ - Hipótese desenvolvida por Margareth Rago, op. cit., esp. p.93.

A produção historiográfica que abordou o Rio de Janeiro da virada do século delineou os contornos das tentativas de "modernização" da cidade através de políticas baseadas numa ideologia cientificista que operava em termos de uma lógica de exclusão social e racial²². Alguns estudos se dedicaram, especificamente, a investigar as redefinições das relações de gênero no interior deste processo mais amplo. Apesar de concordarem com a emergência, neste período, de um problema de relevância social em torno da moralidade sexual, estes estudos guardam diferenças significativas, em grande parte resultantes de suas inspirações teóricas. Enquanto vários trabalhos procuravam destrinchar a constituição de um movimento normatizador voltado para a implantação de uma "ordem social burguesa"²³, outras abordagens tratavam de questionar o alcance e a eficácia desses "esforços disciplinarizadores", enfatizando os contornos históricos desse processo, inserindo-os nos contextos conflituosos em que foram forjados e implantados, e, principalmente, investigando as atuações dos que seriam "alvos" deste movimento²⁴.

²² - Ver, entre outros, Sidney Chalhoub, Cidade Febril: Cortiços e epidemias na corte imperial São Paulo: Cia. das letras, 1996, esp. cap. 1; Oswaldo Porto Rocha/ Lia de Aquino Carvalho, A Era das Demolições, Cidade do Rio de Janeiro, 1870-1920/ Habitações populares. Rio de Janeiro, 1886-1906 Rio de Janeiro: Sec. Mun. de Cult, 1986; Sergio Peschman e Lilian Fritsch, "A reforma urbana e seu avesso: algumas considerações a propósito da modernização do Distrito Federal na virada do século", in Cultura e Cidades São Paulo: Marco Zero, 1985; para São Paulo, Maria Clementina Pereira Cunha, O espelho do mundo Rio de Janeiro: Paz e terra, 1986.

²³ - Destacam-se os estudos de Jurandir Freire Costa, Ordem médica enorme familiar Rio de Janeiro: Graal, 1979 e Roberto Machado, et. al., Danação da norma Rio de Janeiro: Graal, 1978. Inspirados em Foucault, trataram de investigar, respectivamente, o processo de submissão da família brasileira à política higienista desde o século XIX e, no segundo, a constituição do discurso psiquiátrico no Brasil. Ver também Magali Engel, Meretrizes e Doutores, São Paulo: Brasiliense, 1989, que analisou os discursos médicos sobre a prostituição no século XIX e Margareth Rago, Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar. Brasil, 1890-1930 Rio de Janeiro: Paz e terra, 1985, em que a autora esforça-se para conciliar a perspectiva foucaultiana com a vertente thompsoniana.

²⁴ - Entre outros, Rachel Soihet, Condição feminina e formas de violência: mulheres pobres e ordem urbana, 1890-1920 Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989, em que a autora investiga processos criminais nos quais as mulheres aparecem como réis, identificando uma resistência feminina aos esforços disciplinadores; Luiz Carlos Soares, Rameiras, ilhoas e polacas- a prostituição no Rio de Janeiro do século XIX São Paulo: Ática, 1992, em que o autor se utiliza de publicações médicas e relatórios de chefes de polícia para investigar a prostituição; Martha de Abreu Esteves, Meninas perdidas: os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque Rio de Janeiro: Paz e terra, 1989; ver também Sandra Graham Proteção e obediência São Paulo: Cia. das letras, 1992, sobre as relações entre criadas e patrões no Rio, entre 1860 e 1910, Lená Medeiros de Menezes, que investiga os processos de expulsão de cântens estrangeiros em Os estrangeiros e o comércio do amor nas ruas do Rio. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1992 e Sueann Caulfield, In defense of honor: the contested meaning of sexual morality in law and courtship, Rio de Janeiro, 1920-1940 Dissertation for the

Como duas formas teórica e metodologicamente diferentes de abordagem da virada do século como um momento crucial de redefinição dos papéis sexuais e sociais, destacam-se os trabalhos de Martha de Abreu Esteves e Margareth Rago²⁵. Apesar de terem sido produzidos em momentos historiográficos diferentes, nestes trabalhos as autoras definem opções por abordagens opostas, aprofundando os desdobramentos, no primeiro caso, de uma história inspirada em Thompson, e no segundo, em Foucault; por isso, tornam-se matrizes para se abordar a virada do século.

Martha de Abreu Esteves identificou nos processos criminais de defloração nos primeiros anos deste século um lugar privilegiado para a percepção de um embate entre dois universos culturais distintos: o dos "populares" e o dos juristas. Diante dos esforços jurídicos de prescrever uma política sexual para a sociedade, valores como honra, transformam-se em noções chave tanto nos "discursos populares" como nos jurídicos, e em torno das quais se desenrolam conflitos culturais. O comportamento sexual dos "populares", fragmentariamente registrado nos processos, revela-se de central importância para os juristas viabilizarem seus projetos de sociedade republicana, e também para entendimento, por parte do historiador, do cotidiano das relações amorosas dos "populares", trazendo novas luzes para a compreensão do período.

A importância do Meninas Perdidas em muito se deve ao esforço bem sucedido de remeter as "atuações populares" a um contexto que lhes dá sentido e racionalidade próprios, ao invés de classificá-las como manifestações de uma genérica e indefinida "resistência". Informada por historiadores que propõem a cultura como um campo de expressão de conflitos²⁶, a autora delineia uma dinâmica cultural muito mais complexa do que a simples aceitação ou recusa de valores. Trata-se de um processo de apropriação por parte dos populares, às vezes estratégica em momentos de embate, podendo conviver com atitudes completamente diferentes em outras situações.

degree of doctor of philosophy, Department of history, N.Y. University, May, 1994, sobre os processos culturais que redefiniram a noção de honra no Rio do período.

²⁵ - Martha de Abreu Esteves, op. cit.; Margareth Rago, Os prazeres da noite, op. cit.

²⁶ - De C. Ginzburg a autora se utiliza da sua noção de "circularidade cultural", O queijo e os vermes. São Paulo: Cia. das letras, 1987. R. Damton desenvolve uma proposta de aproximação dos métodos antropológicos para uma prática de história cultural, O Grande massacre de gatos

Por outro lado, porém, alguns dos pressupostos da análise acabam se transformando em limites. Destes, o mais importante parece ser a própria dicotomia irreduzível entre dois universos culturais distintos e relativamente autônomos. De uma parte, um universo masculino, jurídico e normatizador; em oposição a ele, um universo de práticas populares não repressivas, diferenciadas (e femininas), que se reelaboram em contato com os esforços repressivos. A formulação da oposição nestes termos deve-se em parte a uma concepção de cultura como um "corpo de valores", o que de antemão só permite a identificação de movimentos em torno destes dois pólos. Deixa-se de lado, assim, toda uma diversidade de situações e formas de elaboração e expressão dos conflitos. Ou seja, não é possível perceber diferenças significativas dentro de cada um dos "universos", nem como outras identidades se cruzam e operam no desenrolar dos conflitos em momentos em que eles não aparecem explicitamente polarizados²⁷.

Destaca-se, assim, sua utilização dos processos criminais para revelarem uma situação de embate cultural, já que seu objetivo era encontrar as "meninas perdidas" como um dos muitos grupos que tiveram suas experiências silenciadas no violento processo de transformação do Rio de Janeiro; com isso, ela dimensionava e limitava o alcance das "estratégias de dominação burguesa". Seu trabalho, nesse sentido, pode ser lido como uma articulação de uma reflexão de história social com um viés de abordagem que privilegia a cultura como um campo fundamental de embates, indicando as ricas possibilidades deste tipo de abordagem.

De certa forma, o estudo de Margareth Rago também parte de uma preocupação em identificar limites no alcance social dos chamados "discursos normativos". Para isso, no entanto, a autora elege a "prostituição" como uma porta para o mesmo período. Rago identifica uma forte persistência histórica de

e outros ensaios. Rio de Janeiro: Graal, 1986. Ver também E. P. Thompson, Tradición, revuelta y conciencia de clase. Barcelona: Crítica, 1984.

²⁷ - É a partir de Sidney Mintz e Richard Price que a autora define uma concepção de cultura como "um corpo de crença ou valores", formando uma espécie de guia do comportamento para um determinado grupo ou classe social", An anthropological approach to the afro-american past. A caribbean perspective. Filadelfia: Institute for human issues, 1976, apud Martha de Abreu Esteves, op. cit., p. 120. De um ponto de vista feminista, a crítica ao conceito de cultura com que ela trabalha é formulada por Sueann Caulfield, que analisa os processos culturais que redefiniram os conceitos de honra e virgindade no Rio de Janeiro pós Primeira Guerra, também trabalhando com processos criminais. Para ela, "os discursos jurídicos e populares produziram,

um certo imaginário sobre as mulheres em geral, e sobre a prostituta em particular. Incorporado pela produção acadêmica que abordou o tema, este imaginário levou a análises que romantizavam a prostituta como vítima ou como mulher rebelde²⁸.

Em São Paulo da virada do século, a autora destaca uma saturação de projeções sobre a prostituta. A partir daí, baseando-se na noção de "positividade" proposta por Mafesolli, Rago pretende encontrar sobretudo nos registros literários outras dimensões da prostituição neste período, para ultrapassar as dimensões "negativas" enfatizadas pelos discursos normativos²⁹. Atentando para a associação das prostitutas com a modernidade, os hábitos civilizados, e também com "o universo alucinante das mercadorias", a autora chama atenção para a sua função de recriar sociabilidades. O bordel, visto como um espaço de "novas formas de expressão do desejo", passa a representar essas relações em torno da prostituição que passam a constituir uma verdadeira "cultura" no sentido de um "universo" diferenciado da "norma burguesa"³⁰.

Ao iluminar estas dimensões "positivas" da prostituição, a autora contribui para desmistificar o alcance dos discursos médicos e suas pretensões normativas. Sua análise, porém, acaba repondo os mesmos termos dos discursos de suas fontes, ao oscilar entre registros polarizados, positivos e negativos. De antemão, assim, outros significados possíveis, certamente mais dúbios e contraditórios, ficam escondidos por trás de um genérico "imaginário

cada um, identidades de gênero múltiplas, muitas vezes contraditórias e atitudes e posições conflitantes sobre honra". Sueann Caulfield, in *Defense of honor...*, op. cit., p.340.

²⁸ - A autora critica a análise de Michelle Perrot sobre a "mulher popular rebelde" como uma figura romantizada. Ver M. Perrot, *Os excluídos da história* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, e Margareth Rago, op. cit., p.21 e 22.

²⁹ - Michel Maffesoli, *A sombra de Dionísio* Rio de Janeiro: Graal: 1985, apud Rago, op. cit., p. 24. Segundo a autora, o sociólogo explica que uma sociedade não pode impedir a manifestação das forças dionisíacas, do prazer e do lúdico que operam no seu interior, sem correr o risco de ver explodir em formas violentas e perversas essa dimensão recalcada da vida humana. Cabe-lhe, então, procurar integrar simbolicamente suas 'regiões sombrias'. A partir daí, para a autora, pode-se privilegiar a "função agregativa da prostituição, lugar onde se refazem solidariedades subterrâneas fundamentais." Apesar de ressaltar que não incorporará as categorias do autor, Rago afirma, seguindo as sugestões propostas por ele, baseadas em uma percepção totalmente a-histórica, que "A prostituição foi vivenciada como linha de fuga da constelação familiar, da disciplina do trabalho, dos códigos normativos convencionais: lugar da desterritorialização intensiva e da constituição de novos territórios do desejo." É assim que ela acaba repondo e generalizando uma percepção que só pode ser atribuída, se tanto, a um certo grupo social. Rago, op. cit., p. 24.

³⁰ - Ver em especial o primeiro item "A cultura do bordel" do capítulo 3 - "Labirintos", Rago, op. cit., p. 167

social" onde a atuação dos sujeitos históricos também permanecem ocultos por "discursos".

É o que ocorre, por exemplo, na própria identificação de um mundo à parte da norma burguesa. A idéia de dois mundos radicalmente distintos poderia ser vista não como um dado em registros contemporâneos a ser apreendido pelo historiador, mas antes como um dos muitos conflitos sociais sobre a "imoralidade" visível no período. O próprio debate sobre a regulamentação da prostituição, ou os esforços das autoridades para separar estes "dois mundos" revelam o quanto esta separação era controversa, mesmo em sua dimensão "simbólica", como quer a autora. Se uma eventual "cultura do bordel" pode ser tomada como parte de um "imaginário" masculino, ele não pode se sobrepor a outras percepções daquela realidade - o que acaba ocorrendo pelo próprio status de "cultura" diferenciada conferido a essas relações. A delimitação de um mundo à parte, no qual seriam estabelecidas formas específicas de sociabilidade talvez fosse mais importante, por exemplo, para a própria viabilização de mecanismos de controle social do que para a manifestação de uma cultura "positiva" do bordel.

Neste sentido, é esclarecedora a interpretação de Jeffrey Needel sobre a moda no vestuário, o comércio e a prostituição de luxo³¹. Investigando a "sociedade e cultura de elite carioca", o autor identifica estes três fenômenos como sinais do quanto os paradigmas franco-ingleses eram introjetados pela elite carioca, funcionando como marcas de identificação desta elite. Assim, o autor politiza os significados atribuídos pela elite às suas fantasias de consumo, mostrando que funcionavam como parte de uma ideologia de dominação. A análise de Needel, inserindo essas e outras manifestações culturais num "contexto neocolonial" e vinculando-as profundamente à realidade de dominação de um certo grupo social, sugere o quanto pode ser arriscada uma interpretação que lide com tais manifestações de uma forma socialmente generalizada, conferindo a elas a aparência imaterial e a-histórica do "desejo".

* * *

³¹ - Jeffrey Needel, Belle Époque Tropical São Paulo: Cia. das letras, 1993, esp. capítulo 5: "A ascensão do fetichismo de consumo".

Serão investigados neste trabalho dois periódicos em particular, Rio Nu e Sans dessous, porque além de usufruírem de uma maior popularidade quando existiram, ambos foram vítimas da proibição do diretor dos correios. Apesar de terem sido proibidos sob a acusação de "obscenos", é difícil encontrar qualquer vestígio do que se entende contemporaneamente por "pornografia" em suas páginas. Na verdade, o principal motivo do interesse dos dois periódicos para este trabalho surge justamente da sua capacidade de transitar e com isso, contribuir para criar os limites do moralmente aceitável, no contexto da imprensa humorística do começo do século e do desenvolvimento das "diversões imorais", operando com estereótipos de identidades sexuais. Nesse sentido, cabe perguntar qual a pertinência de um tema como a pornografia para a investigação de relações culturais que envolvem identidades de gênero.

A pornografia sempre esteve longe de ser considerada um tema legítimo pelos movimentos feministas. Ao contrário, era execrada como uma das mais abjetas formas, porque mais explícitas e mais reducionistas, de reificação do corpo feminino. É, portanto, com uma intenção extremamente polêmica que Angela Carter, em 1978, propõe que a pornografia pode ser colocada a serviço das mulheres. Sua idéia é que

"Desde que sexualidade é um fato social tanto quanto um fato humano, ela conseqüentemente terá sua natureza transformada de acordo com mudanças nas condições sociais. Se nós pudermos restaurar o contexto do mundo para os amplexos daquelas sombras, então, talvez, possamos utilizar suas atividades para obter uma percepção mais revigorada do mundo e, em algum sentido, transformá-lo."³²

Carter investiga a obra de Sade como uma crítica à moral de seu tempo. A autora sugere que, ainda que a intenção do pornógrafo, em qualquer época, possa ser de negar a realidade e o contexto social em que a obra foi produzida, é possível recontextualizá-la de forma a fazer surgir sua dimensão de repressão às mulheres, sua orientação masculina, suas noções de universalidade tanto de

³² - Angela Carter, The Sadeian woman and the ideology of pornography New York: Pantheon Books, 1978, "Polemical preface: pornography in the service of women", p. 17. Tradução minha. Agradeço a Mariza Correa por essa indicação.

uma "experiência humana" como, o que é pior, de uma "experiência feminina"³³. Sua proposta de utilizar as manifestações pornográficas numa perspectiva feminista através da recuperação do seu contexto social e histórico, abre possibilidades de investigação da pornografia dentro do próprio campo feminista. Segundo Carter, a pornografia estaria impregnada das relações de poder entre homens e mulheres e seria, portanto, um lugar em que elas podem ser identificadas e até, por consequência, questionadas.

Sua sugestão é tanto mais válida pelo fato de que parece não ter sido levada muito em consideração nos anos seguintes. É o que parece sugerir Robert Darnton, em seu recente ensaio "Sexo dá o que pensar". Este historiador argumenta que as obras pornográficas podem ser tomadas como fontes históricas, e inclui em sua análise uma crítica a certas tendências feministas que se apressaram em avaliar a pornografia numa perspectiva baseada em "noções culturalmente determinadas das diferenças sexuais"³⁴, reforçando uma espécie de "falocracia simplista" e a-histórica:

"O sexo acaba por se mostrar útil para pensar a exploração masculina das mulheres e a ela resistir, e também para fazer oposição à exploração em geral. A pornografia procede assim a uma acusação generalizada ao Antigo Regime, seus cortesãos, senhores rurais, financistas, coletores de impostos e juizes - além de seus padres. (...) O sexo serve meramente como veículo de crítica social - em várias direções, e não apenas ao longo da grande barreira entre os sexos."³⁵

Referindo-se ao caso particular da pornografia no século XVIII, Robert Darnton sugere que nela poderiam estar expressas tanto as elaborações da dominação masculina no período, como as formas pelas quais era questionada. No entanto, pelo menos no que diz respeito ao século XVIII, a dimensão de exploração sexual não pode se sobrepor à dimensão de crítica social - naquele caso, a

³³ - "The notion of a universality of a human experience is a confidence trick, and the notion of a universality of female experience is a clever confidence trick. Pornography, like marriage and the fictions of romantic love, assists the process of false universalising. Its excesses belong to that timeless, locationless area outside history, outside geography, where fascist art is born", Idem, p. 12.

³⁴ - Robert Darnton, "Sexo dá o que pensar", in Adauto Novaes (org.), Libertinos Libertários São Paulo: Cia. das letras, 1996, p. 30.

³⁵ - Idem, 32.

crítica social foi, não raro, a intenção primordial dos escritores de livros pornográficos.

Seu interesse não se concentra especificamente no gênero pornográfico como um objeto de estudo, mas nas suas possibilidades como um instrumento para se chegar a um "sistema cultural" que já não existe mais. Sua idéia é que, através da pornografia, num período em que ela ainda não era um gênero diferenciado, as pessoas do século XVIII expressavam seu entendimento do mundo em que viveram. Se Lévi Strauss propõe que algumas coisas são boas para pensar, Darnton sugere que sexo é uma delas, ajudando as pessoas que viveram entre 1650 e 1800 a "rasgar o véu que cobre as coisas e explorar seu funcionamento interno."³⁶ Na França anterior à revolução, assim, a pornografia era utilizada para expressar ataques à Igreja, à Coroa, e a outros abusos sociais do Antigo Regime. A crítica veiculada, muitas vezes, até era comum no período, mas segundo Darnton, "ganhou força por estar encarnada em histórias com linhas narrativas fortes: foi assim que o sexo ajudou os leitores a pensarem a igualdade numa sociedade profundamente desigual"³⁷.

Suas considerações tornam-se relevantes para este trabalho na medida em que conferem às relações sexuais a possibilidade de carregarem significados sobre as relações sociais. Assim, não apenas a pornografia, relacionada ao contexto social em que foi produzida, revela aspectos das relações de poder entre homens e mulheres, aspecto levantado por Carter, como também evidencia percepções das desigualdades sociais, numa perspectiva crítica ou não.

Lynn Hunt, por sua vez, num ensaio que procura mapear os eixos históricos da constituição da pornografia como um gênero diferenciado de representação, relaciona-a diretamente ao desenvolvimento da cultura impressa

³⁶ - R. Darnton, op. cit., p. 21. Ver também R. Darnton, The Forbidden Best-Sellers of Pre-Revolution France New York, WW Norton, 1996, em que ele aborda especificamente os livros ilegais, sua identificação, difusão e seus textos. "Philosophical books" era a denominação que se dava a esses livros que transgrediam as fronteiras do lícito, que era nesse tempo definido pela religião, não pela moral. Assim, seu objetivo mais geral relaciona-se não a um estudo da pornografia, mas às possibilidades da história dos livros como parte de uma história cultural, enfatizando-se os processos de circulação de informações numa sociedade do século XVIII, o que leva à investigação da articulação de ideologias e a formação de uma opinião pública e por fim, volta-se para as próprias origens culturais e intelectuais da Revolução Francesa, "Introduction".

³⁷ - Robert Darnton, "Sexo dá o que pensar", op. cit., p.28.

e às novas relações de consumo que se constituíram daí³⁸. Isso significa que a emergência da pornografia como uma categoria passa tanto pelo movimento de censura e regulação por parte das autoridades, de um lado, quanto pela própria dinâmica do mercado de textos impressos, envolvendo interesses dos leitores, autores e editores, de outro.³⁹

Tendo em vista o caráter propositadamente geral e introdutório do seu ensaio, Lynn Hunt enfatiza os momentos principais da constituição do gênero pornográfico, e apenas por esse viés o discute como crítica política ou social. No entanto, ao concluir, Hunt tece algumas observações sobre a pornografia como uma possibilidade de investigação das relações de gênero em outros períodos. Ainda que reconheça que ela não está reservada para uma função única de crítica social, Hunt sugere suas ligações com a democracia, decorrentes da sua associação com a cultura impressa e com sua utilização como crítica ao Antigo Regime. Há que se reconhecer, porém, que, saindo deste período, torna-se mais aparente sua função de representação de corpos femininos para estabelecer um vínculo entre homens. Desta forma, se há uma democratização, ela é quase sempre num nível masculino. Mesmo assim, porém, ao transgredir intencionalmente os limites estabelecidos, a pornografia questiona diferenças sexuais, sociais e até raciais. Isto, no contexto dos ideais de domesticidade dos séculos XVIII e XIX e de uma ideologia que separa uma esfera privada para as mulheres, baseando-se em diferenças biologicamente determinadas, pode ter um efeito perigoso e exótico; daí sua potencial riqueza para uma análise de gênero⁴⁰.

Os periódicos "alegres" do começo do século, ainda que em algum momento pudessem ter transgredido um senso de moralidade sexual mais ou menos reconhecido socialmente, não expressavam, só por isso, uma crítica das desigualdades sociais. Antes, pela sua particular inserção numa dinâmica de mercado, estes jornais podem ser tomados como espaços polissêmicos, nos quais se encontram tematizações de relações sexuais que revelam visões das

³⁸ - "It was only when print culture opened the possibility of the masses gaining access to writing and picture that pornography began to emerge as a separate genre of representation", Lynn Hunt, "Introduction: obscenity and the origins of modernity, 1500-1800", in Lynn Hunt (ed.), The Invention of Pornography - obscenity and the origins of modernity, 1500-1800 New York: Zone Books, 1996, p. 13.

³⁹ - Idem, p. 19.

⁴⁰ - Ibidem, p. 45.

relações sociais. É, portanto, a dimensão social das fantasias sexuais que será investigada no Rio Nu e Sans dessous. Enquanto criavam e manipulavam fantasias de seu público, estes jornais expressavam uma visão hierarquizada das relações sociais, calcada em preconceitos de classe, raciais e sexistas. Transitando pelos limites entre o aceitável e o inaceitável, e desta forma contribuído para demarcá-los, os periódicos que quiseram "despir" o Rio acabaram, em alguma medida, contribuindo para repor as diferenciações e hierarquias sociais e sexuais. Por outro lado, exatamente por transitar pelos limites do moralmente aceitável, criavam ambiguidades e permitiam leituras que ultrapassavam as intenções dos redatores. E, deste ponto de vista, ajudaram a delinear algumas das formas que os conflitos em torno da moralidade sexual assumiam no Rio de Janeiro do começo do século XX.

É possível identificar pelo menos três aproximações, em que estes conflitos tomaram formas específicas, compondo os eixos dos três capítulos dessa dissertação. No primeiro capítulo, tenta-se recuperar o movimento de criação da imprensa especializada no "gênero alegre", através, principalmente, da existência do Rio Nu, que teve sua publicação iniciada em 1898 permanecendo até, pelo menos, 1916. O surgimento de Sans dessous em 1909 significa não apenas a consolidação de um estilo diferenciado do resto da imprensa humorística do começo do século, mas sobretudo a expressão de uma disputa por um mercado consumidor que pode ser delineado entre setores médios urbanos e setores da classe trabalhadora. Dos aspectos que caracterizam e diferenciam este gênero, ressalta-se a construção de uma "linguagem maliciosa" que, ao mesmo tempo, pressupõe e constrói uma identificação masculina através do humor de duplo sentido sexual.

No segundo capítulo, coloca-se em questão o próprio significado da palavra "pornografia" num momento particular em que critérios de julgamento moral por parte de certos grupos são explicitados em relação aos periódicos. Assim, a partir do episódio da proibição da circulação do Rio Nu e Sans dessous por repartições postais e da polêmica provocada nos jornais diários, em 1910, setores católicos, de um lado, e jornalistas, de outro, evidenciaram os contornos de um problema social em torno da visibilidade de "imoralidades" na imprensa. Tendo sido formulado nos termos de uma ameaça representada por certos

leitores indesejados - em especial mulheres "honestas" e homens pobres - o problema gira principalmente em torno da necessidade de controlar a circulação de tais periódicos.

Como a "linguagem maliciosa" opera, construindo estereótipos de identidades sexuais, é o assunto do terceiro capítulo. Ao contrário das acusações de que esta imprensa se dedicaria apenas a reproduzir o (mau) gosto do seu público, é possível identificar as intenções dos redatores no conteúdo dos jornais, não raro imbuídas de um tom prescritivo de comportamentos em situações que envolvam práticas sexuais. No entanto, exatamente por serem veiculadas através de uma linguagem que se caracteriza por ser lacunar, admitindo atribuição de outros sentidos a partir das intenções primeiras dos redatores, as histórias ficcionais dos dois periódicos são passíveis de outras interpretações. Torna-se possível, com isso, relativizar a "identificação masculina" com a qual essa linguagem opera, revelando os recortes raciais, de classe, e de gênero que são mobilizados na sua construção.

Por fim, será investigado um momento particular em que os limites morais são rompidos. Isso ocorre nos "Contos Rápidos", pequenos livros publicados pelo Rio Nu, nos quais a linguagem maliciosa é substituída por uma descrição explícita de relações sexuais entre os mais diversos personagens. Lidando com os mesmos estereótipos sexuais utilizados nos jornais, os "Contos" sistematicamente atribuem "furor sexual" a figuras socialmente excluídas. Através da exploração de fantasias sexuais diversas, assim, os "Contos" revelam um esforço de naturalização de diferenças sociais por parte dos redatores, ao mesmo tempo em que permitem a emergência de significados contestadores da ideologia de dominação social que se implantava, na medida em que abriam espaço para a construção de identidades "fora dos padrões".

Resta-me apenas convidar o leitor que sobreviveu à introdução a tentar se divertir com as histórias dos próximos capítulos, embora acredite que será por motivos diferentes daqueles que atraíam leitores do começo do século; e creio que é meu dever advertir as leitoras de que algumas das piadas que se seguem não têm a menor graça. Mas, se serve de consolo, lembro que este trabalho pretende ser mais uma das possibilidades de leituras de suas piadas

que aqueles homens não puderam controlar nem prever. Podemos certamente vingar-nos agora rindo deles com as armas do tempo.

Capítulo 1 - Um gênero à parte

A edição da tarde do Jornal do Brasil de 13 de janeiro de 1902 trazia o artigo de um colaborador que assinava "Hildebrando", no qual eram criticados "centenas de jornalecos imoralíssimos" que apareciam diariamente nas ruas da capital da República. Logo de início, "Hildebrando" descreve a imprensa que o incomodava:

"São os jornais da pândega, como impudentemente avisam ao público crianças e rapazolas, cujo emprego é a divulgação dessas e quejandas pornografias.

(...) uns folhetos de versos, maus pela métrica, péssimos quanto à moral e quase sempre insultuosos quanto a pessoas venerandas, conclamados junto aos bondes com aplausos dos depravados, que nem suspeitam do vexame dos homens de bem e de serem ruborizadas as faces das senhoras virtuosas, que viajam, muitas vezes, ao lado deles."¹

Os jornais de versos imorais e "indecorosas ilustrações" tornam-se especialmente inconvenientes por serem vendidos de forma avulsa, expostos em locais públicos como bondes e anunciados por crianças. A venda avulsa permitia que estes jornais, originalmente direcionados a uma parcela específica de leitores "depravados", se aproximassem de um público leitor indesejado - homens de bem e senhoras virtuosas.

Ao continuar o artigo o autor levanta pontos específicos importantes. Os jornais "da pândega", que apresentavam conteúdos imorais e insultuosos, configuravam um "jornalismo purulento" não só permitido pelas autoridades como

"até recomendado por uma certa imprensa aparentemente moralizada!

E falamos somente deles, dos imorais por ofício, que o espaço da colaboração não nos permite fazer a

¹ - Hildebrando, "Colaboração - Ofensas ao pudor", Jornal do Brasil, 13 de janeiro de 1902. Hildebrando era um católico atuante, como se percebe no artigo em que discute a relação entre a Igreja e a República, em "Religião e Pátria", Jornal do Brasil, 31 de janeiro de 1902.

dissecção de outros jornais que recorrem à pornografia quando desejam aumentar a tiragem."

O autor elabora, assim, uma diferenciação fundamental entre jornais que se dedicavam exclusivamente a um conteúdo "imoral" e outros que circunstancialmente ultrapassavam os limites do aceitável, mas que podiam ser considerados na maior parte do tempo como parte de uma imprensa "aparentemente moralizada". Ainda que esta caracterização possa ter sido feita com certa dose de exagero, por conta das convicções católicas do seu redator, em alguma medida ela pode ser útil na identificação, já na virada do século, dos contornos de uma imprensa especializada em um humor "não recomendável à exposição pública", e dos problemas causados por ela.

A percepção de Hildebrando é indicativa da crescente visibilidade que uma certa imprensa começava a ganhar no período e dos perigos que, a seu ver, ela representava. Neste capítulo será analisado o surgimento e a consolidação desta imprensa, e que características ela desenvolveu para que passasse a ser conhecida como "gênero alegre". Os problemas que ela causou e enfrentou neste processo eram, muitas vezes, expressos em termos de uma discussão sobre seu caráter "imoral", mas envolviam uma disputa por um lugar no panorama da imprensa humorística do começo do século.

É preciso, em primeiro lugar, destacar o quanto a diferenciação estabelecida por Hildebrando pode ter sido forjada como parte de uma estratégia: para combater certos jornais, o autor agrupa-os sob uma caracterização comum - imorais, ou pornográficos. Por outro lado, o próprio autor reconhece que esses jornais eram até recomendados pelos seus colegas aparentemente moralizados, o que pode acabar fazendo com que a estratégia sugira o contrário da sua intenção, isto é, o quanto estes jornais não eram necessariamente vistos como diferenciados pelo resto da imprensa. No fim das contas, falando sobre eles e tentando diferenciá-los, o autor acaba contribuindo, antes de mais nada, para colocá-los em evidência².

² - Este pode ser considerado um velho dilema das tentativas de repressão à pornografia. Segundo Walter Kendrick, citado por Lynn Hunt, a pornografia surge como um gênero diferenciado quando a cultura impressa abre "às massas" a possibilidade de ter acesso a

O artigo de Hildebrando termina apelando para que as autoridades proibam totalmente os jornais "imorais por ofício". Segundo ele, a polícia até então só agira esporadicamente reprimindo alguns vendedores de forma isolada. Para o autor, nem mesmo aos libertinos tais jornais deveriam ser acessíveis, de modo que o estímulo à perversão fosse o menor possível. Seu artigo suscitou uma resposta exaltada publicada por um pequeno e recente "hebdomadário ilustrado e humorístico", intitulado O Coiô.

Considerando que o jornal teria sido atacado pelo colaborador do Jornal do Brasil, um redator do O Coiô afirma que o artigo foi dirigido contra a existência dos "jornalecos humorísticos", termo que, entretanto, não é utilizado em nenhum momento por Hildebrando. Numa nota intitulada "Religião e Moral", este redator defende o jornal da acusação de perversão:

"Ninguém ignora que O Coiô é um jornal de troça e só o compra quem procura a troça; - ora, dizer que O Coiô perverte é dizer que as meninas puras compram O Coiô - e essa não foi decerto a intenção desse adorável Hildebrando que assim não desejaria ofender as ditas meninas. (...) Além disso, O Coiô pode ser lido por senhoras."⁵

A estratégia de defesa é de responder à acusação de imoralidade com a intenção humorística. O Coiô, mesmo sendo um jornal de troça, não ofenderia nem mesmo a senhoras - embora reconheça não ser adequado a "meninas puras". Se Hildebrando considera a "perversão" um mal em si mesmo, o redator do pequeno jornal ironiza a idéia de que certa parte do público seria moralmente vulnerável a ela, o que significa dizer que, para este redator, a perversão é definida pelo seu alvo. Daí a necessidade de uma defesa que enfatize a liberdade de escolha de quem o lê, e que sustente ser direcionado a um público específico.

obras pornográficas. Este autor considera que pornografia era o nome de uma zona de batalha cultural - e segundo Hunt, ao jogar luz sobre certas produções pornográficas e silenciar sobre outras, as tentativas de repressão interferem no ponto crucial desta batalha, definindo os limites entre o revelado e o secreto, entre a luz e escuridão - para exercerem controle, as autoridades muitas vezes acabaram se vendo obrigadas, contra suas vontades, a estender a zona de luz. Ver W. Kendrick, The secret museum: pornography in modern culture New York: Penguin, 1987, apud Lynn Hunt (ed.), "Introduction", op. cit., p. 15.

⁵ - "Religião e Moral", O Coiô, 23 de janeiro de 1902.

Ao mesmo tempo, o redator insiste na "moralidade" do jornal, inserindo-o na imprensa humorística para contrapor-se à acusação de pornografia. Reforçando esta idéia, argumenta que era um jornal acessível a leitoras: mais que uma indicação da existência de senhoras que efetivamente o lessem, trata-se de um recurso para comprovar que o jornal se ateria a certos limites morais, explorando uma troça inofensiva.

O passo seguinte do redator é remeter a discussão da imoralidade para outros lugares, atacando certos anúncios de peças teatrais:

"Isto é que é sujo! Chamar com um anúncio pomposo uma delicada menina de Botafogo à platéia do Sant'Anna e ali lhe mostrar abruptamente a nádega banhosa do sr. Chaby em ceroulas. Isso não era 'ofensa à Moral', como Cunha agora declama: isso era sujidade, - coisa que a pobre menina tinha que ver até o fim do ato".

A motivação imediata do deslocamento do problema da imoralidade para certas exhibições teatrais é atacar o cronista do Jornal do Brasil. Segundo o redator d'O Coiô, o pseudônimo de Hildebrando era utilizado por um certo Costa e Cunha, que havia traduzido recentemente a peça teatral citada, na qual o ator Chaby exibiria sua "nádega banhosa". "Hildebrando" só teria se ocupado d'O Coiô como vingança, por ter sido motivo de pilhéria naquela folha. De certa forma, assim, o pequeno jornal seguia a prática de violentos e agressivas disputas pessoais que caracterizavam os pasquins do século XIX.

Mesmo assim o exemplo da peça teatral é revelador. É significativo que a "menina pura" referida anteriormente seja aqui qualificada como uma "delicada menina de Botafogo". A pureza moral e o recato são, desta forma, diretamente associados à distinção social; a autodefinição d' O Coiô como um jornal de troça, se delineia em oposição a essa moralidade de "meninas puras" e à distinção que ela implicaria. Além disso, a ênfase no teatro - uma das diversões que mais atraía um amplo e diversificado público - reforça, por contraste, a imagem de restrição do jornal a certos consumidores, sendo portanto, menos ameaçador que outras diversões.

Apesar do esforço da resposta em afirmar o jornal como um produto dirigido a um público específico, as críticas de Hildebrando podem ser

consideradas exatamente como uma forma de atentar para a necessidade de identificação e delimitação desta imprensa em outros termos - e uma tentativa inicial nesse sentido. A mudança de definição de um jornal de humor para a estigmatização como um jornal condenável, na visão de Hildebrando, obrigaria que seu caráter restrito fosse repensado: sua venda avulsa pelas ruas e a propaganda feita pela imprensa séria, que até utilizava-se circunstancialmente de seus expedientes, deveriam ser vistos como estratégias que contribuíam para a difusão da "perversão".

As várias denominações utilizadas por Hildebrando e o redator d'O Coió para definir os jornais não são simplesmente um sinal da dificuldade de identificação desta recente imprensa especializada em um certo tipo de humor. O que o colaborador do Jornal do Brasil qualificou de "pornografia", "imoralidade", "sujidade", e com ironia, "realismo", O Coió repete como sendo "troça" e "humorismo". Essa diferença sugere, antes de mais nada, uma discordância sobre a própria visibilidade que essa imprensa começava a ter nas ruas do Rio e os significados que, por conta disso, adquiria.

A auto-definição como um jornal "de troça" está presente desde o artigo de apresentação da pequena folha, quando se explicitam suas intenções:

"É mais um que aparece no grande grupo, este, porém, não é sem sorte.

Não tem outro programa que não seja a divisa do menino do Passeio Público, e crê que o cumprirá, pois brincando com quem lhe parecer, a ninguém será ofensivo e será uma utilidade, porque está pronto a ser o órgão dos coió. (...)"⁴

Através do conteúdo do jornal é possível identificar que o termo "coió" denota uma figura masculina relacionada a conquistas amorosas. Coió é o namorador, o tipo conquistador, o protagonista das peripécias amorosas narradas nos contos que Hildebrando considerou "imorais". Assumindo-se como o órgão dos coió, o jornal indica o humor a que se propõe, que reforça com a inscrição da estátua do menino-chafariz, localizada no Passeio

⁴ - "O Coió", O Coió, 1 de abril de 1901.

Público: "ser útil inda brincando"⁵. Trata-se de um humor descompromissado, praticamente infantil, inofensivo, o que denota a preocupação em se manter dentro de certos limites.

Essa "inocência", porém, tem um outro lado, malicioso e irônico, indicado pela própria figura do coiô e pela intenção trocista. Se, como foi visto, a moralidade associa-se à distintas meninas de Botafogo, o coiô é associado aos choros da Cidade Nova. Seus redatores inventam uma identidade associada ao carnaval (troça) e ao "povo da lira", para atribuir ao coiô a prerrogativa de uma franqueza brincalhona e debochada, expressa por um vocabulário repleto de gírias e expressões de duplo sentido⁶. Forja-se então uma imagem de "popular", que com esperteza inventa jeitos de "dizer o que não se diz", e que pode falar a verdade brincando, no melhor estilo carnavalesco dos mascarados avulsos.

O jornal se considera "mais um", indicando assim a grande quantidade de "coiós" e de jornais do seu estilo que já existiam; no entanto, não será um "coiô sem sorte", expressão que designavam os conquistadores mal sucedidos, e que sugere o caráter efêmero destas publicações.

Num tom semelhante aparece, em 1901, o jornal O Nu, apresentando suas intenções:

"O lugar que pretendemos entre os colegas que atualmente fazem as delícias dos apreciadores do humorismo, da pilheria fina e da malícia delicada é modestíssima; basta-nos a retaguarda.

Um pequeno grupo de rapazes que dispõem de algumas horas vagas na semana resolveram empregá-las na confecção de um jornalzinho semanal, pequeno, modesto, no gênero alegre, e eis como surgiu O Nu"⁷.

⁵ - Trata-se da famosa estátua que representa um menino que urina água, como um chafariz. Posteriormente, a estátua foi transferida para a frente da sede do Botafogo, passando a ser um símbolo do clube de futebol.

⁶ - O Dicionário Moderno de Bock, elaborado por um dos seus redatores mais famosos, o jornalista J. Brito, foi publicado em partes no jornal, depois saindo como um livro. Seu subtítulo é esclarecedor da auto-imagem do jornal: "Vocabulário galante ao paladar do povo da lira contendo a tecnologia completa da gíria carioca, significados positivos do calão nacional e maneira especial de dizer as coisas que não se dizem". Especialmente feito para uso das escolas normais e anormais, e aprovado pelo Conselho Superior de Instrução dos Coiôs." Povo da lira é definido no próprio Dicionário como "gente de letras, tocadores de violão, frequentadores de choro". Bock, Dicionário Moderno Rio de Janeiro: Tip. Rebello Braga, 1903, apud Dino Preti, A linguagem proibida: um estudo sobre a linguagem erótica São Paulo: T. A. Queiroz, 1983.

⁷ - "O Nu", O Nu, 6 de maio de 1901.

A expressão "gênero alegre" refere-se, neste momento, tanto à preocupação com uma malícia delicada, dentro de certos limites, como à despreensão. A precariedade da própria produção do periódico é uma impressão reforçada pelo fato dos seus redatores só se ocuparem da publicação "nas horas vagas", tendo assim, outras atividades prioritárias. Nisso, aliás, este jornal se assemelha às pequenas folhas das sociedades carnavalescas, que desde fins do século XIX também exploravam um humor de conotações sexuais, e em muitos casos mantinham uma periodicidade que ultrapassava o tempo do carnaval. Como O Nu, eram confeccionadas por rapazes que quase nunca tinham vínculos com a imprensa. O carnaval das sociedades, assim, pode ser sugerido como um dos antecedentes possíveis desta imprensa⁸, não só quanto aos redatores, como também no que diz respeito às intenções e ao tom malicioso.

Dos jornais que começavam a ganhar visibilidade no começo do século explorando este "humor malicioso", o Rio Nu aparecia como pioneiro. Surgido em 1898, teve seu título inspirado numa revista de ano de Moreira Sampaio de grande sucesso em 1896⁹. Segundo a Gazeta da tarde, à época dirigida pelo literato Gastão Bousquet, o jornal era redigido por "rapazes que estão no primeiro plano da nossa boemia literária"¹⁰. Em 1902, tinha uma existência comercial, e principalmente, uma fama, consolidadas.

⁸ - A origem dessa imprensa das sociedades carnavalescas remonta à década de 1870, sem ter ainda uma conotação sexual. Na virada do século, entretanto, essa se transforma na sua principal característica; na maioria das vezes, os redatores são, principalmente, rapazes empregados no comércio. Ver Cristiana Schettini Pereira, "Nas barbas de momo: os sentidos da presença feminina nos carnavais das "Grandes Sociedades" nos últimos anos do século XIX", Monografia Campinas, 5 (6), 1995. Na virada do século, ver, entre outros, os jornais Girondino e O Gato Preto, do clube dos Fenianos; este último se define como "símbolo da ironia e da volúpia", e A Risada (1899), do clube dos políticos.

⁹ - O "Rio Nu" foi um grande sucesso de público, tendo sido atualizado e remontado várias vezes até algumas décadas depois. Quando subiu à cena no Recreio Dramático, a peça chamou atenção pelo cuidado da sua produção, que custara ao seu empresário mais de quarenta contos de réis, garantia do luxo dos cenários e dos figurinos. Ver Fernando Mencarelli, A cena aberta - a interpretação de O bilontra no teatro de revista de Arthur Azevedo Campinas: Dissertação de mestrado em História Social, Unicamp, 1996, e o anúncio da peça na Gazeta de Notícias, 4 de abril de 1896, "Teatros e...". Em 1903, O Malho anunciava: "No Lucinda, ainda e sempre o Rio Nu - nu, de verdade, e de tudo: de cenários, de rouparias, de acessórios, de vozes e de artistas. (...) visto a semi-nudez com que corajosamente se apresentam ao público e à polícia as sras. Pepa Ruiz e Cecília Porto, melhor seria chamar-se em vez de Rio Nu - as Nuas do Rio" Nem sempre, assim, era o luxo que atraía o público.

¹⁰ - Gazeta da Tarde, 13 de maio de 1898.

Por isso, o Rio Nu parecia funcionar como uma referência para os seus congêneres.

No caso d'O Nu, por exemplo, é patente a tentativa de repetir a mesma organização do seu colega, tanto na apresentação como nas piadas e principalmente nas ilustrações, além do próprio título. Em relação ao O Coió, a semelhança é ainda mais evidente, a começar pela presença do redator que parece ter sido central na definição de estilo de humor do Rio Nu: J. Brito, que sob os pseudônimos de Bock, Bier, Mané Gregório Júnior e Carlos Eduardo, teve participação fundamental na construção da fama do Rio Nu, sendo o autor de um romance em folhetim, publicado em suas páginas, e depois como livro, que foi o primeiro grande sucesso do jornal, A vingança do sapateiro. Segundo um crítico, o romance escrito com certas "liberdades", bem ao "paladar estragado dos nossos homens modernos", iria, exatamente por isso, "encher as algibeiras dos editores"¹¹. O mesmo Bock reaparece em 1901 assinando a maior parte das seções do O Coió - que eram equivalentes às do Rio Nu - conformando uma tentativa de repetir uma espécie de fórmula de sucesso. Os dois jornais, além disso, mantinham uma franca camaradagem, anunciando seus folhetins publicados em volumes, e se elogiando mutuamente.

Neste sentido, um artigo de aniversário do próprio Rio Nu no mesmo ano do aparecimento dos outros periódicos é esclarecedor das características desta imprensa humorística:

"No colorido das suas páginas vibra a alegria de quem olhando para o passado vê cumprido o seu dever - este dever ingrato de fazer rir sem ofender. Aqui, ali, além, ele nota que o seu sal amargou um pouco, que feriu mesmo com tal força que foi atirado; mas a consciência não lhe pesa; - aqueles pratos estavam muito insulsos; (...) os cáusticos curam, e a sua maior alegria é contemplar as infâmias miseráveis que ela desmascarou, expondo nuas ao olhar desconhecedor do Público que o lê."¹²

¹¹ - Foi publicado no jornal em 1898, e como livro em 1899, e conta a história do adultério cometido pela mulher do sapateiro. A crítica de Francisco Gaspar na revista Capital Paulista começa assim: "É pena, fala-nos a consciência, que este romance fosse escrito com tanta liberdade! Os seus personagens são bem característicos, seus diálogos ligeiros e fáceis, imagens felizes e o enredo...ora, o enredo...O enredo era aquilo mesmo...", Rio Nu, 28 de outubro de 1899.

¹² - André VIII, "Gaita de Foles", Rio Nu, 12 de maio de 1901.

Numa edição especial de aniversário, impressa a cores, o Rio Nu "olha o passado" e reconhece ter excedido os limites do riso sem ofensas, e com isso, provocado alguns desafetos. Aqui a intenção humorística presente nos programas d'O Coió e d'O Nu mostra um lado menos inofensivo e menos descompromissado: o humor do Rio Nu, antes de qualquer coisa é cáustico, utilizado para desmascarar. Nas lembranças de Bock, a intenção original era de se fazer "um jornaleco, metade d'O Paiz, bem impresso, bem malcriado".¹³ A malcriação, assim, ao mesmo tempo em que era uma característica cultivada, também parecia ter causado problemas. A discussão entre Hildebrando e O Coió, aliás, seguiu o mesmo estilo. É o que se percebe com os sucessivos artigos de sátira a Hildebrando que O Coió passou a publicar, além da própria motivação da polêmica, supostamente umas pilhérias que teriam desagradado o colaborador do Jornal do Brasil.¹⁴

Outro aspecto revelador do estilo do Rio Nu aparece na referência ao "Público", com P maiúsculo. Segundo o redator do artigo, o Rio Nu "sente-se à vontade em todos os terrenos, porque é independente, porque vive do Público, exclusivamente do Público"¹⁵. A afirmação de ser sustentado exclusivamente por suas vendas é significativa. Esta característica central da organização empresarial da imprensa a partir das últimas décadas do século XIX, é imediatamente associada à ausência de vínculos políticos, que garantiam a existência financeira dos jornais do século XIX¹⁶. A dependência

¹³ - Bock, "Como se fez o 'Rio Nu', Rio Nu, 12 de maio de 1900.

¹⁴ - Dino Preti, op. cit., p. 21, transcreve piadas do Coió sobre Cruz e Costa. Este autor sugere que seu estilo malcriado, satírico e repleto de ataques pessoais pode ser remetido aos pasquins do século XIX, embora, mais recentemente, lembre a experiência de alguns literatos da geração "boêmia" de Olavo Bilac com o "Filhote". Tratava-se de um suplemento humorístico da Gazeta de Notícias publicado em 1896 num canto do próprio diário; caracterizou-se pelas quadrinhas maliciosas e satíricas a figuras políticas do período. É curioso destacar que parte desses literatos, na suas juventudes, tiveram relação com as sociedades camavalescas - reforçando a hipótese de que esta tenha sido uma referência da imprensa que delineava seus contornos na virada do século. Ver, sobre a contribuição "satírica e fescenina" de Bilac no "Filhote", Eloy Pontes, A vida exuberante de Olavo Bilac Rio de Janeiro: José Olympio, 1944, p. 356; sobre a participação desses literatos no carnaval das sociedades, Leonardo Pereira, op. cit.; Coelho Netto lembra-se da sua juventude ao lado de Bilac nos "jornais camavalescos dos Democráticos e Fenianos, em que nós escrevíamos na mocidade.", In Humberto de Campos, Diário Secreto Rio de Janeiro: Ed. "O Cruzeiro", 1954., vol. I, p. 351.

¹⁵ - André VIII, "Gaíta de foles", Rio Nu, 12 de maio de 1901.

¹⁶ - Ver, sobre este novo jornalismo surgido nas últimas décadas do século XIX, e que "não servia a partidos políticos", no registro de Machado de Assis, Leonardo Pereira, O carnaval das letras Rio de Janeiro: Sec. Mun. de Cult., Dep. Ger. de Doc. e Inf. Cult., Divisão de Editoração, 1994, p. 12 e seg.

de um público idealizado tem aqui, portanto, um forte sentido positivo, de proximidade da "verdade" e ausência de comprometimento com interesses escusos.

Delineiam-se, assim, alguns aspectos que, presentes nos programas e artigos dos três jornais citados, formam um estilo semelhante, dos quais se destacam a despretensão, o descompromisso com a seriedade, a ênfase no riso desmascarador e a dependência exclusiva do público.

No entanto, o "semanário ilustrado, cáustico, humorístico, noticioso e desengrossador" intitulado O Arara, que aparecera também em 1901, é um exemplo de como um jornal podia pretender apresentar as características presentes nos programas do jornalismo "alegre", e mesmo assim ressaltar:

"Não desejamos ser confundidos com outros jornalecos que se dizem humorísticos e que só sabem criticar tudo e todos e publicar contos com tantas malícias que até um frade de pedra, se pudesse ler, coraria."¹⁷

O Arara, jornal que como o Rio Nu também se pretendia cáustico, independente e crítico, significativamente procura não ser confundido com outros "jornalecos" que se caracterizam pela falta de critério e pelo conteúdo malicioso. Seu esforço em caracterizar um certo tipo de jornalismo condenável indica o quanto, no panorama da imprensa de humor do começo do século XX, era fundamental a afirmação de diferenciação no mercado; mesmo que para isso fosse necessário repor a visão condenadora de jornalistas sérios como Hildebrando em relação a seus colegas de humor.

As intenções expressas nos programas e artigos dos jornais citados não definem por si só os traços de um "gênero alegre"; podiam estar presentes em qualquer jornal humorístico que aparecesse neste período¹⁸. Um panorama que a princípio era de "jornais humorísticos" parecia, na verdade, comportar gradações diversas. O estilo mais ou menos "apimentado" era um recurso do qual qualquer um deles poderia se utilizar

¹⁷ - O Arara, 3 de janeiro de 1901.

¹⁸ - Ver Mônica Veloso, Imaginário humorístico e modernidade carioca Tese de doutorado em História Social, São Paulo, FFLCH/USP, 1995, pp.84 a 89.

para criar uma identidade diferenciada no mercado, dirigindo-se a uma fatia específica do público.

Assim, este era um momento em que já se delineavam os contornos de um estilo de humor diferenciado, inclusive a partir de uma iniciativa dos jornais e jornalistas que o condenavam. O debate entre Hildebrando e O Coiô parece ser um dos primeiros momentos de confronto no processo de formação deste estilo que passará a ser conhecido como "gênero alegre". O conflito se desenrola justamente em torno da especialização do jornal num conteúdo "condenável", que consistiria num humor "moralmente ofensivo" acompanhado de ilustrações "indecentes". A reposta d'O Coiô, enfatizando que é restrito a um certo público, procura se legitimar nos termos de uma imprensa humorística múltipla.

Os programas e artigos de alguns desses jornais surgidos na virada do século podem ser lidos, assim, como a expressão de um incipiente estilo diferenciado. Ao mesmo tempo em que O Coiô, O Nu e o próprio Rio Nu enquadravam-se como periódicos de humor, já se preocupavam em afirmar um caráter específico. Os seus próprios esforços e dificuldades de se autodenominar são significativos deste momento: seu humor é definido como "malicioso", "malícia delicada", "apimentado" ou ainda, seriam jornais de troça, da pândega - muitos nomes para definir um estilo que ainda não se diferenciou completamente, e que se destacava por lançar mão sistematicamente de certos recursos para garantir uma fatia do mercado consumidor da imprensa humorística.

* * *

Esta tentativa de diferenciação, que aparece em alguns momentos como um esforço repressor, é também um movimento e uma necessidade dos próprios jornais, que buscam uma identidade frente ao resto da imprensa. Este movimento, que desembocará no reconhecimento de um gênero de humor "alegre", pode ter seus principais momentos delineados através da trajetória do Rio Nu, a mais longa, principalmente em relação a outros periódicos. Em algumas situações de "confronto" com outros jornais, o

Rio Nu buscará ser reconhecido como o lugar próprio para um certo gênero humorístico.

Comentando outros jornais, assim, um redator se aproveitava das ambiguidades do Rio Nu em relação aos seus pares, e explicitava um certo uso delas. É o que se percebe neste comentário a respeito de um seu colega que se aventurou pelo humor malicioso:

"O Malho de sábado último trouxe uma gravura que representava um velhote conversando com um pequeno todo catita, todo apertadinho, com ares de sinhazinha (dos tais do largo do Rocio) e com este texto:

'Mas que calor tem feito! Não há cajuada, nem refrescos que cheguem...seu comendador! Calcule que todas as noites levo... à procura de algum lugar em que possa haver fresco.

- O largo do Rocio não serve?'

Ora, seu Malho, você que tem a pretensão de jornal sério e que diz que as famílias o lêem publica inocências como esta?

Se fosse n'O Rio Nu era pornografia, no Malho é humorismo. (...)"¹⁹

A piada do Malho seria inconveniente para um jornal lido por famílias, por tematizar o homossexualismo. Assim, o redator ressalta que apenas no próprio Rio Nu, que não é recomendável às famílias, tal piada poderia ser feita.

Evidencia-se, através da brincadeira, um aspecto central da forma pela qual o jornal era visto nesta época. Através dela O Malho é repreendido a partir dos seus próprios supostos critérios de julgamento moral, o que serve para evidenciar o não reconhecimento do humor feito no Rio Nu, que seria sempre - independente do conteúdo - classificado como pornografia. Ao invés do próprio conteúdo, é o lugar em que ele é apresentado que lhe conferiria um sentido condenável ou não. Revela-se, assim, uma forma irônica de lidar com uma fama que já parecia consolidada no começo do século.

As diferenças entre os dois jornais podem ser aprofundadas a partir de uma observação com a qual, algum tempo depois, um cronista de O Malho encerrou sua coluna de comentário dos acontecimentos da semana:

"(...) Fora isso, um pouco do noticiário sensacional: facadas, assassinatos, morticínios e suicídios; o adeus decisivo da sra. Castera ao Brasil; o caso estupefaciente e protuberante da sra. Cinira Polônio ter abandonado um papel de clube dos Democráticos (!!!) e, fato, estupendíssimo: não houve nenhum escândalo no seio de Abrão que se chama Conselho Municipal... São coisas essas que provocam aquela rustida chapa da imprensa séria e grave: publica-se, mas não se comenta."²⁰

O cronista elenca os temas explorados de forma sensacionalista pela imprensa, aqueles supostamente de acordo com o gosto do público. São crimes violentos, os constantes anúncios da volta à França da prostituta mais famosa daquele período, Suzana Castera; fofocas teatrais, como a recusa de um papel de clube carnavalesco pela Cinira Polônio, atriz conhecida pelas suas formas avantajadas, e política; enfim, assuntos que não poderiam ser explorados por atentarem às exigências da boa moral.

São os tais expedientes "pornográficos" referidos por Hildebrando, que, ele mesmo reconhece, ajudavam a aumentar a tiragem. O fato de admitir a inconveniência de explorar certos temas não impede, assim, que o próprio jornal, como o resto da imprensa, se utilize desses recursos, como ocorreu na piada com o "pequeno catita" do largo do Rocio, ainda que dentro de certos limites. Assim, o que diferenciaria esta imprensa dos jornais "alegres", mais do que os assuntos em si mesmos, seria a forma de comentá-los.

Num momento em que o sensacionalismo parece ser um problema reconhecido por todos os lados como um recurso condenável, mas nem por isso pouco utilizado, o Rio Nu, pelo menos quanto a isso, parecia estar confortável. Tendo cultivado desde a sua origem uma coluna de comentários dos acontecimentos mais interessantes da semana, que significativamente se intitulava "Semana despida", suas páginas poderiam ser consideradas o lugar ideal para se comentar aquilo de que, pelo menos teoricamente, não se falava. Em alguns momentos a "Semana despida" convivia com outras seções, como "Pela política", ou "Nua e crua". Na maior parte das vezes

¹⁹ - Rio Nu, 1 de abril de 1903.

parodiavam seções de outros periódicos, mas apresentavam um tom inequivocamente particular.

Havia uma preferência quase obsessiva por assuntos de sedução, adultérios, defloramentos e escândalos sexuais em geral, que eram noticiados nos jornais diários:

"Bem grande publicidade
Teve em todos os jornais
Desta poeirenta cidade
Um fato, como há iguais,
Aqui e em qualquer parte."²⁰

No caso, tratava-se de uma notícia de defloramento por parte de um dentista. Destaca-se a referência à remodelação urbana; a publicidade adquirida pelos escândalos seria um dos sinais da modernização da cidade. Mas, apesar de ter sido assunto de todos os jornais, com certeza por nenhum deles foi comentado desta forma:

" Uma bonita cliente
Cuja bela dentadura
O bom dentista paciente
Com cuidado e com brandura
Ia pondo em bom estado,
Despertou-lhe uma paixão
Dessas violentas paixões
Que põem tonto, azabumbado
Um homem que tem razão,
E que faz tais comichões
Que não é raro aconteça
Perder a gente a cabeça..."

Assim como faziam os jornais diários ao noticiarem crimes sensacionais, o redator põe-se a descrever uma imaginária situação prévia ao crime, ambientando o leitor, quase sem dar a saber que o que se segue é um crime. Assim, comenta que o acontecido se dá em toda parte, sugerindo em seguida uma identificação entre o leitor - ou qualquer homem - e aquele que até aqui é o "bom dentista paciente", que perde a razão diante dos encantos da cliente.

²⁰ - O Malho, 30 de abril de 1904.

²¹ - Numa Telles, "Semana despida", Rio Nu, 5 de julho de 1905.

"Não é de ferro o doutor
Por isso, rijo, sentia,
O efeito que lhe fazia
Aquele doce calor,
Aquele fino contato
De carne moça, estuante,
Que ele, de instante em instante,
Tocava já sem recato...
Aproveitando um momento,
Uma boa ocasião
Pegou de um certo instrumento,
Um famoso boticão
Que meteu sem dó nem pena
Nessa galante cliente..."

O modo de se referir ao episódio é representativo do próprio estilo de humor do Rio Nu. Nada é dito explicitamente; a estratégia é de que, a partir de indícios - nada sutis -, caiba ao leitor a tarefa de realizar as associações necessárias para entender a mensagem. Assim, palavras-chaves como rijo, calor, instrumento, meter e boticão criam as condições para que o leitor compreenda inequivocamente o que está sendo narrado. Tudo se organiza, portanto, não para narrar um fato, mas para estimular a imaginação do leitor.

Através de uma linguagem maliciosa, o redator fala daquilo que não poderia ser dito em jornal algum que quisesse comentar o ocorrido. Sem precisar ser explícito em nenhum momento, ele procede de forma a não deixar dúvidas sobre o que está dizendo. Para isso, cria uma identificação com o leitor não apenas através do que está implícito na linguagem, mas ao longo da própria história, ao aproximá-lo do dentista por conta dos "comichões" "provocados" pela "galante cliente".

O redator, então, passa aos comentários:

"Embora o mundo murmure
O sedutor sai-se bem
E para tal mais não tem
Que entrar sem medo no júri.
Agora esse tribunal
A inocência reconhece
Desde que o réu lhe confesse
Que a coisa não fez por mal...
Basta dizer que pensava
Que, quando pôs-se... a fazer

Das suas, a moça estava...
Não tinha mais que perder...
(...)
A vingar tal teoria
Que assim, sem pejo, redime
Tão grande e tão grave crime,
Não estará longe o dia
Em que os pais ponham às filhas
Um sólido cadeado
A sete chaves fechado
Pra evitar as maravilhas
Dos comedores de frutas.

É pouco todo o cuidado
Contra o assalto desalmado
Dos D. Juans filhos das...unhas!"

Como se tivesse substituído o ponto de vista do dentista pelo ponto de vista do pai, o redator passa a criticar a absolvição do deflorador, facilmente conseguida diante da declaração do réu de que imaginava não ser a ofendida virgem.

Os motivos das facilidades de absolvição de um acusado de defloramento foram investigados por Martha de Abreu Esteves, que mostrou como num julgamento desta natureza, a ofendida acabava se transformando em ré. Seu comportamento - e não o do ofensor - era julgado a fim de que se provasse sua honestidade, condição para a existência do crime. Esta lógica, portanto, podia ser aqui criticada de um ponto de vista que não estava longe de compartilhar os mesmos pressupostos dos juristas²².

A linguagem maliciosa do Rio Nu serve, assim, a dois propósitos distintos: primeiro, divertir um suposto leitor que compartilhe dos pressupostos do redator, que faz deste jornal um lugar em que ele pode encontrar o assunto explorado de uma forma que não poderia figurar na imprensa "séria". Depois, essa linguagem expressa uma crítica à atuação jurídica diante de crimes de defloramento. A absolvição do réu completa o clima de dissolução moral que campeava pela cidade, junto com a poeira do "bota abaixo". Enquanto confere um tom de condenação aos acontecimentos "imorais", o jornal se utiliza deles para compor suas descrições bem humoradas e maliciosas. É a partir da associação entre essas duas vertentes

²² - Martha de Abreu Esteves, op. cit.

que o redator cria uma diferenciação dos jornais "sérios", criando uma identidade para o Rio Nu frente ao resto da imprensa.

Os assuntos dos quais a imprensa diária e a "maliciosa" se ocupavam, assim, podiam ser os mesmos, mudando a forma de expressá-los e comentá-los, e aí a linguagem maliciosa, que apenas insinua, deixando ao leitor a tarefa de explicitar seus sentidos mal escondidos, é um recurso fundamental. No caso daquela piada de O Malho sobre o "pequeno catita" do largo do Rocio, portanto, é compreensível que os motivos do comentário do Rio Nu estivessem ligados à utilização, por parte de outro jornal, dos seus recursos e temas com vistas ao mesmo objetivo: estimular a imaginação do leitor.

O sucesso que essa estratégia provocou pode ser percebido em outros momentos em que, confrontando-se com seus colegas da imprensa séria, o Rio Nu reforça explicitamente sua imagem de um lugar propício para um humor irreverente. É o que ocorre em 1907, numa bem humorada crítica à Gazeta de Notícias:

" (...) graças a Deus e graças a todas as Graças, não temos papas na língua nem espinhas de camarão atravessadas nos gorgomilos, para ficarmos privados de chimparrar na fachada facial de quem quer que seja, uma verdade qualquer; e nós então que para isso não somos nada moles... pelo contrário: duros, bem duros é que somos..."²³

Através de uma linguagem bem humorada, o redator constrói uma caracterização de franqueza, independência de opiniões, humor e, claro, de afirmação de virilidade para os redatores do jornal. A prerrogativa de falar a verdade através do riso malicioso define o jornal e legitima sua existência, especialmente numa situação de comparação (e diferenciação) com um jornal sério.

Este preâmbulo dá lugar à condenação de um "sugestivo e bem frescalhote" quadro publicado em um número recente do respeitável diário, intitulado "No harém". Indignado com a "concorrência desleal", o Rio Nu protesta:

²³ - Uriel, "Alto lá", Rio Nu, 16 de novembro de 1907.

"Quem diria que a Gazeta, a Gazeta chic, essa mesma Gazeta que insere em suas colunas um "Binóculo" através de cuja lente perpassa o nosso mundo 'smart'; essa mesmíssima Gazeta, que toda *rempli de soi-même* comparece ao curso de carruagens e descreve vestuários, e ainda mais: essa Gazeta que entra sem rebuços em casa de família, quem diria? Sim, que ela assim se achesse, na faina de se tornar atrativa, a estampar aquele quadro, onde as odaliscas na sua quase completa nudez, nos mostram a exuberância das suas carnes plenas de gozo... em cujos seios, fartos e rijos, qualquer mortal atirar-se-ia com indomável fúria (...)"

O redator começa a expressar seu estranhamento destacando e reforçando a auto-imagem do jornal diário, que se prezava de ter a coluna de maior influência nas modas e hábitos mundanos do período - "O Binóculo", de Figueiredo Pimentel²⁴. Um jornal que valorizava tantas manifestações mundanas de distinção social e, principalmente, que entrava em qualquer casa de família (inclusive as distintas), supostamente teria se utilizado de um recurso dos mais condenáveis para aumentar a tiragem. À auto-imagem esnobe da Gazeta, assim, o Rio Nu contrapõe a sua imagem de irreverência franca e engraçada. E sugere que, se a Gazeta pode lançar mão destes recursos, o Rio Nu também pode...

No mesmo tom, o redator passa a desfiar as possíveis consequências danosas de uma atitude de tal irresponsabilidade da Gazeta:

"Quanta donzela, após haver pairado os lindos olhos por sobre aquelas odaliscas, não terá incontinenti procurado um lugar escuso...para, às escondidas do papá e da mamã, fazer assim uma...qualquer 'coisa'... que eu não posso dizer, que vocês sabem como é que se faz, e cujo resultado é sempre umas grandes e arroxeadas olheiras...

E quanto casalzinho, sugestionado por aquele quadro, que é um... excelente aperitivo,... não terá também, aproveitando as delícias do domingo, concorrido para povoar o solo em pleno dia?...

E nós não havemos de protestar? Sim, senhor, e com todas as nossas forças, porque a nossa seara foi invadida, os nossos direitos violados!"

²⁴ - Ver Jeffrey Needel, op. cit., p.154, 155.

Imaginando os efeitos da leitura de um periódico como o Rio Nu sobre donzelas e casaizinhos, o autor ironiza medos "moralistas", utilizando seus argumentos para defender o que, na verdade, considera uma "reserva de mercado". Em outras palavras: imaginando, por exemplo, a "catástrofe" que seria uma "donzela" se masturbando, motivada por leituras provocantes, o redator apresenta o Rio Nu como um lugar "seguro", em que tais provocações poderiam ser feitas sem ameaçar a moralidade de mocinhas ingênuas e a ordem familiar. E, usando essa discussão sobre a moralidade na imprensa, o redator expressava uma defesa da fatia do mercado de jornais de humor que lhe caberia²⁵.

Portanto, o esforço de diferenciação que em 1902 aparecia na boca de Hildebrando para condenar e desqualificar o seu humor foi, num primeiro momento, criticado no Rio Nu quando seu redator reconheceu que o julgamento moral dependia mais do lugar em que aparecia do que do próprio conteúdo. Num momento seguinte, brincando com as características negativas atribuídas ao seu conteúdo, que perverteria donzelas, e seria um recurso de baixo nível para atrair leitores, o jornal passa a ser defendido com o argumento de ser o lugar em que tais características poderiam aparecer de forma legítima, sem oferecer perigos. São duas formas, não tão diferentes, de criar uma identidade para o jornal em que, como uma estratégia, os redatores se apropriam do próprio preconceito de que são alvo transformando-o em marcas peculiares de um estilo diferenciado.

"Sabei, senhores da Gazeta, que o privilégio de estampar gravuras naquelas condições cabe-nos exclusivamente. Nós temos esse privilégio sob a patente n. 69 registrado na casa da Suzana, e não podemos de modo algum consentir nesse esbulho, que além de tudo é uma falta de coleguismo que não se comenta."

²⁵ - A masturbação feminina, a despeito da piada, era vista, no período, como uma ameaça das mais perigosas aos olhos dos médicos. Era, por exemplo, confirmação inequívoca da loucura de mulheres "de boa família" internadas no Juqueri: Ao contrário do onanismo masculino, aceitável dentro de certos limites, nos pavilhões femininos "os alienistas (...) denunciavam, figuradamente, os 'atos imundos' cometidos por mulheres como sintoma definitivo de sua loucura", ameaçando o modelo de mulher como perpetuadora da família que se queria afirmar. Clementina Cunha, op. cit., p. 155. Ver também, sobre a visão médica sobre masturbação feminina como uma anomalia sexual, Magali Engel, op. cit., p. 72.

O humor e a irreverência permitem que o Rio Nu finja-se indignado com a Gazeta, chamando-a de colega. Assim, pode brincar com a sua fama de jornalismo "menor", assumindo-o como sua característica e invertendo seus sentidos negativos. Ou seja, aquela idéia de que tudo o que aparece no Rio Nu é pornografia é aqui utilizada pelo próprio jornal como um fator de legitimidade do seu conteúdo - supostamente impróprio para uma certa parte do público.

A lógica que fez com que o Rio Nu passasse a assumir as características atribuídas por outros foi passível de boa aceitação. Afinal, baseava-se na afirmação de um público leitor restrito, e também - talvez numa medida menor - na sua intenção crítica que se servia do humor malicioso. Seus aniversários eram saudados por grande parte da imprensa "séria", como a Gazeta de Notícias, Correio da Manhã, Jornal do Brasil, além dos seus colegas de humor, a começar pelo próprio O Malho, na coluna "Recebemos":

"O Rio Nu, o número comemorativo do seu 6º aniversário, impresso a cores, muito catita e muito interessante."²⁶

Ou ainda pela Revista da Semana, no mesmo ano:

"O Rio Nu, impresso a cores, cuidadosamente elaborado, com fino espírito de texto e chistosas gravuras.

Refere-se gentilmente ao nosso suplemento dedicado à Jane Hadina.

É um número digno de ser visto e apreciado."²⁷

Embora esta última nota possa se dever à gentileza do Rio Nu ao anunciar o suplemento a respeito de uma atriz francesa que se apresentara recentemente no teatro Lírico, a gentileza é significativa das boas relações entre estes jornais. Sendo comum a prática de enviar edições comemorativas para a imprensa, e desta anunciar e agradecer os recebimentos, destacam-se os elogios da boa qualidade de sua impressão, do ponto de vista dos seus pares "sérios".

²⁶ - "Recebemos", O Malho, 23 de maio de 1903.

O correspondente em S. Paulo do jornal Tagarela, dirigido por nomes representativos do humor e da caricatura, como Raul Pederneiras e Calixto, também saudou o Rio Nu no seu aniversário:

"O Rio Nu deixou no dia 13 de maio a nudez e apareceu-nos belamente vestido de sedas e galas! Completou sete anos de vida alegre e espirituosa! É um sucesso o aniversário do fino jornal humorista fluminense. (...)"²⁸

Além de indicar o sucesso do jornal fora do Rio de Janeiro, os termos em que o cronista de S. Paulo parabeniza o jornal são relevantes. A nudez que, ressalta ele, foi deixada de lado no número especial, talvez contribua para que o jornal seja classificado como "espirituoso", "fino" e "humorista". Assim, o Rio Nu é visto, neste momento, como um colega que se especializou num estilo mais "alegre".

Ainda no aniversário de 1903, merecem ser destacados os versos publicados pelo jornal Arealense, publicado na cidade de Areal, no estado do Rio:

"A tristeza melancólica
Dali foge espavorida
Não encontra guarida
Naquela rapaziada;
Fazer rir - é a sua norma.
Brincar - o seu distintivo.
Tem um só objetivo:
Ter cotação elevada."²⁹

Exaltando seu caráter humorístico, o autor dos versos direciona-o para objetivo principal do periódico: "ter cotação elevada", isto é, ser bem aceito pelo público.

Ao invés de ser uma característica negativa, ela não impede o elogio da sua qualidade:

"Tem sempre bons elementos
Para agradar aos leitores;

²⁷ - "Recebemos", Revista da Semana, 18 de outubro de 1903.

²⁸ - João Romão, "Da Paulicéia", apud "O nosso aniversário", Rio Nu, 28 de maio de 1904.

²⁹ - apud "O nosso aniversário", Rio Nu, 13 de junho de 1903.

Ali não há dissabores
Nem se encontra a nostalgia;
Há o bom gosto satírico
A frase bem burilada
Bem feita, bem temperada
Enfim, é tudo alegria."

Agradar aos leitores, assim, não leva o jornal a ser visto como um gênero menor; ao contrário, seu sucesso se deve aos "bons elementos", ao "bom gosto satírico" e à "frase bem burilada". A malícia passa a ser um aspecto que reforça a boa qualidade do humor, contribuindo para conformar uma imagem positiva do jornal, cuja maior prova é o próprio sucesso alcançado por ele. Segundo o autor dos versos, "Dos jornais da capital/ É o mais apreciado".

Apesar de representar uma imprensa "menor", o Rio Nu podia ter momentos de boa aceitação por parte dos seus colegas menos "apimentados". Isso certamente em muito se deve àquela estratégia de diferenciação delineada em relação aos jornais com pretensão à seriedade e à moralidade, que no fim das contas, não passa de uma forma de viabilização do seu programa inicial e de garantir de um lugar no mercado.

Daí o sentido positivo do seu conteúdo voltado para o "Público", que significa uma afirmação de independência. A fama de "pornográfico" se transforma numa garantia do seu caráter restrito e delimitado, na medida em que o conteúdo já seria conhecido de antemão; delineia-se, portanto, como o lugar ideal para um humor cuja visibilidade seria inconveniente.

* * *

Mas nem tudo eram aplausos nas histórias dos jornais alegres. A estratégia de afirmação como um lugar restrito - e legítimo - para se falar do que não se diz, era, na verdade, uma faca de dois gumes. Nesse sentido, há uma referência ao Rio Nu logo no início de um jornal humorístico, que é exemplar de outra significação que permanecia simultaneamente àquela construída por ele próprio. O jornal, que existiu por pouco tempo, intitulava-se João Minhoca, de propriedade de Belmiro de Almeida e dirigido por Péres

Júnior, que no ano seguinte participaria do Tagarela. De S. Paulo enviaram um cartão à direção do jornal que lamentava:

" 'Se ele (o João Minhoca) fosse no gênero livre do Rio Nu, então teria grande venda. A literatura política tem poucos cultores aqui.'
Literatura política...
É o caso de exclamar: Será verdade? Para quem apelar?
„³⁰

De um lado percebe-se que, no contexto da grande quantidade de pequenos jornais que apareciam nesse período, era comum que ocorressem confusões, como chamar de "literatura política", talvez remetendo para a tradição da imprensa satírica do século XIX, um jornal que se pretendia simplesmente humorístico. De outro, a referência ao Rio Nu indica que sua fama já estava consolidada a ponto de ser considerado representativo do "gênero livre". O sucesso do Rio Nu em S. Paulo era visto pelo autor num tom resignado. Ainda que sua intenção fosse de lamentar o fato, ele reconhece que o seu conteúdo era uma garantia de boa aceitação.

Esta ampla e boa aceitação do jornal é um indício que permite relativizar o discurso e o movimento de auto-delimitação reiterado pelo próprio Rio Nu como uma forma de se legitimar dentro da imprensa humorística. A este discurso se opunham algumas questões de natureza prática, que se referem à sua distribuição e venda e, também, à composição de redatores - aspectos que, juntos, definem o jornal como um espaço de polissemia. Assim, formas como o jornal circulava e a identificação de pelo menos alguns traços do público que o consumia e dos seus redatores podem fornecer elementos para dimensionar o discurso de independência, franqueza, crítica e que propõe-se a atingir um público específico.

Não era só em S. Paulo que o Rio Nu reconhecidamente fazia sucesso. As acusações de ser plagiado por outros jornais, publicadas em pequenas notas ao longo de toda a primeira década de existência, indicam, antes de mais nada, o quanto ele era divulgado. Simultaneamente, assim como ocorria quando as repreensões se voltavam para os jornais sérios, as denúncias de plagiadores se transformavam em pretextos para que fosse

³⁰ - João Minhoca, 13 de abril de 1901.

reafirmada uma identidade particular. Era comum, assim, que aparecessem advertências como esta:

"O Pimpão, que se julga um jornal espirituoso, quis também imitar o Rio Nu publicando em suas colunas uma seção de perguntas e respostas.

Que nos imitem em tudo, que nos plagiem à vontade!

De um tempo a esta parte, temos sido vítimas de quantos jornais humorísticos por aí aparecem. Os pobres diabos, para venderem mais alguns exemplares, representam esses papéis...

Paciência!

Que os jornais pinóias façam isso vá, mas o Pimpão que é um jornal de verve..."³¹

O Pimpão não era nenhum "jornaleco" segundo o próprio redator do Rio Nu e, no entanto, era acusado de plagiá-lo para aumentar a tiragem. Os papéis se invertem: o Rio Nu, que aparecia como um "colega menor" diante da imprensa séria e respeitável, aqui passa a posar de referência para outros jornais que se prestavam a papéis baixos, plagiando suas idéias e seções.

A seção aludida era um dos mais frequentes recursos do jornal - e também de muitos outros - para estimular os leitores a participarem com contribuições, sendo retomado de tempos em tempos. Examinada de forma mais detalhada, ela permite a identificação de algumas características do jornal que poderiam chamar a atenção de outros periódicos. Consistia na proposição de uma pergunta em tom malicioso; os leitores enviavam respostas e aquelas consideradas mais espirituosas concorriam a prêmios. Em 1906, por exemplo, o prêmio era um "acendedor automático oferecido pela sociedade fonográfica brasileira", e uma das perguntas era "Por que é que certas mulheres se lavam quando comem banana?". Para participar, o leitor deveria enviar a resposta juntamente com um cupom que era publicado na primeira página, o que contribuía para aumentar as vendas.

As respostas seguiam o mesmo tom da pergunta, como esta:

"A banana tem umbigo
Quer a fruta, quer o cacho;
Sai dele um mel como o figo
Que produz mesmo....o diacho!

³¹ - "Deprimente", Rio Nu, 14 de março de 1903.

A mulher que lhe gostar,
Comerá com muito tino;
Se não quizer se lavar
Faça os cueiros pro menino."³²

O tom malicioso predominava, mas não era de concordância tranqüila entre redatores e leitores. A resposta transcrita acima apresentava os requisitos para ser considerada espirituosa pelos redatores, referindo-se à gravidez como um resultado indesejado dos prazeres do ato sexual - numa visão distante daquela que definia a sexualidade feminina exclusivamente nos termos da sua função reprodutiva. Na maior parte das vezes, porém, era ressaltada nos anúncios dos concursos a necessidade das respostas serem "maliciosas, satíricas e muito engraçadas, mas sem ofensa à moral"³³. Ou, como foi advertido em 1905, as respostas deviam ser resumidas, em prosa ou verso, "com graça sem linguagem escabrosa"³⁴. A insistência nos limites da linguagem indicava, assim, os prováveis excessos por parte dos leitores que se entusiasmavam com as possibilidades sugeridas na pergunta.

Além do concurso de respostas, havia constantemente concursos que davam a seus leitores a chance de participar do próprio conteúdo do jornal, como os de "contos humorísticos e maliciosos" e de "pilhéria e anedotas leves e brejeiras"³⁵. Os mais tradicionais - e de maior sucesso -, no entanto, eram os concursos de motes para serem glosados "com espírito e malícia leve, sem pornografia"³⁶. A criação de uma auto-imagem em relação aos outros jornais não impedia que os redatores se preocupassem em definir um padrão interno de moralidade para manter a linguagem nos limites da "malícia leve". Esta preocupação recorrente, porém, só revelava o quanto estes limites não estavam claros para parte dos leitores que enviavam contribuições. De qualquer forma, aquele movimento de assumir o preconceito dos outros, cultivando, ainda que ironicamente, a fama de "pornográfico", pode também ser visto como uma estratégia para atrair leitores.

³² - "Concurso de Resposta", Rio Nu, 17 de janeiro de 1906.

³³ - "Aos nossos leitores e colaboradores", Rio Nu, 11 de julho de 1903.

³⁴ - "Concurso de Respostas", Rio Nu, 30 de agosto de 1905.

³⁵ - Ver, por exemplo, "Concursos mensais permanentes", Rio Nu, 25 de junho de 1904.

³⁶ - "Mote a concurso", Rio Nu, 1 de outubro de 1910.

Em 1910, os motes apresentados seguiam mais ou menos o mesmo estilo:

"Vi-lhe um pedaço de perna,
Fiquei logo estonteado".

"Não sejas tolo, rapaz
Mete-lhe o pau a valer!"

"Não passes assim a mão
Que ele não é de brinquedo!"

Ficava ao leitor a tarefa de explorar as significações (mal) encobertas no mote, sem no entanto, explicitá-las. Na maior parte das vezes, as glosas seguiam a mesma linha de interpretação, como se pode perceber por algumas das que desenvolveram o segundo mote proposto acima:

"Leitor, se casar-te vais,
Ouve estes sábios conselhos:
'Não sejas tolo, rapaz'
O que à mulher satisfaz
É pau, é pau que t'a parta,
De deixar tudo a doer.
Dá-lhe, pois, sem pena ter
Rijas fubecas, à farta,
'Mete-lhe o pau a valer'",

Ou ainda:

" - Há tempos que eu ando atrás
De encontrar minha mulher
Aí com um tipo qualquer
'- Não sejas tolo rapaz'
Que a tua mulher, de paz
Quase se está a desfazer,
Tenho razão p'ra o dizer
Pois sempre me tratou bem...
Se a vires com mais alguém
'Mete-lhe o pau a valer'..."³⁷.

Como nas duas acima, as outras glosas apresentadas neste número sugeriram que se "metesse o pau" na mulher por esta ter traído ou simplesmente ter aborrecido o homem. A idéia está sugerida no mote, mas o

fato de ser desenvolvida de forma semelhante em praticamente todas as glosas indica um pressuposto comum ao redator que inventa o mote e aos leitores que desenvolvem as glosas. Ao contrário do que ocorria com a forma, que muitas vezes não se atinha aos limites esperados, o conteúdo e seus limites implícitos eram, em alguma medida, compartilhados por leitores e redatores.

Este aspecto se destaca ainda mais pelo fato de que os leitores procuravam desenvolver simultaneamente as duas possibilidades de significação da expressão "meter o pau": o sentido sexual reforçando a idéia de virilidade do ato de bater na mulher³⁸, duplicidade que, de resto, caracteriza a malícia dos versos. Nas duas glosas, as mulheres são caracterizadas como portadoras de um insatisfeito desejo sexual que reforça o sentido positivo atribuído à virilidade de maridos, para que não seja um "rapaz tolo", e de amantes, procurados por serem capazes de satisfazê-las.

Muitas vezes, os prêmios para todos esses concursos eram em dinheiro. Para o concurso de respostas, oferecia-se ao vencedor 5\$000 em 1904; já as contribuições literárias que fossem premiadas recebiam em torno de 20\$000 ou 30\$000. Em 1910, o autor da melhor glosa receberia 10\$000. Segundo o jornal,

"Dez mil réis, neste tempo, representam uma entrada de cadeira na rua Senador Dantas (Teatro Lírico), ou duas na rua do Lavradio (Teatro Apolo), ou três na rua do Núncio (Circo de Cavalinhos); nesta última ainda fica o troco de dez tostões para a cerveja..."³⁹

Na verdade, mais que representar um padrão de preço, as referências do jornal indicam um padrão de leitor ao qual os redatores se dirigiam. O leitor

³⁷ - "Mote a concurso", Rio Nu, 15 de outubro de 1910.

³⁸ - No Dicionário Moderno de Bock, em que ele sistematiza os significações sexuais de várias expressões utilizadas no começo do século, a palavra pau aparece tendo uma significação sexual simultaneamente a outras: "Pau - Substantivo para toda obra. Vara, acha qualquer espécie de madeira. 'Pau furado' - espingarda, em gíria militar. (...) 'A meio pau' - quando o coio está com pouca vontade (...)". Bock, Dicionário Moderno, p.105, transcrito por Dino Preti, op. cit., p. 261

³⁹ - Rio Nu, 1 de outubro de 1910. O salário de um amanuense, cargo público ocupado por J. Brito em 1910, era de 300\$000; um servente ganhava metade disso, 150\$000; um soldado da cavalaria de polícia, por volta de 1905, ganhava diariamente 2\$000. Fábricas de tecido alugavam casas para operários por 8\$, 10\$ e 30\$, o que representava entre 44% e 50% dos seus salários. Ver Sylvia Damazio, Retrato social do Rio de Janeiro Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1996, pp.48, 49 e 61.

do Rio Nu que participava dos concursos parecia ser, antes de mais nada, um frequentador de diversões da capital, e não necessariamente daquelas consideradas de melhor qualidade. Além disso, a recorrência de assuntos referentes a encontros sexuais nos concursos, quase sempre exaltando a virilidade e a conquista amorosa, indicam um interesse compartilhado pelos mesmos assuntos.

A frequência em certos locais e formas de diversão, ou pelo menos o interesse por eles contribuía, em alguma medida, para aproximar e viabilizar uma identificação "masculina" entre redatores e leitores. Mas havia diferenças relevantes entre colaboradores anônimos, redatores fixos, e os colaboradores ilustres e eventuais. Em 1906, como muitas vezes desde o início do jornal, anunciava-se que suas colunas eram franqueadas aos leitores que quisessem apresentar trabalhos, desde que preenchessem certas condições:

"não ser em mais de duas tiras; ser gaiato e fazer rir; ter a nota brejeira; não ter alusão pessoal, nem ofender a moral"⁴⁰.

As condições são extremamente subjetivas, como também o "tom malicioso" que se tentava conferir ao jornal. Mesmo colaboradores assíduos às vezes tinham algumas contribuições recusadas por serem "muito livres"⁴¹. Note-se a exigência de não ter alusões pessoais, num distanciamento do estilo satírico que caracterizara os pequenos jornais do século anterior.

No corpo de colaboradores fixos figuravam rapazes de imprensa, como o próprio J. Brito, que criou fama de redator da imprensa "livre". Tendo contribuído decisivamente na definição do estilo do Rio Nu, nos seus primeiros anos, participou também do Coio; em 1910 assinava "Antônio" no jornal diário A Notícia, enquanto mantinha um emprego de amanuense no Ministério da Agricultura. Podia ser facilmente encontrado nas rodas jornalísticas, assinando peças teatrais de "gênero livre" ou fazendo

⁴⁰ - Rio Nu, 10 de fevereiro de 1906.

⁴¹ - Ver, entre outros, a recusa à glosa de Sederap no Rio Nu, 2 de novembro de 1910.

conferências humorísticas na associação dos empregados no comércio, o que era moda na época.⁴²

Como ele, outros jornalistas participaram circunstancialmente do Rio Nu. Podiam ser encontrados um "jornalista lisboense" que assinava "Dr. Cocaína"⁴³; "um dos mais finos escritores nacionais" que se escondia sob o pseudônimo de "Cosimo", responsável por um tempo pela coluna "Cavaqueira"⁴⁴ e Alfredo Boucher Filho, que colaborou como "Arduíno Pimentel" e depois virou redator proprietário do periódico Ilustração Brasileira em São Paulo⁴⁵, entre outros.

Também passaram pelo Rio Nu nomes de relevância literária, como Arthur Azevedo, que colaborou sob o pseudônimo de Juvenal, e Olavo Bilac. Suas colaborações se restringiram aos primeiros anos de existência do jornal, e certamente se relacionam à intenção humorística e boêmia que marcou o início da sua existência⁴⁶.

A maioria dos colaboradores, porém, era composta de anônimos que tinham outras atividades, participavam dos concursos de contos, e mandavam colaborações literárias. Era o caso de "Dealino", pseudônimo de Demétrio Álvares. Durante um tempo ele foi responsável pela seção "Semana Despida", antes redigida por J. Brito; alguns anos depois, podia ser

⁴² - Ver notícias sobre ele na Fon-Fon de 17 de setembro de 1910, sobre a conferência na associação dos empregados de comércio e 22 de outubro 1910, sobre a nomeação para amanuense. Ver também anúncio da peça "A moratória conjugal", de "gênero livre", no jornal humorístico O Parafuso, 28 de janeiro de 1915. Conta-se que suas crônicas irritavam Lima Barreto, o que era bem provável, pela frivolidade do seu estilo. No episódio em que um poeta, João Pereira Barreto, assassinou a esposa, conta-se que Lima Barreto tomara uma cerveja com o assassino pouco antes do ocorrido, e que este, manifestando vontade de matar alguém, ouve a sugestão de Lima Barreto: "Olha, se tu queres matar alguém, mata a J. Brito, acabando com as crônicas que ele está escrevendo na A Notícia e prestando, assim, um grande serviço às letras nacionais", mas ele não deu ouvidos ao escritor e matou a mulher. Ver Humberto de Campos, op. cit., p. 26.

⁴³ - Fazendo uma coluna que se chamava "Coisas Santas (da santa terra)", dedicada à colônia luzitana; Rio Nu, 24 de junho de 1903.

⁴⁴ - Rio Nu, 4 de junho de 1904. Há registros de que Arthur Azevedo tenha usado este pseudônimo, embora não tenha sido lembrado por ele; ver Martins Fontes, Boemia Galante - poesia cômica Santos: Bazar Americano, s.d., p. 184.

⁴⁵ - Rio Nu, 21 de dezembro de 1904.

⁴⁶ - Sobre Arthur Azevedo, ver Rio Nu, 28 de outubro de 1908, em que ele é lembrado por ter colaborado sob o pseudônimo de Juvenal. Sobre Olavo Bilac, ver Eloy Pontes, op. cit., p. 364 e Orestes Barbosa, Bambambã Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1993, p.92, onde afirma que seu pseudônimo era D. Louro e o de Arthur Azevedo era Dr. Selo. Olavo Bilac já tinha uma experiência anterior com este humor malicioso, não apenas participando na sua juventude das sociedades carnavalescas, mas chegando a publicar dois livros de poemas e contos de sucesso no "Filho", o suplemento humorístico da Gazeta de Notícias em 1896; um deles ao lado de Guimarães Passos, sob o pseudônimo de Puff &

encontrado como um dos ganhadores dos concursos de contos. Morreu em 1904, em Belém, onde desempenhava o cargo de ponto da companhia teatral Silva Pinto. Foi definido como um rapaz "modesto e preparado", tendo sido ponto da Companhia Dias Braga enquanto colaborava no Rio Nu e morava na capital federal⁴⁷.

Assim como ele, Luis Monteiro, professor público⁴⁸, Alfredo Calainho, fundador do jornal e solicitador do foro⁴⁹, "um moço empregado no comércio" que se escondia sob o pseudônimo de Brás Cubano⁵⁰ foram presenças importantes no Rio Nu. Aliás, no seu início, o jornal contava com uma coluna dedicada exclusivamente às contribuições literárias dos caixeiros, chamada "Seção caixeiral". "Tatu canastra" era o pseudônimo utilizado por um "caixeiro viajante" que redigiu a coluna "Cartas da Roça"⁵¹, em que um caipira comentava os acontecimentos da "capitá". Também o cançonetista Alfredo Albuquerque Júnior colaborou nas colunas do jornal. Se aniversário em 1905 foi comemorado com ceia oferecida pelo ator Carlos Leal e Celestino Silva. O local escolhido foi o Stadt Munchen, hotel em que se encontravam as "cocotes baratas do Rio de Janeiro", as "morenas escuras" estando sempre em maior número. Era um local frequentado por repórteres de jornais diários que lá passavam no fim da noite, ceiando um bife barato por 1\$600⁵².

Por trás da denominação genérica de "rapazes boêmios", assim, era possível encontrar trabalhadores que, como Luis Monteiro e Alfredo Calainho, ganhavam a vida como empregados; em comum, tinham as formas e os locais de diversão - o Rio Nu sendo uma delas. Além de participarem do jornal, frequentavam botequins e confeitarias, que, ao serem descritos na coluna "Rio à noite", assinada por "Notívago", diferenciavam-se entre si pela

Puck, Pimentões(Rimas d'O Filhote) Rio de Janeiro: Laemmert, 1897, e sozinho, como Bob, Contos para velhos Rio de Janeiro: Casa Mont'Alverne, 1897.

⁴⁷ - Rio Nu, 21 de maio de 1904; foi vencedor de um concurso em Rio Nu, 10 de dezembro de 1898.

⁴⁸ - Rio Nu, 10 de outubro de 1914.

⁴⁹ - Rio Nu, 14 de janeiro de 1905.

⁵⁰ - Rio Nu, 18 de julho de 1903.

⁵¹ - Rio Nu, 17 de outubro de 1910.

⁵² - "Quem quiser ver uma amostra das cocotes baratas do Rio de Janeiro basta ir ao Munchen depois da meia noite.", Noctívago, "Rio à noite", Rio Nu, 26 de abril de 1905.

frequência específica que predominava em cada um ⁵³. Os teatros e seus jardins, onde o público se concentrava nos intervalos, cenários de desencontros e escândalos amorosos, motivaram interesse dos seus redatores desde o início do jornal⁵⁴; as casas de diversão de Pascoal Segreto, que concentravam um público socialmente diversificado também eram frequentadas por eles.

Muitos dos anunciantes eram proprietários de bares como o "Naval": "cervejaria, bebidas de todas as qualidades, comidas frias 'à la minute' - boa e especial canja", na rua Visconde de Maranguape, um dos pontos importantes de prostituição⁵⁵. Assim, novos locais e formas de diversão que se espalhavam pela cidade eram assunto do jornal e um importante fator de identificação entre seus redatores, ainda que participassem delas de formas diferentes.

Seções como a de perguntas e repostas, portanto, embora comuns em outros jornais, eram fundamentais para a explicitação do jogo com os sentidos maliciosos de palavras e expressões, característico do jornal. A seção, "plagiada" pelo Pimpão, representava, aos olhos dos redatores do Rio Nu, uma especificidade significativa do seu estilo. A acusação ao Pimpão é, em primeiro lugar, significativa de um esforço de construção de uma imagem de originalidade por parte do Rio Nu, mas também demonstra em que consistia a fórmula do seu sucesso da qual também outros jornais lançavam mão.

Grande parte das reclamações de plágio do Rio Nu era dirigida a pequenos jornais humorísticos de Pernambuco, quando o seu papel como

⁵³ - A Maison Moderne, por exemplo, "é o ponto da reportagem carioca, entre as 10 e as 12 da noite, antes de ir à central buscar as últimas notas policiais." Nos camarotes encontram-se os "rapazes que labutam na imprensa ou que têm relação com os repórteres", "Rio à noite", Rio Nu, 28 de junho de 1905; o famoso café Papagaio, ponto de encontro de rapazes da imprensa e centro de operações do "rei do trocadilho", Raul Pedemeiras, é descrito no "Rio à noite", Rio Nu, 14 de junho de 1905; já o café Suisso é descrito como o "quartel general dos cântens", em "Rio à noite", Rio Nu, 22 de abril de 1905.

⁵⁴ - Interesse demonstrado pela permanência da coluna "Gambiarra", em que eram publicadas fofocas dos bastidores teatrais. Além disso, a própria idéia do jornal surgiu no jardim do teatro Lucinda. Segundo recordação de Bock, os fundadores do jornal, "três boêmios", se encontravam no jardim, "cervejando", quando presenciaram um escândalo envolvendo uma figura de relevância política, o que impediria que os jornais noticiassem o ocorrido; daí a idéia de um jornalzinho "independente" e "malcriado"; Bock, "Como se fez o Rio Nu", Rio Nu, 12 de maio de 1900. Algumas revistas de ano traziam referências ao jornal, transformando-o num personagem no qual se especializou a atriz Julia Martins, que lhe conferia "um certo ar de malícia", "Pelos teatros", Rio Nu, 1 de agosto de 1914.

⁵⁵ - Rio Nu, 4 de janeiro de 1908.

referência fica ainda mais evidente. Ao longo de mais ou menos três anos, o jornal carioca publicou pequenas notas advertindo A Pimenta e o Periquito, jornais de Recife que, sendo concorrentes, tinham discussões constantes entre si. O Periquito acusava A Pimenta de plagiar o Rio Nu, no que era apoiado em notas publicadas no próprio Rio Nu⁵⁶. O esclarecimento de um redator diante de uma notícia publicada pelo Periquito revela sua importância para esses jornais:

"O nosso colega O Periquito, do Recife, noticia a visita de um sr. Manoel Luna, nosso companheiro.

Declaramos em público que é mentira e falsíssima a asserção desse indivíduo, intitulado-se nosso companheiro.

Quando ele aparecer por lá ou por qualquer outro lugar, dêem-lhe uma corrida porque é um vigarista!"⁵⁷

A nota do Rio Nu indica que o próprio Periquito tinha interesses no seu colega da capital. O prestígio deste jornal em Recife podia ser percebido pela notícia da visita de um redator - ainda que falso. Nas disputas entre os dois jornais, assim, o Rio Nu tinha uma influência decisiva, emprestando seu próprio prestígio a eles.

O problema é que às vezes este "empréstimo" se estendia para além do prestígio, como no caso da Pimenta. O Rio Nu não se furtava a emitir opiniões, quer interferindo na discussão de ambos ou denunciando plágio, como já fazia em 1903:

"Em Pernambuco há um jornal que tem por hábito não só decalcar descaradamente as gravuras do Rio Nu como também de plagiar as seções e os respectivos textos.

Temos, por exemplo, em mãos o exemplar n. 58.

Traz uma cópia fiel de uma gravura por nós publicada no Rio Nu de 8 de novembro do ano passado, com a epígrafe Convite singular. Cópia fidelíssima e texto plagiado!!

Além disso, traz também as seguinte imitações: Rua do Crepo (igual à **Rua do Ouvidor**), Rapazes e Raparigas (idem à **Marmotinha**), Teatro do ... (Teatro do Rio Nu), O meu canhenho (**Carteira de um peru**) etc, etc. (...)"⁵⁸.

⁵⁶ - "Apitando", Rio Nu, 29 de junho de 1907.

⁵⁷ - Rio Nu, 7 de setembro de 1907.

⁵⁸ - "Pega!" Rio Nu, 18 de março de 1903.

Algumas das seções referidas tiveram curta existência; outras, no entanto, eram realmente uma espécie de marca registrada do Rio Nu, como a "Carteira de um peru" e a "Rua do Ouvidor", que permaneceram durante quase toda a sua existência. O plágio indica, assim, a ampla divulgação do jornal, sua importância para seus congêneres locais e principalmente sua boa aceitação por públicos consumidores diferentes.

Aquela acusação ao Pimpão pode ter tido uma motivação duvidosa, já que um concurso de respostas não é exclusividade de um jornal. Neste caso, porém, o motivo parece ser mais procedente, já que o plágio presumido se refere não apenas a um ou outro expediente que seria aproveitado pelo jornal acusado, mas a seções inteiras, inclusive pseudônimos.

Além das acusações de plágio, que indicavam a importância do Rio Nu como um padrão para outros jornais do mesmo estilo, sua circulação por várias cidades pode ser mais precisamente identificada nas vendas por assinaturas e através agentes nos estados. Este era, além disso, um aspecto relevante para o seu equilíbrio financeiro. Quando o fim do ano se aproximava, o jornal começava a anunciar uma série de vantagens para aqueles que renovassem suas assinaturas, que iam desde brindes até descontos. Normalmente a assinatura por dois anos, que sairia por 24\$000, podia ser feita por 20\$000, com o acréscimo de um trimestre grátis. Por seis meses a assinatura custaria 7\$000. Qualquer pessoa, além disso, que enviasse três assinaturas, sendo agente do correio ou não, podia descontar 20% de comissão.

Eram constantes os avisos aos agentes que estavam em débito com o jornal, e através deles, é possível perceber não só que o jornal efetivamente devia ter um certo público fora do Rio de Janeiro, a julgar pelos débitos, como também identificar algumas localidades para onde ele era enviado. Além de S. Paulo, Pernambuco e Areal, no estado do Rio, já citados, havia referências a Maceió (AL), Belém do Pará, Fortaleza (CE), Paranaguá, Bahia, Curitiba (PR), Taubaté e Leopoldina (MG) em 1903⁵⁹. Em 1911, os devedores eram muitos, e se espalhavam por pequenas cidades, como Santa Rita do Sapucaí, Lafaiete, Ouro Fino, Uberaba (MG), Pouso Alegre,

⁵⁹ - Rio Nu, 24 de janeiro de 1903.

Barretos (SP), Crato (Ceará), Cidade de Palma, Aracaju (SE), Sete Lagoas, Campos Elísios de Rezende e até Natividade do Carangola⁶⁰.

O Rio Nu, que se orgulhou durante toda a sua existência de depender apenas do Público, com P maiúsculo - e dos anunciantes - tinha assim uma necessidade concreta de ter muitos assinantes, como se demonstra pela preocupação e o empenho do jornal com as assinaturas. Mas ao mesmo tempo era vendido avulsamente, embora essa modalidade de venda parecesse ter também uma outra função, como se infere a partir de um artigo publicado pelo jornal humorístico Tagarela:

"(...) Pois é como lhe dizemos: o freguês chega, repoltrea-se na cadeira, põe um dos pés sobre a caixa do engraxate, e ao invés de conversar sobre a questão do Varela, a saúde do rei da Itália, a guerra russo-japonesa, a prosperidade do Tagarela, etc., toca a ler ao alto os jornais que o homem tem expostos à venda, principalmente os jornais humorísticos e de caricaturas. (...) censuramos a economia dos senhores que comodamente e de graça lêem todos os jornais, com graça e sem graça, e isso mediante dois desgraçados tostões que dão ao pequeno industrial que lhes põe graxa nas botas."⁶¹

Os jornais eram pendurados à porta dos engraxates e barbeiros - lugares de frequência predominantemente masculina. O fato dos jornais ilustrados serem mais atrativos provavelmente explicava a razão da distribuição das ilustrações do Rio Nu pelas suas páginas: na primeira e na última página apareciam desenhos grandes, representando piadas que eram explicadas em legendas. As duas páginas centrais eram dedicadas a várias pequenas charges e gravuras. Não é por acaso que aquele fosse também o espaço em que mais apareciam os anunciantes, destacando-se a grande quantidade de reclames de medicamentos para doenças venéreas⁶². A importância das ilustrações para a venda avulsa era muito grande; além de chamar atenção,

⁶⁰ - Rio Nu, 8 de março de 1911.

⁶¹ - Appio Cego, "Censuramos", Tagarela, 28 de julho de 1904.

⁶² - Ver, por exemplo, este anúncio de um remédio para sífilis: "Cuidado mocidade! Nos 'combates de vênus' trazei sempre no bolso, para o que der e vier, uma bisnaga de Prophilina. Antes... serve de lubrificante. Depois... serve de preventivo. Preço: 1\$000", Rio Nu, 4 de agosto de 1909. "Elixir de Nogueira" e "A saúde da mulher" eram dois dos remédios mais famosos.

já indicando o conteúdo do jornal, facilitava a sua compreensão, possibilitando-a inclusive a quem não lesse as legendas⁶³.

Expostos em lugares públicos, embora, no caso citado, restritos a uma frequência masculina, os jornais humorísticos e o Rio Nu em particular podiam ser vistos por qualquer um que tivesse dois tostões e botas para serem engraxadas. O Rio Nu, aliás, era vendido avulsamente por 100 réis, um tostão, o preço mais barato de hebdomadários no período. O Tagarela custava 200 réis, sendo publicado uma vez na semana, enquanto o Rio Nu era bi-semanal.

O problema começava quando o jornal deixava de circular restritamente em locais masculinos. Como já ressaltara Hildebrando em 1902, os jornais "imorais" eram anunciados por rapazolas e crianças nos pontos de bondes e pelas ruas. O Rio Nu tinha um vendedor exclusivo, que é citado nesta nota:

"Pedro, o nosso incomparável Pedro, a jóia dos vendedores do Rio Nu (do qual é um reclame vivo, pois não há no Rio de Janeiro quem não o conheça) acaba de receber uma homenagem aos seus méritos: o sr. Cunha Júnior, da fotografia parisiense, à rua da Carioca n.52, tirou-lhe o retrato!

E cá o temos perfilado: na mão esquerda o Rio Nu aberto, mostrando a 1ª e a 8ª páginas, e com a boca a pronunciar ó...ó...ó...lha o Rio Nu! (...)"⁶⁴

Pedro anunciava o jornal com estardalhaço aos passageiros dos bondes de Vila Isabel e São Cristóvão⁶⁵. As ilustrações atingiam, portanto, um público amplo, pelo menos até 1905, quando Pedro deixou de ser vendedor⁶⁶.

⁶³ - Sobre a exibição pública de jornais "pomográficos", ver em 1912 a apreensão de folhetos pomográficos a um engraxate da rua Marechal Floriano, e no ano anterior a intervenção de um delegado no estabelecimento do "sr. Moura, proprietário de uma agência de jornais e revistas sito à rua da Quitanda n.114", que expunha em sua vitrine "diversos folhetos com estampas imorais na capa", ambos relatados ao chefe de polícia, respectivamente, Documentação de Polícia, pacote 418A, caixa 5557, Arquivo Nacional, 1911 e 1912. Agradeço muito a Leonardo Pereira por estes documentos.

⁶⁴ - Rio Nu, 16 de dezembro de 1903.

⁶⁵ - É interessante que só em 1911 o Conselho Municipal aprove uma série de leis para regulamentar a venda de jornais pelos bondes, exigindo que o vendedor porte uma licença fornecida pela prefeitura, além de reiterar uma proibição já existente dos vendedores subirem nos bondes, salvo quando chamados pelos passageiros. "Leis Novas", Boletim Policial, ns. 18, 19 e 20, out. nov. e dez. de 1911. Ver também a descrição dos vendedores nos bondes feita por "Notívago": "Acabamos de saltar de um bonde da S. Cristóvão, no largo de S. Francisco de Paula. No relógio da torre da Igreja soaram oito horas. Movimento contínuo de pessoas em todas as direções. (...) No ponto de bonde da S. Cristóvão, baleiros

Assim, o processo de venda avulsa, além de ser uma fonte de renda para o jornal, constituía uma forma de propaganda aparentemente de grande eficácia, tanto mais por não ser submetida a nenhum controle sistemático. Os vendedores que circulavam pelas ruas e pelos pontos de bondes tornavam o jornal visível e acessível a qualquer um. Se este era o motivo que o tornava mais vulnerável às reclamações de seus opositores, era também um fator importante de manutenção da sua existência.

As colunas que a Pimenta foi acusada de plagiar fornecem indícios para se definir alguns traços deste indefinido público leitor. De que ele seria, pelo menos nas intenções dos redatores, masculino, há muitas indicações evidentes no jornal, como as ilustrações, que são de mulheres nuas ou mal cobertas com camisas transparentes, véus ou espartilhos. Do mesmo modo, o tom malicioso denota, como foi visto, um direcionamento a um público que compartilhe o interesse dos redatores por certos temas. No entanto, há elementos no próprio jornal para se questionar, ou pelo menos dimensionar os significados deste "masculino", o que se percebe, por exemplo, na necessidade de constante reiteração dos limites morais a serem respeitados pelos colaboradores. Mas há outros elementos, a respeito da própria composição deste público, que contribuem para relativizar a primeira impressão divulgada.

Duas das colunas citadas na acusação de plágio, a "Carteira de um peru" e a "Rua do Ouvidor", ambas de longa permanência no jornal, são úteis para particularizar o público consumidor do jornal. A primeira revelando a existência de leitoras; a segunda, especificando os termos, do ponto de vista dos próprios redatores, do "masculino" pressuposto por eles.

A "Carteira do peru" consistia em pequenas notas sobre as zonas de prostituição da cidade, vindo posteriormente a se chamar "Nas zonas". No seu começo era assinada por "Chico Bumba", pseudônimo que se referia a um lendário proprietário de uma casa de prostituição⁶⁷; depois, passou a

e vendedores de jornais ensurdecem os passageiros com seus gritos guturais(...)", "Rio à noite", 17 de outubro de 1900.

⁶⁶ - Rio Nu, 15 de fevereiro de 1905.

⁶⁷ - "Abriu espelunca na praça da República o conhecidíssimo cáften Chico Bumba. Havemos de publicar os nomes das senhoras sérias que aí forem", "Carteira de um peru", Rio Nu, 8 de março de 1905.

trazer o nome "Língua de Prata", que virou a marca registrada da seção e também era utilizado pela Pimenta⁶⁸, um dos motivos da acusação de plágio.

Apesar do pseudônimo, o jornal constantemente advertia que a coluna não tinha um único redator, sendo feita a partir de notas que eram enviadas à redação pelos leitores e leitoras. Estes esclarecimentos eram motivados pelas frequentes ameaças que alguns redatores recebiam por parte de pessoas que ali eram citadas, ou ainda pela presença de chantagistas que passavam por redatores do jornal para extorquir dinheiro das prostitutas⁶⁹. Daí, por exemplo, notas como esta:

"Pela muita simpatia que nos dedica a Cocota da zona Joaquim Silva, e pela recomendação que ela faz para que não comprem o Rio Nu, vamos publicar os nomes das donzelas e dos perus que frequentam a sua casa de... modas.

Muita gente será surpreendida com os nomes que já temos em nosso poder.

Até breve, Cocota!"⁷⁰

Ou:

"Garantiu-nos a Carmen, do 'Chopp' da zona Mem de Sá, que a sua colega Cecília Caricata lhe dissera que não comprava o 'Rio Nu' porque é uma mulher decente. Ora, a velhusca não se enxerga? Se é decente, para que faz tantas galinhagens e dá ataques fingidos?"⁷¹

O tom ameaçador era constante, e por isso provocava iras e desafetos, que precisavam ser "administrados" pelos redatores para garantir a popularidade da coluna⁷². Muitas vezes tornava-se evidente a tensão entre o sentido de

⁶⁸ - A Pimenta - periódico bi semanal, ilustrado noticioso e humorístico, é dirigido em 1903 por "Língua de Prata".

⁶⁹ - "Tendo chegado ao nosso conhecimento que um indivíduo que não conhecemos tem feito diversas *chantages* em nome desta folha, exigindo dinheiro de algumas *demi-mondaines*, declaramos que tal sujeito não pertence a esta redação, e que, como explorador que é, pode ser perseguido por quem de direito (...)", Rio Nu, 20 de agosto de 1904.

⁷⁰ - "Carteira de um peru", Rio Nu, 28 de outubro de 1905. Ver ainda: "A Cocota da zona Joaquim Silva continua a censurar as meninas donzelas que apreciam a nossa Carteira. (...)", "Carteira de um peru", Rio Nu, 8 de novembro de 1905.

⁷¹ - Língua de Prata, "Nas zonas", Rio Nu, 11 de junho de 1910.

⁷² - O sucesso da "Carteira" muitas vezes foi responsável por aumentos de vendagem do jornal. Ao negar, por exemplo, que as notas da "Carteira" fossem escritas por um jornalista do Correio da Manhã, um redator reafirma que a seção "tanto sucesso tem feito que esgota as edições d'O Rio Nu, apesar de aumentadas dia a dia.", Rio Nu, 1 de abril de 1903.

denúncia das notas, revelador da intenção e objetivo dos redatores, e as diversas funções que a coluna adquiria para as próprias prostitutas.

Para os redatores, a publicação de fofocas sobre a zona se justificava pela sua função de denúncia, como se percebe principalmente através da primeira citação. A coluna, neste sentido, estaria de acordo com a intenção "cáustica" do jornal: através de ameaças, os redatores interfeririam no que, dos seus pontos de vista, eram "abusos" cometidos no comércio da prostituição. Para as pessoas que enviavam as notas, porém, a coluna podia ser um espaço de expressão de conflitos pessoais entre "perus" e "donzelas", e entre elas mesmas; ainda que a Carmen não tivesse falado da Cecília, a verossimilhança de que isso ocorresse era explorada pela pessoa que enviou a nota, e provavelmente a fofoca beneficiaria alguém, mesmo que não fosse nenhuma das duas.

O "peru" era o tipo que frequentava as zonas. Em 1903, o Dicionário Moderno de Bock trazia a seguinte definição:

"Peru - Substantivo galináceo de Tolice crônica. Ave de penas, grupo 20, coió tolo que anda fazendo roda às mulheres."⁷³

Peru, assim, estava relacionado ao ato de "fazer roda" às mulheres; um tipo conquistador (coió), porém tolo⁷⁴.

O mais importante, pelo menos por enquanto, são as referências às leitoras do jornal: no caso, a recomendação da Cocota, uma dona de casa de prostituição, para que o Rio Nu não fosse lido pelas prostitutas que frequentam sua casa. E também a Cecília, que se consideraria "decente", revelando uma imagem de "indecência" do jornal, que, no entanto, é devolvida, através da fofoca, à própria Cecília. Esta pode ser tomada como uma estratégia por parte dos redatores para justificarem e legitimarem os assuntos abordados: eram os personagens e seus escândalos os causadores de "imoralidades", e não o jornal que apenas as veicularia.

⁷³ - Bock, op.cit, p.108, apud Dino Preti, p. 263.

⁷⁴ - É curioso que "peru" parece conter o sentido que a palavra "coió" passa a adquirir posteriormente, referindo-se ao sujeito tolo. Ver Dino Preti, p.97, sobre a etimologia da palavra "coió".

Estas referências, somada às intenções da coluna, indica que boa parte dos seus leitores estavam entre as pessoas, homens e mulheres, que tivessem alguma relação com a prostituição. É claro que essa ainda é uma delimitação muito ampla. A própria "Carteira de um peru" refere-se, nas suas fofocas, a gente muito diversa, como deputados⁷⁵, prostitutas das zonas "estragadas" ou "chics" e a "perus" em geral. Mas pelo menos mostra que para todos eles o jornal podia ter algum interesse, já que suas aventuras amorosas compunham o assunto preferencial da seção.

Além disso, eram frequentes concursos de beleza entre as "filhas de Eva"⁷⁶, da "melhor mulher do *demi-monde*"⁷⁷, ou "Concurso das zonas"⁷⁸, este último oferecendo como um dos prêmios à vencedora um *habeas corpus* perpétuo da seção, isto é, que nunca mais seriam publicadas fofocas a seu respeito. Esses concursos, muito frequentes em épocas de dificuldades financeiras do jornal, certamente tinham um efeito imediato de aumentar as vendas: estimulando a competição entre as "demi-mondaines", seus redatores sabiam que elas se empenhariam em fazer com que admiradores e amantes comprassem o Rio Nu para adquirir o cupom necessário para a votação.

A outra coluna plagiada, "Rua do Ouvidor", lançou o personagem de maior sucesso no Rio Nu, o Vagabundo. O personagem começou, na verdade, como pseudônimo de um colaborador que também assinava Armando Sacramento e participava do jornal desde o começo do século, tendo até em alguns momentos exercido sua direção. Foi redigindo a "Rua do Ouvidor", no entanto, que o Vagabundo ganhou uma identidade própria, transformando-se num personagem.

A coluna tinha sempre a mesma estrutura: começava com alguma peripécia do personagem, envolvendo figuras políticas ou "sua mulata", a Filopância. Frequentemente o Vagabundo acabava levando um pontapé no traseiro e caía no meio da rua que dava o título da coluna, quando aproveitava para descrever as *toilettes* das pessoas que passavam, numa

⁷⁵ - Num artigo sobre as casas da rua Senador Dantas, por exemplo, o autor relaciona, entre os seus frequentadores "senadores, deputados, bicheiros, delegados, jornalistas, suplentes, e todos os amadores do gênero.", "Rio à noite", Rio Nu, 31 de maio de 1905.

⁷⁶ - "Concurso de Beleza", Rio Nu, 21 de março de 1900.

⁷⁷ - Rio Nu, 18 de fevereiro de 1903.

⁷⁸ - Rio Nu, 30 de setembro de 1911.

paródia às colunas de jornais *chics* que se dedicavam a assuntos mundanos. Quando isso não acontecia, ele se metia em situações insólitas e encontrava pessoas sérias, desmascarando-as e dando sua opinião sobre assuntos sérios, ou então simplesmente percorria a cidade descrevendo cenas escandalosas:

"Saí no passo da vagabundagem para percorrer a cidade. Embrenhei-me pela zona Catete, e aí vi conhecido pai da pátria, representante de um dos nossos mais prósperos Estados, em colóquio amoroso com uma corista do Apolo."⁷⁹

O Vagabundo é a personificação da própria identidade do jornal - "um sujeito útil ainda brincando" - como diz ao senhor ministro da Indústria e Viação, quando é chamado por este para dar sua opinião sobre a exposição nacional⁸⁰. Para denunciar um político ("pai da pátria") com uma corista de teatro, o Vagabundo, para se caracterizar, se reveste de referências próprias, ou provenientes de outros grupos sociais, como o "passo da vagabundagem", ou a "zona Catete"⁸¹.

Caracteriza-se o personagem, assim, pela apropriação de referências provenientes de outros grupos para expressar o humor cáustico do jornal. O Vagabundo assume uma identidade descompromissada porque "popular", do ponto de vista do seu autor, num processo semelhante ao da criação do "coiô"⁸². Daí a invenção do "dia da mulata", que por ser uma "instituição nacional", devia ser comemorada em todos os estados⁸³. Daí também ter sido preso por participar de uma fracassada greve do gás em 1909. Depois que conseguiu fugir da cadeia, resolveu se mudar da rua do Ouvidor para a recente Avenida Central, "que é campo muito mais largo para suas façanhas

⁷⁹ - Vagabundo, "Rua do Ouvidor", Rio Nu, 19 de março de 1904.

⁸⁰ - Vagabundo, "Rua do Ouvidor", Rio Nu, 10 de abril de 1907.

⁸¹ - "Passo: substantivo marchante que se perde às vezes. O ato de mover o pé, o medo de andar, andamento de dança. Passo do jocotó, do Siri sem unha e do Constrangimento. Contingências da vida. Passo do Manoel da Hora. (...)", definição que relaciona a expressão "passo" a práticas de capoeiras ou de cordões camavalescos. Dicionário Moderno, apud Dino Preti, op. cit., p. 261.

⁸² - Em O Coio, em 1902, o personagem que dava título ao periódico e que se relacionava simultaneamente com os seresteiros da Cidade Nova, com os capoeiras, com prostitutas e com literatos - e a partir daí podia exercer seu humor cáustico e malicioso. O vocabulário do Vagabundo, não por acaso, é muito semelhante ao deste personagem.

⁸³ - Vagabundo, "Rua do Ouvidor", Rio Nu, 28 de novembro de 1908.

e onde ele poderá escapar mais facilmente às unhas dos meganhas"⁸⁴. É, assim, o contraponto crítico da imprensa humorística e diária, revisitando com sua irreverência acontecimentos e pessoas de importância, cumprindo exatamente a função que os redatores esperavam do Rio Nu. Associam-se, neste personagem, uma imagem de virilidade, de "popular" e de "crítica" que revelam os sentidos que a noção de "masculino" carregava para os redatores, e que faziam sucesso entre os leitores.

A utilização do pseudônimo "Língua de Prata" e "Vagabundo" por um jornal de Pernambuco chamou a atenção e provocou um protesto tão veemente por parte do redator do Rio Nu provavelmente por constituírem referências centrais da sua identidade e, principalmente, por serem elementos fundamentais do sucesso que o jornal garantia junto a uma parcela significativa de leitores.

Destaca-se, nesse sentido, que os elementos que tornavam as colunas viáveis e bem sucedidas partiam do pressupostos de experiência comum em certos locais de diversão, na frequência às certas zonas de prostituição, certos botequins, teatros e restaurantes, ou ao menos pelo interesse ou curiosidade por estes locais e o que ocorria neles. Mas também passavam pela afirmação de uma identidade "popular" e masculina, inventada pelos redatores e personificada pelo "Vagabundo".

Os cumprimentos de ano novo e correspondências recebidas também se destacam na definição dos contornos da ampla circulação do jornal. Além dos anunciantes, de colaboradores eventuais, atores e carteiros, o Rio Nu recebia correspondências, por exemplo, do "Centro Operário de Belo Horizonte", comunicando a diretoria para o ano de 1906⁸⁵; da "Sociedade União dos Operários" do Rio Grande do Sul, agradecendo a remessa do jornal⁸⁶; e da "Sociedade União Operária de Santos", enviando um cartão de boas festas⁸⁷. Além disso, eram frequentes cartões e visitas de "inferiores" de batalhões de infantaria, de um "Grêmio do Comércio de S. Paulo"⁸⁸, e do "clubes caixeiral do Rio Grande"⁸⁹.

⁸⁴ - Vagabundo, "Rua do Ouvidor", Rio Nu, 30 de junho e 3 de julho de 1909.

⁸⁵ - Rio Nu, 21 de abril de 1906.

⁸⁶ - Rio Nu, 18 de dezembro de 1907.

⁸⁷ - Rio Nu, 8 de janeiro de 1910.

⁸⁸ - Rio Nu, 2 de janeiro de 1909.

⁸⁹ - Rio Nu, 10 de janeiro de 1912.

Mais do que sugerir leitores e colaboradores potenciais, essa correspondência revela algumas estratégias de divulgação do jornal, e também seu reconhecimento como um espaço de divulgação para vários grupos. Delineados alguns mecanismos que possibilitavam a ampla circulação do jornal, torna-se cada vez mais difícil definir com precisão um perfil de leitor "típico". Mas é possível determinar que esse leitor - ou leitora - interessava-se por certos assuntos, e por certas relações estabelecidas em torno das novas possibilidades de diversão, especialmente pelo teatro e pela prostituição. Os redatores, de sua parte, viam neles um mercado consumidor que merecia ser explorado na sua diversidade, assim como a "colônia italiana" sempre saudada⁹⁰ e as "raparigas de bom gosto", que, também como leitoras, eram um assunto frequente⁹¹.

O leitor ao qual os redatores na maior parte das vezes se dirigiam não pode, portanto, ter sua existência imediatamente inferida pelo perfil pressuposto por eles; muitos outros leitores, que não se encaixavam neste perfil, podiam ver no Rio Nu utilidades que ultrapassavam a intenção dos redatores. Certamente era esta diversidade o motivo da preocupação em definir os limites do tom malicioso e da forma discursiva das colaborações.

* * *

As formas de distribuição e de circulação, no caso particular do Rio Nu, somadas aos indícios sobre seus leitores podem servir, assim, para relativizar que um conteúdo específico - malicioso e crítico - fosse direcionado a um público masculino, restrito e bem delimitado. Como foi visto, o Rio Nu e os jornais de gênero alegre cultivaram essa imagem como uma estratégia de legitimação frente ao resto da imprensa humorística, embora fossem organizados para ser amplamente distribuídos e consumidos.

Essa disparidade entre a imagem cultivada pelos jornais alegres, de um lado, e sua circulação, de outro, levaram a duas situações que podem ser

⁹⁰ - ver, por exemplo, Rio Nu, 19 de setembro de 1908.

⁹¹ - Rio Nu, 2 de janeiro de 1909. A ilustração da última página do Rio Nu, 25 de dezembro de 1909 é dedicada às "Festas da leitora", desejando-lhe um "Um bom marchante da roça/ Desses que são capazes/ De excessos. Para que ela possa/ Se divertir com os rapazes." Marchante vem de *marcheur*, termo usado para o tipo rico que sustenta as amantes que se divertem com outros.

consideradas representativas de posicionamentos diferentes diante desta ambiguidade em torno das suas existências: a primeira foi um debate que ocorreu entre a revista Tagarela e o Rio Nu em 1902 no qual se explicita a sua difícil aceitação pela imprensa "moralizada"; a segunda foi o surgimento, em 1909, do Sans dessous, que resolve essa tendência ambígua dos jornais alegres de uma forma original.

A discussão entre o "semanário crítico, humorístico, ilustrado e de propaganda comercial" Tagarela e o Rio Nu só pôde ser reconstruída através de um dos lados, já que o Rio Nu deste ano não foi encontrado. O Tagarela era um jornal humorístico típico do começo do século. Sua divisa era a mesma do menino do passeio público ("ser útil inda brincando"), como de tantos outros. Anunciava entre seus colaboradores nomes consagrados, como Ângelo Agostini, além de figuras conhecidas na caricatura e no humor, como Raul Pederneiras e Calixto, entre outros⁹². Também trazia estreantes, como o menino Eurico Silva, de apenas 16 anos, apresentado como discípulo de Rodolfo Amoedo na escola de Belas Artes⁹³.

No mesmo ano em que Hildebrando escreve seu artigo sobre os jornais imorais, Tagarela publica uma nota acusando o sr. Carlos Pereira de Moraes, um nome que junta dois proprietários do Rio Nu - Carlos Pereira, este mais antigo, e J. Moraes, que parecia estar assumindo a direção do jornal naquele momento - de andar anunciando umas " *'cenas da vida carioca'*", título pertencente a um lápis cá de casa⁹⁴. Em seguida, publica outras notas, desta vez mais agressivas, definindo o Rio Nu como "um jornal que tem mania de trepar em tudo e filar o que não é seu", e depois, corrigindo questões de gramática que o Rio Nu teria erroneamente apontado no Tagarela, lamentando que "o Pereira está mesmo deveras **estragando** o Moraes!"⁹⁵, numa referência a um dicionário com o mesmo nome. As acusações, assim, são de plágio e, em seguida, de erros de gramática, indicações do rumo condenável que o jornal estaria tomando.

Um longo artigo publicado pouco tempo depois das notas, finalmente, traz elementos para esclarecer o problema entre as duas folhas. Citando

⁹² - Ver Herman Lima, História da caricatura no Brasil Rio de Janeiro: José Olímpio, 1963.
⁹³ - Tagarela, 1 de março de 1902.

⁹⁴ - Tagarela, 22 de novembro de 1902. Provavelmente era de Raul Pedemeiras.
⁹⁵ - Tagarela, 29 de novembro de 1902.

várias gramáticas, o Tagarela diz que o Rio Nu, "armado em cavaleiro andante das letras, mal sabe a triste figura que fez!". O tom, assim, não só é de simples ridicularização das respostas do Rio Nu, mas uma ridicularização que se faz de uma forma significativa - indicando erros de português e até de compreensão:

"(...) dissemos que 'filava desde as gravuras ao texto' e ela, a ilustrada redação, do alto das suas tamanquinhas de capitalista improvisado, declarou que cinco cá de casa já 'trabalharam para lá com remuneração pontual'..."

Mas houve um engano no entendimento da redação da folha; aquele filar refere-se às gravuras de carregação que importa do estrangeiro e leva a impingir aqui ao lado de texto emprestado pelos jornais baratos que também nos vêm lá de fora.

Vão vendo: o número que temos em mão traz na primeira página uma gravura do Sustige Blatter, de Berlim; nas páginas centrais: um cliché da Vie de Paris, um outro do Puck de Nova York, outro do Judge de Nova York, outro do Megendorfer's Blatter, de Munich e na última página um cliché de um jornal espanhol, Nuevo Mundo ou Gato Negro.

E isto não é filar?⁹⁶

A incapacidade de compreensão dos redatores do Rio Nu, somada aos erros de português e principalmente às acusações de plágio do próprio Tagarela e de jornais estrangeiros baratos, revelam uma impressão desprezível a seu respeito. Some-se a isto a definição da redação, que subiria nas "suas tamanquinhas de capitalista improvisado". A possível referência à nacionalidade luzitana do proprietário - provavelmente ao "Pereira" que estragava o dicionário "Moraes" - reforça o sentido xenófobo do registro dos portugueses que dominariam a imprensa brasileira na pura e simples busca de lucro⁹⁷.

Ao contrário da imagem que o Rio Nu criou para si mesmo em relação aos colegas sérios e moralizados e a um jornalismo "menor" que o copiava, aqui a folha assume uma outra conotação. É um jornal feito por "tristes

⁹⁶ - Tagarela, 6 de dezembro de 1902.

⁹⁷ - Ver sobre a predominância de portugueses proprietários de jornal, entre muitos outros, o registro de Gilberto Amado: "Hoje (...) não se faz idéia entre nós o quanto o Brasil era português. A imprensa estava, em grande parte, nas mãos de imigrantes lusos. Eram portugueses o gerente e o cronista do Jornal do Commercio, o cronista e o gerente do Correio da Manhã. Era portuguesa a direção da Gazeta de Notícias", Gilberto Amado, op. cit., p.34.

figuras" quando se metem a posar de "cavaleiros andantes das letras". A ridicularização se refere à intenção cara ao jornal de ser crítico e independente, através da denúncia de plagiar de jornais baratos como ele, enfatizando a sua composição portuguesa, e por fim, associando o preço baixo do jornal aos seus redatores, ignorantes de regras básicas de gramática.

Esta crítica parece ter atingido fortemente os redatores do Rio Nu, como se pode imaginar pela sua resposta de que muitos dos colaboradores eram os mesmos nos dois jornais. Indica-se a tentativa, mais uma vez, de que o Rio Nu fosse visto como parte da "autêntica" imprensa humorística. A defesa era verdadeira. Eurico Silva, por exemplo, que começara junto com o Tagarela, pode ser encontrado poucos anos depois como um importante desenhista e redator do Rio Nu. Foi ele, inclusive, quem representou o jornal no carnaval de 1906, desfilando pela cidade num landau e distribuindo uma edição especial do periódico⁹⁶.

Mas não era a veracidade da defesa que mudaria a opinião do Tagarela. Para o semanário, e muito provavelmente não só para ele, um jornal que se prestava a ser escrito por boêmios, literatos ou não, que apresentava em suas páginas figuras tiradas de jornais estrangeiros *baratos* não mereceria ser tratado como igual. O Tagarela era um dos jornais que cumprimentavam amavelmente o Rio Nu nos seus aniversários, o que não impedia que essa outra opinião ocorresse simultaneamente, sendo explicitada em certos momentos de confronto e provável disputa por parte de um mercado consumidor comum.

Sua crítica revela, antes de mais nada, que os esforços do Rio Nu para ser reconhecido não eram sempre convincentes. Isso porque, para além de ser um jornal de humor, com intenções críticas, ele não era um jornal restrito. Pelo contrário: parecia fazer um grande sucesso, e basicamente era esta a razão de tanto incômodo. Não o sucesso alcançado por méritos dos redatores, mas que se utilizava de meios "menores", como o humor malicioso, as exposições exageradas de corpos femininos, fofocas das zonas, ilustrações copiadas.

⁹⁶ - Pedido de licença ao segundo delegado auxiliar, assinado por Eurico Silva; Doc. de Polícia, pacote 179, caixa 5360, Arquivo Nacional, 1906.

Críticas como a do Tagarela deviam ser uma das maiores pressões sobre o Rio Nu, a julgar pelo seu esforço para se legitimar, que foi abordado ao longo de todo este capítulo. A outra pressão com certeza vinha da polícia, que algumas vezes apreendeu o jornal por estar muito "imoral" e uma vez chamou seu proprietário para que moderasse a linguagem⁹⁹.

As mudanças de orientação do jornal, no entanto, só serviam para que se comprovasse o sucesso de seu estilo malicioso. Em 1903, por exemplo, o redator que usava o pseudônimo "Erasmus" assumia a sua direção e anunciava uma mudança, deixando de lado "um estilo e uma linguagem há muito banidos do nosso jornal e que nunca foram, para ele, elementos de progresso". Em seguida, porém, reconhece que, enquanto vigoraram, trouxeram um "resultado, que felizmente não foi negativo"¹⁰⁰. Este reconhecimento, ainda mais por ocorrer momento em que se tenta modificar a imagem, é assim um forte indicativo da boa aceitação, por parte do público, do mesmo conteúdo e estilo que tanto desqualificaram o jornal diante de seus pares e que o levaram a sofrer, em alguns momentos, repressões policiais.

Menos de um ano depois, reassume a direção o próprio "Vagabundo", representativo de todo aquele estilo condenável, que já reaparece no seu artigo de retorno:

"(...) Concidadãos, e mais ainda, concidadoas! Não façam cerimônias porque o Rio Nu é como a mãe... Joana. Se vocês quiserem coadjuvar o camaradão velho que ora aguenta sem gemer... todo o serviço, peguem numa boa... pena e vomitem sobre as tiras de papel o leite condensado do talento de vocês, em troca do leite... de pato com que retribuirmos este esforço viril dos camaradas. E para que esse leite faça a multiplicação... do espírito e da verve, é necessário que vocês esfreguem bem a testa e comam linguíça com ovos"¹⁰¹.

⁹⁹ - No Correio da Manhã, 15 de dezembro de 1905, Edmundo Bittencourt acusa o ex-chefe de polícia Enéas Galvão de extorquir pessoas durante sua gestão na polícia. O Rio Nu aplaude o artigo e afirma ter sido perseguido durante sua gestão, em Rio Nu, 28 de janeiro de 1905. No Rio Nu, 19 de abril de 1905, noticia-se que o chefe "pediu que fosse modificada a linguagem e que não fossem publicadas gravuras livres". Ver também a crítica à medida no Correio da Manhã, 15 de abril de 1905: "A sagacidade policial não enxerga os moleques escrevendo nos muros e paredes e não vê agentes e inspetores de polícia lendo nos bondes folhetos pornográficos". Na visão do jornalista, portanto, o problema em torno da visibilidade da pornografia não seria resolvido com a apreensão circunstancial do jornal.

¹⁰⁰ - "Aos leitores", Rio Nu, 15 de agosto de 1903.

¹⁰¹ - Rio Nu, 3 de maio de 1904.

O estilo e a linguagem de Vagabundo voltam repletos de referências maliciosas, de reticências e termos que nem chegam a ser dúbios. Não é por acaso que o sentido do artigo, ao contrário de quando Erasmo assumiu a direção, seja de estimular a participação dos leitores no jornal. Enquanto retomava a intenção antiga de fazer do Rio Nu um espaço aberto à colaborações externas, o redator revela sua visão do verdadeiro sentido que o jornal teria para os leitores: menos um espaço de expressão de seus talentos literários; ao invés disso, "Vagabundo" esperava que em suas páginas fosse encontrada uma leitura excitante, sobrepondo-se a qualquer outra, a sua função "masturbatória".

Este era, portanto, o estilo que fazia sucesso no Rio Nu, apesar de suas tentativas circunstanciais de se conformar como um jornal mais humorístico do que malicioso. Mas era também este mesmo estilo que criava problemas com católicos como Hildebrando (pela sua exposição exagerada), com outros jornais de humor (pela sua "má qualidade") e com a polícia (pelos "excessos" de linguagem).

O episódio da polêmica com o Tagarela, assim, revela um dos momentos em que se expressa a preocupação do Rio Nu em aparecer como parte da imprensa humorística, e em que se percebe o quanto este reconhecimento era importante para os redatores do jornal. Ao contrário dos confrontos com outros periódicos, neste caso é possível identificar mais claramente qual era a principal resistência a que tal reconhecimento ocorresse: o Rio Nu representaria a tendência mais desprezível da imprensa, e era exatamente aquilo que o desqualificava frente a seus pares que o sustentava e o popularizava entre seus leitores. A ambiguidade do Rio Nu, que pode ser expressa nestes termos, o acompanhou por toda a sua existência.

O Sans dessous, nesse contexto, constitui um encaminhamento particular da ambiguidade representada pelo Rio Nu, por isso merece ser aqui situado. Surgia em fins de outubro de 1909, com redação na Avenida Central, impresso numa tipografia italiana e com título francês¹⁰². "Sans

¹⁰² - Era impresso na tipografia Italiana D. Batteli, localizada na rua hospício, 204; sua redação era na Avenida Central, 149.

dessous", que literalmente significa sem roupa de baixo, nada por baixo, era utilizado para se referir à nova moda de saias que cada vez mais revelavam as formas femininas. Por isso,

"Sans dessous despe também as saias convencionais e pesadas para vestir apenas os assuntos de transparência delicada da Crítica espirituosa e da Graça irreverente. (...)

Tudo quanto passar por esta coluna tem de ajeitar-se primeiro às exigências do título, despindo a roupagem pesada e aparecendo na elegância do Sans dessous"¹⁰³.

Elegância, graça e irreverência eram as palavras-chave do periódico. A intenção crítica, ao contrário do Rio Nu, se viabilizava pela afirmação da distinção social. Assim, ao lado de fotografias que flagravam as *demi-mondaines* pelas ruas e dos contos maliciosos, semelhantes aos do Rio Nu, encontravam-se colunas que tematizavam figuras importantes da política e das letras, flagrando-as ou supondo-as em situações, não raro, comprometedoras.

Seu aparecimento foi noticiado pela Fon-Fon, que publicou um poema onde Gaston d'Argy (Emílio de Menezes) saudava o "humorismo imortal" do Sans dessous¹⁰⁴ e uma nota que o caracterizava como um jornal "leve e bem feito"¹⁰⁵.

"O Sans dessous, redigido por um grupo de escritores de nome feito, veio incontestavelmente preencher uma lacuna, pois faltava ao nosso meio um jornal de gênero picante, feito, porém, com graça e bom humor, sem descer a escabrosidades."¹⁰⁶

Destaca-se o esforço em marcar um lugar diferenciado dentro do panorama da imprensa já existente. Ao contrário da acusação dos redatores do Tagarela àqueles que faziam o Rio Nu, estes redatores são saudados como "escritores de nome feito" - com isso, delineia-se um lugar no mercado para este "gênero picante" que não desce "a escabrosidades".

¹⁰³ - Sans dessous, 28 de outubro de 1909.

¹⁰⁴ - Sans dessous, 28 de outubro de 1909.

¹⁰⁵ - Transcrito em Sans dessous, 6 de novembro de 1909.

¹⁰⁶ - Fon-Fon, 30 de outubro de 1909.

A proximidade e troca de gentilezas entre o Fon-Fon e Sans dessous chegou a levar um periódico de Recife a sugerir que faziam parte da mesma empresa, mas Fon-Fon negou a informação:

"A empresa de Fon-Fon nada tem a ver com a empresa do endiabrado Sans dessous, que nem ao menos é composto, impresso ou encadernado nas oficinas de Fon-Fon.

O que não podemos negar é que os redatores de Fon-Fon e Sans dessous estão ligados por afetuosos laços de uma indissolúvel amizade."¹⁰⁷

A identificação entre os dois periódicos não era simplesmente um engano do jornal pernambucano. Talvez pela sua intenção de apresentar um humor irreverente mas principalmente elegante e distinto, Sans dessous não parece ter passado pelos mesmos problemas de aceitação que o Rio Nu, antes sendo saudado como parte da imprensa elegante e mundana.

A coluna "No dorso da luxúria" é significativa dessa sua intenção. Era assinada por "Ângelo Bitu", um pseudônimo comum na imprensa humorística¹⁰⁸. A interpretação de Jeffrey Needel a respeito da coluna "Binóculo" que Figueiredo Pimentel manteve na Gazeta de Notícias entre 1907 e 1914, pode ser útil para se entender esta seção do Sans dessous e suas pretensões.

Estudando a "cultura e a sociedade de elite" na Belle Époque carioca, Needel encontra na coluna de Figueiredo Pimentel, considerada pelos contemporâneos como o "árbitro da elegância", um aspecto definidor desta elite. Segundo ele,

"O 'alto mundo' carioca lia o 'Binóculo' porque ele enfatizava a identidade entre 'cavalheiro'(ou seja, membro da elite) e elegância (a exibição bem-sucedida das maneiras da sociedade franco-inglesa), e gostaria de usar esta última para indicar seu legítimo direito ao primeiro."¹⁰⁹

¹⁰⁷ - Fon-Fon, 26 de março de 1910.

¹⁰⁸ - Este pseudônimo foi originalmente utilizado por Olavo Bilac, Pedro Tavares e outros literatos no fim do século XIX na produção de um livro satírico de crítica ao prefeito do Rio de Janeiro e no começo do século XX, pelo cronista teatral do Malho Ver Raimundo de Menezes, Dicionário Literário Brasileiro, Rio De Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978, p. 113. e O Malho, 30 de janeiro de 1904.

¹⁰⁹ - Needel, p. 154, 155.

O autor, assim, chama atenção para a função do 'Binóculo' de viabilizar uma identificação entre membros da elite carioca a partir de códigos de comportamento e hábitos considerados elegantes. A seção "No dorso da luxúria" parecia ser uma tentativa de se levar as prescrições de elegância do "Binóculo" para situações e assuntos que não poderiam, por uma questão de moralidade, ser comentados na Gazeta de Notícias ou na Fon-Fon, mas também transformando-os em instrumentos de identificação entre homens de elite.

Por um lado, isso significava que a seção tratava de hábitos elegantes em situações "de alcova". Por outro, a ênfase na elegância (ou seja, na distinção) permitia que a seção fosse muito mais longe do que o Rio Nu jamais havia ousado, pelo menos até aquele momento, no que diz respeito à abordagem de assuntos que normalmente não deveriam ser tratados.

Em vários números, por exemplo, a coluna foi inteiramente dedicada ao lesbianismo, e à sua defesa como um hábito elegante. "Ora!... Que mal há nisso?", começa um artigo¹¹⁰. Em outro, Ângelo Bitu afirma que este é um hábito que torna as mulheres "mais requintadas", e que era um dos bens da civilização¹¹¹. E dirigindo-se ao leitor:

"Pois, meu caro curioso, 'isso' a que você chama de vício moderno está apontado em todos os livros que tratam da história da humanidade desde as mais remotas eras.

Sodoma e Gomorra tiveram fama por abusarem dele, e segundo a lenda do catolicismo arderam em chamas por causa dessa 'ignominia', quando a verdade é que foram vítimas de uma erupção vulcânica. O catolicismo tem dessas invenções, mas é a fonte fecunda desse vício sob a sua forma mais repugnante: o (sic) homossexualização. (...)

Não há, porém, o menor receio de que prejudique a sociedade. Esse terror é simplesmente estúpido ou... hipócrita."¹¹²

A "imoralidade" do Sans dessous permitia a abordagem de temas considerados condenáveis com uma seriedade "erudita" e elegante, baseando-se numa suposta origem clássica deles, ao mesmo tempo em que criticava a ignorância e a hipocrisia católicas sobre os novos tempos.

¹¹⁰ - "No dorso da luxúria", Sans dessous, 23 de dezembro de 1909.

¹¹¹ - Idem, *ibid*, 17 de fevereiro de 1910.

¹¹² - Idem, *ibid*, 24 de fevereiro de 1910.

Se no Rio Nu a linguagem livre que falava "do que não se diz" tinha uma intenção crítica e condenatória da dissolução dos costumes, a elegância e a distinção de Sans dessous eram utilizados para conferir um sentido positivo a essa "dissolução", pressupondo que certas práticas só deveriam ser facultadas a alguns. A forma como se abordou o lesbianismo, definindo-o como um aspecto da civilização, portanto associando-o a refinamento e requinte, é um exemplo de como o Sans dessous se posicionava de um modo diferente que o Rio Nu, ao considerar a condenação de certas "imoralidades" como mera expressão de uma hipocrisia "atrasada" da sociedade.

A irreverência, assim, voltava-se principalmente para a crítica de alguns dos hábitos cultivados pelo que Needel definiu como a "elite", e para a sua substituição por outros realmente civilizados, que denotavam bom gosto e delicadeza de espírito. Por isso, enquanto no Rio Nu era o Vagabundo que observava a sociedade criticamente e desmascarava hipocrisias, em Sans dessous era "Germaine", uma prostituta francesa que tinha como amantes, políticos e homens de posses, quem escrevia em seu diário notas críticas e desmascaradoras. Estranhava que coubesse a ela o equilíbrio do casamento de um de seus amantes, e ridicularizava os velhos cheios de dinheiro que não tinham classe, por exemplo¹¹³.

Assim, Sans dessous era dirigido a um público que se identificava, ou buscava se identificar com seus padrões de elegância e refinamento, como se percebe por esta nota, referente a um tipo de leitores assíduos:

"Sans dessous às quintas feiras regala e instrui o espírito pacato dessa boa gente abastada a que a elegância do *Binóculo* e dos *Pequenos ecos* dá o nome justo de *diários* de Petrópolis. (...)

Durante duas longas horas Sans dessous lhes serve de companhia agradável e galante; mas quando vão chegando... perto de casa, deixam-no ingratamente abandonado nos duros bancos dos carros da Leopoldina.

E se o leitor soubesse que entre esses amigos transitórios de Sans dessous há bem uns doze que assinaram o

¹¹³ - Sans dessous, 30 de dezembro de 1909, "Carnet de uma mundana" e "Cartas Paulistanas".

manifesto do Centro Católico, compreenderia perfeitamente a razão desse abandono (...)"¹¹⁴

A referência a "essa gente boa e abastada" não deixa dúvidas sobre o público masculino a que o periódico se dirigia e, principalmente, sua intenção de instruir divertindo. No estilo cultivado pelo jornal, o objetivo da nota é de ridicularizar a hipocrisia desses leitores, como faz "Germaine" com suas observações. Revela-se, assim, a inconveniência de que o periódico entrasse nos lares dessa gente "distinta", mas também que a hipocrisia poderia se referir ao movimento católico que condenava este periódico como "obsceno", tendo recentemente publicado um manifesto contra "manifestações pornográficas".

A coluna "Caixa postal de Sans dessous", na qual eram respondidas cartas e pedidos de leitores, hipotéticos ou não, também é útil para delinear os traços deste leitor a quem o periódico se dirige. À primeira vista, chama atenção as frequentes respostas a figuras políticas conhecidas, em geral as mesmas que dão assunto para os episódios galantes narrados nas outras colunas.

É possível encontrar nesta coluna nomes de deputados, como Érico Coelho, Barbosa Lima ou Passos de Miranda; ou de literatos como José Veríssimo e Carlos de Laet e até do chefe de polícia, o dr. Leoni Ramos. Para eles, geralmente, as respostas são irônicas ou críticas, como estas:

"Dr. Alcibíades Peçanha - As nossas colunas estão inteiramente à disposição de V. Ex.

Dr. Ataulfo de Paiva - Procure entre as fotografias que publicamos hoje, e talvez, encontre a pessoa que procura. Repare bem num grupo de quatro dominós sentados à uma mesa"¹¹⁵.

É claro que o irmão do presidente da República, que ocupava o cargo de secretário deste, quisesse colaborar no jornal, ou ainda que um conhecido político pedisse informações sobre um certo dominó que aparecera no carnaval daquele ano. O mais provável é que tais respostas fossem publicadas com um intuito de, por um lado, brincar com certas figuras

¹¹⁴ - Sans dessous, 24 de fevereiro de 1910.

¹¹⁵ - "Caixa postal de Sans dessous", Sans dessous, 17 de fevereiro de 1910.

políticas, e ao mesmo tempo definir seus leitores entre pessoas de prestígio social reconhecido, ainda que fosse para transformá-los em assunto de piadas.

Também eram comuns respostas dirigidas a mulheres, que podiam ser, por exemplo, prostitutas de luxo interessadas em deputados e literatos:

"Mme. T. B. - Não sabemos a residência do ilustre poeta a que se refere. Ponha um anúncio nos jornais e verá como ele a procura logo."¹¹⁶

"Germaine - Requeira à Câmara dos Deputados que decrete a sua vitaliciedade nas funções... junto aos membros daquela Câmara legislativa"

"Mme. Sans dessous - Ambos são casados e excelentes maridos... em casa. Na rua, eles mesmos declaram que só são casados... em casa."¹¹⁷

Com essas respostas, Sans dessous parece exercer o papel de uma espécie de alcoviteira de luxo. Respostas que, na verdade, revelam mais sobre os potenciais leitores do periódico e consumidores desta prostituição de luxo do que sobre as próprias prostitutas. "Germaine", por exemplo, é um nome constante no periódico, não só nesta coluna, como foi visto. Representando uma típica prostituta francesa, aqui ela aparece para brincar com os seus mais comuns e frequentes fregueses, os deputados. Do mesmo modo, "Mme. Sans dessous" aparece para evidenciar a moral que valoriza um comportamento "em casa" e outro fora dela, cultivada pelos homens que se interessariam pela revista, e pelas suas "leitoras".

Há também respostas para um outro tipo de leitora:

"Mme. P. C. - Somos gratos às elogiosas referências que V. Ex. faz a Sans dessous. Não nos permitimos a liberdade de oferecer-lhe nossas colunas porque estamos certos de que incorreríamos nas iras de seu digno marido".¹¹⁸

"Mlle. J. D. - V. Ex. errou a porta. Se publicássemos o seu instantâneo aqui, o seu ilustre papá, no mínimo, mandava meter-nos o pau."¹¹⁹

¹¹⁶ - "Caixa postal de Sans dessous", Sans dessous, 27 de janeiro de 1910.

¹¹⁷ - "Caixa postal de Sans dessous", Sans dessous, 9 de dezembro de 1909.

¹¹⁸ - "Caixa postal de Sans dessous", Sans dessous, 2 de dezembro de 1909.

¹¹⁹ - "Caixa postal de Sans dessous", Sans dessous, 28 de outubro de 1909.

As supostas leitoras, neste caso, são mulheres identificadas em função de seus pais e maridos, de cuja tutela estariam escapando ao se interessarem numa publicação como Sans dessous. Reforçando a imagem de ser uma revista para "homens", essas referências brincam com um suposto interesse que o jornal despertaria a outras pessoas, nem homens nem prostitutas, mas que também teriam pretensão a hábitos elegantes.

A presumida ingenuidade da Mlle. que envia sua fotografia para ser publicada ao lado das fotografias das mundanas conhecidas, é reveladora da leitura que os homens identificados com estes padrões de elegância fazem a respeito das mulheres "honestas". Numa situação em que as aparências confundem, são frequentes as tematizações de mulheres com uma reputação de honestidade a ser preservada que procuram se parecer com as aplaudidas e desejadas *demi-mondaines* - ingenuamente ou não.

Por fim, há um terceiro tipo de respostas que se referem a leitores mais reais, ou pelo menos mais verossímeis do que deputados, poetas, francesas ou mademoiselles aparentemente ingênuas. São as respostas ao envio de colaborações "literárias", como estas:

"Barão da Saudade (Rio) - A sua carta não pode ser publicada por ser livre demais.

Gabriel (Rio) - A sua 'Cena Aldeã' está bem feita, mas... é muito despida demais. Mande-nos coisa mais disfarçada e mandaremos publicar."¹²⁰

"Sederap - Seu soneto 'Para eles lerem' está deploravelmente errado. Vai para a cesta e... desculpe."¹²¹

Assim como ocorria no Rio Nu, havia dificuldades de definição dos limites do estilo irreverente e elegante para os leitores. Desenvolvendo as possibilidades da "malícia", aqueles que se aventuravam com suas contribuições não raro extrapolavam as liberdades do "gênero livre".

A última resposta, em especial, é ainda mais reveladora. O trabalho de Sederap é educadamente recusado por estar errado, o que, além de indicar a valorização de aspectos formais pelos redatores, pode levar um desavisado a imaginar que trata-se de um diletante que resolveu arriscar uns versos, despretensiosamente. Sederap podia ser um colaborador eventual,

¹²⁰ - "Caixa postal de Sans dessous", Sans dessous, 6 de janeiro de 1910.

mas não era novato no gênero livre. O mesmo pseudônimo pode ser encontrado como uma presença assídua nos concursos promovidos pelo Rio Nu, tendo inclusive ganho pelo menos um deles¹²², o que, de resto, revela a diferença de critérios dos dois periódicos.

A presença de Sederap, provavelmente um português (o pseudônimo é Paredes ao contrário) nos dois jornais é fortemente indicativa de que, para além das suas diferenças no que diz respeito ao público a que se dirigem - pelo menos intencionalmente -, na prática havia pelo menos uma parcela do público comum ao "gênero alegre", quer na sua vertente mais "elegante" ou mais "cáustica", um sinal do seu reconhecimento como um gênero à parte pelos próprios leitores.

Assim, Sans dessous, surgido quando o Rio Nu já contava mais de dez anos de existência, e já convivia há algum tempo com problemas em torno da sua aceitação, representava uma tentativa de solução diferente para eles. O problema que o Rio Nu enfrentou e, de certo modo, contribuiu para criar, dizia respeito à necessidade de se afirmar como um contraponto crítico e boêmio da imprensa séria e moralizada, e que não representaria ameaça à ordem familiar e social por ser restrito a um certo público. Para isso, tentou-se afirmar uma identidade para o jornal frente ao resto da imprensa, construída a partir de elementos que foram delineados, neste capítulo, em relação ao Rio Nu: a linguagem maliciosa, com vistas a estimular a imaginação dos leitores; o interesse por assuntos que denotassem um clima de dissolução moral, como adultérios, defloramentos, prostituição; por certos locais e formas de diversão, como botequins, teatros e a própria prostituição; e a afirmação positiva de certas qualidades "masculinas", em especial a virilidade, que toma formas específicas na figura do "Vagabundo".

No entanto, na sua existência concreta é possível encontrar vários sinais que desmentem esta imagem tão cultivada. O principal aspecto parecem ser as consequências da organização do jornal como uma empresa, em especial sua preocupação em atingir um público diversificado. Seus leitores e até seus colaboradores não correspondiam totalmente à imagem única do Rio Nu e, neste sentido, transformavam-no num espaço onde vozes

¹²¹ - "Caixa postal de Sans dessous", Sans dessous, 23 de dezembro de 1909.

¹²² - A recusa está no Rio Nu, 2 de novembro de 1910.

diferentes podiam ser ouvidas. Apesar de questionar uma identidade forjada para legitimá-lo frente a imprensa humorística, essa diversidade de leitores era fundamental para a própria sobrevivência do periódico, merecendo ser considerada.

Sans dessous, por sua vez, já começou afirmando um significativo caráter de distinção social. Por consequência, afirmava também a distinção de seu público e de seu conteúdo. Se tudo o que aparecia no Rio Nu era de antemão visto como pornográfico, tudo o que Sans dessous exibía em suas páginas era "sensual" (em oposição a obsceno); era para poucos. Por outro lado, Sans dessous se permitia a tratar de temas que também apareciam no Rio Nu, mas o fazia de uma forma significativamente diferente do seu colega alegre. Se a abordagem de certos assuntos "imorais" no Rio Nu era, na intenção dos redatores, quase sempre justificada pelo tom condenatório ou denunciador, no Sans dessous certos assuntos adquiriam um sentido explicitamente positivo, porque associados à afirmação de distinção social.

A diferença é encarnada pelos personagens que assumem essa intenção dos redatores: no caso do Rio Nu, o "Vagabundo", uma figura "popular" que destila críticas sociais e políticas; no Sans dessous, as prostitutas francesas, que ridicularizam os homens de elite, e encarnam um ideal de civilidade a ser seguido. Esta era, ao menos no nível da auto-imagem construída por cada um, a principal diferença entre eles.

Ambos, portanto, afirmaram ser restritos mas suas estratégias eram completamente diferentes. Embora tivessem sido proibidos sob a mesma acusação - obscenidade - pelo chefe dos correios, em 1910, suas respostas e intenções ao longo de suas existências foram forjadas em experiências diversas. Assim, por mais que considerasse o Rio Nu como um colega "espirituoso", o Tagarela não deixaria de vê-lo como um jornalismo "menor". Já Fon-Fon não hesitava em aplaudir Sans dessous, e para isto, deviam ser fundamentais o tom de elegância e a afirmação de distinção sempre reiterados.

Essa diferença de recepção pelo resto da imprensa permite que se estabeleça uma definição mais precisa dos leitores de cada periódico, pelo menos nas intenções dos redatores. Diferenciá-los genericamente não

significa restringir os periódicos a eles. No entanto, essa diferença na definição de um público alvo expressava, mais do que uma gradação da "imoralidade", a disputa por um espaço no mercado. No contexto da imprensa no começo do século, que já consolidara uma organização empresarial, a emergência de uma imprensa de "gênero alegre" dizia respeito ao desenvolvimento de certas estratégias para se atingir e garantir um público consumidor. Daí a importância das acusações de plágio, que denotam a disputa pela prerrogativa da originalidade. Ao mesmo tempo, a importância da discussão sobre a "imoralidade", tendo num primeiro momento, representado pelo Rio Nu, uma conotação inequivocamente negativa, sendo vista como um recurso "menor" para aumentar o número de leitores, ou na melhor das hipóteses, como um recurso para expressar uma visão crítica da sociedade e dos costumes. Com Sans dessus, passa a ter um sentido positivo, ao ser apropriada não apenas como marca de distinção social mas também como um importante instrumento de identificação entre homens de elite.

A disputa por mercados, era, assim, uma dimensão fundamental da discussão em torno dos limites da moralidade sexual na imprensa do início do século XX; jornais que se organizavam como empresas e se dirigiam a um público diversificado contribuíram de forma decisiva para a visibilidade da imprensa de "gênero alegre" - e a convivência com ela, não muito tranquila por parte de alguns grupos, contribuiu para a explicitação de outros problemas em torno da moralidade sexual e seus limites.

Capítulo 2 - Nos limites do obsceno

No conturbado período eleitoral daquele início de 1910, era difícil que qualquer notícia ganhasse mais destaque do que as que se referiam aos dois candidatos à presidência da República, Rui Barbosa e Hermes da Fonseca, e seus partidários. No entanto, ainda que por pouco tempo, todos os jornais que faziam parte da "imprensa grande e séria" da capital, como denominavam alguns periódicos humorísticos, deixaram de lado o embate eleitoral para comentar uma inusitada circular do diretor geral dos correios da República, que dizia o seguinte:

"Chamo a vossa atenção para o fiel cumprimento da circular desta Diretoria n. 39, de 28 de abril de 1903, e recomendo-vos que, nos termos do n.5 do art. 5o do regulamento atual, não façais distribuição nem expedição das correspondências que contenham desenhos ou publicações obscenas, notadamente os periódicos "Rio Nu" e "Sans dessous", publicados nesta capital e outros semelhantes impressos nos Estados.

Tais publicações, quando por descuido ou negligência dos empregados do Correio, chegarem a transitar em qualquer repartição postal devem, logo que forem apreendidas, ser imediatamente inutilizadas, de acordo com o n. 2 do art. 143 do regulamento.

O não cumprimento desta ordem por parte de qualquer empregado dará lugar à pena de suspensão estatuída no n.9 do art. 496, do regulamento vigente."¹

Assinada por Joaquim Ignácio Tosta, a circular era dirigida a todos os funcionários dos correios, e reiterava um dos artigos do regulamento postal vigente que determinava a inutilização de "correspondências que contenham artefatos, desenhos, publicações obscenas"². Os jornais diários se intrigaram com os misteriosos motivos que levaram o diretor dos correios a se lembrar do tal artigo exatamente naquele delicado momento político, e a citar nominalmente dois dos periódicos "obscenos". Por isso, não demorou para

¹ - Transcrito pelo Jornal do Commercio, na seção "Várias", 24 de março de 1910.

² - Ver artigo publicado no Jornal do Commercio, "O correio e as publicações imorais", em 4 de abril de 1910.

que a circular do correio se transformasse em mais uma polêmica nas páginas dos jornais "sérios" e em assunto fértil para os humorísticos.

Simultaneamente às prováveis intenções políticas por trás da medida (que serão vistas adiante), a investigação da polêmica gerada em torno da proibição do Rio Nu e Sans dessous pode revelar os contornos de um processo mais amplo: o próprio movimento de redefinição dos limites do moralmente aceitável no Rio de Janeiro do começo do século. Ao veicularem diferentes opiniões sobre a proibição, os jornais diários acabaram explicitando os critérios utilizados para definir o que consideravam obsceno. Principalmente, evidenciaram como questões morais podiam adquirir relevância e foros de um problema social. As diferentes opiniões a respeito da imprensa especializada num "gênero alegre" pode servir como uma entrada para entender como estes limites morais foram utilizados pelos próprios jornais proibidos em suas defesas, evidenciando sua fluidez. Enfim, descobrir em que termos se deu a polêmica em torno dos limites da aceitação e recusa dos "jornais alegres" pode revelar uma dimensão de conflito entre alguns dos critérios de julgamento moral do período.

As desconfianças dos jornais diários sobre motivações escusas da medida, de qualquer modo, não eram infundadas. Joaquim Ignácio Tosta, o diretor dos correios, não era apenas um funcionário público no cumprimento de suas funções burocráticas. Na mesma época em que exercia a função de diretor dos correios, era presidente de uma organização denominada Círculo Católico, que congregava várias associações religiosas. Este acúmulo de funções não escapou à imprensa, que logo identificou na circular a influência do Círculo.

Por outro lado, Tosta já fora deputado pelo estado da Bahia, não estando desvinculado das disputas políticas do período³. Baseando-se em acusações de fraude nas atas eleitorais que passaram pelos correios e que teria contado com a conivência do diretor católico, muitos jornais

³ - O Rio Nu publicou uma "Lápide Mortuária" do Tosta em 1908, que é esclarecedora da sua experiência política: "Quis ser eleito a 'muque' para o assento/ Da presidência - esplêndido e fofinho -/ Do Estado da Bahia./ Mas, foi tamanho o desapontamento/ Ao ver que o assento era de pinho/ Que, em vez de recolher-se a um convento,/Baixou, **tostado e frio**, à cova fria." Note-se a evidente referência a Pinheiro Machado, principal mentor da candidatura de Hermes da Fonseca. Ocupando o cargo de diretor dos correios durante o governo de Nilo

desconfiaram de intenções bem pouco religiosas para a circular moralizante⁴. Um articulista sugeriu que, por trás da desculpa dos motivos morais, o correio poderia censurar qualquer jornal que resolvesse publicar críticas ao governo⁵.

De resto, o Círculo Católico já enviara ao presidente Nilo Peçanha em janeiro daquele ano uma representação assinada por religiosos e por senhores católicos respeitáveis, dentre os quais o literato Carlos de Laet. Através daquele documento, o Círculo, em nome das organizações que representava, vinha chamar a atenção do presidente para o perigo da "publicidade de coisas pornográficas nesta capital", pedindo ao chefe da nação que tomasse as providências legais para coibir as ofensas ao "pudor público".

Nas preocupações do Círculo, a imprensa "obscena" merecia especial atenção:

"É de pública notoriedade, Exmo. Sr., o incremento que entre nós, e principalmente nesta cidade vão se tomando as exhibições teatrais e outras congêneres, e bem assim a imprensa despejadamente licenciosa, quer no livro, quer ainda com maior perigo nos semanários e jornais."⁶

Ao lado de "peças imoralíssimas" e "fitas cinematográficas, que com viva realidade deparam sensualíssimas torpezas", a imprensa "obscena" aparece como um dos muitos aspectos - dos mais graves - da pornografia que assolava a cidade. Por trás das manifestações de imoralidade citadas, o Círculo identificava ainda um "industrialismo em parte movido por maus estrangeiros"⁷ que na busca de lucros não hesitavam em afrontar o pudor

Peçanha (que apoiava a candidatura Hermes da Fonseca), Ignácio Tosta foi acusado de favorecer os hermistas.

⁴ - Ignácio Tosta chegou a publicar na Revista Postal, um periódico dos correios, um artigo se defendendo das acusações de fraude eleitoral, transcrito pelo Jornal do Commercio em 14 de abril de 1910, "Publicações a pedido - Pela verdade". Um articulista do jornal O Século, que comentou a defesa, não a achou satisfatória para esclarecer a "desbragada e grosseira politicagem" que ocorreria nos correios. Em sua defesa, segundo o articulista, Tosta comprovou sua honra e idoneidade pessoal, mas não explicou, por exemplo, o furto de livros eleitorais ocorrido nas repartições postais. Este articulista em particular não encontra relação entre as irregularidades e a proibição de expedição das publicações obscenas, a não ser na desmoralização da figura do diretor que provocaram. O Século, 14 de abril de 1910.

⁵ - "A censura postal - circular do dr. Tosta", O Século, 22 de março de 1910.

⁶ - "Contra a pornografia", Gazeta de Notícias, 7 de fevereiro de 1910.

⁷ - Certamente era uma referência a empresários como o italiano Pascoal Segreto, que enriqueceu explorando casas de diversões noturnas, teatros e cinematógrafos. Ver, por

público. A reclamação, assim, enfatizava os perigos da exibição das *coisas pornográficas* que saíra de qualquer possibilidade de controle; daí, por exemplo, a ameaça maior atribuída aos periódicos do que aos livros, já que estes últimos teriam uma circulação mais restrita.

Tentando sensibilizar o presidente para a necessidade de se estabelecer um controle público sistemático sobre esse "industrialismo", o Círculo advertia para os prejuízos morais que tais diversões poderiam causar:

"Como única satisfação aos brios do povo e à vigilância quase cega da autoridade, anuncia-se que a tais espetáculos não serão admitidos 'menores nem senhoritas', parecendo com isto inculcar-se que apenas a pessoas de pouca idade pode prejudicar o desvio e a infâmia de tais exhibições. Entra, porém, nesses antros de perdição o adolescente, em cujo organismo refervem paixões violentas e que assim tristemente desvairam e viciam; entra o homem do povo, que lá desaprende a pureza do lar doméstico e por malsãos apetites é atirado aos gozos ilícitos; entra, finalmente, o estrangeiro curioso dos nossos costumes e que lá fora irá dizer que no Brasil às escancaras se pratica o que em outras cidades só por abuso e escondidamente se perpetra."⁸

A iniciativa por parte dos próprios realizadores dos espetáculos de restringir seu acesso através de anúncios não era suficiente para afastar um público vulnerável a seus efeitos perniciosos. Daí a necessidade de um controle efetivo que atentasse para estes espectadores e que fosse exercido pelo poder público. Os que se deixariam desviar pelos apelos da "pornografia", segundo o Círculo, seriam os adolescentes, já naturalmente predispostos; o homem do povo, desviado das práticas amorosas lícitas, e, finalmente, o estrangeiro, que teria uma péssima impressão do país.

Tenta-se, desta forma, conferir uma relevância social para o problema. O tema do homem do povo que se desvia da segurança e da ordem familiar

exemplo, Gilberto Amado, op. cit., p.12, sobre a exibição de "filmes obscenos" no Pavilhão Internacional, de Pascoal Segreto; o Pavilhão é chamado, n'O Século, de um "barracão indecente, em que se explora o negócio de cinematógrafos", "O barracão da Avenida", O Século, 21 de abril de 1910. Os distribuidores do Rio Nu e de vários outros periódicos da capital, Henrique Tocci e Luiz Manzollilo, também eram italianos: Rio Nu, 5 de abril de 1913. Não se deve esquecer, no entanto, de que a referência também podia se aplicar aos portugueses que monopolizavam a imprensa no período. Ver Nelson Werneck Sodré, A história da imprensa no Brasil Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966, p.319 e Gilberto Amado, op. cit.

caindo nos "gozos ilícitos" já foi identificado pela bibliografia que aborda este período como uma questão fundamental para os poderes públicos nos seus esforços de estabelecer um controle social sobre as "classes populares". Ameaçando a existência de bons trabalhadores e pervertendo jovens já predispostos, as peças e fitas licenciosas seriam também uma ameaça à organização interna do país⁸. A boa imagem da capital frente ao exterior configura uma preocupação de previsível apelo numa época em que a cidade passava por uma profunda reformulação urbana como parte de um esforço de construir uma capital da República aparentemente civilizada e cosmopolita para atrair capitais estrangeiros¹⁰.

Para reforçar esta argumentação, foram frequentes as referências ao código penal, no artigo das ofensas ao pudor público, além de leis e regulamentos aduaneiros e postais quando prevêm repressão às mercadorias e impressos "evidentemente obscenos". Com isso, buscou-se dar uma forma laica ao problema, para que fosse tratado como uma questão social, e não apenas moral ou religiosa. Dado o anticlericalismo visível na imprensa deste período, dissociando catolicismo e República, a estratégia do Círculo é bastante compreensível. Só que não funcionou.

Se a representação ao presidente não foi bem comentada, muito menos a circular proibitiva expedida pelos correios. De modo geral, a recepção foi extremamente satírica, e os jornais enfatizaram exatamente os

⁸ - "Contra a pornografia", Gazeta de Notícias, 7 de fevereiro de 1910.

⁹ - O jurista Viveiros de Castro em 1894 atentava para os perigos representados pelas "peças de uma imoralidade revoltante", ao lado da ameaça dos "livros pornográficos (que) têm um consumo enorme e muitos negociantes enriquecem vendendo gravuras e objetos imorais"; Viveiros de Castro, Atentados ao pudor (Estudos sobre as aberrações do instinto sexual) Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1943, , 4ªed., p. VIII (Introdução à 1ªed. de 1894), apud Margareth Rago, op. cit., p. 143. Para a análise das intenções dos juristas em prescrever uma política sexual para que as famílias produzissem "cidadãos ordeiros, trabalhadores, e não só parentes", ver Martha de Abreu Esteves, op. cit., em esp. p.36 e 37, sobre esta obra de Viveiros de Castro. Ver também Sueann Caulfield, op. cit.

¹⁰ - Jeffrey Needel, op. cit., mostra que a reforma urbana, do ponto de vista da elite, significava uma demonstração do potencial brasileiro para "se unir à uma triunfante Civilização universal", mas, ressalta o autor, "triunfou a antiga predisposição colonial para a assimilação de aspectos, tecnologias e valores europeus, e as contradições e pressupostos implícitos na *belle époque* carioca se concretizaram", p. 73; Sidney Chalhou, mostra que o processo de reformulação urbana foi calcado em escolhas políticas, que significaram uma escolha sobre os grupos sociais que arcariam com seus custos. Sidney Chalhou, op. cit., esp. capítulo 1. O que significava esta "Civilização", porém, não era um consenso entre a própria "elite", e as divergências vêm à tona especialmente quando se discute a questão da "imoralidade", que para muitos, era um ideal encarnado por Paris.

supostos interesses religiosos do manifesto para criticá-lo¹¹. Das folhas diárias publicadas no Rio, apenas o Jornal do Commercio deu publicidade aos defensores da medida postal.

À parte os raros artigos de defesa da medida, as únicas manifestações de apoio vieram previsivelmente de algumas organizações católicas. O próprio Círculo, em reunião, aprovou uma moção de aplauso ao dr. Tosta. Segundo o jornal que noticiou a reunião, Tosta agradeceu explicando a legalidade do seu ato, e argumentando que não via incompatibilidade entre suas crenças religiosas e atribuições públicas, o que já indica o teor dos questionamentos levantados pela imprensa¹². A União Católica Brasileira, "associação composta, na sua maioria, de acadêmicos das nossa faculdades superiores", também enviou ao Tosta uma moção de aplauso e solidariedade¹³.

Na sua maioria sem trazer assinaturas, os artigos de defesa publicados no Jornal do Commercio reforçavam a estratégia da representação, destacando a necessidade de um controle leigo e republicano para os periódicos "obscenos"; citavam legislações penais, postais e as comparavam com a de outros países - inclusive a convenção postal de Roma e a União Postal Universal - tentando dar um caráter internacional ao problema. Nisso, aliás, tinham a seu favor um congresso a respeito da repressão às publicações pornográficas previsto para ocorrer na França naquele mesmo ano e do qual participariam representantes de vários países¹⁴.

Mais que nas citações de leis e regulamentos, porém, são nas caracterizações dos periódicos proibidos pelos artigos que se encontram os primeiros indícios daquilo que os católicos consideravam tão ameaçador. A Província do Pará, por exemplo, em comentário transcrito no Jornal do

¹¹ - Ver, entre outros, o comentário da Fon-Fon à representação, intitulado "Argueiros por cavaleiros", que dizia que o Círculo estava dando importância demais à questão da imoralidade. Para o Círculo Católico, diz o cronista, "a Moral (...) é o temor de Deus e do Diabo, a obediência passiva à padaria, a sujeição absoluta à igreja." Fon-Fon, 1 de janeiro de 1910.

¹² - Jornal do Commercio, 24 de março de 1910.

¹³ - Jornal do Commercio, 21 de abril de 1910.

¹⁴ - O Brasil enviou como representante o dr. Souza Bandeira, jurista e homem de letras. Ver Gazeta de Notícias, 17 de fevereiro de 1910.

Commercio, estranha que as "páginas excessivas do Sans dessous" encontrassem defensores dentro da própria imprensa:

"Ligar a arte gráfica à tarefa vil de perpetuar prostitutas e turpitudes (sic), marafonas e maxixes, eis o que se nos afigura a mais aviltante das tarefas(...)"¹⁵

A proibição do jornal Sans dessous, tido como um "opúsculo indecente" que existia para dar publicidade a prostitutas e maxixes só poderia mesmo ser confirmada pelo juiz que recusou recurso impetrado pela empresa proprietária do periódico. O artigo revela, em primeiro lugar, o incômodo causado pela ampla circulação do jornal, inclusive em outros estados; ao mesmo tempo, é relevante que a estratégia do articulista seja desqualificar este tipo de publicação, desconsiderando-o como parte da imprensa, a despeito dos esforços dos próprios periódicos para serem legitimados.

O mesmo pensava o autor de um artigo que argumentava que, diante de jornais que fazem a "provocante apoteose do meretrício e do vício" nem se deveria cogitar pensá-los como manifestações de algum valor artístico ou literário¹⁶. Pelo contrário, a própria existência destes jornais e principalmente o sucesso que causavam nada mais seriam que atestados da decadência dos costumes contra a qual era preciso reagir.

Outro, preocupado com a questão e lendo o artigo referido acima, também resolveu contribuir para a defesa da circular. Procurando separar liberdade de imprensa de abusos licenciosos, o autor chama atenção para o poder de um veículo de informação como os jornais; seria patente o perigo representado por esses periódicos que não passariam de

"órgãos oficiais da prostituição, de cujas desventuradas vítimas o Sans dessous tem publicado fotografias, inteiramente desnudas, em poses e atitudes provocantes, fazendo assim o torpíssimo reclame do meretrício, com grande gaudío dos miseráveis que exploram o lenocínio (...)"¹⁷.

¹⁵ - "Publicações a Pedido", Jornal do Commercio, 19 de abril de 1910. O jornal A Província do Pará era de propriedade do senador Antônio Lemos, que tinha ligações com associações católicas, tendo-se feito representar no "Congresso dos jornalistas católicos", promovido pouco antes da circular proibitiva pelo "Centro da Boa Imprensa", uma das organizações que apoiava o Círculo Católico.

¹⁶ - "O Correio e as publicações imorais", Jornal do Commercio, 31 de março de 1910.

¹⁷ - "O Correio e as publicações imorais", Jornal do Commercio, 4 de abril de 1910.

Mais uma vez retoma-se o tema da propaganda da prostituição, e não por acaso, a referência é ao Sans dessous, que possuía uma seção intitulada "Poses e atitudes" na qual apareciam fotografias das "desventuradas vítimas" da prostituição, que tanto horrorizaram os católicos. Pelo seu conteúdo condenável, periódicos como Sans dessous não mereceriam o apoio de outros jornais nem poderiam usar a liberdade de imprensa em sua defesa, já que sequer fariam parte dela.

Por fim, é importante destacar o artigo publicado por um certo Luiz Christiano de Castro que se deteve particularmente sobre a legalidade do ato do diretor dos correios. Ao criticar a ação proposta na Justiça pelo proprietário do Sans dessous para invalidar a circular, este autor parece condensar em sua argumentação o pressuposto de todas as defesas da medida que apareceram na imprensa. Logo de início define a Sans dessous como "o molde pornográfico de maior relevo nas letras e desenhos licenciosos", sugerindo assim seu sucesso junto ao público consumidor dos jornais de "gênero alegre".

Após entrar no mérito legal da questão, defendendo que a atitude dos correios independeria de uma criminalização prévia dos periódicos pelas instâncias judiciárias, o autor explicita qual, na sua opinião, seria a contribuição da medida postal. Para ele, seu alcance prático

"reduz-se a cercear no espaço os perniciosos efeitos morais, procedentes de publicações ou desenhos obscenos, ultrajosos ao pudor, e que, pela sua facilíssima compreensão, jamais hão de escapar à apreciação de quaisquer espíritos, ainda mesmo os menos cultos e por mais elementar ou mais baixo que seja o nível da sua evolução cerebral."¹⁸

A ameaça é apresentada, mais uma vez, em termos da ostensividade dos periódicos, possibilitando a publicidade da pornografia e das prostitutas, aspectos já levantados pelos artigos anteriores. Em seguida, no entanto, Castro revela que a exposição de um conteúdo "grosseiro e baixo" é ainda mais perigosa por possibilitar que certas pessoas - de "baixa evolução cerebral" - tenham acesso a ele. Referindo-se a um público consumidor potencial para o qual o conteúdo dos periódicos seria inapropriado, o autor

¹⁸ - Luiz C. de Castro, "A circular dos correios", Jornal do Commercio, 12 de abril de 1910.

traz à tona o motivo principal da preocupação com a sua exibição pública. Não é por acaso que a maioria dos artigos centrou sua argumentação na inconveniência não tanto do conteúdo em si - talvez por achar que por si só já era condenável - mas de serem transmitidos por veículos de imprensa - ampliando as possibilidades de publicidade¹⁹.

O fato da proibição ter partido dos correios pôde trazer o aspecto da distribuição dos periódicos para o primeiro plano, reforçando o ponto central do manifesto católico dirigido ao presidente Nilo Peçanha: o da publicidade das coisas pornográficas. Ao destacar a "facílma compreensão" propiciada pelos periódicos proibidos, Castro revela porque eles ameaçariam não apenas senhoritas e menores, mas também os adolescentes e o homem do povo, recuperando os termos usados pela representação do Círculo Católico, ou, nos seus próprios termos, aqueles "espíritos menos cultos".

Para os defensores da proibição, o ato administrativo do diretor Tosta, para além do alcance prático relativamente restrito, teria a nobre função de estimular outros setores do governo, como a polícia e a alfândega a também tomarem atitudes efetivas contra a disseminação da pornografia na capital republicana²⁰. Afinal, seria da competência da polícia, por exemplo, o controle ou a própria proibição da venda avulsa de tais publicações, esta sim, uma situação de ameaça moral muito maior que a distribuição postal, dirigida principalmente a assinantes. As preocupações do autor aparecem, portanto, em torno da necessidade de controle de um comércio.

Nesse sentido, é significativo o empolgado final de outra defesa da circular em que o autor deposita sua confiança na atuação dos poderes públicos:

"Não é possível que fique apenas em começo uma cruzada tão bela, tão digna do amparo do Governo, tão

¹⁹ - O jurista Gilberto Ribeiro de Sabóia, em 1896, ao analisar a legislação penal referente ao lenocínio, chama atenção para a necessidade de "educar a mulher" e "educar o povo", e ressalta os perigos das "mulheres de cérebro fraco entregando-se desordenadamente à leitura de romances de um erotismo perfumado e traiçoeiro"; Gilberto Ribeiro de Sabóia, O lenocínio Rio de Janeiro: Tip. lit. de Carlos Schmidt, sucessor de H. Lombaerts, 1896, p. 20. Note-se, com isso, as semelhanças entre o debate sobre o lenocínio e sobre as publicações "imorais"; no caso deste autor, reforça-se a visão de que um estimularia o outro, dado o pressuposto comum ao jurista e ao articulista sobre os "cérebros fracos" de certas pessoas, principalmente mulheres - o que parece ser um consenso entre juristas e católicos.

²⁰ - Ver, por exemplo, "O Correio e as publicações imorais", Jornal do Commercio, 31 de março de 1910.

merecedora de que, para seu completo triunfo, concorram harmoniosamente, em indestrutível sinergia de esforços, todas as classes sociais, sem distinção de crenças religiosas ou convicções partidárias."²¹

Apesar do apelo à união suplantando diferenças religiosas ou partidárias, a imagem da cruzada traz a inequívoca conotação católica, e o mal disfarçado desejo de liderança do processo. Por mais que toda a retórica deste e dos outros artigos estivesse voltada para uma abordagem leiga do problema, a inspiração católica não se esconde.

Os articulistas da imprensa diária perceberam bem essa inspiração religiosa. Mobilizaram todo o seu arsenal de piadas anticlericais para falar das organizações católicas e da própria figura do diretor dos correios. Nos editoriais, a imagem da "cruzada" que harmoniza diferenças foi destruída pela imagem da postura inquisitorial e persecutória encarnada pela figura do diretor dos correios. Além disso, lembravam os editoriais, havia dificuldades práticas. A medida era vista como inexecutável para um correio que mal tinha estrutura para realizar sua função primeira de fazer a correspondência chegar ao destino desejado²².

Os próprios artigos de defesa publicados na imprensa diária dão a perceber a principal crítica vinda da grande imprensa: questionava-se, antes de mais nada, a legalidade de uma atitude que, à primeira vista, caberia ao chefe de polícia tomar. O dr. Leoni Ramos, que ocupava o cargo, não só não se mostrava disposto a colaborar com a "cruzada" contra as imoralidades, como não hesitou em firmar uma certidão que garantia a legalidade e o livre trânsito do jornal Rio Nu na capital da República, a requerimento de seu proprietário²³. A imprensa diária do Rio, portanto, mostrou reiteradas vezes que não levava muito a sério a medida postal, ironizando o que considerava uma exacerbação dos sentimentos pudicos do diretor dos correios²⁴.

²¹ - "O Correio e as publicações imorais", Jornal do Commercio, 4 de abril de 1910.

²² - As repartições postais inclusive acabavam de passar por uma profunda reforma administrativa justamente para atenuar essas grandes dificuldades práticas. Ver os comentários do articulista do jornal O Século, 22 de março de 1910.

²³ - Rio Nu, 23 de abril de 1910 e Jornal do Commercio, 24 de abril de 1910. A certidão dizia: "Certifico, em cumprimento do despacho retro, que o periódico denominado Rio Nu tem livre circulação na capital da República", e era datada de 18 de abril de 1910. Note-se que o chefe só se referiu à circulação na capital, nada dizendo sobre os estados, sobre os quais recaía a proibição dos correios.

²⁴ - A charge publicada no Malho, 9 de abril de 1910 representava Tosta coberto por uma folha de parreira, com a inscrição: "pudicícia postal"; o jornal O Paiz publica na seção

Apesar da predominância das ironias, piadas e charges, no entanto, os redatores não se furtaram a expressar também seriamente suas ressalvas à decisão do Tosta. O posicionamento contrário do Correio da Manhã, por exemplo, é representativo da reação do resto da imprensa carioca. Aos primeiros boatos sobre a circular, sem saber ainda do seu conteúdo exato, o jornal já levantou uma série de ressalvas à medida: desde a dificuldade de definição de critérios para o que seja "obscenidade" até a suposta confusão entre as atribuições administrativas e religiosas do diretor dos correios²⁵. A coluna "Pingos e respingos", de responsabilidade de Bastos Tigre, ridicularizou-o pessoalmente, insinuando motivações partidárias da medida²⁶.

Estas críticas, no entanto, não impediram que Tigre expressasse sua concordância quanto ao objetivo geral da medida:

"Admite-se, e é mesmo de boa regra, que o Correio confisque fotografias, estampas e cartões abertos com figuras ou dizeres obscenos: é pornografia ostensiva, e basta isso para ser evitado o seu curso. O que não está, nem de forma alguma estará na alçada do sr. Tosta é conhecer até que ponto uma publicação é obscena ou deixa de ser".

Na sua argumentação, o autor lida com uma diferenciação entre o "obsceno" e a "pornografia", esta sendo a manifestação concreta daquele. Assim, Tigre pode concordar com o pressuposto que informou a medida dos correios ao mesmo tempo em que cria uma brecha para se questionar a capacidade do diretor em definir, não o que é pornográfico, mas quais seriam os limites do obsceno. Essa diferenciação entre os termos, que abre a possibilidade de discutir a medida proibitiva, talvez tenha uma relação com o fato de o próprio autor ter colaborado no Rio Nu, nos primeiros anos do jornal²⁷.

Outro artigo, publicado poucas semanas depois, aprofunda a discussão a respeito da necessidade de controle e repressão das manifestações pornográficas, inserindo as preocupações do diretor dos correios num contexto mundial, como fizeram os defensores da circular.

"Atualidades" uma carta com um selo "pró-pudor", seguindo um texto que sugeria que Tosta aumentasse progressivamente o preço do selo para diminuir a quantidade de correspondências, e por consequência, de correspondências obscenas, como forma de restituir às repartições postais "a pureza tão almejada", O Paiz, 10 de abril de 1910.

²⁵ - Correio da Manhã, 23 de março de 1910.

²⁶ - "Pingos e Respingos", Correio da Manhã, 4 de abril de 1910.

Segundo este articulista, a campanha esboçada no Brasil teria partidários respeitáveis nos países civilizados. Citando o senador francês Béranger, famoso pela sua luta contra a pornografia, o autor deste artigo enfatiza o envolvimento de pessoas dos mais diferentes princípios políticos na luta contra a pornografia. Queria com isso dizer que este não poderia ser, no Brasil, um problema restrito aos católicos, sendo esta, aliás, uma das poucas opiniões que apareceu na imprensa semelhante à dos próprios militantes católicos.

Para o autor deste artigo, o controle da pornografia é apenas um aspecto da necessidade de controle de "idéias nocivas ao equilíbrio social":

"A pornografia alastrou-se; tomou por feudo a imprensa e o teatro, entendendo-se por imprensa o jornal e o livro, a notícia e o conto literário, a exploração de desgraçadíssimos acontecimentos registrados nos arquivos policiais ou desdobrados em folhas de processos escandalosos, e a explanação, sob formas literariamente cuidadas, com frases de arrebique e em geral vazias e de senso comum, das doutrinas mais subversivamente demolidoras do recato e da honestidade dos lares."²⁷

A preocupação com a disseminação da pornografia relaciona-se aqui com o "escândalo das informações", consequência do desenvolvimento de uma imprensa que explora de forma sensacionalista os mais diversos assuntos. A associação entre pornografia e sensacionalismo, manipuladas pelos redatores do Rio Nu quando tentaram construir sua identidade frente ao resto da imprensa, é feita de forma a conferir uma ampla dimensão ao comércio cuja regulamentação estava em questão. Mais uma vez, o cerne do problema é a ostensividade; é ela que aproxima a pornografia do sensacionalismo na argumentação do autor, transformando-os em aspectos de um problema maior envolvendo a imprensa como um poderoso veículo de informações. A pornografia, assim, passa a carregar uma significação mais ampla - mas que sempre começa seus efeitos morais danosos ameaçando o "recato" dos lares; a partir daí, configura-se como um perigo social.

A forma como o Correio da Manhã abordou o episódio da proibição

²⁷ - No Rio Nu, Bastos Tigre foi "Mané Fossa"; Raimundo de Menezes, Bastos Tigre e a Belle Époque São Paulo: Edart, 1966, p. 391.

²⁸ - Eugésio Silveira, "O que vai pelo mundo", Correio da Manhã, 8 de abril de 1910.

revela que, por trás das ridicularizações, em alguma medida alguns dos pressupostos católicos faziam muito sentido para outras opiniões que não eram religiosas. A ameaça à família e, por consequência, à própria organização social que certas publicações representariam ao serem veiculadas sem restrições parece ser reconhecidamente o ponto principal no qual a circular se baseou. Que esta é a ameaça concordaram - em tese - os articulistas do Correio da Manhã. As divergências começam quando se explicitam os significados que o termo "obscenidade" carrega.

Os outros jornais seguiram este movimento do Correio, referindo-se ao problema da pornografia como parte de problemas mais gerais. Por um lado, podia ser vinculado a espetáculos de caráter público sobre os quais não havia uma preocupação sistemática de controle por parte da polícia, como os cinematógrafos ou os teatros. De outro, relacionava-se com práticas condenáveis que a própria imprensa diária e séria lançava mão, de explorar casos de adultério, violência e tragédias pessoais em geral que, como "maus exemplos", contribuiriam para solapar o já frágil edifício moral das classes populares. Ambas as vinculações reforçam a idéia do perigo que certas manifestações continham por não serem "cerceáveis a um certo espaço", como disse um articulista, e por isso eram utilizadas por todos os lados envolvidos na polêmica.

Também assumindo uma postura crítica diante da medida do diretor dos correios, o cronista que assinava F. V. discutiu seriamente a motivação da proibição no jornal O Paiz:

"Ninguém negará que seja ótimo e excelente opor barreiras à pornografia. (...) É preciso escolher, porém, sensatamente, os meios de fazê-lo."²⁹

E, apesar de concordar com a existência do problema, explicita sua discordância quanto aos meios:

"De que vale estas e aquelas publicações obscenas não poderem circular pelo correio se elas penetrarão, de mil maneiras, quase em toda parte, se elas andam pelas esquinas, pelas portas, livremente expostas aos olhares e aos tostões do respeitável público? (...)

²⁹ - "Três Tiras", por F. V., O Paiz, 9 de abril de 1910.

Meu Deus: pois se há publicações obscenas que não podem transitar pelo correio, essas publicações não devem ser, de modo algum, mantidas. É a mesma história das armas, do veneno, do álcool, de mil coisas."

A crítica do autor serve muito bem para evidenciar sua preocupação, compartilhada com todos os homens que até agora se manifestaram sobre o problema. A proibição do trânsito nos correios não impede a existência da verdadeira ameaça, que consistia na exibição indiscriminada dos periódicos em questão pela ruas, quando atingiriam um público não tão "respeitável" assim - o que, a julgar pelo preço, um tostão no caso do Rio Nu, e dois tostões, para o Sans dessous, e pelas várias formas de distribuição, era tarefa fácil.

Porém, ao invés de seguir desafiando a ladainha sobre os problemas do fácil acesso às publicações, este autor se desvia do argumento predominante até aqui, e associa os periódicos obscenos às armas, ao veneno e ao álcool. Os três elementos estavam cotidianamente presentes nos jornais, que tinham como assuntos mais recorrentes os crimes, os suicídios com venenos e as desordens públicas e tragédias familiares geradas pelo alcoolismo.

O interessante é que esta relação é feita não apenas em função dos efeitos sociais perniciosos que todos eles provocariam, mas principalmente, em função da conivência ou da permissão que possuem das autoridades. Afinal, lembra o autor,

"E os interesses econômicos do Estado? E a renda das alfândegas? E os impostos? E o interesse dos industriais? Há crime, há tuberculose, há loucura? Em compensação, há penitenciárias, hospitais e manicômios."

A inserção da pornografia num contexto mais geral de atividades lucrativas serve à explicitação de uma suposta hipocrisia por parte das autoridades; o estado de decadência moral, visto por muitos como sinal - neste caso, negativo - da civilização, tem aqui uma origem intencional, de natureza econômica. Este autor, de forma inédita, explicitou a dimensão comercial e lucrativa para a manutenção dos jornais. Enfatizando este aspecto, e relacionando essa imprensa a outros males, como a loucura e a tuberculose,

subentende-se que seu perigo era pensado em termos de um "contágio moral" - e a saída, como no caso da loucura, seria o cerceamento no espaço.

Em alguma medida, a concordância de fundo entre todos permanece, pelo menos no que diz respeito ao reconhecimento da "pornografia" como uma ameaça moral - ainda que não se concordasse com a sua definição. Como um dos desdobramentos dessa concordância, destaca-se a aceitação implícita em todos os autores, do papel do poder público como controlador e censor. Este podia ser, inclusive, um dos motivos que levavam ao questionamento da medida - ela seria uma tentativa de tutela religiosa, e não um controle de motivações "administrativas" e portanto, "neutras".

Além da crítica às motivações religiosas, por trás deste reconhecimento está também a concordância sobre a incapacidade de uma parcela do público avaliar o que lhe chegava através do teatro, do cinematógrafo ou dos periódicos. Esta idéia pode ser encontrada já de forma explícita na representação católica, que define este público indesejável o "homem do povo", "as senhoritas" e "os adolescentes" - em comum, precisariam da tutela de "homens ilustrados", ou do próprio Estado para que fossem "protegidos" da "pornografia" que se alastrava, como definiu o articulista do Correio da Manhã.

Este autor, aliás, ao encerrar sua argumentação, convida o leitor a imaginar o que aconteceria se sua mulher ou filha resolvesse seguir o exemplo das heroínas das peças teatrais em cartaz, em geral mulheres levianas e adúlteras, que propagandeiam o "amor livre"³⁰. O leitor é assim, implicitamente, chamado a exercer uma função de censor do próprio lar, em relação às mulheres dependentes dele. Com isso, o cronista confere ao problema uma dimensão privada, capaz de atingir pessoalmente o leitor e seus interesses mais domésticos³¹.

³⁰ - "O que vai pelo mundo", Correio da Manhã, 8 de abril de 1910.

³¹ - Este medo parecia ser dos mais recorrentes. Um cronista do Filhote da Careta, a este respeito, comentou sobre um filme pretensamente moralista, em que a protagonista deixa para trás um lar miserável, um pai doente e um filho pequeno - com toda a razão, segundo o cronista - fazendo-se artista e vivendo a "vida livre do prazer". Depois de abandonada pelo amante, cai na miséria e volta ao lar. A tentativa de se mostrar que a rapariga não deveria seguir um "mau caminho" seria, aos olhos do cronista, "odioso e contraproducente". Principalmente porque, ao sair do cinema, o autor encontra "gloriosa, radiosa, simpática e irresistível a Ab-del-Kader, a formosa dançarina do *Moulin Rouge* que fazendo o mesmo que a outra é rica, nobre, amada e incomparavelmente feliz!". Numa sociedade em que a realidade só confirmaria a opção pelo "mau caminho", a influência nefasta do cinematógrafo

Esta idéia da incapacidade de discernimento de certos leitores e leitoras, por outro lado, está presente numa das ressalvas mais recorrentes à proibição, que questiona a capacidade dos funcionários dos correios para definir o que seria ou não obsceno. Medeiros e Albuquerque, que escrevia na Gazeta de Notícias, foi um dos que melhor desenvolveu este questionamento:

"Um cartão postal com a reprodução de Vênus de Milo é imoral? A imensa maioria responderá prontamente que não, alegando que se trata de uma obra de arte. Mas é bom não se esquecer que, por sua vez, a imensa maioria dos carteiros não conhecem a história dessa estátua. Para um homem simples do povo que lhe vir o retrato, será pura e simplesmente a estátua de uma mulher nua. - Cai na proibição do diretor dos correios? É preciso saber."³²

Medeiros e Albuquerque só apoiaria a medida postal se ela se referisse às "publicações aparentemente, visivelmente, exteriormente obscenas", ou seja, o que Bastos Tigre qualificara como "pornográficas". O exemplo da Vênus de Milo não é casual; ela permite que o autor diferencie o leitor que sabe identificar a obscenidade daquele que não sabe a partir de um conhecimento prévio da "história dessa estátua"; a suposta ignorância dos carteiros serve, assim, à ridicularização da proibição do Sr. Tosta. O conteúdo elitista do critério moral se utiliza do problema da moralidade mesma para uma afirmação anterior de diferenciação social.

Estes termos revelam o outro lado do problema que era expresso como ameaça à moralidade familiar, representada pelas esposas ou filhas, e passa a configurar-se como uma questão de moralidade social. A argumentação do homem de letras Medeiros e Albuquerque sobre a incapacidade de "um homem simples do povo" diferenciar entre uma manifestação artística e uma mulher nua mobiliza os termos mais gerais em que se dá a polêmica, i.é., os limites do obsceno, para a expressão de um preconceito sobre a incapacidade "popular" de avaliar as informações que lhe chegam.

sobre as mulheres, por exemplo, representaria, para muitos homens, uma ameaça significativa, Dario, "A moral cinematográfica", O Filhote da Careta, 31 de março de 1910.

³² - Seção "Aqui..." da Gazeta de Notícias, transcrita no Rio Nu, 30 de março de 1910, "O 'Rio Nu' e o correio".

Este critério presta-se a uma dupla função: de um lado, serve para que se chame atenção sobre um suposto atentado à liberdade de imprensa, na medida em que deixa nas mãos de simples funcionários dos correios a decisão sobre a circulação de um periódico. Este é, inclusive, o objetivo do articulista. Subliminarmente, ainda que ele tenha evitado expressar uma opinião especificamente sobre os dois jornais proibidos, seu critério pode servir como uma justificativa para o esforço de se restringir o acesso aos periódicos em questão. Afinal, apenas certas pessoas teriam condições de entendê-los como expressão artística. A capacidade de uma figura nua ofender refere-se menos à nudez propriamente dita do que ao seu caráter acessível ao leitor errado.

Se a idéia da incapacidade de certos leitores para reconhecer o obsceno está presente em muitas opiniões, é relevante que ela guarde uma diferença fundamental quando utilizada pelos partidários da circular. Se para aqueles que se posicionavam contrariamente, o problema estava em torno da indefinição dos limites entre o obsceno e o aceitável, para os defensores da medida, por outro lado, a mesma lógica - que pressupõe a existência de leitores e leitoras "incapazes" - levaria à conclusão da obscenidade indiscutível. Como disse um deles,

"Este frágil sofisma (do valor artístico dos periódicos) será destruído imediatamente pelos próprios que profligam o ato do benemérito Dr. Tosta, se eles refletirem que são incapazes, como cremos, de consentir que entre no santuário de seu lar doméstico qualquer das duas ditas folhas, de incontestável exploração meretrícia e que avidamente são compradas somente por uma certa laia de leitores e leitoras."³³

Para este adulator do sr. Tosta e de seu ato, o critério de obscenidade é simples e auto-evidente. Nenhum destes defensores da liberdade de imprensa permitiria a entrada em suas próprias casas uma das duas "manifestações artísticas"; como então permitir que elas circulassem livremente pelas ruas e através dos correios?

Seu argumento é semelhante ao daquele articulista do Correio da Manhã que convidou o leitor a imaginar as possíveis consequências de

³³ - "Publicações a pedido - A interdição postal de jornais obscenos", Jornal do Commercio, 14 de abril de 1910.

sua filha ou mulher como o público de certas peças teatrais. Novamente, trata-se da associação entre a atuação dos poderes públicos para garantir a ordem e a moralidade social e a atuação do pai ou marido na manutenção da moralidade familiar. A separação entre "certa laia de leitores e leitoras" e o "santuário do lar doméstico" seria a garantia da moralidade ameaçada, supostamente, pela circulação dos jornais que poderia atingir a dimensão privada. Na verdade, porém, é mais razoável que esta seja uma metáfora, ou uma expressão, através de normas de gênero naturalizadas, de uma visão sobre a ordem social, na qual os pobres, então, seriam como as mulheres: seres "menos cultos"; com baixo nível de "evolução cerebral".

A associação, quer implícita ou não, das mulheres (honestas) ao povo, através de uma vulnerabilidade comum a ambos, configura-se como uma estratégia de convencimento bastante recorrente e provavelmente eficaz em particular aos olhos dos católicos. Isso porque infantiliza a ambos, enfatizando a necessidade de serem tutelados por pais, maridos ou pelo Estado, ao mesmo tempo em que também sugere a potencial ameaça que representam se não forem controlados, e ficarem à mercê de informações, filmes e, principalmente de uma imprensa que faz a propaganda do "meretrício" - o que inevitavelmente significaria a destruição de muitos lares - uma ameaça à própria ordem social.

Também pode ser confrontada com a opinião do Medeiros e Albuquerque a advertência daquele autor que ressaltou como uma das mais ameaçadoras características dos periódicos em questão, principalmente do Sans dessous, a sua "facilima compreensão". A grande quantidade de caricaturas e fotos que ambos traziam, muitas vezes ilustrando rápidas piadas ou contos, servia não apenas como estímulo à imaginação dos leitores mas também ampliava seu espectro. Esta observação é central para se alcançar o que significa a "facilidade de acesso" contra a qual se debatiam os defensores da proibição.

Com isso, explicam-se as insistentes referências ao veículo antes do conteúdo: é a imprensa, sempre atrás de lucros, a potencial vilã desta história. Talvez esta seja uma razão menos superficial para o posicionamento predominantemente contrário da imprensa diante da

proibição. Assim, na definição em jogo de obscenidade nesta polêmica, cabiam mais manifestações do que simplesmente aquelas que tematizassem prostitutas e vícios; estas pareciam ser apenas uma forma mais contundente e representativa de tudo aquilo que aparecia na imprensa, nos teatros e cinematógrafos com o objetivo primeiro de atrair público - e que deixava de lado seus possíveis danos morais.

Fosse porque entendiam facilmente, ou porque não entendiam convenientemente, "homens pobres", "mulheres" e "adolescentes" podiam tornar-se ameaçadores da ordem social se, saindo dos controles do Estado e dos pais, se deixassem seduzir pelas propagandas veiculadas nestes periódicos. Isso significa que a polêmica em torno dos limites da moralidade sexual na imprensa era, em grande medida, mais um lugar onde leigos e católicos debatiam em torno das possibilidades de controle social: quem devia ser controlado, e por outro lado, quem devia controlar?

* * *

A questão da "Arte" nestes periódicos, contra a qual se insurgiu o último cronista citado, foi um argumento utilizado pelo Sans dessous para se defender, e não, como talvez pode parecer, por Medeiros de Albuquerque - ainda que a lógica elitista deste tenha sido totalmente aproveitada na defesa.

Através das opiniões expressas pelos dois lados na polêmica, é possível identificar os aspectos mais relevantes a partir dos quais ocorreram as divergências em torno da definição de obscenidade: o central parecem ser as questões da publicidade e da ostensividade. Ninguém, em nenhum momento, negou que o maior problema em torno de publicações ou quaisquer manifestações que possam ser ofensivas ao pudor público se encontra na exposição a vários consumidores indiferenciadamente. A própria noção legal de um "pudor público" que precisa ser preservado existe em função da percepção desta ameaça³⁴.

³⁴ - Oscar Macedo de Soares, comentando o código penal republicano afirma, em relação ao capítulo intitulado "Do ultraje público ao pudor" que esta expressão não exprime bem a intenção do legislador, que certamente foi de "impedir a ofensa à moral pública, não porque ofenda propriamente a sociedade, entidade ideal, como quer Magno, e sim, para evitar a corrupção dos costumes." Ainda segundo este autor, a base da existência do delito é a

De um lado, a identificação do problema nestes termos pressupõe a existência de leitores vulneráveis a uma influência perniciosa destas manifestações; são pessoas que não conseguiriam discernir entre o que é moral e o imoral. Para defini-las, é recorrente a imagem da mulher associada à família, cuja honra precisa ser preservada; a partir desta imagem definem-se outros grupos vulneráveis, ora definidos como "homem do povo", ora como "trabalhadores", ou, mais genericamente, como "pessoas de baixa evolução cerebral", além do adolescente, o homem "em formação", futuramente responsável pela moralidade de seu lar.

Por outro lado, a partir da relação entre ostensividade e obscenidade, os envolvidos na polêmica passaram a incluir no problema denominado "pornografia" uma série de outras manifestações, para além da exibição de prostitutas ou propaganda de comportamentos sexuais "desregrados". O sensacionalismo da imprensa diária, por exemplo, por ser um recurso para atingir um público cada vez mais amplo e não se preocupar em causar possíveis danos morais, podia ser classificado como "pornográfico".

Ao mesmo tempo em que o debate revelava os critérios utilizados na definição de obscenidade, e principalmente a dificuldade de classificação, ele também trouxe uma série de indícios sobre os periódicos proibidos. Assim, nas suas próprias defesas, eles se tornam fundamentais para a compreensão de como operavam os limites do obsceno. Enquanto se defendiam, os dois periódicos explicitavam alguns dos seus contornos básicos, e algumas diferenças significativas entre si, delineadas ao longo do processo em que se diferenciaram do resto da imprensa, compondo um "gênero à parte".

Quando ocorreu a proibição, em fins de março de 1910, Sans dessous não contava nem um ano completo de existência. Mesmo assim, com poucos meses, ainda em 1909, entre caricaturas de situações "de alcova", fotos das mais famosas prostitutas do período, piadas e contos maliciosos, dedicou

publicidade, não sendo necessário o elemento intencional de causar ultraje, já que "as exhibições impudicas são praticadas com o fito de lucro em teatros e casas de diversões." A lei de ultraje ao pudor, assim, visa preservar a sociedade do escândalo e da "imoralidade", vistos como fatores de corrupção moral. Em grande medida, assim, o legislador estava atento para a necessidade de se controlar um "comércio", quando se trata de manter a moralidade social; Oscar Macedo de Soares, Código penal da República dos Estados Unidos do Brasil 2ª edição. Rio de Janeiro: H. Garnier, s.d.

uma coluna ao comentário do surgimento de uma "liga contra a dissolução dos bons costumes", que já se manifestara contra as chamadas "publicações livres". O tom defensivo do comentário é patente:

"Escutem cá, senhores da liga, a *Martinhada*, os *Serões do Convento*, e outros, e muitos outros livros PIORES do que os *hebdomadários* gênero alegre, existem há perto de um século e contam edições sobre edições. Nem por isso, os nossos maiores atribuíam-lhes os vícios reinantes, eternos e ab-eternos.

Ao demais, um *hebdomadário*, compra-o quem quer."³⁵

A defesa prévia se dá nos mesmos termos em que ocorreu posteriormente o debate suscitado pela proibição. O argumento é de que *hebdomadários* seriam de acesso relativamente restrito. O redator então remete a discussão da obscenidade para livros como *Serões do Convento* ou *A Martinhada*, que existiam há muito mais tempo que o periódico, baseado no pressuposto da restrição supostamente comum a eles e aos livros.

Mesmo sem ser a intenção do autor, este deslocamento enfatiza justamente a especificidade dos periódicos "livres" em relação aos livros do mesmo gênero. Se estes tinham existência de longa data e nem por isso eram motivo de grande incômodo, o mesmo não acontece com aqueles. É exatamente a existência relativamente recente de jornais como *Sans dessus*, e seu vínculo com as características da imprensa naquele período, em especial sua ampliação como um poderoso veículo de difusão de informações, que permite torná-los ameaçadores aos olhos dos seus críticos. Em outras palavras, ao diferenciar os periódicos dos livros, o autor indica o quanto *Sans dessus* e congêneres deviam sua existência a uma série de circunstâncias, das quais uma das mais relevantes era a possibilidade de uma distribuição incomparavelmente maior do que os livros "para homens" jamais puderam ter.

Essa "filiação" não impede que a discussão seja mais uma vez deslocada para culpar esta mesma imprensa pretensamente séria. Se um *hebdomadário* "compra-o quem quer",

"O mesmo não se dá com o jornal noticioso que, a

³⁵ - *Sans dessus*, 16 de dezembro de 1909.

título de imprensa político social, entra em todas as casas e porfia em ser o mais minucioso possível em informações, sobretudo as chamadas *sensacionais*, ainda que sejam escabrosíssimas.³⁶

O sensacionalismo na imprensa noticiosa, que já tinha sido identificado como um fator da disseminação da pornografia por um articulista do Correio da Manhã, é aqui retomado para que o periódico se diferencie especificamente dela. Novamente repetem-se os termos da polêmica sobre a proibição postal. A defesa do periódico e mesmo sua legitimidade se baseiam na suposta restrição de acesso que os *hebdomadários* teriam. Ao contrapor-se à imprensa noticiosa, revela-se a concordância tácita da inconveniência de que um jornal como Sans dessous entrasse nos lares. Já os jornais diários, estes sim, fariam do que não deve ser dito mesmo sendo acessíveis aos leitores mais vulneráveis, como as mulheres. A afirmação da diferença entre os periódicos "alegres" e a imprensa diária, portanto, é central para a própria legitimação destes periódicos como um lugar diferenciado para se falar do que não é conveniente nas páginas de jornais de grande circulação. O redator de Sans dessous, portanto, parece se utilizar da linha argumentativa que se apresentou no Rio Nu nos momentos de "confronto" com a imprensa "moralizada" para se legitimar.

As manifestações das organizações católicas não se limitaram aos *hebdomadários de gênero livre*; o manifesto do Círculo Católico, por exemplo, mostrou ainda suas preocupações com a dissolução dos costumes nos teatros e cinematógrafos, e também mereceu por isso um comentário no Sans dessous, na sugestiva coluna "Pepinos e Nabos":

"Quanto ao caso dos estrangeiros... ó fantástico centro, você é incomensurável!

Pois não sabe você que essas fitas de lá nos vêm e lá são exibidíssimas.

(...) Quando o ilustre Anatole France nos visitou, dispôs-se uma noite a assistir a uma exibição do cinema do Avenida Concerto. Lá não entram adolescentes porque não há pai que consinta que os meninos se demorem nas ruas até meia noite... O ilustre escritor estava em companhia de uma notável atriz da *Comédie Française*, então representando no teatro Lírico, ali da Guarda-Velha. Ao ver Anatole France assim

³⁶ - Idem.

acompanhado, tomar lugar no cinema, alguns moços patricios possuíram-se de zelos patrióticos e moralistas e foram-no advertir de que as fitas da exibição eram... licenciosas.

Anatole riu-se da ingenuidade dos moços e disse-lhes que não havia nada a temer, quer por sua parte, quer por parte da sua companheira... E assistiu à exibição das fitas rindo-se a bom rir do que, de resto, não lhe era nenhuma novidade.³⁷

Respondendo o trecho da representação do Círculo Católico que se referia à péssima impressão que os estrangeiros fariam do Brasil ao verem o estado de imoralidade do Rio de Janeiro, o redator da coluna conta um episódio envolvendo o famoso escritor francês. À figura civilizada, cosmopolita (e anticlerical) do francês contrapõem-se os ingênuos brasileiros que o advertiram do caráter da fita exibida naquele cinema.

Com o exemplo de Anatole France, o redator do Sans dessous expressa uma divergência de fundo, entre a própria elite, sobre o que consistiria a tão almejada "Civilização". Para o redator, sendo as próprias fitas provenientes do "estrangeiro", a preocupação católica com uma imagem moralizada do país no exterior não só seria descabida como comprovaria a ingenuidade brasileira frente a certos sinais da civilização. A evocação à figura de Anatole France, associada exatamente a padrões de civilidade e bom-gosto franceses, funciona como uma garantia do caráter civilizado dos cinematógrafos livres, das diversões mundanas e inclusive do próprio Sans dessous.

Trata-se, portanto da expressão de uma divergência entre dois grupos sociais - católicos e jornalistas - que, de alguma forma, se sentiam portadores de uma "Civilização" a ser implantada nestas paragens, mas discordavam radicalmente quanto ao que ela deveria ser. Para ambos, a importância do reconhecimento dessa "Civilização" por parte do "estrangeiro" é fundamental; porém, para os católicos, trata-se de um estrangeiro que se escandalizaria com as exibições públicas de pornografia - sinal da desorganização moral da sociedade; para os redatores de Sans dessous, o estrangeiro seria representado pela própria referência suprema de civilidade no período - a França - com todos os seus cabarés e sua *belle époque* imoral. A discussão sobre imoralidade, portanto, permite também a

³⁷ - "Pepinos e Nabos", Sans dessous, 17 de fevereiro de 1910.

explicitação de uma divergência política sobre que feição a nova nação "civilizada" deveria ter e para quem ela deveria existir.

Tanto naquele comentário sobre a liga contra a dissolução dos costumes quanto neste sobre o manifesto católico, não há nenhuma tentativa de negar o caráter "imoral" dos cinematógrafos ou do próprio periódico. Pelo contrário, os redatores procuram afirmar o sentido positivo da "imoralidade" presentes nestas manifestações, ressaltando seus significados supostamente civilizados, ou seja, identificados com o que acreditavam ser uma "imoralidade parisiense"³⁸. Este é um aspecto central não apenas da postura defensiva do jornal, como do próprio objetivo de sua existência - a "civilização" era para poucos.

Embora esteja aqui implícita, esta valorização de uma "imoralidade" que não se confunde com "obscenidade" aparece explícita na coluna "No dorso da luxúria", no começo de 1910. Não por acaso, o redator desta coluna discorria sobre formas de sedução e práticas relacionadas ao mundanismo consideradas "modernas" e "civilizadas". Quando dedica um artigo sobre o "nu", o redator faz observações esclarecedoras. Depois de relacionar a sensualidade à imitação de poses e formas clássicas (por isso o caráter "artístico"), e de lamentar o excesso de moralismo que justamente acaba por tirar essa sensualidade, o autor ressalta:

" (...) muitas vezes não é o nu artístico o que se procura reproduzir.

Daí essa imensidade de fotos, postais e gravuras com intuítos provocantes, sob o disfarce de posições artísticas. O que acontece, porém, é que, desviada a intenção do seu fim honesto, não escolhem corpos que tenham algum valor artístico, ou mais francamente; que encantem a vista; todos servem, e desta colheita geral resulta a obscenidade: tipos sem beleza, que são expostos em nudez para a satisfação de grosseiros instintos."³⁹

³⁸ - ver Jeffrey Needel, op. cit., sobre a apropriação das referências mundanas francesas pela elite carioca e seus significados como ideologia de dominação e afirmação de sua identidade, esp. capítulo 5: "Ascensão do fetichismo de consumo".

³⁹ - Ângelo Bitu, "No dorso da luxúria", *Sans dessous*, 27 de janeiro de 1910. Este pseudônimo parece ter sido utilizado primeiramente para uma obra satírica de autoria coletiva: Olavo Bilac, Alberto de Oliveira e Pedro Tavares; em 1904, era o cronista teatral do jornal humorístico "O Malho". Ver Raimundo de Menezes, *Dicionário Literário Brasileiro*, Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978, p. 113. e *O Malho*, 30 de janeiro de 1904.

Escrito num momento em que o jornal estava encurralado por fortes críticas, o artigo busca, qualificando diferentes formas de se retratar o nu, justificar suas próprias ilustrações e fotografias. Com isso, Ângelo Bitu, o redator, explicita os termos em que se define a imoralidade valorizada na revista. É uma imoralidade que identifica com formas gregas e padrões clássicos de beleza; associa-se à sensualidade e pode, por isso, ser tomada como uma manifestação artística.

A obscenidade, oposta a tudo isso, pode até se disfarçar de "posições artísticas", mas qualquer corpo lhe serve, abstraindo-se a dimensão estética. A indiferenciação dos corpos, a falta de critério e, mais uma vez, o consumidor destes nus, que só os procuram "para a satisfação de grosseiros instintos", os principais definidores da obscenidade. Intencionalmente, portanto, Sans dessous se dirige a um público muito seletivo, portador de "instintos" que pertenceriam ao domínio do "refinado".

A partir do momento em que a circular foi anunciada, os artigos defensivos se intensificaram. Só que passaram a ser acompanhados de ridicularizações constantes dos católicos e particularmente da figura do Ignácio Tosta, como este:

"O gênero de "Sans dessous" e ... do sr. Tosta não permitem que se dê a questão da sua notável circular, um tom sério e solene.(...)

Agarraram o sr. Tosta, que andava aí às moscas e à mercê dos Centros mais ou menos católicos, elevaram-no a uma posição elevada e S.S. trata logo de se popularizar, como aliás, é há muito, o seu desejo.

E no desengonço da sua pessoinha, chapéu ao alto da cuia, mangas arregaçadas, berrou: - É agora.

E atirou-se do alto da sua importância nos braços cômodos e amplos do Ridículo.

E foi o que se viu e o que se está vendo.

Ora, "Sans dessous" aprecia enormemente estas feições ridículas e por isto, num tempo morno e manso como o que corre, agradece a S. a grande e apreciável quantidade de assuntos que lhe vai fornecer, de todos os feitios, de todos os jeitos e de todos os tamanhos."⁴⁰

Publicado logo em seguida à expedição da circular proibitória, este artigo antecipa o que será a abordagem mais recorrente do assunto. A

⁴⁰ - Sans dessous, 7 de abril de 1910.

satirização da figura do Tosta serve à revelação dos reais motivos da medida. Para além de ser uma reação à repressão, esta resposta expõe outros aspectos da imagem pretendida pelo jornal e, novamente, as estratégias dos dois periódicos proibidos parecem se aproximar. Assim como quando o Rio Nu assumia as características atribuídas pelos seus colegas "sérios", Sans dessous admite ser o lugar da não-seriedade e da irreverência - seria, desta forma, o lugar ideal para se tratar do diretor dos correios e de suas atitudes.

Sendo o alvo mais constante dos artigos publicados na imprensa diária que aplaudiam a "medida tosta", como costumava publicar nas suas colunas, Sans dessous respondeu especialmente a um deles, cujo argumento era repetido por todos os outros. O trecho do artigo transcrito, segundo o redator, mandado publicar pelo Tosta, dizia que os periódicos proibidos "tornavam-se órgãos oficiais da prostituição de cujas desventuradas vítimas o *Sans dessous* tem publicado fotografias inteiramente desnudas...". Na resposta, dizia que

"Os 'nus' que temos publicado são todos, (todos, ouviu) extraídos do Nu Artistique e do Nu Academique, publicações ilustradas que têm livre trânsito pelo Correio.

Por aqui, bem pode avaliar o público, o critério e o bom-senso do ilustre reverendo"⁴¹.

A citação dos periódicos estrangeiros que tinham o trânsito permitido pelos correios, se desmoraliza o Tosta pela própria contradição do seu ato proibitivo, o faz principalmente pela sua ignorância - não seria ele, portanto, que conseguiria definir os limites do obsceno. Pelos próprios títulos das publicações citadas, percebe-se mais uma vez a intenção de conferir um caráter de "Arte" aos nus que veiculam. A desmoralização do Tosta, assim, passa pela incapacidade de diferenciar "nus artísticos" de fotos de "vítimas da prostituição".

Nas páginas do Sans dessous eram frequentes as fotografias das mais famosas prostitutas do Rio de Janeiro, seja passeando pelas avenidas reformadas, como senhoras distintas, seja mais á vontade, em elegantes almoços íntimos. À acusação de fazer "propaganda do meretrício" e de se

⁴¹ - Sans dessous, 14 de abril de 1910.

tornar "órgão oficial da prostituição", assim, Sans dessous não pôde responder. A prostituição era simplesmente o principal assunto dos seus concursos entre leitores, das ilustrações, e era uma elegante e civilizada prostituta francesa a protagonista das mais importantes seções. Parecia ser um aspecto fundamental do êxito da sua curta existência, a julgar pelas próprias observações dos seus opositores, que o consideravam o "molde pornográfico de *maior relevo* nas letras e desenhos licenciosos"⁴². Assim, se a propaganda da prostituição - não a sua existência - era o mais importante aspecto do caráter pernicioso dos jornais, ela era também a maior responsável pelo seu sucesso junto ao público.

Poucos números depois, porém, o jornal foi obrigado a anunciar sua interrupção:

"A situação violenta e ilegal que à sua circulação criou o atual Diretor dos Correios, não lhe permite continuar, embora seja público o acolhimento generoso dispensado a "Sans dessous", tanto aqui como no interior do país.

Perante os tribunais da República, "Sans dessous" continua a defender seus direitos e interesses e espera apenas o seu pronunciamento para voltar à sua tarefa.

Então, sim, "Sans dessous" ajustará suas contas com o sr. Tosta e mostrará ao público generoso quanto vale a castidade popular de S.S.. e se o nosso respeitável reverendo já deve ser mais respeitado do que os princípios liberais da nossa Constituição"⁴³.

Através do tom de seriedade o redator de Sans dessous assume um discurso identificado com os interesses liberais, leigos e constitucionais da República para se opor à "castidade" religiosa do Tosta, ou seja, utilizando em sua defesa as mesmas insinuações já exaustivamente veiculadas nos jornais diários. Também parecia ser esta linha de argumentação proposta na Justiça, ao alegar "lesão de direitos individuais" pela circular restritiva⁴⁴.

No seu posicionamento defensivo diante da proibição, assim, o periódico Sans dessous parece ter se utilizado dos principais aspectos levantados na polêmica da imprensa diária. A necessidade de restrição de

⁴² - Luiz C. de Castro, "A circular dos correios", Jornal do Commercio, 12 de abril de 1910. Grifos meus.

⁴³ - "Sans dessous ao público", Sans dessous, 14 de abril de 1910.

acesso, o principal deles, não apenas é aceita, como apropriada na afirmação do seu próprio estilo. Assim, ao identificar o Tosta em particular e os católicos em geral com uma ingenuidade ou ignorância nacionais, Sans dessous se colocava, em oposição, como representativa de padrões civilizados e modernos que propagandeava. A começar pelo próprio título, que não por acaso é um termo francês, e se referia, também não por acaso, a uma moda recente e ousada de saias que deixavam o corpo feminino mais exposto. A abundância de referências às modas, práticas, revistas e nus franceses, assim, tornaria impertinente qualquer acusação de obscenidade.

O juiz que recusou o interdito proibitório impetrado pela empresa proprietária da revista, no entanto, não parece ter se convencido desses argumentos. O interdito alegava lesão de direitos individuais e o juiz federal da 2ª vara, dr. Pires e Albuquerque, não o considerou "cabível na espécie". Provavelmente para ele tenham sido mais decisivas as possíveis leituras "erradas" do jornal e de suas "ilustrações artísticas". Mais que as ilustrações, no entanto, a constância de referências a figuras políticas importantes, que já não devia ser agradável normalmente, talvez tenham se tornado especialmente incômodas num período eleitoral, excepcionalmente tenso⁴⁵.

De qualquer forma, Sans dessous não voltou a ser publicado. Já o Rio Nu, que também recorreu à justiça, não só conseguiu reaver o direito de circular pelas repartições postais como chegou a ganhar contra a União um processo de perdas e danos. Do mesmo modo que a Sans dessous, seus redatores começaram a comentar as primeiras notícias sobre os ataques do Círculo Católico às "manifestações pornográficas" desde fins de 1909 com muito humor. Ao saber de uma reunião do Círculo que condenou os

⁴⁴ - Enquanto a Justiça não se pronunciava, a empresa do Sans dessous anunciou a publicação de um jornal de gênero diverso, intitulado A Rua, para não provocar nenhum enfrentamento com o Tosta. Ver anúncio no O Paiz, 20 de abril de 1910.

⁴⁵ - Correio da Manhã, 31 de março de 1910. São exemplares do tom dessas referências os instantâneos tirados nos bailes carnavalescos de 1910, que retratavam figuras mascaradas ao lado de demi-mondaines. As legendas que descreviam as fotos falavam em "deputação federal", "as iluminativas direções da Light" e a "engenharia municipal"; "Carnaval de 1910", Sans dessous, 17 de fevereiro de 1910 (ver ilustração). Outro dentre muitos exemplos do mesmo tom pode ser encontrado na referência ao secretário da presidência, Alcibiades Peçanha, que imaginariamente recebe o manifesto do Centro Católico, e, antes de enviá-lo ao irmão, murmura: "- O Destino tem cada ironia! Pois não me coube a mim, a tarefa de receber esta representação?!". Sans dessous, 24 de fevereiro de 1910. Tire-se daí o quanto uma citação no jornal devia ser comprometidora para homens que tinham uma reputação a preservar.

cinematógrafos "gênero alegre", por exemplo, um de seus redatores, sob o pseudônimo de Deiró Júnior, forjou uma entrevista com o Dr. Tosta.

O objetivo primeiro da entrevista era saber se o Rio Nu, "jornal de estilo alegre", estaria condenado pelo Círculo assim como os cinematógrafos do mesmo gênero. Diante da resposta, revela-se a verdadeira intenção da entrevista - ridicularizar o diretor. Tosta afirma que o Rio Nu não é um "jornal pornográfico"; "É o jornal que melhor exprime a liberdade de Pensamento... o que a maioria dos jornais de 'grande formato' (textual) não fazem...". Por isso, o católico diretor dos correios declara já ter adotado o Rio Nu como o seu "hebdomadário oficial"⁴⁶.

Utiliza-se, assim, a imagem de não seriedade do jornal para satirizar o sr. Tosta e principalmente a religiosidade de suas intenções. Apesar do estilo bem humorado em comum dos dois jornais proibidos quando começaram a tratar das manifestações públicas do Círculo Católico, há uma diferença relevante entre as duas formas de tratamento. Ao contrário do Sans dessous, que logo se sentiu atingido com as primeiras manifestações católicas, o Rio Nu foi imaginariamente ao Tosta saber se estava incluído na pornografia denunciada pelos católicos. É claro que a própria caracterização do Tosta desmente a suposta ingenuidade dos redatores - já que ela transparece a intenção de produzir um jornal irreverente. A adoção do periódico como hebdomadário oficial era o que conferia o tom absurdo à situação.

Quando a representação do Círculo Católico ao presidente Nilo Peçanha foi noticiada nos jornais diários, o Rio Nu comentou-a sob o título "A sério", deixando de lado o estilo humorístico. Reconhecendo logo de início a "respeitabilidade incontestada de alguns (por certo em maior número) dos seus signatários", o jornal afirma ter tido uma boa vontade inicial que se perdeu diante da argumentação exposta no documento, principalmente com a preocupação demonstrada em relação à "imprensa despejadamente licenciosa". A resposta do Rio Nu, explicitamente defensiva, enfatiza dois aspectos para desqualificar a representação.

O primeiro aparece em relação ao alvo das apreensões católicas:

⁴⁶ - "O 'Círculo Católico' - A pornografia d'O Rio Nu' - Entrevista secreta", Rio Nu, 4 de dezembro de 1909.

"Por que razão o Círculo Católico, antes de representar contra a imprensa presumidamente licenciosa, não lança as suas vistas com maior rigor para os lupanares e casas de tolerância... que, dia a dia se alastram por esta imensa Capital, com o beneplácito da Polícia e onde, sem que para isso tenha concorrido a licenciosidade dos livros e da imprensa, se praticam os maiores escândalos à luz do dia; onde a honra de muitos maridos é atassalhada vergonhosamente; onde muitas senhoras honestas com ciência, às vezes, dos próprios maridos, vão rojar pela lama da devassidão os títulos de virtuosas e exemplares esposas que a sociedade lhes tributa; onde, ainda, são levadas pelas próprias mães, pobres raparigas a servir de pasto libidinoso a um endinheirado qualquer, conseguindo, assim, com o negociar infame da carne da sua própria carne, uma subsistência relativamente pouco trabalhosa; e onde, finalmente, costumam ser encontradas em flagrante delito de adultério, mas...'no exercício da sua profissão'... senhoras portadoras de pergaminhos e nomes respeitáveis?..."⁴⁷

Assim como fizeram os redatores de Sans dessus, a estratégia básica é de desviar o foco do problema. Só que, neste caso, ao enfatizar a prostituição, o adultério e os desregramentos que se dão nos lupanares, o Rio Nu assume um discurso extremamente conservador e estereotipado. Retrata o estado de dissolução moral da cidade carregando nas cores e, talvez por isso conseguindo ser até mais convincente que a própria representação do Círculo.

Mas não se trata meramente de uma questão de ênfases ou maior crueza na descrição. Na verdade, o Rio Nu, subliminarmente, revela através deste deslocamento de foco, sua intenção como um jornal alegre: aproveitando-se da liberdade de linguagem permitida por causa do seu estilo, o jornal fala do que não se deve dizer para condenar. Daí os estereótipos dos maridos traídos, das mulheres adúlteras e daquelas prostituídas pelas próprias mães ou pelos maridos - em contraste com as prostitutas glamourosas tematizadas no Sans dessus.

A referência às senhoras no "exercício da sua profissão" é motivada por um escândalo que tinha recentemente ocupado as páginas do jornais diários no qual um homem chamara a polícia para flagrar sua esposa - médica - numa dessas casas de tolerância. A mulher, para se defender,

fizera a declaração acima que foi exaustivamente repetida pela imprensa. Por se tratar de uma médica, o episódio suscitou uma enxurrada de comentários sobre o perigo das mulheres que procuram uma profissão⁴⁷. Fosse qual fosse o estereótipo em questão, ele sempre oscila entre a vitimização - no caso das prostitutas - e a acusação das mulheres - no caso das adúlteras. Ao se defender, assim, o Rio Nu elenca uma série de práticas para condená-las, reforçando implicitamente uma imagem do que seria uma situação moralmente normalizada: mulheres que cumprissem suas funções domésticas e não se aventurassem a transgredi-las, quer se transformando em médicas ou em prostitutas, o que, no fim das contas, seria quase a mesma coisa, como teria mostrado o episódio da doutora.

O segundo aspecto enfatizado no comentário para desqualificar a representação do Círculo Católico diz respeito ao "sem número de jornais, livros e revistas francesas bastante *licenciosos*", que transitavam livremente pelas repartições postais e aduaneiras, e que não pareciam preocupar o Círculo:

"Se do estrangeiro nos podem vir esses impressos, cuja leitura não pode ser facultada a uma menina donzela, não será demais que por aqui se façam jornais humorísticos, maliciosos mesmo, mas que, não constituindo gênero de primeira necessidade, são apenas adquiridos por quem os quer, como em toda a parte, e não tão somente no Brasil, como se infere da 'Representação' do 'Círculo Católico'"⁴⁸.

Ao representar o Rio Nu como impróprio para "meninas donzelas", o redator, mais do que reafirmar seu caráter restrito, indica que o jornal não devia ser considerado tão condenável quanto estava sendo pintado. Para reagir ao Círculo, o redator lida com o problema nos mesmos termos da polêmica, aproximando-se também do tom da defesa do Sans dessous. Argumentando não ser um gênero de primeira necessidade, o redator destaca que a

⁴⁷ - "A sério", Rio Nu, 19 de fevereiro de 1910.

⁴⁸ - Ver, por exemplo, o comentário no próprio Rio Nu: "O que causou mais impressão foi a mulherzinha dizer que estava ali, naquela hospedaria, naquele quarto, no **exercício da sua profissão**."

Que diabo de profissão é essa que para exercê-la é preciso despir-se e meter-se na cama? - perguntam todos.

Pois eu acho que ela disse a verdade. A profissão que uma mulher pode exercer em quartos alugados por hora é... esta mesmo.", Zé Fidelis, "Comentários", Rio Nu, 19 de fevereiro de 1910. Ainda em abril o caso era comentado na Fon-Fon, 23 de abril de 1910.

imprensa de "gênero alegre" é, antes de mais nada, um comércio, e da forma como se expõe no mercado não ameaça nenhuma moralidade, estando ao alcance de quem se interessar. A inexplicável permissão à circulação dos jornais estrangeiros, assim, sugere uma atitude persecutória especialmente em relação aos dois jornais proibidos.

Essa semelhança de argumentações se baseia no deslocamento do problema da obscenidade para outras práticas, embora ambos reconheçam a impropriedade de serem indiscriminadamente acessíveis. A impropriedade no entanto refere-se, para eles, apenas às "mocinhas donzelas". Aos apelos católicos quanto ao "homem puro" do povo ou outro termo semelhante, os dois periódicos só respondem através de ironias e, desta forma, os dois jornais podem retomar uma abordagem do problema como sendo simplesmente moral, desvinculando-o de uma dimensão de ameaça social.

No caso do Rio Nu, esse movimento serve para desmascarar a falta de intenções sérias por parte de alguns católicos:

"(...) resta-nos apenas aconselhar aos que sinceramente se empenham em prol da vitória da causa do 'Círculo Católico' que, antes de prosseguirem na luta contra os 'jornais licenciosos', devem, e com a máxima urgência, expurgarem de seu seio elementos que o prejudicam grandemente e são um péssimo atestado da moral que hipocritamente pregam"⁴⁹.

Para o periódico, socialmente relevantes são as práticas que ocorrem nas casas de tolerância e os lupanares. A ênfase dos católicos nas publicações "licenciosas" seria, assim, mera expressão das suas hipocrisias. Invertendo os papéis, o Rio Nu vem falar a sério para desmascarar alguns católicos do Círculo, mas principalmente para fazer o que eles não conseguiram: denunciar a verdadeira ameaça social - a prostituição e o adultério, vistos como a real dissolução dos costumes que ameaçava a organização familiar e a ordem social.

Com a proibição, o Rio Nu começou a publicar constantemente artigos sérios atacando o Tosta e a sua medida, que eram reproduzidos na seção

⁴⁹ - "A sério", Rio Nu, 19 de fevereiro de 1910.

⁵⁰ - Idem.

"Publicações a pedido" do Jornal do Commercio, ao lado dos artigos que defendiam a medida. Anunciava que tinha entrado na Justiça contra a União, e agradecia o apoio da imprensa diária. Ao mesmo tempo reproduzia em suas páginas a maioria dos artigos dos jornais sérios que se pronunciavam contra a circular. A distribuição para os estados, majoritariamente dirigida aos assinantes, ficou prejudicada, mas o jornal continuou a ser publicado e enviado para a Biblioteca Nacional.

O tom predominante dos artigos era de ataque pessoal ao Tosta, e de um anticlericalismo agressivo:

"O Rio Nu tem visto passar muitos diretores de correios durante os seus doze anos de existência (...). Entretanto, nenhum deles teve o disprante (sic) de atentar contra a liberdade de um jornal que a polícia não julga imoral e que concorre com impostos para o erário público.

Vê-se perfeitamente o lado odioso dessa resolução do diretor dos Correios: S.S. não agiu como funcionário público, mas simplesmente como membro do Círculo Católico (...).

Agradecemos, entretanto, ao sr. Tosta a bela reclamação que fez ao Rio Nu (...)"⁵¹.

O jornal utiliza a permissão da polícia e sua própria existência legal para questionar a legalidade da circular do diretor dos correios, sugerindo mais uma vez uma motivação pessoal para a proibição. Ou, na melhor das hipóteses, uma confusão do diretor Tosta a respeito de suas atribuições.

Retoma-se aqui a dimensão "comercial" desta imprensa sobre a qual seus redatores sempre insistiam, e que aparece no agradecimento ao sr. Tosta por ter feito o "reclame" da folha. Além da brincadeira com o suposto efeito contrário que teria a proibição - chamar atenção sobre esta imprensa - o redator indica a possibilidade de sobrevivência do jornal a despeito de não transitar pelas repartições postais, ou seja, exclusivamente através das suas vendas avulsas, pelas ruas. Sendo esta modalidade de venda a que mais devia preocupar os católicos - dado a ostensividade que envolvia - o reverso da medida dos correios seria ainda mais grave do que podia parecer.

O perigo da intervenção católica em assuntos leigos era amplamente explorado pelo Rio Nu, como fez Zé Fidélis, autor dos comentários da semana:

"Como já sabem, vou ficar desempregado. O reverendo Tosta, padre-mestre do Correio e becos adjacentes, resolveu matar o Rio Nu e exige que o vistam com um calor deste."⁵²

As associações entre o Tosta e referências católicas são utilizadas para criar uma imagem ridícula e despropositada da proibição. Diante da possibilidade do desemprego, Zé Fidelis resolve virar bilheteiro de igreja, numa referência às contribuições que são pedidas aos fiéis na entrada da igreja e durante as missas.

Denunciando o mercantilismo dos católicos, o autor reforça a imagem da hipocrisia destes religiosos:

"Porque, como vocês sabem, religião não é uma coisa íntima e oculta, como dizia um tal Cristo que disse também várias outras coisas que os padres desmentem.

Religião é fazer conferências e barulho, incomodar os outros para fazer reclames e ser sério.

Sabem vocês o que é ser sério? Não é ter seriedade na existência, nos negócios e nas afeições. Isso não basta. Ser sério é ter uma carranca de chafariz e proibir o riso, a pilhéria, que faz menos mal do que as caraminholas dos padres ou a propaganda que eles andam a fazer no interior da República."

Em defesa do Rio Nu, insiste constantemente na má-fé de alguns católicos e na hipocrisia da religião subordinada aos padres, em oposição à franqueza e à alegria proposta pelo jornal.

A partir destes elementos, é possível estabelecer alguns nexos entre os dois periódicos proibidos. Ambos reafirmam, nos termos já explorados pela polêmica, não serem ostensivos, e tampouco obscenos. Ao contrário, defendem ser consumidos restritivamente por leitores que já sabem o que vão ler antes de comprar - e, no caso do Sans dessous, leitores capazes de entender a beleza de uma obra de arte como a Vênus de Milo.

O mais importante, porém, parece ser a estratégia, também comum, de deslocar a ênfase da discussão da sua própria suposta imoralidade para outras práticas, estas sim, perniciosas à moralidade pública. Neste sentido, os redatores do Sans dessous lembram o sensacionalismo dos jornais diários e o Rio Nu remete-se às casas de tolerância e lupanares. Se a

⁵¹ - "O 'Rio Nu' e o correio", Rio Nu, 30 de março de 1910.

⁵² - Zé Fidelis, "Comentários", Rio Nu, 2 abril de 1910.

tentativa de deslocamento do problema serve antes de mais nada como uma forma de defesa, a estratégia também revela muito sobre algumas intenções dos jornais.

Assim, Sans dessous, diferenciando imoralidade de obscenidade, chega a admitir seu conteúdo imoral; mas é um imoral identificado com práticas mundanas parisienses, que tira seus "nus artísticos" de jornais estrangeiros, em especial franceses. Em termos atuais seria a diferença entre pornografia e erotismo - o segundo termo pressupondo um sentido de distinção social presente no produtor e no consumidor, em oposição ao caráter indiferenciado do primeiro. No caso do Rio Nu, a ênfase de seus redatores está nas possibilidades do estilo "alegre" e "irreverente" para desmascarar hipocrisias; uma espécie de franqueza possibilitada pelo riso. Com base nestes dois argumentos, os jornais afirmavam não ser ameaçadores à ordem familiar, e muito menos à organização social.

O juiz federal da 1ª vara, dr. Raul Martins, que avaliou a ação proposta pelo proprietário do jornal Rio Nu, discordou do sr. Tosta e do seu colega Pires e Albuquerque e não apenas aprovou a ação, anulando a circular, como também deu ganho de causa ao Rio Nu contra a União numa ação de perdas e danos⁵³. A decisão do juiz foi fundamentada numa sentença significativa.

A sentença contrapõe trechos do regulamento dos correios, da constituição e do código penal, retomando a regulamentação sobre a expedição de qualquer artefato ostensivamente obsceno no qual se baseou o diretor dos correios para expedir sua circular. No caso dos periódicos proibidos, o juiz ressalta o risco de infração do princípio de inviolabilidade de correspondência, previsto no código penal e na constituição, já que as publicações transitariam dobradas e envoltas por cintos.

No entanto, ressalta o juiz:

"Considerando que o periódico O Rio Nu, quando de gênero realmente condenável, o que não cabe na espécie apreciar, já conta 12 anos de existência nesta capital, onde tem sempre circulado livremente, segundo certidão de fls. 27 passada pela chefia da polícia, e ainda no corrente exercício pagou os competentes impostos de tipografia à Recebedoria do

⁵³ - Ver Rio Nu, 11 de abril de 1914.

Tesouro Nacional (certidão de fls.28) e redação e taboleta à prefeitura municipal (fls. 12 e 13)"⁵⁴.

Ao mesmo tempo em que afirma tratar-se de um jornal de gênero condenável, o dr. Raul Martins considera sua longa existência e sua situação legal regular para rever a pertinência da circular. Estes aspectos, somados à alegação de trânsito não ostensivo do periódico - porque dobrado ou fechado - pelas repartições postais, embasam sua decisão.

Assim, mais uma vez, a questão da ostensividade é primordial sobre o que possa haver de conteúdo pernicioso, o que aparece claramente quando o juiz explica a invasão do diretor dos correios nas competências judiciárias:

"Considerando que assim a circular (...) mais insustentável se torna desde que não se limita sequer aos exemplares que revistam no seu conceito o caráter de obscenidade, mas condena de antemão e independentemente do que possa de futuro conter, arrogando-se, pois, funções judiciárias (...)"

Esta passagem é extremamente significativa. O movimento do juiz é de reconhecer que o jornal é condenável, o que não o impede, em seguida, de desautorizar o diretor dos correios quando este o declara obsceno. Ao declarar que a função de classificação moral do periódico é judiciária e não postal, o juiz revela um dos conflitos - de autoridade - que ocorriam através do debate motivado pela proibição dos periódicos.

O juiz parecia ter razão. Afinal, todo este episódio serve, antes de mais nada, para indicar que a proibição destes periódicos expressa um dos muitos conflitos em torno da definição dos limites da moralidade sexual, que seria a respeito de qual setor teria legitimidade e poder para definir estes limites em relação à imprensa. Tanto os católicos como os jornalistas, os próprios redatores das duas publicações e os juízes parecem ter concordado com o perigo da "publicidade das coisas pornográficas", para retomar os termos da representação católica ao presidente da República. O problema era que, para muitos católicos, a simples representação de corpos femininos mais ou menos despidos e referências a comportamentos sexuais "desregrados", como a prostituição e o adultério, eram mais do que

⁵⁴ - Transcrita sob o título "O 'Rio Nu' e o sr. Tosta" no jornal O Século, 6 de agosto de 1910.

suficientes para atestar o caráter pornográfico de qualquer publicação.

Os jornalistas, em sua maioria, contribuíram para estender esta discussão às suas áreas de atuação, explicitando outros significados implícitos do termo. Por estar relacionada à ostensividade, e por consequência a um público potencialmente indefinido, "pornografia" podia se referir à prática sensacionalista da imprensa diária e séria; estaria também, portanto, ligada a práticas que tivessem ampla circulação social, como certos gêneros teatrais, os cinematógrafos, e a própria imprensa diária. Não é por acaso que ao lado dos periódicos "imorais", os cinematógrafos tenham causado especial polêmica no período, já que eram uma forma recente de diversão e de amplo alcance⁵⁵.

Tendo em vista este aspecto, o episódio da proibição pode ser tomado como uma explicitação dos problemas que acompanharam a própria constituição de uma imprensa de "gênero alegre" - decorrente, basicamente, da dimensão comercial da existência dos periódicos, que como a prostituição, os cinematógrafos e os teatros, passava a circular de uma forma ineditamente ampla, ainda que direcionados a um público segmentado. A polêmica da proibição, assim, seria uma das formas de manifestação do estranhamento de alguns grupos letrados diante deste novo panorama⁵⁶.

Os católicos, pretendendo-se defensores da moral pública, organizaram-se para mobilizar outros setores sociais no sentido de viabilizar um efetivo controle sobre a "imoralidade", que nas suas visões, utilizava-se

⁵⁵ - A representação do Centro Católico se refere também a eles, e parece ter sido o começo de um debate sobre o assunto; ver Rio Nu, 13 de novembro de 1909, "Não apoiados!" que se refere a alguns jornais que se manifestaram contra os "cinematógrafos imorais" e Rio Nu, 27 de abril de 1910, a respeito de repressão policial sobre eles. Em 1912, a liga anti-pornográfica da União Católica pede ao chefe de polícia que, além de censurar os filmes "imorais", também reivindica que os cinemas não permaneçam funcionando sem luz, e para que passem a funcionar com luz verde, como nos Estados Unidos, Documentação de polícia, pacote 417, caixa 5555, Arquivo Nacional, 1912. Anos depois, Elísio de Carvalho publica um artigo preocupado com a má influência dos cinematógrafos sobre a "meninas ignorantes da vida e moços de alma ainda pura." Elísio de Carvalho, "Cinematógrafo e criminalidade", Boletim Policial, n.10, ano VII, outubro de 1913.

⁵⁶ - Ao comunicar o chefe de polícia da criação de uma "Liga anti-pornográfica", o secretário da União Católica Brasileira aproveita para parabenizá-lo "pelo empenho que teve em fazer a censura teatral que infelizmente se acha paralisada; pelas suas apreensões de publicações obscenas e pelo esforço empregado por V. Excia. em combater o lenocínio", oferecendo-se para auxiliá-lo na campanha contra a "imoralidade pública". Note-se as três preocupações básicas da organização católica: teatros, "publicações" e "lenocínio" - formas crescentemente visíveis e comerciais de exploração do sexo como um produto de consumo, e que pareciam estar também entre as questões-alvo do chefe. Correspondência do

de formas comerciais para se alastrar pela sociedade. Com isso, seus efeitos perniciosos se difundiriam ainda mais, ameaçando os grupos mais vulneráveis às suas manifestações⁵⁷. A motivação básica da proibição dos dois periódicos em 1910, deste ponto de vista, parece ter sido a possibilidade de um católico, ocupando uma função administrativa leiga, viabilizar a forma possível de controle que seu cargo permitia - no caso, impedir a circulação de "publicações obscenas" pelos correios.

Este, porém, era um momento em que setores leigos, marcados por uma ideologia cientificista, como médicos e juristas, viam-se como portadores e difusores dos ideais da "Civilização". A reação contra a medida do diretor dos correios, generalizada na imprensa diária e respaldada pela decisão do juiz Raul Martins, podem ser lidos como um reconhecimento, pelo menos por parte de grupos letrados, da prerrogativa de que estes setores "leigos", mas principalmente, portadores de um "saber científico" e "neutro" de decidir sobre a moralidade sexual, a despeito da autoridade religiosa. Este reconhecimento pode ser identificado no recorrente argumento de que o diretor Tosta teria confundido suas funções e de que a dificuldade de se estabelecer o que era ou não "obsceno" demandava uma autoridade "competente" no assunto, no caso a polícia ou os juristas.

Mas essa discordância de autoridades significava também, como foi pontuado em alguns momentos, uma discordância quanto ao ideal de "Civilização", e a própria nação pretendida por diferentes grupos. Para boa parte dos católicos organizados, a França só encarnaria o grau de dissolução a que se poderia chegar sem um controle social sistemático sobre as "imoralidades". Isso não impedia que os setores católicos se

secretário da União Católica Brasileira ao chefe de polícia, Documentação de Polícia, pacote 417, caixa 5555, Arquivo Nacional, 1912.

⁵⁷ - Além do manifesto em 1910, e da própria proibição do católico diretor dos correios, há outros indícios de organização dos setores católicos nas duas primeiras décadas do século XX. Em 1912, a "União Católica Brasileira" comunica ao chefe de polícia a criação de uma "Liga anti-pomográfica", Correspondência do secretário da União Católica Brasileira ao chefe de polícia, Documentação de Polícia, pacote 417, caixa 5555, Arquivo Nacional, 1912. A criação de ligas anti-pomográficas parece ter sido uma orientação nacional da União Católica. Em 1915, um padre pertencente ao núcleo da Paraíba realiza uma conferência sobre a necessidade de criação de uma liga desta natureza. Segundo ele, "o furacão que se agita não ameaça somente as forças católicas. (...) É a sociedade civil propriamente, é a pátria que ameaça ruína sob a ação demolidora das abjeções sensuais, que sorrateiramente vêm minando o organismo", Padre Manoel Tobias, 2a. Conferência Interna, realizada a 15 de agosto de 1915 no salão nobre do Palácio do Carmo. União Católica Brasileira, (Núcleo da Paraíba). Paraíba do Norte: Tip. d'A Imprensa, 1915, p.4.

preocupassem com a imagem do país no exterior - há que se lembrar que um dos públicos indesejáveis para os espetáculos imorais, segundo o manifesto católico, eram os estrangeiros. Do mesmo modo, o autor de um dos poucos artigos da imprensa diária que se aproximou dos católicos citou a França como uma referência exatamente no esforço de alguns setores em reprimir a "pornografia"⁵⁸. A apropriação da França como uma referência de civilidade, assim, não era unânime nem feita do mesmo modo.

Neste sentido, os próprios periódicos proibidos podem ser tomados como representativos de um outro ideal de "civilidade", em especial Sans dessus, que veiculava uma preocupação explícita com este assunto. Não foi por acaso que a resposta ao manifesto católico publicada em suas páginas atentasse para o aspecto dos estrangeiros, citando Anatole France como um exemplo de "civilidade"; nem que citasse periódicos franceses como a fonte das suas ilustrações "imorais". Trata-se de uma postura que, para se contrapor ao panorama de "dissolução dos costumes", utiliza-se da "imoralidade", na medida em que ela pode denotar distinção social. Certos hábitos e comportamentos "elegantemente imorais", portanto, seriam desejáveis para que criem uma identificação masculina de "elite". Este periódico, portanto, expressava uma polarização nos termos de uma elite atenta para os sinais da civilização e do progresso *versus* os setores representados pelos católicos, marcados pela hipocrisia moral e pelo atraso.

Sans dessus, porém, obviamente não era representativo de uma opinião leiga unânime sobre o assunto, ainda que na polêmica da proibição possa ter aparecido uma polarização nestes termos. Em 1911, logo depois do episódio da sua proibição pelo chefe dos correios, o jornal O Paiz retomava a discussão manifestando-se justamente contra "as publicações ilustradas que exploram o gênero livre e que são expostas abertamente, penduradas em cordéis, às portas das casas onde fazem ponto os engraxates e vendedores de jornais". É interessante notar a mudança de termos da reclamação, em relação à polêmica que ocorrera no ano anterior:

⁵⁸ - Eugésio da Silveira, "O que vai pelo mundo", Correio da Manhã, 8 de abril de 1910. O padre Manoel Tobias, da Paraíba do Norte, refere-se à França como "o mais vivo e perfeito exemplo do quanto é desastroso para um povo divorciar-se de Deus, fato ordinariamente resultante da obsessão sensualista.", Padre Manoel Tobias, op. cit., p.9.

"(...) o que pretendemos é apenas a fiscalização de um comércio que tem, como todos os outros, de se submeter a uma ordem social. Ninguém quer impedir que tais publicações se vendam, desde que há aficcionados que as comprem; o que se quer apenas, desde que elas têm o seu público, que as procura onde está habituado a achá-las, que não afrontem com suas páginas de gravura os olhos de quem não deve encará-las. O título, disposto de modo visível nos pontos de venda dos jornais, já é bastante para os apaixonados do gênero. (...)"⁵⁹.

Há uma diferença básica entre esta reclamação e o posicionamento dos católicos, ainda que ambos reconheçam a necessidade de se controlar esta imprensa. Neste caso, delineia-se uma preocupação em regulamentar um comércio como outro qualquer. Parece, então, que os termos em que esta própria imprensa queria ser vista foram, pelo menos aqui, aceitos. Não se trata mais de uma "imoralidade" que se utiliza de formas comerciais de difusão, mas de uma atividade comercial lícita, que precisa ser regulamentada por não ser moralmente recomendada a certos grupos - ainda que se garanta o acesso ao seu público cativo.

É extremamente significativo que a proibição de 1910 tenha provocado o desaparecimento de um dos periódicos, Sans dessous, que certamente não pôde sobreviver à privação de ser distribuído pelos correios - forte indicativo da importância das assinaturas para sua manutenção financeira, aspecto que talvez reforce a intenção "distinta" do periódico. A "imoralidade parisiense", porém, parece não ter tido forças econômicas para sobreviver ao ataque católico.

Mas é também significativo que o "Vagabundo", a encarnação da identidade irreverente e masculina do Rio Nu, tenha respondido ao mestre Laje, numa referência ao proprietário do jornal O Paiz, no estilo debochado e irônico de sempre:

" Não sabemos que idéia foi essa do pudibundo camarada que à última hora fica vermelho por ver uma mulher em trajes de Eva estampada n'O Rio Nu, ou em outro qualquer jornal artístico...

Se o moralista do 'Paiz' não tem mais....*coragem* a culpa não é nossa. Chore as suas misérias e não queira fazer baixar a *crista* dos que não usam catuaba.

⁵⁹ - O Paiz, 12 de junho de 1911.

De resto, é sabido que uma senhora não vai mexer no prego do italiano para descobrir a nudez das figuras copiadas dos periódicos artísticos de Paris."⁶⁰

A resposta direta e agressiva do redator do Rio Nu, ridicularizando seu interlocutor pela sua (falta de) virilidade, indica a importância das vendas avulsas para a manutenção do periódico. O problema dos leitores indesejados - que aqui passam a ser exclusivamente "leitoras" - novamente volta a ser o cerne da necessidade de regulamentação da exposição pública dos periódicos. E esta é uma questão que neste período passa a ser da competência dos juristas, que se reivindicam os difusores de códigos de moralidade sexual⁶¹.

Assim, a emergência da imprensa de "gênero alegre" serviu para conferir visibilidade a algumas questões em torno da moralidade sexual. Ao longo das suas existências, nas suas duas vertentes, estes jornais veiculam um debate sobre a utilização de recursos "imorais" para se afirmarem no mercado e garantir o seu público consumidor; é a isto, principalmente, que se refere a diferenciação de um "gênero alegre" no mercado, como foi visto no primeiro capítulo. Aqui, pode-se estabelecer a associação entre os limites de aceitação desta imprensa e a expressão de um conflito de autoridades que procuram novas formas de se estabelecer controle sobre este fenômeno recente e, para muitos, assustador. O controle sobre os limites da moralidade sexual é, portanto, mais uma dimensão conflituosa que a existência destes periódicos trouxe à tona, e que diz respeito ao controle sobre certos setores sociais.

A produção bibliográfica que tratou das formas como este controle foi pensado e viabilizado já destacou a importância das mulheres como alvo preferencial destes controles; ou, de um modo mais amplo e mais atual, a importância das categorias de gênero como um modo primário de se pensar e estabelecer este controle. Ora, os periódicos organizaram seus conteúdos exatamente em torno de uma aparente transgressão das normas de gênero.

⁶⁰ - "Vagabundo, "Vagabundagens", Rio Nu, 17 de junho de 1911.

⁶¹ - Sueann Caulfield, neste sentido, argumenta que a tensão entre as autoridades morais religiosas e as instituições seculares, no que diz respeito intervenção estatal em assuntos de moralidade, é resolvida pelos juristas através das suas habilidades para "estabelecer códigos morais universais baseados em conceitos fixos de gênero e honra"; com isso, eles

Resta saber, portanto, que tipo de tematização eles empreenderam, e até onde iam suas possibilidades de transgressão, posto que a inconveniência de que mulheres lessem estes periódicos parece ter sido, no fim das contas, um dos poucos pontos em torno do qual todos os envolvidos concordavam.

Capítulo 3 - Leituras aperiitivas

O comendador Eusébio - "negociante, importador, capitalista e respeitado" - casara-se unicamente para ter mulher em casa. A pobre escolhida, D. Adelaide, sofria com os hábitos metódicos do marido, e principalmente com sua falta de interesse nos deveres conjugais. Após várias frustradas tentativas de provocar o marido, Adelaide resolve apelar para um outro recurso que não os seus próprios encantos: a "leitura sugestiva". Manda comprar o Rio Nu e larga-o rasgado sobre a mesa, como se tivesse servido de papel de embrulho. Deparando-se com o jornal, o bem sucedido negociante resolve tomar satisfações com a mulher:

" - Que é isso? Um jornal desses em minha casa! Então a senhora lê essas coisas?

- Eu não - exclamou Adelaide - isso naturalmente veio embrulhando alguma coisa.

- A senhora é que quer embrulhar a mim! - rosnou o negociante, abrindo o jornal, desconfiado. - A senhora é que o mandou comprar. Resta saber para que. Quem sabe se não vem aqui alguma coisa que a interesse... alguma poesia ou novela dedicada à senhora...

E o Eusébio pôs-se a procurar, nas colunas d'O Rio Nu, alguma coisa suspeita. Começou de pé, mas as gravuras prenderam-lhe a atenção."¹

Das gravuras, o comendador passou ao texto. Entre contos e crônicas, "que tinham todos por único fim a glorificação da mulher, a descrição minuciosa de suas belezas e o poder mágico de sua carne", Eusébio começou a ter idéias cada vez mais intensas sobre "a utilidade da mulher em geral e especialmente daquela que ele tinha ali". Assim, o plano de D. Adelaide funciona e mais um casamento é salvo com a "sugestiva" leitura de um periódico "alegre".

¹ - D. Villafior, "O efeito da leitura", Rio Nu, 28 de agosto de 1909.

Histórias como esta são recorrentes no Rio Nu ao longo de toda a sua existência. Esposas inteligentes e insatisfeitas com seus maridos ricos e brancos; mulheres que compram "certos" jornais e livros escondidas dos maridos, e que, com isso, salvam seus casamentos. À primeira vista, contos assim apenas reforçam a fama atribuída ao Rio Nu, e cultivada por ele mesmo, de ser uma leitura excitante. Daí a importância das gravuras, que, representando mulheres de formas generosas e insinuantes, funcionam como chamariz de leitores. O texto, por sua vez, complementa as figuras para estimular ainda mais uma suposta imaginação masculina. Nas histórias em que os personagens são homens e mulheres leitores do jornal, suas fantasias acabam servindo como um fator a mais de excitação para leitores reais, numa sugestão, antes de mais nada, de como o jornal deveria ser lido².

A aparente despretensão nas intenções desta leitura, no entanto, esconde alguns aspectos interessantes que merecem atenção mais detida. Como já foi discutido nos capítulos anteriores, periódicos de "gênero alegre" como o Rio Nu e Sans dessous podem ser lidos como parte de um movimento mais amplo de redefinição dos padrões e códigos da moralidade sexual no começo do século XX. Tanto no momento em que foram proibidos como ao longo de suas existências, as "publicações de gênero alegre" evidenciam desde um debate sobre o perigo de seus conteúdos para certos leitores - debate cujos termos "morais" escondem critérios políticos de exclusão social - até a disputa de um ávido mercado consumidor masculino para estas leituras, explicitada na construção de uma identidade diferenciada do resto da imprensa humorística para estes periódicos.

Neste capítulo serão investigados os conteúdos do Rio Nu e Sans dessous. Em primeiro lugar, isso significa procurar o motivo da escolha de certos temas e personagens recorrentes, e de uma certa linguagem para abordá-los. Quais eram os assuntos preferidos e que forma de tratá-los tornavam-nos "leituras aperitivas"? Em segundo lugar, serão buscadas as

² - As representações de homens e mulheres leitores do periódico eram frequentes, inclusive em muitas ilustrações. Era frequente que aparecesse uma mulher pouco vestida, na cama, lendo o próprio jornal ou os livros nele anunciados, e comentasse: "Este livro é bom, é mais do que bom: é magnífico! Mas... não é leitura para uma pessoa só... É para duas e... de sexo oposto...", "Boa leitura", Rio Nu, 19 de outubro de 1904, entre muitos outros.

intenções e os preconceitos que informam as abordagens dos redatores. Com isso, pode-se desmistificar a tão polêmica e propalada idéia de que todo o valor (ou, para alguns, justamente a ausência de qualquer valor) de tais periódicos estaria na "concessão" de seus diretores e redatores ao (mau) gosto do público. A identificação das intenções dos redatores nas histórias, diferenciadas das possibilidades de leitura permite o reconhecimento de pelo menos algumas vozes e interesses distintos - às vezes em conflito - nas mesmas páginas.

Apesar da história que abriu este capítulo ser protagonizada por um homem de posses, já foi visto que o Rio Nu contava entre seus leitores assíduos homens não tão bem providos financeiramente. No contexto daquele conto, além disso, a riqueza do comendador parecia ser um elemento a mais na composição ridícula do personagem - que tinha dinheiro e mulher e não sabia o que fazer com eles. Assim, a investigação dos temas escolhidos e da forma de expressá-los precisa levar em conta o direcionamento a uma provável pluralidade de leitores. Para fazer sucesso entre eles, os periódicos de gênero alegre consolidaram uma linguagem que até aqui veio sendo chamada de "maliciosa", podendo no entanto ser melhor definida e seus mecanismos esmiuçados em algumas situações concretas, quando aparecem as categorizações de gênero que informam os redatores.

Para isso, serão privilegiadas algumas entradas, reveladoras da lógica dos autores: primeiro, as seções de comentários do Rio Nu, que expressam opiniões sobre política e notícias do cotidiano a partir de uma referência de masculinidade; em seguida, os contos assinados por "D. Villafior", que sistematizam uma verdadeira "teoria sobre as mulheres" expressa pelos redatores. As diferenças entre a "teoria" do Rio Nu e a do Sans dessous, investigadas a seguir, ajudam a explicitar as relações de poder que cada periódico expressa através das categorizações de gênero que empreende. Por fim, uma abordagem especificamente sobre as prostitutas - as suas funções em cada um dos periódicos, mostrando como o jornal pode ser o espaço de outros interesses, distintos das intenções dos redatores, e com os quais eles estabelecem uma relação marcada pela ambiguidade.

No Rio Nu, as colunas de comentários de acontecimentos do cotidiano, por exemplo, viabilizam uma utilização particular daquela linguagem "maliciosa". É o que se percebe pelos comentários e brincadeiras com a reforma urbana que mudou a feição da cidade. Em 1905 era publicada uma "Autobiografia" do prefeito Pereira Passos, nos seguintes termos:

"Velho, mas velho teso - eis o que sou, da minha infância não tenho nem reminiscências, tão longe vai ela!

(...) estava eu muito sossegado a serrar minhas madeiras, quando o Sr. Dr. Rodrigues Alves me chamou para me entregar o governo da cidade. Aceitei com a condição de ser ditador, de fazer o que me desse na veneta, sem me importar com Conselhos. Na minha idade, dispensam-se os Conselhos...(.)

Tenho feito tudo o que posso para transformar esta Latrinópolis num jardim de fadas. De fadas, entenda-se bem e não haja pastel nessa palavra...

O aplauso da maioria da população, anteposto à posição dos retrógrados que não querem nada de progresso, serve para me animar e prosseguir na tarefa que encetei, provando dia a dia que não foram perdidos os meus

PASSOS"³

As brincadeiras não impedem que o tom predominante seja de apoio ao prefeito. As sugestões de duplo sentido sexual relacionam a figura viril do prefeito à sua velhice, evidenciando uma visão de que a ditadura seria uma consequência da sua experiência e virilidade. O apoio, por fim, é reforçado pela oposição entre a "maioria da população" que o aplaudiria e os críticos "retrógrados". Estas associações também contribuem para evidenciar uma visão da modernização da cidade relacionada a um clima "licencioso", sugerido pelo "jardim de fadas".

É possível encontrar comentários diversos sobre o processo de transformação da cidade que reforçam esta percepção, como este, a respeito da reformulação do largo do Rocio, ponto tradicional de prostituição masculina desde o século XIX⁴:

³ - Rio Nu, 22 de fevereiro de 1905.

⁴ - Ver Vivaldo Coaracy, "O Rossio", Memórias da cidade do Rio de Janeiro Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1988, e Luis Carlos Soares, op. cit., p.72, que diz que o largo do Rocio já tinha a fama como ponto de encontro de "pederastas" nas comédias de Martins Pena.

"O Dr. Passos, nosso prefeito
Na dura faina de reformar,
De dar um jeito
Nesta cidade, que há de ficar
À viva força, muito bonita,
Muito elegante, muito vistosa
Mesmo catita
Mesmo formosa,
Vai destruindo, vai derrubando,
As imundícies, as velharias (...)

E a picareta dura, irreverente
Desse Prefeito da Transformação
Que tudo vence e fura facilmente,
Não respeita sequer a Tradição! (...)

(...) Aqueles belos meninos
Que com ares femininos
E uns ademanos gentis,
Sem sabre e sem espingarda
Montavam há muito guarda
A um monarca feliz
Como esse Pedro Primeiro
Que se via o dia inteiro
E de noite rodeado
Por tantos jovens bonitos,(...)
Aqueles jovens devem estar furiosos!

Não é p'ra menos! Aquele largo,
Que ficar deve como o Paço,
Aberto, claro, com grande espaço,
Vai arrancar-lhes o encargo
De ser da estátua guardas fiéis... (...)"⁵

A reforma do largo do Rocio, ameaçando a frequência tradicional dos meninos de "ares femininos" que ali se concentravam, é um assunto ideal para os comentários do redator da coluna que, não por acaso, intitula-se "Semana despida". Novamente o tom é de aprovação ao modo autoritário do prefeito implementar as mudanças, usando sua força "viril" e não respeitando a "Tradição" sendo que, neste caso, ela estaria na exposição pública dos "belos meninos", associados imediatamente às "imundícies" e à promiscuidade, alvos dos esforços saneadores.

O "jardim de fadas" que o prefeito queria criar, assim, excluiria algumas manifestações de "licenciosidade tradicionais". Ao invés de expressar um apoio aos esforços transformadores do prefeito, ou defender os "meninos afeminados" do seu ataque viril, o redator parece mais interessado em se aproveitar dessa antiga função da praça para abordar sua modernização de um ponto de vista que os outros jornais não fariam; o atrativo dos versos, assim, podia ser não só a opinião do autor sobre a ampla reforma da cidade, mas principalmente o apelo do próprio assunto.

O tom, porém, nem sempre era de aplausos. As críticas aparecem, por exemplo, quando o jornal publica uma paródia do Regulamento de higiene, em 1904, denominado "Código de Torturas", que apresentava itens como este:

"Art. I - Fica estabelecida a higiene à muque. (...)

Art. III - Qualquer empregado da higiene poderá meter o focinho por qualquer casa a dentro, ir até a casinha, apalpar a cozinheira, visitar o guarda comida ou sentar-se à mesa, se for hora da bóia, e verificar se esta é de boa qualidade; entrar no quarto dos donos da casa e meter o nariz em quantos vasos noturnos for encontrando.

Se não for tratado com palminhas, dará a casa como infeccionada, sendo os moradores imediatamente postos no olho da rua. (...)

Aí ficam os artigos do nosso projeto que, por serem mais brandos, poderão substituir o do atual regulamento de Higiene que mais clamores têm levantado."⁶

A crítica ao regulamento de higiene é desenvolvida de forma a reforçar o absurdo da intervenção arbitrária na vida das pessoas, além dos próprios critérios para a definição do que seja higiene por parte do poder público. Assinado por "O Zé", referência ao "Zé povinho", figura criada pela imprensa que representa o cidadão comum, a paródia pretende expressar uma percepção frequente no período, dando-a como consensual⁷. Assim, a ironia

⁵ - "Semana despida", Rio Nu, 8 de junho de 1904.

⁶ - "Código de Torturas - Regulamento de higiene - Reclamações e protestos - A nossa intervenção - Projeto salvador", Rio Nu, 30 de março de 1904.

⁷ - O Dicionário Moderno, de Bock, associa o "Zé" simultaneamente à essa significação e ao pênis: "Zé: Corrupção popular de José. O Zé Povinho, ele, ele mesmo, o Gaspar, o Carvalho. Aquele respeitável senhor que anda sempre com os Jerônimos. "Zé Fidelis: quando o Zé é um Zé de peso", o que indica que o "popular" era pensado no "masculino", o que traz consequências que serão discutidas adiante. "Zé Fidelis", aliás, é o pseudônimo de

adquire um sentido crítico ao saneamento, na medida em que significa uma intervenção arbitrária.

Críticas humorísticas à intervenção nas vidas particulares da população, ainda que fossem corriqueiras na imprensa do período, adquirem um tom particular no Rio Nu por ser esta prática exatamente a mais cultivada pelos redatores das seções de comentários, como a "Semana Despida", ou a crônica dos acontecimentos semanais, "Nua e crua":

"Mas que querem? O prazer
está nas coisas privadas...
Essas que assim são compradas
Não dão gosto de... comer.
Têm o cheiro de mercado,
Não são fruto proibido
E não possuem marido
Para ser 'condecorado!'"⁸

A observação, que diferencia os amores comprados dos que são conquistados à custa de maridos infelizes, serve também para definir a preferência dos redatores da seção, ao longo do ano que ali findava, por assuntos escandalosos que envolviam a vida privada dos outros, como adultérios, seduções, desonras, lares e noivados desmanchados.

É exatamente este gosto por "prazeres privados" que possibilita um dos resultados mais significativos da linguagem maliciosa, ou seja, a construção, por parte dos redatores, de um reconhecimento, ou de uma identificação masculina. O gosto compartilhado pela conquista amorosa difícil e proibida, assim, é o mesmo que define a escolha de certos temas para serem explorados pelos cronistas. Aquele modo "malicioso" de se referir à reforma urbana, entre outros acontecimentos "sérios", é operacionalizado aqui para o tratamento dos assuntos preferidos - os privados - para se despir a semana.

Se no caso da reformulação da cidade este humor malicioso é utilizado para viabilizar uma crítica ou uma ironia, quando os assuntos passam a ser os ocorridos escandalosos do cotidiano, a ênfase da

um redator do Rio Nu que assinava a seção de comentários da semana, p.148, apud Dino Preti, op. cit., p.280.

⁸ - Lili, "Nua e crua (crônica semanal)", Rio Nu, 5 de janeiro de 1910.

abordagem maliciosa parece estar primordialmente voltada para a afirmação dessa identidade masculina que aproximaria redatores e leitores:

"A mulher e a política, os assuntos
Prediletos do povo brasileiro,
Andaram na semana sempre juntos
Como um casal brejeiro
Apontado e falado em toda parte."⁹

O episódio daquela semana que juntou os dois assuntos que mais interessam "o povo brasileiro" foi o assassinato de Euclides da Cunha pelo amante e sobrinho de sua esposa¹⁰. O caso, que ficou conhecido como "A tragédia da Piedade", causou uma verdadeira comoção nas folhas diárias, que passaram a publicar diariamente longas notícias sobre as investigações policiais, indicando o interesse do público leitor sobre o caso. Apesar da seriedade que o assunto demandava, principalmente por se tratar de "um nome laureado/ Um cérebro potente/ Um grande servidor/ Da pátria que hoje chora o filho amado", o fato é que, como se disse na introdução do comentário, este era, antes de mais nada, um prato cheio para os comentários maliciosos do Rio Nu. Afinal, possuía todos os ingredientes de um adultério romanesco, todos os elementos para ser mais um conto daqueles semanalmente publicados por D. Villaflor, o colaborador que redigiu a história do Eusébio.

Na prática, assim, a suposta seriedade da tragédia não impediu as tradicionais observações maliciosas; mas significativamente, fez com que todas se dirigissem à adúltera, permanecendo um silêncio (constrangido?) sobre a condição de traído do ilustre morto:

"(...) é uma tragédia horrível, mas aparecem nele alguns incidentes que não podem dispensar comentários.

Dizem - e o próprio 'Jornal do Commercio', que é tão grave, noticiou - uma coisa espantosa. Dizem que o delegado, revistando a casa do crime, encontrou provas de que D. Anna,

⁹ - Erasmo, "Nua e crua (crônica semanal)", Rio Nu, 25 de agosto de 1909.

¹⁰ - Sobre o assassinato de Euclides da Cunha, ver Jeferson de Andrade, Anna de Assis - A história de um trágico amor Rio de Janeiro: Codecri, 1987, em que o autor conta toda a história com base em depoimentos da filha de Anna de Assis, e a versão do sobrinho e amante em, Dilermando de Assis, A Tragédia da Piedade Rio de Janeiro: Ed. O Cruzeiro, 1951.

a tal mulherzinha das Arábias, dormira ali... e mais encontraram na cama e na roupa provas indiscutíveis de que ela passara uma noite singularíssima com o amante - amando-o, dando-lhe amor e venturas, mas sempre de costas para ele, como se estivesse de mal".¹¹

O lado bom de tudo isto, conclui o cronista, é que a história "deve servir de exemplo a outras mulheres", que devem considerar o perigo de que suas peripécias amorosas "contra a natureza", venham a ser publicadas nos jornais. O humor malicioso serve, portanto, a uma condenação previsivelmente cruel à adúltera, julgada e condenada pela sua conduta sexual desviante - tanto no que diz respeito ao próprio adultério como às práticas sexuais inusitadas para uma mulher "honesta".

Se as críticas à intervenção dos poderes públicos na vida privada da população contrastam à primeira vista com as observações maliciosas das colunas de comentários dos acontecimentos da semana, fica claro que a privacidade a ser respeitada, se generalizada socialmente através da figura do "Zé" é, por excelência, masculina. Os escândalos amorosos, mesmo que ocorressem com respeitadas personalidades de reconhecimento nacional, não escapariam ao cáustico humor malicioso, que neste caso se volta contra as adúlteras, as supostas responsáveis primeiras pelas tragédias. Humor que se torna ainda mais interessante pelo fato do assassinado se encaixar na clássica figura do marido ausente, como todos os traídos dos contos de adultério, e a adúltera ser uma mulher "honesta" que "se submete" a práticas sexuais "contrárias à natureza" - uma situação em que a realidade, excitante e perigosa, parece confirmar as desconfianças e fantasias masculinas cultivadas nos contos.

Se mulher e política são os assuntos preferidos do "brasileiro", mulher se envolvendo em política é um prato cheio para o humor que procura divertir os leitores, numa busca quase obsessiva de significações sexuais para qualquer assunto. Em 1910, por exemplo, o civilismo era um assunto que tomava conta de todas as conversas. "Dois homens não podem estar juntos cinco minutos sem tocar nesses assuntos." O comentário em seguida, previsível, é de que o autor prefere "mil vezes estar com mulheres, porque

¹¹ - Zé Fidelis, "Comentários", Rio Nu, 25 de agosto de 1909.

com elas há outras coisas a fazer"¹². Ainda que a identificação masculina possa ser afirmada a partir de assuntos como a política, busca-se sempre estabelecê-la através da prática sexual.

Porém, foi a considerada inédita participação feminina naquelas eleições, tomando partido dos candidatos mesmo sem votar, que mais chamou a atenção dos redatores:

"Mas também essa mania de meter a questão das candidaturas em tudo já aborrece. Todos tomam partido - até as senhoras deram para tomar.

Umas são hermistas, propagandistas do militarismo, só querem homens armados e fazem questão de engolir a espada.

Outras, civilistas ardentes, propugnam pelo regime da eloquência, declarando abertamente que só apreciam os homens que são bons na língua."¹³

Para o redator, as brincadeiras com significações sexuais eram a melhor forma de tratar aquele incompreensível interesse feminino por política. A associação entre o posicionamento político destas últimas com atitudes sexuais não só tem a função de ridicularizar o interesse das mulheres, afirmando o estranhamento do autor da coluna diante do assunto, mas principalmente, o faz de forma que também explicita uma associação entre mulheres que se envolvem com política e mulheres que se envolvem com sexo; o rompimento das barreiras do universo doméstico, em última instância, relaciona-se à prostituição¹⁴.

Este tratamento reitera a idéia de que política é assunto de homens - por isso, aliás, assunto recorrente nas seções de comentários - além de repor a identificação masculina sempre construída e reafirmada nestas colunas, partindo de um estranhamento supostamente compartilhado a respeito da "novidade", já que mulher teria apenas uma "utilidade". Tanto a

¹² - Zé Fidélis, "Comentários", Rio Nu, 8 de janeiro de 1910.

¹³ - Zé Fidélis, "Comentários", Rio Nu, 5 de fevereiro de 1910.

¹⁴ - Esta associação é explícita em várias outras crônicas, como por exemplo, no comentário do mesmo Zé Fidélis sobre a abertura do Congresso, que, trazendo os parlamentares para a cidade, favoreceriam as atividades das prostitutas: "Como feminista decidido e convencido que sou, começo por apresentar meus sinceros parabéns às mulheres desta cidade pela abertura do Congresso. (...) Os representantes da Nação vêm sozinhos de seus estados longínquos, e como eles não são de bronze, as raparigas livres e desembaraçadas fazem com eles um negócio"; "Comentários", Rio Nu, 9 de maio de 1908. A associação com a prostituição tendo um sentido óbvio de desqualificar o "feminismo".

tematização sobre a esposa adúltera de Euclides da Cunha como sobre a participação feminina na política abordam mulheres que tornam-se notícia por agirem de um modo distinto daquele que delas se espera, no primeiro caso, de uma mulher honesta, e no segundo, de mulheres que deveriam se ater a assuntos da esfera doméstica¹⁵.

A ameaça que tais mulheres representam aos olhos do redator (e supostamente do leitor) do Rio Nu pode ser percebida proporcionalmente ao grau de ironia dos comentários maliciosos. Poucos meses depois da Tragédia da Piedade, um outro acontecimento, menos trágico, porém com ingredientes mais interessantes, concentrou as atenções dos cronistas. A adúltera, desta vez, era uma médica, que foi flagrada pelo marido e pela polícia, em trajes menores e acompanhada, numa suspeita casa de cômodos. Impossível ser mais ao estilo de uma "imoralidade *belle époque*", e os redatores, prevendo o interesse do público, não demoraram em pintar uma médica "moça e bonita", exposta em suas "particularidades íntimas" aos olhos do amante, do marido e do comissário de polícia ao mesmo tempo.

Sem falar no detalhe de que a mulher estava sem meias quando foi flagrada, circunstância que muito intrigou Zé Fidelis, o redator:

"Mas não admira. Ela é uma moça que estudou muito, cursou uma faculdade; é natural que seja mais *sabida* do que eu. Estou humilhado.

O que me consola é a previsão de que dei mostras. Já há tempos, sabendo que ela era médica, tive vontade de me meter na cama e mandá-la chamar."¹⁶

A situação de uma mulher envolvida em atividades profissionais tidas como masculinas, e que é acusada de adultério, mais uma vez tende a ser tomada como uma confirmação real das desconfianças destes homens. Mulheres diplomadas em medicina no Brasil existiam desde a década de 1890, mas os vinte anos que se passaram parecem ter estado longe de serem suficientes para o reconhecimento do valor profissional de uma mulher "honestas".

¹⁵ - É importante lembrar que o envolvimento feminino com as eleições civilistas não pode ser generalizado para todas as mulheres, sendo mais provável que se trate de mulheres das chamadas classes médias; mulheres que supostamente encarnam os ideais "burgueses" de "honestidade" e "honra".

¹⁶ - Zé Fidelis, "Comentários", Rio Nu, 19 de fevereiro de 1910.

Assim, não surpreende que o caso tenha sido de grande interesse para a imprensa e a situação profissional da adúltera tenha tido grande papel no julgamento de sua conduta moral, principalmente nas colunas do Rio Nu.

Assim, tanto pior para a médica que, segundo os jornais, teria se justificado dizendo que estava "no exercício da sua profissão", e com isso, acabou dando mais corda para o seu próprio enforcamento:

"Que diabo de profissão é esta que para exercê-la é preciso despir-se e meter-se na cama? - perguntam todos.

Pois eu acho que ela disse a verdade. A profissão que uma mulher pode exercer em quartos alugados por hora é... esta mesmo"¹⁷.

As observações de Zé Fidelis e sua lógica lembram os comentários das "grandes sociedades" carnavalescas quando se formou a primeira mulher médica no Brasil. As tentativas de participação feminina em atividades políticas e profissionais transformaram-se em assuntos recorrentes dos carros de crítica a partir dos primeiros anos republicanos. O tratamento era sempre uma cômica inversão de papéis, a que se recorria para tematizar literatas, médicas, advogadas, além das mulheres que lutavam pelo direito de voto na República recém estabelecida¹⁸.

Parte do público dos préstitos carnavalescos no começo do século, homens ávidos pelos carros de alegoria que traziam prostitutas e atrizes conhecidas escassamente vestidas, certamente era o mesmo público leitor de periódicos como o Rio Nu e Sans dessous¹⁹, e se eles chegaram a ver os últimos carnavais do século anterior, certamente se divertiram com aqueles

¹⁷ - Idem.

¹⁸ - Ver Cristiana Schettini Pereira, op. cit.

¹⁹ - Muitas das referências às prostitutas nos dois periódicos destacam suas participações no carnaval das Grandes Sociedades e registram um aumento de popularidade depois de terem desfilado; algumas foram retratadas pelo Sans dessous, que também publicou fotos do clube dos Feninanos em 6 de janeiro de 1910; ver também a foto de *Marietta ...neneca* (Meleca) que aparece com a fantasia que desfilou nos Democráticos em Sans dessous, 7 de abril de 1910. Além disso, os dois periódicos lançavam concursos sobre o carnaval, recurso frequente para aumentar as vendas. No "Concurso carnavalesco de sans dessous" a pergunta era "A qual das três sociedades, Democráticos, Fenianos e Tenentes do Diabo" pertence a vitória do carnaval deste ano?", Sans dessous, 3 de fevereiro de 1910; e "Das mulheres que figuraram nos préstitos de terça feira gorda, qual era a mais bem feita?", Sans dessous, 3 de fevereiro de 1910. Rio Nu, além de desfilar em carros, dava grande espaço à notícias carnavalescas. Por exemplo, "Notícias de carnaval - Democráticos: "Nos carros alegóricos figurarão a Tetéia, a Plácida, a Elvirinha, Rosinha, Olga e Felismina", Rio Nu, 17

carros de crítica. Vinte anos depois dos primeiros carros tematizando as tentativas de algumas mulheres se estabelecerem em funções públicas "respeitáveis", é curioso notar que, a despeito da permanência da lógica de fundo e da incompreensão das atitudes das mulheres, o humor das observações carnavalescas tenham dado lugar a um inequívoco sarcasmo. A busca por profissionalização e de participação política por parte das mulheres dos setores médios da população deixava de ser vista como uma ridícula, engraçada e curiosa tentativa de se transformar em homens de saias para ser entendida de uma forma reducionista - não passariam de mulheres que se equivaleriam a prostitutas. O aumento da agressividade está na explicitação da associação que já era feita nos primeiros carnavais republicanos, mas que aqui encobre qualquer possibilidade de reconhecimento ou aceitação das atividades destas mulheres.

Para que esta mudança de tratamento ocorresse, seria fundamental reconhecer a diferença dos lugares onde cada tematização é feita: no caso carnavalesco, trata-se de um carro de crítica que desfila pelas ruas, atingindo um público muito diversificado; já o Rio Nu, como um periódico dirigido a um público masculino, desenvolve uma linguagem específica, voltada para a criação de uma identificação que parece se basear antes de mais nada numa identidade sexual, torna-se um lugar muito mais apropriado para se levar às últimas consequências a lógica sugerida nos préstitos carnavalescos. Por isso, o Rio Nu parece ser o lugar ideal para que se explicita uma lógica misógina que iguala em importância e confere a mesma relevância aos assuntos mais distintos, enxergando em cada mulher nada mais que uma adúltera ou uma prostituta em potencial.

As colunas de comentários do cotidiano, neste sentido, são de fundamental importância para que o absurdo dessa lógica reducionista adquira foros de normalidade na pena dos redatores. É interessante notar que, ao mesmo tempo em que os comentários constroem uma identificação entre homens, as críticas à reforma urbana indicam o quanto esse mesmo recurso - a linguagem da malícia - pode ser utilizado para viabilizar a expressão de críticas que ultrapassam os comportamentos morais e sexuais

de fevereiro de 1904. Ver também, sobre ascensão das prostitutas através dos carnavais das Grandes Sociedades, Cristiana Schettini Pereira, op. cit.

das mulheres, adquirindo uma dimensão social. A virilidade do "Prefeito da Transformação", assim, é utilizada para apoiá-lo e também para criticar a intervenção arbitrária nos hábitos cotidianos da população. Por outro lado, a mesma lógica viabiliza a intervenção do periódico em escândalos privados, baseando-se no pressuposto de que as mulheres têm suas condutas sexuais permanentemente sob julgamento. Se pensarmos que essa lógica pode ser o desdobramento de uma visão calcada no pressuposto de que o "povo" e o pênis, podem ser chamados pelo mesmo nome, pode-se sugerir que o "Zé Fidelis" talvez não estivesse fazendo muito mais do que explicitar esta associação, baseando-se nela para olhar o mundo.

Além disso, essas seções são significativas de como a lógica expressa na linguagem maliciosa opera para repor normas de gênero baseadas numa distinção fixa e naturalizada. Através delas, o redator expressa suas opiniões políticas e sobre os acontecimentos, generalizando-as e naturalizando-as como um "masculino". Porém, como essa distinção é feita principalmente através de brincadeiras com situações em que os limites morais são rompidos, ela acaba carregando uma dubiedade de significação que pode ultrapassar a intenção original de uma certa lógica misógina, mesmo operando com seus termos. É o que acontece principalmente com os textos ficcionais.

* * *

Os personagens tematizados nas crônicas e comentários podem ser reencontrados nos contos maliciosos, uma das principais características dos periódicos de "gênero alegre". Tanto o Rio Nu como Sans dessous são pródigos em pequenos contos em que senhoras honestas e meninas ingênuas descobrem "novidades" com primos elegantes e bonitos ou padres que se aproveitam da ausência de pais e maridos. Nessas histórias os personagens atuam exclusivamente de acordo com as suas "identidades sexuais", o que permite que se investigue como estas identidades são contruídas pelos autores dos contos, e que significados carregam.

No caso do Rio Nu, um autor se destaca pela longevidade de suas contribuições literárias que trazem características esclarecedoras. Trata-se de D. Villaflor, o mesmo que assinou o conto sobre Eusébio, o marido displicente de seus deveres conjugais que descobriu os prazeres de se ter uma mulher em casa graças ao Rio Nu. Ao longo dos primeiros dez anos de existência do periódico, seus contos eram presença constante, ocupando metade de uma das páginas internas do periódico, e às vezes acompanhados de ilustrações de suas protagonistas cobertas de leves roupas insinuantes de suas formas. A longevidade alcançada indica um provável sucesso deste tipo de conto, o que pode ser reforçado pelos folhetins redigidos pelo mesmo D. Villaflor, que foram posteriormente impressos como pequenos livros²⁰.

Mesmo que em alguns momentos tivessem a autoria substituída por "Danilo" ou por "D. Jasmim", os contos se caracterizavam por ser, na maior parte das vezes, narrados em primeira pessoa, e por se dedicar a descrições "sugestivas" das mais diversas peripécias amorosas do narrador. Algumas vezes o narrador masculino cedia o espaço do conto para transcrever as aventuras de alguma adúltera elegante; o padrão, no entanto - e aí estão as características esclarecedoras - era de que o narrador dividisse suas histórias numa primeira parte introdutória em que era exposta uma "teoria" sobre as mulheres, seguida da descrição do episódio amoroso. O narrador, assim, sistematizava suas aventuras "galantes" e seu vasto conhecimento sobre a alma e os corpos femininos, aconselhando que o leitor agisse da mesma forma que ele.

Mais uma vez as observações misóginas são exaustivamente repetidas, criando uma impressão de que a teoria é sempre a mesma, variando apenas os detalhes da concretização da aventura. Deste ponto de vista, aliás, o jornal inteiro reafirma a mesma impressão: "Quando uma mulher te der uma esmola, volta a pedir novamente, porque a mulher, depois

²⁰ - Ver, por exemplo, o anúncio do início de um novo romance de D. Villaflor a ser publicado no rodapé do jornal: "Este romance será de certo devidamente apreciado pelos leitores, que já têm consagrado com sua aceitação calorosa os livros anteriores desse popular escritor, cujos contos tanto têm agradado no Rio Nu."

Podemos afirmar que nunca a fantasia de D. Villaflor, sua imaginação sensual, seu espírito original e um profundo conhecimento da alma feminina se manifestaram de modo

de dar a primeira vez, continua a dar sempre."²¹ Ou mulheres são como maiôs: "desde que se lhes arrebenta um pouco, cedem logo"²². Ou ainda, a conclusão de um fazendeiro ao qual lhe sucedera perder simultaneamente uma vaca e a esposa: "mais vale perder uma mulher do que uma vaca! Apenas enviuei já se me ofereceram cinco mulheres; porém, quando morreu minha vaca, ninguém veio me oferecer outra!"²³.

Apesar do mesmo tom presente nas seções de comentários do cotidiano, há diferenças. Se nas seções de comentários abusava-se de termos de significados ambíguos, numa busca obsessiva por significações sexuais no tratamento de qualquer assunto, nos contos predominam descrições mais contidas. Provavelmente concorre para isso o fato de que o assunto passa a ser a própria conquista amorosa e o ato sexual; daí a ausência de termos mais diretos: o malicioso, mais do que nunca, está naquilo que não é dito, e exatamente pelo seu caráter implícito cumpre a função de leitura *sugestiva* - o mais importante fica a cargo da imaginação do leitor²⁴.

Há, porém, um outro aspecto relevante para a linguagem escolhida que diz respeito à identidade construída para o narrador. Conquistando as mulheres por seus próprios dotes, na maioria das vezes ele é caracterizado como um jovem elegante, bonito, de bom gosto, ao contrário do narrador das

tão intenso e brilhante neste novo romance que se intitula Cenas de Alcova, Rio Nu, 1 de janeiro de 1910.

²¹ - "Conselhos do Rio Nu", Rio Nu, 10 de dezembro de 1904.

²² - D. Villalor, "O maillot de Amélia", Rio Nu, 23 de junho de 1906.

²³ - "Mulheres e... vacas", Rio Nu, 17 de março de 1909.

²⁴ - Nesse sentido é interessante a observação de um artigo publicado em 1915 sobre os perigos das "publicações imorais": "E essa mesma literatura põe-se em ação nos cafés cantantes e em teatros, revestindo-se então o assunto em oropéis ou acobertando-se a intenção com transparente véu, não por pudor, mas por malícia; não por respeito ao público, senão para avivar ainda mais a sua curiosidade e estimular o apetite com maior energia". A "linguagem da malícia", assim, seria aparentemente um recurso para tornar o assunto palatável ao grande público, dos teatros, por exemplo, procedimento que na verdade só serviria para carregá-lo de significações mais picantes. "Documentos e Informações - Publicações imorais", Boletim Policial, ns. 1 a 3, janeiro a março de 1915. Note-se a importância da função do leitor na criação dos significados, enfatizada na definição de Dino Preti a respeito do Dicionário de Bock: "'O discurso da malícia se apresenta como um processo de comunicação lacunosa, onde o destinatário, (no caso, o leitor) é chamado a intervir, preenchendo os claros, desde que o contexto erótico do próprio Dicionário lho permita (e, para isso, ele poderá ir além das supostas intenções do A., imaginando significados cuja veracidade lhe é impossível testar) (...)". Dino Preti, op. cit., p. 109.

seções de comentários que assume uma identidade "popular", que o autoriza a tomar certas liberdades linguísticas²⁵.

De qualquer modo, por trás da primeira impressão de repetição monótona das aventuras do elegante narrador, é possível identificar alguns aspectos da lógica que informa as histórias, reveladores de possibilidades de entendimentos particulares. Em "A carne soberana", D. Villaflor expõe desde o início uma impressão que é reiterada em várias outras histórias:

"Vocês acreditam nessas bobagens de poetas, que dizem que as mulheres nos prendem pelos encantos sublimes da alma e não sei que mais?..."

Parece-me idiota negar que a mulher nos prende, mas é pela carne, pelo gozo que nos dá e que nós lhe damos, pela volúpia, que elas representam... Sim, porque não há negar, a carne feminina irradia sensualismo e promessas excitantes. (...)

Não se deseja nenhuma sem a ambição de deitá-la, derreá-la ao peso de nosso peito arfante, vê-la estorcer-se e gritar sob os nossos músculos potentes. (...)

É pela carne que elas nos prendem. Algumas bem o sabem, e abusam deste poder infernal...

A Luiza, por exemplo..."²⁶

A idéia de que o poder das mulheres está na carne, sobrepondo-se a qualquer atração intelectual ou espiritual, embasa a maioria dos contos. A preponderância dos estímulos sensuais faz com que as mulheres provoquem os homens, mesmo que não saibam ou não queiram. Mas, dada a natureza física desta atração, o "poder" se transforma em fraqueza, o que destaca a força e poder masculinos expressos na potência sexual.

Aliás, a vontade expressa pelas mulheres não é o que mais conta, diante da predominância nelas do biológico e dos desejos físicos. São comuns, assim, histórias como a de Albertina, uma "mulatinha clara" de 19 anos que, assediada por um rapaz de "bigodes louros e sedosos", protestou até o seu limite e, quando o rapaz estava prestes a "forçar... a resistência final", apareceu um "soldado da cavalaria de polícia", deixando o rapaz tão assustado que fugiu. O soldado, que contou o episódio ao narrador, resolve tomar o lugar do rapaz. Albertina ainda protesta, mas "num tom de voz que,

²⁵ - Basta lembrar da construção da figura do "Coió", que dá nome ao periódico; e também do "Vagabundo", personagem do Rio Nu, ambos analisados no primeiro capítulo.

²⁶ - D. Villaflor, "A carne soberana", Rio Nu, 9 de janeiro de 1907.

em lugar de protestos, mais pareciam gemidos." "Moral" da história: "Tudo está nisto: chegar no momento psicológico, no instante propício e bem escolhido."²⁷

No mesmo sentido se desenrolam as observações de D. Villaflor sobre a irresponsabilidade feminina quando se trata de desejos da carne:

"Coitadinhas! Elas não têm culpa porque só Deus sabe como a carne da mulher é frágil. Ainda poderei censurar uma mulher por não ter evitado a ocasião de... cair, de não ter previsto a sua fraqueza, não ter fugido ao perigo, mas só isso.

O que não admito é que uma mulher se desculpe ou procure atenuar uma falta, jurando que foi forçada.

Ninguém força uma mulher. O que as vence nunca é a força bruta, são as circunstâncias, é a sua fraqueza. Então essa história delas jurarem que foram subjugadas e que se mantiveram frias!"²⁸

O reconhecimento de desejos sexuais nas mulheres, e sua preponderância sobre a razão faz com que o autor, ironicamente, desculpe as faltas femininas. Aquele "poder" das mulheres de provocar os homens transforma-se novamente em marca de fragilidade. Numa linha de raciocínio semelhante à dos juristas, elas mesmas são culpadas de seus erros e suas "quedas", posto que são vencidas pela própria fraqueza, e não por alguma força externa. Elas são suas próprias inimigas e deveriam, portanto, evitar situações de perigo. O juristas, alguns anos depois, completariam: e se as mulheres não são responsáveis por seus atos, justifica-se todo o tipo de tutela dos pais ou do Estado²⁹.

Este, porém, não é um discurso com objetivos tutelares, mas justamente o contrário; é o pensamento de um conquistador:

²⁷ - D. Villaflor, "O Bom momento", Rio Nu, 26 de outubro de 1904.

²⁸ - D. Villaflor, "A carne", Rio Nu, 5 de junho de 1907.

²⁹ - Martha de Abreu mostra que até 1920 a sedução precisava vir acompanhada de uma promessa de casamento para dar início a um processo; Depois da segunda década do século, a sedução passou a adquirir o sentido mais amplo de "engano": "A inexperiência da mulher em controlar seus instintos é que passava a ser protegida". Sueann Caulfield aborda a ampliação da noção de "sedução" como uma adaptação ao que os juristas consideravam os "tempos modernos"; Nelson Hungria, por exemplo, "aceitava a noção de que até mesmo as mulheres honestas possuíam um instinto sexual que, despertado por um hábil sedutor, poderia induzi-las a servi-lo sexualmente", numa estratégia de "revitimizar" as "mulheres modernas" que se baseava em Freud; Sueann Caulfield, In defense... op. cit., p. 198. Tradução minha.

"Não há uma só passível de se manter fria diante de um contato sensual. (...)

O homem, não. Para que goze, para que sinta, para que vibre, é preciso que ele próprio o queira, sem o desejo, o seu organismo não age. Mas a mulher no seu caráter próprio de ente passivo, embora fria, embora sem desejo, está sempre em condição de receber um amplexo, e recebendo-o não pode impedir que o seu instinto natural se manifeste e que sua carne se exalte."³⁰

A percepção é remetida para o reino das determinações biológicas. Através deste raciocínio, assim, pode-se combinar a idéia de que as mulheres são passivas com a existência de desejos sexuais nelas antes que os juristas o fizessem. Estes desejos, ao invés de serem uma circunstância que as tornaria semelhantes dos homens, "prova" que as diferenças entre os sexos são polarizadas³¹. A vontade do homem sobrepõe-se "naturalmente" à da mulher, porque é dele a decisão de escolher, a capacidade intelectual; já a vontade da mulher não seria mais que marca da sua incapacidade de predominância da razão. Para D. Villaflor, o mais importante da fraqueza feminina é a incapacidade de evitar o prazer sexual.

A principal mensagem do contos, desta forma, é de que aquele que quiser a "receita infalível" para seduzir uma mulher deve sempre levar esta característica "natural" em conta, utilizando-a a seu favor. Isso não significa, porém, que o narrador/conquistador não reconheça a difícil situação da mulher na sociedade:

"Essas que têm a audácia de se dirigir a um homem, oferecendo-se, são descaradas cuja posse só pode dar o gozo bestial, meramente físico, do espasmo. As outras, educadas com idéias de pudor, não se atrevem a procurar os homens, esperam que eles a procurem... e como isso as obriga muitas vezes a ocultar desejos, mantêm em sua carne, exclusivamente nervosa e sensual, uma eterna sede de amor, uma ardência contida, que as tornam incapazes de defesa, diante de um homem que se atreve."³²

³⁰ - D. Villaflor, "A carne", Rio Nu, 5 de junho de 1907.

³¹ - Sobre o surgimento desta visão polarizada, calcada na biologia e suas consequências na percepção do prazer sexual feminino, ver Thomas Laqueur, Making sex: body and gender from the Greeks to Freud Cambridge: Harvard University Press, 1990.

³² - D. Villaflor, "Educação Sentimental", Rio Nu, 15 de janeiro de 1910.

Novamente, a mensagem é: ter coragem e ousar, aproveitando a fraqueza da carne feminina. Desta vez o autor descreve o que considera a "situação singular da mulher na vida". Como na visão de D. Villaflor as mulheres se dividem entre as que possuem e as que não possuem sentimento de pudor, não haveria saída para elas: condenadas caso se oferecem a um homem, senão pela ausência de pudor, pela própria inferioridade do prazer proporcionado a ele; eternamente insatisfeitas, e até histéricas, se resolvem esperar conforme as conveniências sociais³³.

A "filosofia da conquista", reconhecendo o paradoxo em que coloca as mulheres, faz com que as histórias oscilem entre duas implicações possíveis: ou enfatizam a fraqueza feminina, valorizando o papel do macho conquistador, como no caso da mulata Albertina, ou reforçam os desejos sexuais determinantes. Do segundo caso surgem as mulheres anômalas, que rompem os limites morais, encaixando-se na imagem tão recorrente neste período da mulher perigosa e fatal³⁴.

Os limites morais, na verdade, sempre são apresentados como tênues fronteiras entre a honestidade e o adultério, de acordo com a idéia da incapacidade feminina de escolher o que quer e decidir o que fazer com seu corpo e sua honra. Aliás, é desta instabilidade de fronteiras que parecem surgir as histórias consideradas mais excitantes. Episódio típico é o que D. Jasmim narra, localizando-a no tempo em que era estudante e morava numa república com colegas. Este detalhe é bastante relevante, porque ser estudante significa não ter dinheiro suficiente para frequentar prostitutas elegantes, embora a falta de dinheiro não signifique falta de bom gosto e nem desconhecimento de códigos sociais de elegância. O objeto do desejo,

³³ - Entre muitos outros, ver por exemplo a história do Domingos que tinha em sua mulher uma "furiosa histérica que tinha diariamente uma dúzia de ataques e se queixava de apertos e contrações" devido à impotência sexual do marido. O problema se resolve quando este é aconselhado por seu médico a usar a língua, deixando de lado o preconceito. Rio Nu 18 de junho de 1910; note-se o papel do médico como regularizador da sexualidade feminina dentro dos limites do casamento; ver Jurandir Freire Costa, op. cit.: "O sexo, dentro da legalidade do matrimônio, tornou-se objeto de regulação médica, não por seus excessos mas por suas deficiências", p. 227. Nos contos do Rio Nu, este papel do médico é instrumentalizado, com bom-humor, para expressar os limites do relacionamento conjugal para as mulheres, que nem sempre, ou melhor, quase nunca, eram resolvidos dentro da instituição conjugal.

³⁴ - Ver Margareth Rago, op. cit. e Mireille Dottin-Orsini, a mulher que eles chamavam fatal: textos e imagens da misoginia fin de siècle Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

então, é sempre uma mulher honesta, nova, elegante, inteligente, e de preferência com um marido bronco como o comendador Eusébio³⁵.

O conto, intitulado "As honestas", dedica-se, logo de início, a questionar a própria idéia de uma honestidade feminina:

"Acredita o leitor piamente na honestidade das mulheres? Estou daqui a ver a resposta bailar-lhe à flor dos lábios como a dizer-me: - Acredito, sim senhor!

Tenho eu razões de sobra, e muito particulares, para pensar de um modo absolutamente oposto. As mulheres, está claro que me refiro às casadas, só por um motivo excepcionalmente forte se mantêm fiéis aos maridos. Só mesmo quando alguma coisa imperiosa as impede de... fazer precisamente o contrário, é que elas assim se mantêm."³⁶

D. Jasmim é taxativo na sua intenção primeira de abrir os olhos do "crédulo leitor". A associação imediata é com a mulher ameaçadora e dissimulada, que precisaria ser controlada. A intenção real, porém, é de excitar o leitor com a possibilidade de uma conquista proibida. Sendo mulher casada, o narrador (e implicitamente o leitor) a conquistariam por seus próprios méritos, além de enfatizar o sentido transgressor da conquista. Surge daí a necessidade imediata de caracterizar uma mulher como "honestas" devido exclusivamente a circunstâncias exteriores:

"Na maior parte das vezes, a falta de liberdade, a presença dos famulos ou dos filhos, quando os há; o receio de ser pilhada em flagrante pelo marido, e os consequentes resultados deste ato; as más línguas, enfim, tudo isso impede-as de fazer uma asneira... dando um escorregão no contrato matrimonial... Mas o grande caso é que elas de fato só se mantêm puras quando a isso são obrigadas por um empecilho

³⁵ - A mesma situação norteia o romance de Custódio de Viveiros, O Gomes (episódios da vida acadêmica) Rio de Janeiro: Tip. do Jornal do Commercio, de Rodrigues & C., 1915, protagonizada por um estudante, filho único de um fazendeiro no Rio que ao invés de estudar passa o tempo atirando-se às conquistas amorosas, que vão desde "meninas de família", passando por uma menina portuguesa que trabalha no botequim em frente ao seu quarto, até a esposa de um comendador. Segundo ele, a maioria das mulheres elegantes de sociedade, se o visse "cheirando a botequim, não me dará a mínima atenção, enquanto que se a procurar de automóvel e bem encadernado, me julgará logo um aristocrata, uma reminiscência da corte de D. Pedro II, e descobrirá em mim encantos que eu não tenho e dotes de espírito que me faltam", p.18. Aos olhos de um estudante, assim, as mulheres se dividiriam entre as acessíveis e as inacessíveis, sendo que o critério de separação não é as suas "honestidades", mas a vulnerabilidade aos efeitos do dinheiro.

³⁶ - D. Jasmim, "As honestas", Rio Nu, 18 de julho de 1908.

qualquer, mas nunca porque lhes falte um bocadinho de vontade para mandar à fava o celebrado preconceito..."

Se o desejo feminino é natural, o pudor e a honestidade são resultado de um preconceito forjado socialmente, de amarras que a muito custo mantêm a mulher casada no seu devido lugar.

Com isso, estão delineados os traços da mulher ideal. Neste conto, ela é

"Alta, donairosa, de uma elegância impressionadora, um rostinho bonito mesmo a valer, ombros largos, de linhas impecáveis, uma cintura fidalga, terminando por umas fartas ancas, enfim, um pedaço de mulher capaz de estontear o mais *gelado* mortal!"

É esta a mulher que passa a receber a adoração diária do estudante seu vizinho. Depois de muitos dias de sofrimento, o narrador cria uma situação para encontrar a tentadora mulher, aproveitando-se uma tarde da ausência do marido. Divisando por trás do pegnoir que vestia "aquele par de rijos e deliciosos seios", o estudante não se contém e confessa a paixão que sente.

"Pensam vocês que a *honest* senhora me escoraçou? Enganaram-se! Ajudou-me a levantar-me dos seus pés, chamou-me tolinho, e após beijar-me também com ardor, conduziu-me até um fofo canapé onde por longo tempo os nossos corpos se fundiram nervosamente, enquanto eu a invadia toda com a fúria do meu desejo ardente e exaltado... num gozo intenso, absoluto, divinal!"

Nem por isso, depois desse fato, aquela apetitosa mulher deixou de ser honesta... aos olhos do marido!"

A linguagem é típica destes contos; quase nada é dito explicitamente. Mais "sugestivo" para a imaginação do leitor do que a forma de dizer, parece ser, neste caso, a própria idéia de uma mulher "apetitosa" e casada entregando-se a um jovem sem dinheiro, mas com ousadia. É a situação desta mulher, que deixa de lado os "preconceitos" por uma paixão carnal pelo estudante que torna o "gozo intenso, absoluto, divinal!". A caracterização do estudante, assim, pode tanto ter um sentido de "reminiscência", de recordações de aventuras juvenis, como também carregar a possibilidade de fazer sentido e

ser excitante para leitores que se identificam com a falta de dinheiro do estudante. Essa possibilidade permite, assim, uma ampliação significativa do espectro de leitores a que o conto se dirige.

O interesse pelas mulheres que dão vazão aos seus instintos gera uma série de contos semelhantes, em que mulheres casadas são postas à prova e sempre acabam cedendo diante dos apelos da carne (e da insistência do narrador-conquistador). Essa definição básica das mulheres, apesar de ganhar um sentido especial quando se aplica às casadas, transforma-se em fator de identidade entre todas as mulheres, do ponto de vista dos autores dos contos. Eulina, por exemplo, não era casada, mas "amigada" com Gaspar. Seu principal interesse, claro, era trair o homem que gastava rios de dinheiro para sustentar seus luxos de *cocote*.

A preocupação em trair o homem "a quem pertence" tem a seguinte explicação: "Elas metem o que querem nas cabeças dos homens, maridos ou amantes, mas não é possível convencê-las das coisas mais simples, desde que essas coisas estejam em contrário com seus instintos"³⁷. A teimosia feminina, assim, é fato independente do seu estado conjugal; seus instintos a governam³⁸.

Este conto não tem um narrador que se preocupa em conquistar Eulina; o objetivo da história parece ser simplesmente o de confirmar mais uma vez esta teoria sobre as mulheres. Talvez por isso, a parte introdutória assuma características quase bélicas, ao explicar a "necessidade fisiológica" feminina de trair os homens:

"Em primeiro lugar, a mulher sente-se sempre dominada pelo homem; esposa ou amante, precisa dele, é sustentada por ele: vive, pois, em uma situação subalterna, mais ou menos humilhante, e daí a tentação de vingar-se de sua inferioridade. Que melhor vingança pode ela encontrar do que ferindo o homem no que ele tem de mais sensível - sua dignidade masculina?"

³⁷ - D. Villafior, "A arrumação", *Rio Nu*, 2 de março de 1910.

³⁸ - A mulher fraca, governada pelos instintos, tendo como contraponto o homem racional e forte é uma distinção trabalhada no "discurso médico higienista", quando constitui os "papéis sociais" básicos de cada sexo na construção da relação conjugal higienizada; Jurandir Freire Costa, op. cit., pp.234-239. Mas, novamente, configura-se uma diferenciação básica: no "discurso médico", essas caracterizações voltam-se para a afirmação das funções reprodutivas de cada sexo no casamento; nos contos de D. Villafior, o objetivo é estabelecer relações amorosas, especialmente fora dos limites deste casamento.

Apesar de num primeiro momento naturalizar o desejo feminino pela traição, é interessante notar que a explicação remete a uma situação socialmente estabelecida: as mulheres se sentem inferiorizadas por precisarem de homens, e por isso buscam se vingar. Dinheiro, neste contexto, é um aspecto fundamental, servindo para evidenciar a dominação masculina e, em contrapartida, mostrar que mulheres como Eulina são más e interesseiras. Não por acaso, Eulina acaba traindo seu marido com Lourenço, o criado que aquele colocara em casa justamente para vigiá-la. A traição com um homem socialmente inferior, assim, pode ter um sentido de sugerir a baixeza moral da personagem.

O autor define claramente os lados em guerra, e deste modo toda a história se desenrola no sentido de provar a futilidade feminina, decorrente da sua natureza. A "dignidade masculina", neste sentido, toma o lugar das receitas de conquista; a mensagem aqui é um alerta para que os homens se defendam de "Eulinas" que apareçam em seus caminhos, ou da "Eulina" que haveria em cada mulher.

É curioso notar, porém, que quanto mais misógino o conto se torna, mais ele é obrigado a reconhecer, ainda que nos marcos dessa mesma lógica misógina, a existência de desejos sexuais nas mulheres, e as injustiças sofridas por elas numa organização social em que este desejo é sistematicamente ocultado. Mesmo estando muito longe de tomar partido das "injustiçadas", os contos possibilitam uma leitura por um viés favorável a elas; leitura que parece ter sido prevista pelos próprios redatores, e levada às suas últimas consequências nos contos em que o autor assume uma identidade feminina³⁹.

Em "Memórias de uma mulher", Stella narra a primeira vez que traiu seu marido. Apesar de romper as fronteiras da honestidade, ela não se confunde com uma prostituta:

"(...)graças a Deus nunca vendi meu corpo e creio mesmo que nunca teria a coragem para vendê-lo. (...)

³⁹ - A invenção de uma personagem feminina segue a mesma lógica da invenção do "Vagabundo" e do "Coió"; o autor atribui uma personalidade e opiniões diferentes da dele ao construir um narrador-personagem.

Mas a gente tem outras necessidades também, clamorosas e exigentes... o que é verdade para os homens não é menos para nós."⁴⁰

Assumir um ponto de vista "feminino" pode servir, assim, para repor a fronteira entre a prostituta e a "honesta", o que não poderia ser feito de forma explícita se se tratasse de um narrador-conquistador.

Isso não impede, entretanto, que a narradora evidencie aquela mesma lógica misógina, mostrando, na verdade, o que os redatores dos contos imaginam, ou gostariam, que uma mulher pensasse:

"Na verdade a situação das mulheres na sociedade é falsa e hipócrita; não temos a liberdade de procurar satisfação e alívio para os nossos desejos como os homens.

No entanto, o nosso corpo tem apetites e voracidades tão violentas como o deles."

Stella é tão traidora quanto Eulina; esta, porém, é má e teimosa enquanto Stella é uma mulher refinada e inteligente. A lógica de fundo é a mesma, mas o fato de ser colocada na boca de uma mulher muda alguns detalhes significativos, a começar pela utilização do reconhecimento de desejos sexuais femininos para criar uma aproximação dos homens. Não haveria, portanto, a diferença "natural" polarizada na qual tanto insistiram os homens que protagonizavam os outros contos, e que sustentava a idéia da inferioridade feminina - com isso, a injustiça social sobre as mulheres pode aparecer de forma explícita.

Uma mulher como Stella lançava mão de sua inteligência para identificar a injustiça de uma sociedade que recomenda ao homem "o alívio do sangue pelo ato carnal a que chama nesses casos uma precaução de higiene para evitar perturbações nervosas", enquanto que para a evitar a "histeria" nas mulheres, recomenda-se o casamento. Diante disso, Stella pergunta: E se o marido for impotente? E se o marido for levado a constantes ausências? Criticando o saber médico que prescrevia padrões de normalidade no comportamento sexual de homens e mulheres, Stella é o

⁴⁰ - Stella, "Memórias de uma mulher - o médico", Rio Nu, 2 de fevereiro de 1907.

exemplo da mulher que não se conforma com sua inferioridade, como diria D. Villaflor⁴¹.

Sua reação à situação adversa é de se transformar numa sábia adúltera⁴². Mantendo seu *status* de mulher honesta e elegante, ela se diverte com os homens que a interessam. Obviamente, uma mulher destas, mesmo que não encarne a maldade interesseira, é um tanto perigosa aos olhos masculinos. É a própria Stella quem, em outro episódio, irrita-se com um jovem rapaz a quem escolhera para saciar seu apetite sexual, mas que se apaixonara por ela:

"Aí está esse palerma. Dei-lhe o meu corpo, e ele em vez de se honrar pelo régio dom de meu corpo, julga ter-me conquistado toda.

Por que? Por que não compreende que eu tenha buscado nele apenas o gozo que também lhe dei. O seu corpo junto ao meu satisfaria a ambos. Que mais quer ele?

Fala de amor e ternos ideais. Não é isso o que eu procuro. Para que quero eu o seu coração? Desejei apenas o seu corpo que é forte, branco e sadio. Nada mais."

Stella é a própria mulher fatal, seduzindo e desprezando o pobre rapaz ingênuo de mulheres. O perigo que ela representa é claro, e somente neste registro o redator pode lidar com uma mulher que pretende dispor do seu próprio corpo sem se tornar uma prostituta. Mas, sendo uma mulher elegante e civilizada, ela já introjetara padrões de beleza higiênicos nas suas conquistas: o rapaz a interessa pelo seu corpo, forte, branco e sadio.

⁴¹ - Novamente, é Jurandir Freire Costa quem identifica este "discurso" que recomenda o casamento como uma medida higiênica para evitar o nervosismo feminino; Jurandir Freire Costa, op. cit., p.270. Maria Clementina Pereira Cunha mostra que o celibato era considerado sinal evidente de problemas aos olhos dos alienistas, um importante elemento que compunha o quadro da loucura feminina, op. cit., p. 146-152.

⁴² - Figura talvez inspirada nos "clássicos" da literatura pomográfica dos séculos XVII e XVIII, de mulheres que alcançam sabedoria e autonomia através do conhecimento carnal. *Thérèse Philosophe*, como muitas outras personagens, depois de muita masturbação, cópulas e discussões de ontologia e moral, "recusa o papel de mãe e persegue a felicidade pessoal em seus próprios termos - enquanto mulher materialista, atéia e liberada". Isso, ressalta Damton, não é uma manifestação remota de um feminismo moderno, mas uma forte crítica anticlerical; R. Damton, "Sexo dá o que pensar", op. cit., p.26. Para uma análise detalhada do conteúdo desta obra, ver R. Damton, *The forbidden*...op. cit. A apropriação do personagem, no entanto, não foi acompanhada nem das descrições explícitas nem da crítica social radical.

E é a lógica das inversões que acaba fazendo com que Stella, cansada de seu amante infantil, volte-se para o marido, que mesmo arrufado com ela, não resiste aos seus encantos, e conclua:

"Possuí-o, sei que eu que o possuí, e para castigo de sua torpeza, quando ele também invadido pelo gozo desvairado de prazer procurou o meu beijo, neguei-lhe o sabor de minha boca."

Stella, assim, tem pleno controle de si mesma, escolhendo com quem e como satisfará os desejos de sua carne. Seu marido é quem perde a razão em função de seus desejos.

Por mais simpática que ela seja, mulheres como Stella inspiram cuidado; por outro lado, ou exatamente por serem perigosas, transitando intencionalmente pelos limites morais (injustamente) impostos a elas, tornam-se mais excitantes. A caracterização de uma mulher que identifica numa sociedade injusta a origem de seus males parece servir exatamente à função de excitar a imaginação masculina, e não de inspirar outras mulheres para que passassem a pensar como a protagonista. É no mesmo registro que se imaginam mulheres leitoras; a perspectiva de uma mulher lendo o Rio Nu pode ser excitante para um homem, o que não quer dizer que o Rio Nu fosse um jornal para ser lido por "mulheres honestas".

Stella é um caso extremo de auto controle e independência; é uma mulher que pensa e age como um homem. Mais comum - e mais conflituosa - é a história de Mathilde, que perdera o marido - um comendador velho e rico:

"Viúva, conservara todas as vantagens do casamento - riqueza, respeitabilidade, nome... e ganhara uma regalia inapreciável, a independência, liberdade completa de fazer o quanto lhe aprouvesse, ir onde quisesse, sair ou não sair, enfim viver à sua vontade, sem ter que dar contas a pessoa alguma."⁴³

A viuvez é vista como a situação ideal para uma mulher "honestas", em que se pode conjugar a respeitabilidade social com uma liberdade da tutela

⁴³ - D. Villaflor, "A viúva alegre - 1º episódio: Delírio em branco", Rio Nu, 11 de setembro de 1909.

masculina e a importante conquista de uma autonomia financeira. Assim como Stella, que apreciava o corpo "branco e sadio" do menino que encontrara, Mathilde é também uma mulher elegante e refinada - daí seu entendimento de liberdade estar fortemente vinculado à autonomia de locomoção.

Em pouco tempo, Mathilde sente o corpo "palpitando de desejos", e assim percebe o custo de sua independência mantendo o *status* decorrente da honestidade. Recusando-se a procurar um novo marido, que seria um novo dominador em sua vida, Mathilde se desespera tentando encontrar um modo de resolver por si só o problema que a aflige:

"Que diabo! Uma mulher, com imaginação e sentindo-se voluptuosa, havia de encontrar um meio...

Mathilde lembrava-se de ter ouvido companheiras de colégio falar misteriosamente de *cousas*, que as meninas *faziam* e de *cousas*, que as meninas *não deviam fazer*. (...)

Pobre Mathilde, ingênua criatura, que se julgou capaz de apagar sozinha as chamas sensuais de seu corpo... Uma noite inteira, lutou, estorceu-se contra o demônio da volúpia, que lhe devorava o sangue e torturou, esmagou, triturou a sua carne mais secreta, os seus encantos mais íntimos... (...)

Que desespero! Só pela manhã e ainda assim rememorando minuto a minuto as cenas da sua noite nupcial é que ela alcançou afinal, com uivos de prazer furioso, o espasmo consolador...tremeu toda, rilhou os dentes, agitou freneticamente os pés mimosos...

Mas depois, exânime, fatigada, sentiu no corpo e na alma um desânimo cruel. (...)

E com lágrimas de despeito, Mathilde chorou a misérrima condição feminina, a triste insuficiência da mulher, que só pelo homem pode ser feliz."

Este, portanto, é o contraponto da liberdade feminina. Retornando às explicações naturalizadas, a liberdade esbarra na necessidade "fisiológica" da virilidade masculina para o prazer. Nesse sentido, a masturbação, como prática "insuficiente" apenas confirma a fraqueza feminina, que novamente, é a fraqueza de sua própria carne.

Note-se, entretanto, que no conto a masturbação não é condenada, antes sendo apenas vista como um recurso ineficaz. Este detalhe é relevante se remetido às diversas situações em que os periódicos de gênero alegre

foram "julgados", não só no momento da proibição postal. Diante do perigo da leitura feminina de um periódico como o Rio Nu, preconizado pelos seus opositores, os redatores respondiam com ironias, imaginando o grande "perigo" que seria mocinhas ingênuas "fazendo coisas" ao verem uma gravura "sugestiva" na séria Gazeta de Notícias⁴⁴.

Mas apesar da ironia, a idéia veiculada pelo Rio Nu não é tão distante assim das idéias médicas. O pressuposto geral é de que a masturbação feminina não é recomendada porque ameaça a organização familiar, e portanto, a própria ordem social; além disso, este "vício" simplesmente não satisfaria os desejos carnis - esta última, portanto, uma explicação muito mais naturalizada, e talvez mais eficaz. Ao abordar o tema da masturbação feminina, portanto, o Rio Nu dava sua contribuição à construção de um tabu que ocorria em outras partes, principalmente no âmbito da medicina⁴⁵.

Voltemos à atormentada Mathilde. Só dois episódios depois, a pobre viúva rica consegue um homem para satisfazer seus desejos. Num rompante de desespero, Mathilde procura uma casa de prostituição e paga a dona para assistir o encontro entre uma prostituta e um homem. Com isso, chega a um tal estado de nervos, que comete uma loucura: pede à dona da casa para lhe enviar o próximo "senhor decente"⁴⁶. Aparece - claro - um jovem estudante. O rapaz se apaixona pela bela viúva - sinal de sua ingenuidade em negócios de amor - e esta, revelando-lhe a verdade, tira-lhe o peso de ter se apaixonado por uma prostituta, embora não aceite seu pedido de casamento.

"É que agora, mais do que nunca, Mathilde estava convencida das vantagens da viuvez. Tinha todas as vantagens do casamento e mais - a sua independência. Arnaldo era encantador, terno, meigo, ardente, mas podia deixar de o ser... e nesse dia, sendo livre, bastaria a Mathilde volver os olhos

⁴⁴ - Os comentários do Rio Nu sobre esta gravura foram analisados em capítulo anterior.

⁴⁵ - Maria Clementina Pereira Cunha registra o internamento de mulheres que se masturbavam, numa manifestação de suas sexualidades fora das suas funções naturais de esposa e mãe; mas, supondo esta crença na impossibilidade do prazer sexual feminino sem a participação de um homem, surge uma justificativa ainda mais naturalizada para a visão dos médicos sobre a masturbação feminina como sinal inequívoco da loucura, e também para o fato de ser menos tolerada que a masturbação masculina; Maria Clementina Pereira Cunha, op. cit., p.155.

⁴⁶ - D. Villaflor, "A viúva alegre - 3º episódio - Delírio em fogo", Rio Nu, 18 de setembro de 1909.

para um dos colegas do estudante. Tinha agora uma corte de adoradores, onde podia escolher.

Preferiu continuar viúva e alegre."

O estado de viuvez, assim, é considerado a melhor solução para a difícil situação da mulher na sociedade - possibilita independência, autonomia, e manutenção da respeitabilidade social. Não é por acaso que adúlteras como Stella e viúvas como Mathilde sejam mulheres elegantes e ricas, pressuposto essencial para que pudessem tomar conta de seus próprios destinos, rompendo com o estado natural em que viviam.

Essas mulheres, aliás, são exatamente aquelas que supostamente teriam introjetado o ideal burguês de honestidade. Se desmistificam este ideal, os contos maliciosos do Rio Nu o substituem por um mito da ameaça feminina. Com isso, a mensagem para os leitores pode ser resumida em: desconfiança e ousadia para lidar com as perigosas mulheres "honestas".

Na definição do leitor a quem esta mensagem seria dirigida, é esclarecedor o conto "Hetaira por uma noite". Com a mesma estrutura da história de Mathilde, este conto é dividido por D. Villaflor em dois episódios, o primeiro do ponto de vista da Heloísa, idêntica à Mathilde; o segundo do ponto de vista de um estudante "sem mesada" que trabalhava como "redator num jornal da manhã", o Armando:

"Os estudantes pobres não têm o direito de aspirar à posse das mulheres que encantam, que dão verdadeira felicidades; a eles, só é permitido o gozo repugnante das mulheres que se vendem a um tanto por hora, que se entregam a cada instante a qualquer homem por alguns mil réis"⁴⁷.

Viúvas e adúlteras, assim, cumpririam a função de viabilizar as fantasias impossíveis de serem realizadas com uma prostituta barata. Através dessas mulheres, é possível definir melhor a identidade do estudante ou do narrador. Enquanto objetos do desejo desses homens, elas indicam, por um lado, o quanto eles compartilham (ou pelo menos procuram compartilhar) os

⁴⁷ - D. Villaflor, "Hetaira por uma noite", Rio Nu, 4 de abril de 1908.

códigos de distinção social e afirmação da identidade da elite carioca⁴⁸.

Por outro lado, mostram a possibilidade de que tais códigos de comportamento (sexual) socialmente distintivo podem ser objetos de desejo de homens que não necessariamente fizessem parte da "elite carioca", ainda que pudessem vir a ser parte dela. Apesar do estudante ser uma figura limítrofe, que apenas temporariamente não faz parte da elite, ele pode representar um protagonista sem dinheiro e com elegância para outros leitores do periódico. Em outras palavras, o desejo do jovem estudante "sem mesada" pela linda e rica viúva sugere o alcance social das fantasias sexuais da elite para além de seus limites - nesse sentido, o Rio Nu exerce um papel fundamental como um meio pelo qual essas fantasias circulam socialmente.

A partir da figura da viúva, que mantém a sua independência associada à aparência de honestidade, surgem uma série de outras figuras femininas que também mantêm sua independência; a não proveniência de um casamento rico e "honesto", porém, tornam-se ainda mais perigosas para o olhar masculino. É o caso de Lina e Alzira, primas, moças, bonitas e ricas, que viviam independentes. Tendo Alzira sofrido abuso sexual quando jovem, nenhuma das duas vivia com homens. O narrador-conquistador, claro, não acha "razoável" esta independência, e resolve investigar. Descobre uma relação amorosa entre as duas primas, e assumindo o lugar de Lina, revela a Alzira "o amor másculo, forte, muito superior às complicações de Lina"⁴⁹. O lesbianismo é, assim, visto como um vício decorrente da ausência da figura masculina superior. Desta forma, reforça-se a idéia naturalizada da necessidade de homens; sua ausência significando insatisfação ou vícios, como masturbação ou lesbianismo.

Outro tipo comum é o encarnado por Georgina, que sempre vivera de forma independente a partir dos "rendimentos fáceis e fartos" que os "encantos de seu corpo" propiciavam. Vivendo como uma prostituta de alto nível, Georgina nunca precisara pagar aluguel e representava o tipo da

⁴⁸ - Jeffrey Needel, op. cit..

⁴⁹ - D. Villalor, "Independentes", Rio Nu, 6 de março de 1907.

mulher que arruina um homem, pelo menos financeiramente⁵⁰. Do mesmo modo era Adelaide, sobre cuja independência o autor ressalta:

"Geralmente, as mulheres assim são as mais dependentes de tudo e de todos, - dos acontecimentos, dos homens. - Vivem da luxúria humana, à mercê dos caprichos masculinos; o seu pão, a sua existência depende do desejo mais ou menos frequente dos homens, - e esse desejo depende da vez, do momento, de um gesto, de um vestido, de um incidente que pode colocá-la em melhor ou pior condição (...)"⁵¹.

Como mulher que, por vontade própria, mantém-se fora dos limites da honestidade, encarnando exatamente o seu contraponto⁵², Adelaide teria como o reverso de sua independência, à qual não faltariam homens, a perda de sua autonomia. A prostituição, assim, apesar das aparências de liberdade, não possibilitaria a fuga da "misérrima condição feminina".

A história, por consequência, desenrola-se no sentido de provar essa dependência "de tudo e de todos". Custódio, um coronel milionário, é sucessivamente desprezado por Adelaide, que se dá ao luxo de escolher seus parceiros mesmo sendo uma prostituta. No fim, ele aproveita um momento de fraqueza (como de resto fazem todos os protagonistas destes contos), e a possui.

As características femininas, em especial a fraqueza sobre seus desejos sexuais, assim, aproxima prostitutas "chics", viúvas, adúlteras e até virgens. Diante delas, define-se a identidade do conquistador, e a mensagem final dos contos: para evitar ser enganado ou manipulado pelos interesses e instintos femininos, nunca sucumbir ao casamento: a única maneira de não acabar traído.⁵³

O "conquistador", porém, não se restringe a desejar mulheres brancas, ricas, elegantes e preferencialmente "honestas". Outras formas de conquista amorosa, que não seguem este padrão, também têm lugar entre as

⁵⁰ - D. Villafior, "Duas palavras", Rio Nu, 6 de fevereiro de 1907.

⁵¹ - D. Villafior, "A vitória do Custódio", Rio Nu, 20 de abril de 1907.

⁵² - Sobre a construção da imagem da prostituta como o contraponto, ou "fantasma" da mulher honesta, ver Margareth Rago, op. cit., especialmente o primeiro capítulo.

⁵³ - "Mas de casar-se evite a grossa asneira./ Deixe elas se casarem, sim?... Depois...", é o conselho de "Escaravelho", um colaborador, a um jovem amigo. "Carta íntima, em resposta à de um amigo meu, jovem e inocentíssimo amigo", Rio Nu, 17 de agosto de 1910.

histórias de D. Villaflor. Geraldina, por exemplo, nada tem a ver com as elegantes protagonistas vistas até agora. Depois de ter sido "desonrada, brutalmente, por um negociante pançudo e casado", ela mudou de vida, passando a poder ser encontrada em "clubs carnavalescos, nos restaurantes noturnos", estabelecendo-se entre ela e o narrador uma amizade "peculiar a essas rodas de boemia". Perdem-se de vista, e só se reencontram anos depois, quando Geraldina, transformando-se em corista de uma companhia de revistas, decai miseravelmente, perdendo o vigor da mocidade.

O narrador, vendo-a ser tratada por uma "intimidade brutal" por qualquer um, passa a desejá-la:

"(...) só de pensar que ela se dera ao soldado bruto, de pé, num canto do porão, causava-me arrepios, que eram a um tempo, de nojo e de desejo."⁵⁴

Geraldina, apesar de ter se desviado do caminho "honesto", não era uma mulher de encantos, não representava nenhuma ameaça; ao contrário, sua vida era a punição pelo defloramento no qual ela só fora vítima. O que atrai o narrador, porém, não é nenhuma simpatia pela sua desgraça, senão a própria desgraça.

Note-se que, apesar da "amizade" cultivada entre Geraldina e o narrador nos bailes dos Democráticos e nos cafés noturnos esbarra na sua "misérrima condição" e no destino reservado a uma mulher "perdida". Essa "monstruosa" atração, seguindo o narrador, é o que explicaria o sucesso que as mulheres de teatro, na exposição pública de seus corpos ainda maior do que das próprias prostitutas, atingiriam junto ao público masculino:

"E como o homem é um animal essencialmente crapuloso, gosta disso, sente um desejo furioso por aquele corpo - embora imperfeito, mas que todos podem ver - encanta-o a idéia de possuir a carne, mesmo réles, mas que toda a gente conhece.

É a irresistível tentação do charco, da baixeza - só os abismos atraem, dão-nos vertigem."

⁵⁴ - D. Villaflor, "Mulheres de teatro", Rio Nu, 4 de setembro de 1909.

As mulheres de teatro (assim como as prostitutas baratas), com seus corpos profanados, flácidos, feios, exerceriam sobre os homens um prazer tão especial quanto aquele fornecido pelas mulheres "proibidas", brancas, bonitas e ricas, ainda que de naturezas opostas. Os contos, assim, pretendem abarcar uma significativa diversidade de desejos que se manifestariam por trás da imagem de um único padrão de desejo no "masculino".

Neste sentido está também a história na qual D. Jasmim se explica por ter abandonado "as aventuras brancas por uma crioulinha retinta mas de sangue ardoroso e quente como os demônios!..."⁵⁵. Apesar de afirmar ter sido uma "circunstância fortuita" que o levara ao amor de uma "crioula", o narrador admite que "Não foi essa a única vez, lá isso é verdade." Se as seções de comentários ou de paródias assinadas pelo Vagabundo criavam uma certa idéia de "popular" como um modo de viabilizar uma crítica social, aqui cria-se um "popular" que assume um caráter negativo absoluto, e, por isso mesmo, sexualmente atrativo.

A "diversidade de desejos", por fim, pode ser levada às últimas consequências no conto "O convite do Florzinha", que explora o tema das "extravagâncias" e o gosto pelo prazer "exótico":

"Nunca eu imaginara transgredir as leis da Natureza por aquela forma, refreando as exigências do meu sangue esquentadiço e exaltado... buscando o aconchego de um corpo que, de feminino, nada possuía... a não serem as formas dos quadris, perfeitamente contornados, a par de uma pele setinosa, muito branca e muito perfumada..."⁵⁶

O narrador, depois de uma discussão com sua jovem amante por ter faltado a um encontro, ouviu dela que "podia ter ficado onde fora na noite anterior. Enchi-me de brios, e despedindo-me, deixei-a ir sozinha para casa". O autor viu-se, então, vagando pelas ruas, sem saber o que fazer para "acalmar o meu sangue", quando ao passar pelo jardim do Largo do Rocio, encontrou um rapazote.

⁵⁵ - D. Jasmim, "Amor crioulo", Rio Nu, 16 de setembro de 1908.

⁵⁶ - D. Jasmim, "O convite do 'Florzinha'", Rio Nu, 5 de setembro de 1908.

A idéia de "transgressão", é assim, ao longo da narrativa, atenuado pela descrição de como foi levado a aceitar o convite do "Florzinha" para acompanhá-lo até em casa. Ao invés de descrições ridicularizando as formas e trejeitos femininos do rapaz, a ênfase recai nos seus encantos "graciosos". Não deixa de ser "exótico", nem de ser um acontecimento fortuito, circunstancial. No entanto, os sentidos negativos atribuídos ao homossexualismo masculino são diluídos pelo olhar interessado do narrador, justificado em sua "extravagância" pelos desejos imperativos de sua carne - o que cai como uma luva, diga-se de passagem, na argumentação de "Stella" sobre os desejos sexuais comuns a homens e mulheres levando a transgredir conveniências sociais.

Os três episódios, na verdade, tratam de aspectos de natureza distinta entre si, embora sendo aproximados como parte de um mesmo exotismo aos olhos do narrador. Na história de Geraldina, trata-se de uma mulher moral e socialmente decaída em relação ao narrador; na segunda história, a diferença é racial, envolvendo uma relação de inferioridade com o narrador; no último, são práticas sexuais também tidas como inferiores que provocam seu interesse, ainda que em caráter de excepcionalidade.

A excitação provocada por estas diferenças de um padrão definido pelo autor - o objeto do desejo "normal" é mulher, "honesta", rica e branca - é o que permite que sejam todas tratadas como experiências igualmente "exóticas". Em nenhum momento o sentido de inferioridade atribuída pelo narrador deixa de existir; mas a aproximação motivada pelo desejo sexual, especialmente na história do "Florzinha", possibilita que o tema, no caso, do homossexualismo masculino, seja tratado de um modo diferente do que se costumava fazê-lo. Parece ser justamente o objetivo primeiro desta forma de tratamento - narrar um episódio de excitação sexual, para provocá-la no leitor - ao invés de uma intenção patologizante, que faz com que o tom geral deixe de ser excludente, abrindo a possibilidade de outra leitura, ainda que os pressupostos mais gerais sejam os mesmos nas falas dos médicos, no caso, e nos contos⁵⁷.

⁵⁷ - Ver a tese do médico Pires de Almeida, *Homossexualismo...*, op. cit.; Maria Clementina Pereira Cunha, op. cit., mostra que os homossexuais também eram caracterizados como uma das espécies de loucura que habitava o Juqueri: "a estratégia embutida nos procedimentos médicos, longe de encobrir as práticas sexuais interditas ou silenciar sobre

Apesar de episódios como estes serem exceção diante da predominância de contos "elegantes", a separação entre ambos não é tão firmemente estabelecida. Se os episódios mais frequentes tinham como principal atrativo as mulheres que saem dos lugares prescritos a elas, transgredindo limites morais para satisfazer seus desejos, muitas vezes essa transgressão toma formas de práticas sexuais também "exóticas". Há pelo menos um conto em que a mulher casada, amante do narrador, diante de insistentes apelos, como prova de amor, aceita o "sacrifício" do "sistema moderno", isto é, coito anal, para evitar filhos indesejados e comprometedores⁵⁸; e outro em que o autor experimenta "variações amorosas e... extravagantes", isto é, sexo oral, ainda que julgasse "pouco higiênico andar o homem com os lábios em tão recônditos lugares"⁵⁹. Práticas como o sexo oral ou anal não pareciam ser tão raras assim; o que era raro - e muito mais excitante - era que fossem feitas com mulheres "honestas", não com prostitutas.

Os contos de D. Villalflor, assim, evidenciam uma "teoria" sobre as mulheres, formulada do ponto de vista do conquistador que, via de regra, não tendo muito dinheiro, precisa saber utilizar de elegância e ousadia para alcançar seus intentos. Para isso, é fundamental, num primeiro momento, o reconhecimento de uma identidade feminina construída em torno da sua inferioridade natural, determinada pela predominância dos seus instintos, que igualaria todas as mulheres. Em seguida, porém, aparecem outros critérios e recortes que as diferenciam: mulheres bem localizadas na hierarquia social podem se parecer com os homens e comandar seus destinos; mulheres negras, mulatas e prostitutas, por sua vez, estabelecem uma relação de fraqueza e dependência com eles.

Os mecanismos básicos de construção de identidades de gênero para estes personagens, assim, não parecem estar muito distantes dos mecanismos que informaram os médicos e os juristas. Homens e mulheres se diferenciavam por características opostas: mulheres instintivas, incapazes

seus pudores, tratou de desvendá-las através de um discurso de verdade que as resgatava do antigo domínio do pecado e da culpa para traduzi-las no registro científico da saúde e da doença, do normal e do patológico", pp.156-157. Ver também, Magali Engel, op. cit.

⁵⁸ - D. Jasmim, "Um sacrifício...", Rio Nu, 12 de agosto de 1908.

⁵⁹ - D. Jasmim, "Extravagâncias...", Rio Nu, 5 de agosto de 1908.

de controlarem seus próprios desejos; homens racionais, superiores, fortes. Para os médicos, essas diferenciações serviram ao embasamento de um ideal de relação conjugal higiênica; para os juristas, justificaram a intervenção "civilizadora" nos comportamentos e hábitos amorosos de outros grupos sociais. No caso dos contos do Rio Nu, identidades baseadas nos mesmos pressupostos servem à tematização de relações fora do âmbito conjugal, ainda que, do ponto de vista do redator, não estivessem necessariamente fora de uma lógica higiênica.

Possibilidades de utilização alternativa destas identidades de gênero talvez apareçam mais claramente quando o objeto de desejo passa a ser exatamente o oposto do padrão reafirmado nos contos. O narrador ainda é o mesmo rapaz elegante e sem muito dinheiro. Agora, porém, seu interesse se volta para o que ele considera seus "inferiores": pobres, negras e homossexuais, este último representando o oposto da "Stella": um homem governado pelos instintos, regido por uma lógica "feminina". Conferindo-lhes um caráter de "exotismo", este tipo de conto permite uma leitura que reconheça, ainda que exclusivamente como fator de excitação deste homem branco, possibilidades de práticas sexuais e relacionamentos afetivos diferenciados daquele padrão.

A construção de identidades de gênero, assim, obedece a uma lógica que organiza o mundo e as relações amorosas e sexuais, mesmo as transgressoras, a partir do ponto de vista do homem conquistador. Sendo dirigidas a um leitor que supostamente se reconheça nesta figura masculina, as mensagens do texto são direcionadas para reafirmar constantemente suas prerrogativas de construir identidades e significar sua atuação numa relação sempre hierarquizada, mas que podia se referir a desejos múltiplos.

* * *

O mesmo não parece ocorrer no outro periódico de "gênero alegre" de sucesso em 1910, Sans dessous. Os personagens recorrentes são os mesmos: desde os contos de padres, meninas caipiras, até maridos traídos, adúlteras elegantes e inteligentes, além das clássicas viúvas alegres. No

entanto, os mecanismos de construção das identidades de gênero destes personagens se diferenciam do Rio Nu em grande parte por conta da sua pretensão primordial de afirmar diferenciação social, e não apenas de excitar o leitor. Neste caso, assim, os personagens servem à viabilização de hábitos "imoralmente" elegantes, a partir dos quais lugares sociais e normas de gênero são reafirmados.

Aparentemente, o interesse pelas mulheres casadas ou comprometidas é o mesmo, atestado na seção intitulada "A mulher dos outros". O objetivo das histórias ali narradas é demonstrar que

"A mulher dos outros...
é sempre melhor que a minha, pelo menos é o que ensina a verdade popular do altruístico brocado matrimonial.

Também é o único caso em que a cobiça tem este movimento de altruísmo. Desejamos egoisticamente para nós aquilo que pertence aos outros e neste desejo temos a abnegação de emprestar ao objeto desejado qualidades superiores àquele que possuímos."⁶⁰

Até aqui é o movimento, já visto no Rio Nu, de construção de uma identidade masculina em relação às mulheres que, neste caso, se dividiriam entre as que se encontram sob posse do leitor e as que se encontram sob posse alheia. O "conquistador" do Sans dessous, assim, mesmo que deseje a mulher dos outros, é também um proprietário.

A continuação do texto que inaugurou a existência da seção, porém, contribui para uma melhor definição desses homens: descrevem-se situações em que homens bem casados são encontrados em casas de diversões noturnas acompanhados de mulheres, algumas delas tendo por único encanto o fato de não serem as "legítimas". No Concerto Avenida, vê-se um rapaz "portador de um nome conhecido", no High-Life "um deputado nortista, católico ultramontano e casado" ladeado por duas raparigas e na sala do bacarat, da mesma casa, um "rapaz do foro" dando uma nota de duzentos mil réis a uma "loirinha escanifrada".

Como foi visto no capítulo anterior, os personagens, reais ou fictícios, tematizados nas páginas do Sans dessous têm em comum o fato de serem

⁶⁰ - Acácio, "A mulher dos outros", Sans dessous, 28 de outubro de 1909.

elegantes, não raro ricos, ou pelo menos possuidores dos códigos de distinção social e com uma respeitabilidade social a ser preservada. A seção "Mulher dos outros", assim, sempre apresenta personagens que seguem este padrão. As mulheres tematizadas poderiam ser as mesmas conquistadas por D. Villaflor, mas aqui são descritas em detalhes que reforçam o padrão de beleza cultivado pela elite⁶¹: "tipo clássico da francesa"⁶², "carnação clara", com a "correção de tipos clássicos da beleza grega"⁶³.

Sendo assim, os episódios em que há mulheres que fogem deste padrão só servem para reforçá-lo. É o que ocorre, por exemplo, com a antiga história carnavalesca em que o narrador, encantado pela "morena mulher do Martinho", resolve correr os bailes carnavalescos para se distrair. Encontra um insinuante dominó azul:

" - Há de ter calor - digo-lhe eu. - Quer tomar algum refresco?

- *Se vancê quisé.*

Estremeço, esta resposta põe água fria na espinha.

Em todo o caso... interrogo-a:

- Como é o seu nome?

- *Binvinda, sua nega.*

- Hein?... Negra?...

- *É modu de falá, seu home (...)*"⁶⁴

Como no carnaval as aparências enganam e produzem situações irônicas, não só o encontro é um desastre, como no fim o narrador descobre que a roupa de dominó escondia a própria mulher do Martinho. O tom predominante, o que é uma constante, é de ironizar o gosto masculino pela mulher cujo único encanto é pertencer a outro. Neste conto destaca-se um detalhe significativo, a diferença racial aparecendo como marca de diferenciação social. A "morena" do Martinho, revelando-se como a "nega Binvinda", passa a comportar um sentido inequivocamente negativo.

Ao contrário do Rio Nu, desta forma, a tematização do diferente - do negro e do popular - não possui aos olhos do narrador nenhum atrativo,

⁶¹ - Estou usando a mesma idéia de elite de Needel, op. cit.

⁶² - "Mulher dos outros", Sans dessous, 11 de novembro de 1909.

⁶³ - Demétrios, "Mulher dos outros", Sans dessous, 4 de novembro de 1909.

⁶⁴ - "Mulher dos outros", Sans dessous, 10 de fevereiro de 1910.

antes servindo como uma forma de tematizar alguém ou alguma situação de modo inferiorizado, ridículo e indesejável. Histórias como estas, nas páginas do Sans dessous, parecem antes de mais nada confirmar a idéia de que a posse de uma mulher, principalmente uma que não seja a esposa, se não significar status e distinção social, é um terrível equívoco.

Sendo aplicada inicialmente para explicar o fascínio pelas caras prostitutas francesas⁶⁵, esta idéia é um pressuposto de todas as histórias da coluna, podendo fazer sentido inclusive para as próprias mulheres:

"Um dia *Ela*, que era moça e vivia nas melhores rodas dos bairros da elegância, juntou as jóias, entroxou as sedas, as cambraias e as rendas e foi-se... Para onde? Para os gozos de um novo amor. (...) Mas descendo sempre, vindo do alto para baixo, do doutorzinho de chapéu do Chile para o padeiro suarento, do padeiro para o vendeiro pegajoso, do vendeiro para o cobrador empoeirado, do cobrador para o bilontra meio rufião, meio secreta, do bilontra para o carregador, para o labrego, para o capanga... E jóias, cambraias, rendas, tudo ficou no caminho. Tudo se foi, tudo perdido! Agora, anda ela miserável, escalavrada, arruinada, a correr hospitais (...)

Era um incêndio aquilo; devorou-a, deixou-a numa carcaça. Pobre transviada! e mais que isso: pobre estúpida!"⁶⁶

O perigo do adultério, associado ao perigo da mistura social dá bem a medida de como o segundo se sobrepõe ao primeiro. A mulher não se desonra nem decai tanto pela promiscuidade sexual em si, mas pela "estupidez" de desconsiderar o conforto material e o lugar social destinado a ela - "as melhores rodas dos bairros da elegância" - em função simplesmente da satisfação de seu furor sexual.

Esta ênfase na condenação da promiscuidade social, expressa pela promiscuidade sexual, indica como opera a lógica que informa as tematizações desenvolvidas neste periódico. A escolha de uma mulher rica como protagonista, neste sentido, é significativa. Como uma "coisa" que dá status àquele que a possui, isto é, como uma "mercadoria de luxo", a mulher se submete intencionalmente a uma desvalorização, tornando-se acessível a qualquer um.

⁶⁵ - Ver Needel, op. cit. e Margareth Rago, op. cit.

⁶⁶ - "Mulher dos outros", Sans dessous, 30 de dezembro de 1910.

A mesma lógica, aliás, da promiscuidade sexual expressando uma perigosa mistura social é esclarecedora até para a compreensão das próprias intenções do periódico como uma mercadoria que se dirige à "curiosidade masculina dos elegantes". Assim, o pressuposto mais geral é de que mercadorias de luxo não devem circular socialmente; seu sentido positivo depende de sua circulação restrita ao meio a que se destinam originalmente, ou seja, à elite. Quando deixam de ser uma marca de distinção social, tais mercadorias, mulheres ou periódicos, passam a carregar o apelo puramente sexual, situação representada por mulheres que se deixam guiar pelos seus instintos e periódicos como Sans dessous lidos por qualquer um.

A identificação construída entre os leitores na sua masculinidade tem seus contornos sociais muito bem definidos no Sans dessous, na medida em que é construída através de códigos de distinção social. A lógica desta identificação é claramente mais restritiva que aquela construída nos contos do Rio Nu, o que pode ser constatado também pelo tipo de relevância que é conferida ao dinheiro e à situação financeira dos seus personagens, em cada um dos periódicos. No Rio Nu não é necessário que o conquistador seja bem provido financeiramente, mas apenas que ele apresente características genericamente resumidas em "elegância" e "ousadia" - a posse, mesmo que temporária, da mulher rica é o prêmio. No Sans dessous, essa "elegância" se traduz em vários sinais exteriores: bairros elegantes, padrões de beleza femininos clássicos, sedas, cambraias, artigos escritos em francês nas páginas do Sans dessous, e homens que possam pagar por todos estes sinais, e reconhecê-los, transformando também suas mulheres em sinais distintivos.

O adultério, neste contexto, ganha contornos particulares. Diante de uma questão transcrita - em francês - de um periódico intitulado Grisette Parisienne sobre em que condições uma mulher pode trair o marido, um redator de Sans dessous responde:

"Ora, na nossa qualidade de celibatários por temperamento e gosto, não penetramos bem nesses mistérios matrimoniais. Entretanto, admitimos infalivelmente este *escorregão* quando a mulher é bonita, elegante e bem

educada, e o marido, embora bonito e elegante é burro. (...) Parece-nos também que devem existir outros casos permitidos, por exemplo: o da mulher sadia, bonita e educada cujo marido, por qualquer circunstância, não... (como havemos de dizer?) não... vai lá das pernas, ou que melhor nome tenha."⁶⁷

Em termos gerais, a semelhança entre os dois periódicos pode ser facilmente constatada: a aversão aos laços matrimoniais, a valorização das mesmas características femininas - principalmente beleza, elegância e desejos sexuais -, e a imagem ridícula ou incapaz do marido, levando a mulher a buscar alternativas.

Surgem então as protagonistas que escolhem e administram suas próprias aventuras amorosas. "Não foi ela a conquista e sim a conquistadora", inicia uma das histórias em que a "condessa rica e elegante" seduz um rapazola ingênuo, "satisfazendo seu organismo de mulher histérica"⁶⁸. A inversão de papéis é patente, levando a mulher, como "conquistadora", a ser classificada de histérica. Talvez por ser uma "condessa", porém, ela alcança seu intento.

Do mesmo modo, o dr. X encontra sua "loira mulherzinha" nos braços da "bonita e principesca Mme. R. M., mulher de muito respeitável comendador". Como, porém, tratava-se da esposa de um "cliente que lhe dá contos de réis a ganhar", tudo ficou por isso mesmo.⁶⁹ Tanto a condessa como a esposa do médico são mulheres que agem fora dos padrões estabelecidos a mulheres honestas, ainda que dentro dos padrões de elegância "sans dessous", o que é garantido também pela boa situação financeira de ambas. Assim, o lesbianismo como uma prática refinada e erótica pode ser aqui exaltado, além de revelar um aspecto constante nos contos deste periódico: a abordagem irônica das hipocrisias morais que dominam a sociedade.

Neste contexto, destaca-se a figura da viúva alegre. Este "tipo" parece ter ganhado especial relevância exatamente no período de existência do Sans dessous, quando a peça "Viúva alegre" subia aos palcos da cidade. Do mesmo modo que no Rio Nu, a viúva alegre é aquela que

⁶⁷ - Sans dessous, 18 de novembro de 1909.

⁶⁸ - Rabelais, "Cartas Paulistas", Sans dessous, 23 de dezembro de 1909.

⁶⁹ - Sans dessous, 2 de dezembro de 1909.

"Na rua e na sociedade, merece as considerações que a adornava a existência do 'finado'. E vendo-a, ninguém se atreverá a negar que ali vai a magnífica viúva de ilustre homem.

No aconchego do seu interior, portanto, lícito lhe é gozar da liberdade que lhe voltou.

E goza e à farta.

Assim é que deve ser e este é que é o verdadeiro tipo social da viúva alegre.

Faz muito bem.

V. Exa. dá o que é seu."⁷⁰

Numa sociedade regida por códigos hipócritas de comportamento, nada melhor que o conforto financeiro e a respeitabilidade social garantidas pelo finado, combinados com a autonomia e a "liberdade que lhe voltou". Desde que exerça essa liberdade no espaço privado, aproveitando-se da hipocrisia que rege o mundo e a lógica dos homens, a viúva, assim como a esposa do médico, podem viver no melhor dos mundos.

Os imperativos morais, assim, são essencialmente masculinos. O espaço público é parte de seus domínios e cabe às mulheres reconhecer esta prerrogativa, não entrando em conflito com ela. Ao mesmo tempo, trata-se, com estas figuras femininas, de definir os padrões da imoralidade "elegante", ou seja, de práticas que, apesar de fugirem dos padrões de moralidade sexual da elite, ainda podem ser reconhecidas como sinais de identificação entre seus membros. A promiscuidade sexual, representada parcialmente pelo adultério feminino, assim, é admitida e valorizada apenas enquanto prática elegante que, de um lado, ridiculariza os maridos que não dominam certos códigos de comportamento e, de outro, permite que as mulheres encontrem um espaço "legítimo" para dar vazão a seus desejos sexuais - e além disso, explicitarem a hipocrisia da lógica masculina cotidiana.

Além do adultério feminino, a outra manifestação por excelência da imoralidade "elegante" é o recorrente tema do fascínio pelas prostitutas caras e, de preferência, francesas. Aparecendo constantemente como interlocutoras dos homens elegantes, ou mesmo como narradoras em algumas seções, com elas leva-se às últimas consequências a imagem da

⁷⁰ - "Viúvas alegres", *Sans dessous*, 11 de novembro de 1909.

mulher que, rompendo os limites morais, pode lançar um olhar inteligente e crítico sobre os homens⁷¹.

É exemplar, neste sentido, a seção "Carnet de uma mundana", em que "Germaine", uma mundana elegante, tece ácidos comentários sobre os homens que com ela se envolvem:

"São impagáveis estes senhores casados que se dão ao luxo de ter amantes. Eu, por exemplo, conheço em todos os seus detalhes, a vida íntima da família do Alfredo. E note-se que não lhe pergunto. (...) Alfredo às vezes chega a me pedir conselhos sobre negócios de família. Há pouco tempo concorri para que fizesse as pazes com a mulher, com quem havia se zangado na véspera, por uma questão de contas de lavadeira. Ouviu-me silencioso e atento e terminou por afirmar: 'Tens razão! tu, sim, é que és uma mulher de juízo!'

Achei graça e mandei-o fazer as pazes com a mulher e pagar as contas da minha coleteira.(...)"⁷²

Como este, são frequentes os artigos em que tematiza-se uma figura masculina ridicularizada pela prostituta. Além da óbvia mensagem para que os homens não se deixem enganar nem dilapidar o patrimônio, familiar e financeiro, por hábeis e ardilosas mãos femininas, há o recurso recorrente das inversões. A invenção de uma narradora como "Germaine", assim, serve para criar um cenário de dissolução moral exclusivamente por culpa do homem. Germaine nada mais faz que exercer seu papel de prostituta cara e inteligente. Quem a atribui "juízo" é o "paspalho" do Alfredo, a quem também falta firmeza para resolver questões de dinheiro com a mulher legítima. Com isso, a gerência dos limites entre as esferas de relações amorosas familiares e "públicas", que deveria estar sob a responsabilidade masculina, e a garantia da "moralidade" decorrente da separação entre os dois mundos, ficam ameaçadas.

As mensagens das histórias do Sans dessous, novamente, são em grande parte dirigidas a homens que tenham um patrimônio a preservar; cabe à atuação masculina redefinir as fronteiras morais que permanentemente ameaçam se diluir. Administrar esses limites é uma tarefa

⁷¹ - Sobre as funções das prostitutas como "astutas observadoras sociais" nos romances pomográficos do século XVIII, ver Kathryn Norberg, "The libertine whore: prostitution in French pornography from Margot to Juliette" in Lynn Hunt, (org.), op. cit., 225-252.

que pode referir-se a um espectro maior de homens, e, no caso dos "celibatários convictos", a figura do homem casado serve como um anti-exemplo.

Assim, em outro artigo Germaine ridiculariza um "deputado nortista" que, apesar de ter-lhe pago champagne toda a noite e deixado uma nota de quinhentos mil réis, não perdia o sotaque arrastado enquanto falava francês nem perdia um "cheiro insuportável de vassoura velha"⁷³, numa cortante ironia sobre a incapacidade dos homens brasileiros ricos de serem bem sucedidos na imitação dos códigos de comportamento distinto.

Destacam-se ainda os artigos irônicos quanto à incompetência "brasileira" para se lidar com mulheres como "Germaine", ou "Simone", a quem são endereçados os postais que compõem outra seção:

"Quando te vi ontem, naquele camarote do Avenida Concerto, ladeada pela companhia absolvidora daquele Juiz íntegro, palavra que te desconheci. (...)

Só hoje, pelo teu gentil recado escrito, foi que pude descobrir a teia deste mistério.

É um tratado de filosofia e de ensinamento social, a tua explicação.

Vejo, com espanto, que, aqui, para que uma rapariga alegre possa conseguir uma ventura de uma *collage* provisória, precisa, primeiro de tudo, provar que é... honesta."⁷⁴

O tema da necessidade "brasileira" de que as prostitutas pareçam com mulheres honestas, quando ao lado de figuras importantes, como o "Juiz íntegro", é outro tema recorrente.

Abordada como mais um dos aspectos da hipocrisia masculina reinante, esta "necessidade" de disfarçar práticas imorais é descrita no mesmo jogo no qual a própria prostituta é quem tem a percepção mais aguda da realidade, revelando-a ao surpreso Gontran, autor dos postais.

Identificado como uma idiossincrasia brasileira, este hábito é contraposto às práticas imorais francesas, aqui representadas por um suposto passado francês da própria Simone:

⁷² - Germaine, "Carnet de uma mundana", *Sans dessous*, 30 de dezembro de 1909.

⁷³ - Germaine, "Carnet de uma mundana", *Sans dessous*, 6 de janeiro de 1910.

⁷⁴ - Gontran, "Postais a Simone", *Sans dessous*, 9 de dezembro de 1909.

"Quando eu te vi, pela primeira vez, em Paris, a dançar desengonçadamente a tua voluptuosa *dança do ventre*, no costado largo daquele manso elefante cinzento, (...) não podia imaginar que tinhas tão pronunciado jeito para os afazeres distintos de uma senhora... honesta. Não me parecia absolutamente que a desabalada *cancanista* do *Bal Tabarin*, a boemia gaiata dos *Cabarets* da *Butte*, pudesse um dia, com tanta verdade, parodiar as atitudes nobres de uma mulher... legítima."

Dos cabarés franceses para um camarote do Avenida Concerto, no Rio de Janeiro, Simone encarna as diferenças entre as práticas imorais elegantes nos dois lugares, sugerindo o ridículo da frustrada imitação brasileira. Enquanto nos cabarés franceses predomina o sensualismo exótico, com toques de orientalismo, no Avenida Concerto Simone se reduz a uma paródia de mulher honesta⁷⁵.

O passado "francês" de Simone, compondo sua imagem de prostituta civilizada e civilizadora é substituído, no caso de Germaine, por um passado de mulher casada. O fetiche quanto às mulheres "honestas", tão presente no Rio Nu, de certa forma pode ser reencontrado aqui, ainda que seus encantos apareçam justamente quando ela rompe com o mundo da "honestidade". Tanto o passado "francês" quanto o de um bom casamento abandonado parecem ter a função primeira de garantir uma ascendência social distinta da prostituta em questão, o que era fundamental numa época em que era difícil diferenciar "francesas" de "polacas"⁷⁶. Além disso, indica o quanto era importante a referência "francesa" para a conformação dos padrões do que se considerava a "imoralidade civilizada e elegante".

Apesar da crítica à hipocrisia "brasileira", essa imoralidade elegante cultivada por Sans dessous, permite uma fluidez de fronteiras entre

⁷⁵ - A mesma lógica está em "Carnet de uma mundana", Sans dessous, 20 de janeiro de 1910, em que Germaine comenta a preocupação com a aparência de honestidade para prostitutas que arrumam "amantes ricos e comodidades de luxo e bem-estar". A ironia, desta vez, é mais explicitada quando a narradora comenta que esta imitação se estende até na vida de alcova, fazendo com que prostitutas como ela sintam-se "vexadas intimamente por qualquer exagero mais livre de nossos amantes."

⁷⁶ - Um redator, por exemplo, ao narrar uma conversa entre dois fazendeiros paulistas sobre a supremacia das francesas sobre as brasileiras, conclui: "Ter-se-ia algum deles lembrado, durante a palestra, que quase todas as francesas que vêm ao Brasil são filhas da Polônia?", Rabelais, "Cartas Paulistas", Sans dessous, 3 de março de 1910. Ver também Lená de Medeiros Menezes, op. cit., sobre o valor simbólico de se ser uma "francesa" ou uma "polaca", uma classificação que tem menos a ver com a nacionalidade do que com o status da prostituta.

prostitutas e honestas como um dos seus aspectos. O tipo da "mulher moderna", na coluna "No dorso da luxúria", que descreve e sugere recursos de sedução feminina, atesta isso:

"A meia na mulher elegante, na mulher da moda, é um meio de mostrar o seu bom gosto."⁷⁷

Dirigido formalmente às mulheres que pretendem dominar códigos de comportamento elegantes, este artigo, por exemplo, não diferencia mulheres honestas e mundanas; ao contrário, a moda permite que ambas se confundam. Embora comece discorrendo sobre meias, logo o autor muda de assunto e recomenda o uso de um argolão de ouro na coxa esquerda, recomendando-o à mulher, "e aqui não é preciso especializar o gênero, que se tem em conta de super-chic". Trata-se da "mulher moderna".

Elegantes, da moda, chics e modernas são qualificações que funcionam praticamente como sinônimos. Através da moda, mulheres "moralmente diferentes" se aproximam na função básica de se tornar atraentes para homens elegantes. Compartilhar a mesma moda, assim, torna-se aqui uma forma de compartilhar as mudanças trazidas pelos novos tempos, o que inclui a moda das saias "sans dessous", e que uma mulher honesta se pareça com uma "demi-mondaine", e vice-versa. O fascínio pela prostituta francesa neste periódico pode ser parcialmente explicado por este aspecto. Como Needel já destacara, a prostituta francesa é a própria encarnação dos hábitos e do mundo civilizado do qual se desejava aproximar, enquanto a mulher honesta, quer casada ou viúva, por mais que acompanhe a última moda de Paris, sempre seria uma imitadora⁷⁸.

Alguns artigos, no entanto, são especialmente dirigidos às prostitutas, como aquele que protesta contra a "mania depilatória que vai grassando no *demi-monde*"⁷⁹ e o que recomenda certos cuidados, como cremes e "pílulas orientais" para a conservação da beleza dos seios.⁸⁰ Outros dirigem-se especificamente às senhoras casadas, defendendo a exposição pública de

⁷⁷ - "No dorso da luxúria", *Sans dessous*, 4 de novembro de 1909.

⁷⁸ - Ver Needel: "as esposas da elite eram apenas fac-símiles mais ou menos bem sucedidos das mulheres francesas", op. cit., p. 206.

⁷⁹ - "No dorso da luxúria", *Sans dessous*, 11 de novembro de 1909.

⁸⁰ - "No dorso da luxúria", *Sans dessous*, 25 de novembro de 1909.

seus tornozelos, por uma questão de higiene (evitar que os vestidos se arrastem pela poeira) e para mostrar "o belo":

"(...) não se vexem, as senhoras, em arregaçar vestidos e saias, que é limpeza e cautela. Além disso, mostrar um pouquinho de pernas bem feitas é provar... a felicidade dos que são maridos de tão perfeitas mulheres... que até fazem água na boca de toda a gente que gosta do bom e do belo"⁸¹.

Em última instância, assim, a "moda", que ajuda a confundir as aparências e alterar os lugares sociais destinados a cada mulher, não deixa de ser pensada como uma modificação em função dos homens. Nesta coluna, mais do que em qualquer outra, o corpo feminino é o fator que iguala todas as mulheres na sua função primeira de agradar as vistas masculinas. O corpo feminino traz as marcas, mais ou menos explícitas - como o argolão de ouro na coxa - de distinção social e de pertencimento a alguém, radicalizando, com isso, uma visão das mulheres, prostitutas ou "honestas", como mercadorias de luxo. Nas palavras do próprio redator desta coluna, o argolão de ouro na coxa é "um alvatar de sedução, de escravização, de longo poderio".

É neste registro que se utiliza, no Sans dessous, a idéia da "mulher moderna". Se a lógica mais ampla seguida é de marcar diferenciação social nas práticas de "imoralidade" - honestas e prostitutas se confundem porque podem consumir mercadorias de luxo, transformando-se, elas mesmas em mais uma luxuosa mercadoria -, na década seguinte, o mesmo termo passa a denominar a afirmação, por parte de muitas mulheres, das suas prerrogativas de participar dos mesmos espaços públicos, de diversão, profissionais e políticos, sem deixarem, por isso, de serem honestas e honradas⁸². No Sans dessous, entretanto, representa a única a "independência" da prostituta, que, na verdade, como reconhece a própria

⁸¹ - "No dorso da luxúria", Sans dessous, 7 de abril de 1910.

⁸² - Ver Sueann Caulfield quando analisa o surgimento da chamada "mulher moderna" na década de 1920, que contesta a separação do espaço das mulheres públicas e diversão masculina do espaço disciplinado e privado da família; com isso, na verdade a "mulher moderna" questiona as fronteiras das identidades sociais; Sueann Caulfield, In defense..., op. cit., p.188.

"Germaine", é a pior dependência, porque obriga uma vinculação a homens "sem um atrativo espiritual"⁸³.

É difícil imaginar que uma mulher casada tivesse fácil acesso a este periódico (vide o debate sobre a sua proibição), mas é bem provável que muitas prostitutas "chics" o comprassem, a começar pelo interesse nas fotos publicadas e nos resultados dos concursos de beleza. Ambos provavelmente funcionariam como uma espécie de reclame delas, na medida em que, aparecendo nas páginas do periódico, teriam suas imagens associadas à desejada "prostituta francesa"⁸⁴.

Deste ponto de vista, esta seção e as outras, onde se tematizam prostitutas idealizadas, podem adquirir um interesse especial ao sugerir uma intenção dos redatores em prescrever e difundir certos hábitos e comportamentos para estas "mercadorias de luxo" - as prostitutas caras e reais. Com isso, pode-se relativizar a imagem construída nas próprias páginas do periódico, sobre a prostituta francesa civilizadora, crítica, independente e distinta. Mais do que nunca, esta é uma imagem totalmente idealizada, reveladora, em primeiro lugar, de uma imaginação masculina muito bem delimitada socialmente, e em segundo, do quanto as prostitutas reais provavelmente não correspondiam às projeções dos seus frequentadores ilustres: elas também precisariam ser "civilizadas" para que pudessem ser "civilizadoras".

Os personagens "elegantes" abordados nas páginas do Sans dessus, com seus padrões de comportamento distinto, representam uma certa forma de apropriação de estereótipos masculinos e femininos que já existiam nas páginas do Rio Nu, num processo em eles ganham novos significados: voltam-se exclusivamente para a afirmação de uma identificação entre uma elite social masculina. Isso se traduz, por exemplo, na preocupação em ridicularizar homens ricos que não dominassem códigos de comportamento amorosos elegantes, como deputados "nortistas" e *vieux*

⁸³ - "Ou temos de nos sujeitar às exigências dos amantes certos, que nos obrigam ao papel engraçado de esposas fiéis, ou teremos que acabar à janela à mercê do primeiro que passa.", Germaine, "Carnet de uma mundana", Sans dessus, 13 de janeiro de 1910.

⁸⁴ - Ver, por exemplo, o concurso de beleza, "Das nossas **demi-mondaines**, qual é a mais bonita", lançado em Sans dessus, 11 de novembro de 1909, e o artigo de Sans dessus, 9 de dezembro de 1909, em que um "rapaz educado" vai à redação pedir que se retire o nome

marcheurs em geral⁸⁵. Estas ridicularizações indicam que a identificação masculina pretendida não se deveria exclusivamente à ostentação de um status social e econômico, mas à introjeção de certos hábitos e gostos a tal ponto que, para um leitor do *Sans dessous*, até a excitação sexual se vincularia a certos padrões e códigos de comportamento sexual "civilizados" e "distintos".

Criam-se, para isso, imagens de mulheres que, de alguma forma, viabilizam esta ridicularização. Para a mulher de elite, a única possibilidade de participação nesta "imoralidade elegante" seria a aceitação das regras definidas pelos homens: não romperem os limites de sua classe social, e absorverem o que a civilização lhes oferece: a moda, e certas formas "antinaturais" de amor, como o lesbianismo. Para a prostituta "chic", "francesa", que ela agisse de acordo com os padrões "civilizados", aproximando-se cada vez mais da "Germaine" ou da "Simone" sonhadas pela imaginação masculina dos leitores e redatores. Na prática, isso significa um movimento de indefinição das fronteiras morais que atribuiriam um lugar às mulheres "honestas" e outro às prostitutas; não por uma atuação intencional delas mesmas, mas para que possam ser redefinidas, ou para que se tornem ainda mais incertas mediante à intervenção masculina.

Ao contrário do *Rio Nu*, em que os contos tematizavam formas diferentes de encontros amorosos e sexuais para dar conta de uma diversidade de desejos, *Sans dessous* define desde logo um sentido muito mais delimitado às transgressões sexuais que tematiza. Apesar de poderem ser efetivamente transgressoras do ponto de vista moral, essas transgressões servem ao restabelecimento de certos códigos e padrões de comportamento como uma marca de distinção social para homens.

de Madame Grand G. (Marie Granger?) do concurso de beleza, posto que ela "recolheu-se à vida privada", e procura manter-se "fora do burburinho agitado da vida mundana".

⁸⁵ - Germaine discorre novamente sobre os deputados e o respeito que eles cultivam pela "liberdade feminina": "Ele compra o camarote, paga os vestidos, o automóvel, manda o refresco nos intervalos... e fica de longe espiando", Jôca, "Cinematógrafo - Gênero Alegre", *Sans dessous*, 4 de novembro de 1909; e Conception revela as vantagens do *vieux marcheur*, ou o marchante, isto é, o homem velho e rico que gasta rios de dinheiro com as prostitutas; ele é "uma instituição sagrada para nós"; "contenta-se com pouco e dá-nos tudo. Adivinham-nos os pensamentos e às vezes, têm para conosco verdadeiras expansões de sentimentos paternais", Felix, "Fitas - Gênero Alegre", *Sans dessous*, 11 de novembro de 1909. Trata-se, portanto, de homens ricos e ridículos por não saberem gastar seu dinheiro, e, no caso do *vieux marcheur*, imagem reforçada pela impotência sexual.

Pode-se identificar, cronologicamente, um movimento de reapropriação e ressignificação de estereótipos que já existiam no Rio Nu para o Sans dessous, quando eles passam a carregar este sentido exclusivo de afirmação de distinção social e de uma identificação entre homens da elite através da definição dos contornos de uma "imoralidade elegante". Assim como a coluna "No dorso da luxúria" sugeria que a imagem da prostituta civilizadora podia ser utilizada para difundir certos hábitos aos homens que desejassem compartilhar códigos de uma elite, e ao mesmo tempo indicar um esforço de intervenção nos comportamentos e hábitos das próprias prostitutas, a forma como foram abordadas pelo Rio Nu são sugestivas de uma ambígua relação estabelecida entre elas e os redatores. Trata-se, assim, de uma utilização prática das identidades de gênero construídas pelos redatores, tanto por parte deles mesmos, como pelas próprias tematizadas.

As prostitutas não foram abordadas na primeira parte deste capítulo, quando se tratou do Rio Nu porque, em primeiro lugar, significativamente elas não eram fundamentais nos contos de D. Villaflor; de outro, porque havia uma seção especial para tratar das relações estabelecidas entre as pessoas que, de algum modo, se envolvem com a prostituição. A seção "Carteira do peru", que depois passou a se chamar "Nas zonas", durou praticamente toda a existência do Rio Nu. Recebendo notas sobre as pessoas que frequentavam a "zona", o redator da seção se encarregava de transcrevê-las⁸⁶. Pode-se encontrar naquelas notas uma tematização radicalmente diferente das mesmas prostitutas que foram "exaltadas" por Sans dessous. Por outro lado, ali também estão alguns indícios dos preconceitos sociais e sexuais que informavam a complexa relação entre

⁸⁶ - Segundo Orestes Barbosa, a seção era redigida por um "mulato bacharel, poeta suburbano, de nome Alexandre Sequeira e a um Carlos Barbosa Bento Serzedelo, capitão da *briosa*, que era o dono da seção", Bambambã Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Doc. e Inf. Cult., Divisão de Editoração, 1993, p.92. Ver também Rio Nu, 23 de novembro de 1912, parabenizando Carlos Serzedelo no seu aniversário, "a figura mais conhecida e respeitada das zonas". Em 1906, porém, o redator

redatores e esta parte do público consumidor, composto de certos leitores e leitoras, a "rapaziada alegre, frequentadora de clubes, caixas de teatros, arrabaldes, confeitarias, etc"⁸⁷, que eram os fornecedores das fofocas. Ao mesmo tempo, estão aí registrados alguns indícios de como o Rio Nu podia ser utilizado em função dos interesses de leitores e leitoras, já que, apesar de não ser possível identificar a veracidade das notas, pode-se reconhecer um certo padrão de verossimilhança dos acontecimentos descritos.

Quando passou a ser assinada definitivamente por "Língua de Prata", muitas vezes as notas eram narradas como um relato de um suposto passeio pelas zonas. Outras vezes, o "Língua" "transcrevia" as notas de algumas prostitutas, como "Alzira Pingolão", cheias de erros de redação, que já revelam a dimensão de preconceito que informa o olhar dos redatores sobre pessoas que tematizam⁸⁸. Como os redatores do Sans dessous, também construíam uma personagem ao inventarem uma narradora; se aquela, porém, encarnava a própria civilidade, esta é uma narradora ignorante e fofoqueira, diferença que traz consequências significativas.

Ainda mais porque, surpreendentemente, não raro as prostitutas tematizadas em cada periódico são as mesmas, como Tina Tatti, Ab-del-Kader, Ida Sartoris, muitas das quais romantizadas e lembradas por memorialistas⁸⁹. Uma delas, que merece um olhar mais detido, é "Marietta Meleca", que teve sua foto publicada nas páginas do Sans dessous. Apesar do apelido, Marietta misturava-se às outras *demi-mondaines* "chics", talvez por estar, naquele momento, vinculada ao "colégio" de Augusta Mulata, frequentado por homens "ilustres"⁹⁰. Se alguém tomasse conhecimento de

responsável pela seção parece ser um tal de Serafim Guedes, saudado como o "linguaro do companheiro da Carteira" no seu aniversário. Rio Nu, 11 de agosto de 1912.

⁸⁷ - "(...) pedimos que nos enviem notas que se prestem a ser contadas pela **Carteira de um peru**", Rio Nu, 2 de janeiro de 1907.

⁸⁸ - "Quirido Língua,

A minha culega Maria Suares lhi mandô otro dia umas nota, purisso eu tombém lhi mando algumas prá saí na sua Cartera qui eu tanto apercio, para mostrá a ela qui eu tombém sei lê i escrevê; si as nota qui lhi mando saí pubricada, munto lhi agradesso.", "Carteira de um peru", Rio Nu, 2 de maio de 1908.

⁸⁹ - Ver a biografia em francês de Tina Tatti, em "Leur minois - Tina Tatti", Sans dessous, 23 de dezembro de 1909, e também sua foto; no Rio Nu, ver notas sobre elas na "Carteira de um peru", 12 de março de 1904 e 16 de fevereiro de 1907.

⁹⁰ - Sobre o "colégio" da Augusta Mulata, ver por exemplo: "(...) a "caipira" depois que foi para o Augustal colégio e anda enchapelada à francesa, até a Suzana procura raptá-la!", numa referência ao status que este colégio dava e à Suzana Castera, a prostituta francesa mais famosa do período. Augusta Mulata também foi saudada na coluna "Tipos e tipas", no

Marietta através do Rio Nu, porém, dificilmente teria dela a mesma percepção veiculada por Sans dessous.

Por ter sido tematizada ao longo de vários anos no Rio Nu, Marietta pode ser representativa de diferenças de fundo entre os dois periódicos na forma de falar das mesmas prostitutas. Ao contrário daquelas tematizadas no Sans dessous, que eram sempre remetidas a um passado "francês" ou a um bom casamento, Marietta e muitas outras tinham em seus passados um ponto fraco diante da curiosidade indiscreta da seção de fofocas do Rio Nu.

Em 1904, por exemplo, publica-se uma "biografia" de Marietta na coluna "Tipos e tipas". Ali sua história inicia quando, "trajando de negro em companhia do Pereira, dos Fenianos, levantou tenda na zona Riachuelo", numa referência às vantagens - de popularidade e melhoras financeiras - propiciadas pelos desfiles das grandes sociedades carnavalescas⁹¹. Depois daquele carnaval, "julgou-se na altura de abrir colégio", isto é, de administrar uma casa de prostituição.

As referências mais recentes, porém, sugerem uma queda de status: "Hoje, atira-se ao jogo dos bichos, por todos os sistemas, menos pelo antigo. (...) atira-se ao modernismo, essa moda altamente altruísta que só serve para provar como se pode cair de quatro sem ter mais que duas mãos!"⁹². Por fim, a explicação do seu apelido:

Rio Nu, 25 de junho de 1904: "Ah! mulata das mulatas, quando eu te conheci já eras grande na matéria!...". Ver ilustrações.

⁹¹ - "Tipos e tipas", Rio Nu, 11 de junho de 1904. Sobre as vantagens dos préstitos das sociedades carnavalescas para as prostitutas, ver Cristiana Schettini Pereira, op. cit., cap. 2, em especial a história de "Carola Bunda", personagem do romance de Adolfo Caminha, O bom-crioulo, que sobe de cotação ao ser convidada para desfilar num clube carnavalesco de subúrbio.

⁹² - Há vários indícios nas notas publicadas na "Carteira" sobre sexo anal, ou "modernismo", como um último recurso de quem passa por dificuldades financeiras. Seu sentido degradante, no entanto, permanece: "Marianna tem um defeito. É muito linda, muito boa rapariga, mas possui umas especialidades vergonhosas, que a descreditam, fazendo com que seja mal vista nas zonas *chics*.", L. Gante, "Antolhos", Rio Nu, 14 de setembro de 1912. Ver também a retificação de que a Chandú cobrava dez e não cinco mil réis por sexo anal em "Nas zonas..." Rio Nu, 14 de agosto de 1912; e a fofoca sobre as práticas sexuais anais oferecidas por Lili Galinha Fria como sinal de decadência, "Pois, sua *aquela*, todo o pessoal das zonas sabe que você é perita em amores amodernados e que não é difícil venderes uma passagem para a Óropa", outra forma de se referir a sexo anal, "Nas zonas..." Rio Nu, 1 de maio de 1912. Numa época em que o preço comumente cobrado pelas prostitutas das zonas "estragadas" era por volta de dois mil réis (Rio Nu, 8 de maio de 1912, "Reclamam ao 'Rio Nu', reclamando justamente do aumento de preço), o sexo anal podia ser um recurso para aumentar a renda, já que por ele cobrava-se pelo menos dez mil réis; o que, de resto, indica a popularidade da prática no período.

"Como diariamente fosse encontrada a introduzir os dedos no nariz, a modo de criança mal-criada, os garotos chamaram-na um dia "Meleca": ela danou com a brincadeira e distribuiu cartões onde se lia este nome apenas Marietta."

A brincadeira do apelido, assim, pode ser reveladora da instabilidade que as vidas de prostitutas como Marietta pareciam carregar. O *status* de uma prostituta de "alto bordo" não era fácil de se atingir nem de se manter. Dependia fortemente de circunstâncias, como um desfile carnavalesco bem-sucedido, ou um amante rico, que trouxesse *status*. Uma vez alcançada a boa situação, o grande problema parecia ser mantê-la, a despeito das brincadeiras e maledicências dos "garotos" e do próprio Rio Nu.

A situação de Marietta, assim, parece ser exemplar de uma parte das prostitutas que se transformavam em assunto da seção "Carteira de um peru". Prostitutas como Tina Tatti, por exemplo, provavelmente tinham seus *status* garantido; com isso, as fofocas a seu respeito eram mais espaçadas e menos graves⁹³. Para prostitutas como Marietta, no entanto, podiam ser encontradas notas como esta:

"Dizem que a Meleca dá o solene cavaco quando alguém lhe faz lembrar o tempo em que, residindo na rua Visconde de Itaúna, ia ao botequim todos os dias comprar café para as suas colegas.

Que tem isso? Apenas prova que ela já andou por baixo e agora anda por cima..."⁹⁴

Ou ainda:

"A Marieta Meleka (sic) danou-se há dias na Colombo porque o Guará... dizia numa roda de amigos, que ela havia sido criada de quarto do pessoal das zonas Lavradio e Maranguape, há três anos."⁹⁵

⁹³ - "Na roda dos perus da Colombo, onde se cavam bebidas e caronas, causou a admiração o faro de estar Mlle. Leonor Pierrini e tomar... bebidas com Mme. Tatti Faria.

Sabia-se que a *mademoiselle* tinha casado com um doutor (...). Naturalmente preferiu cavar novamente a vida.", "Carteira de um peru" Rio Nu, 19 de março de 1904. Podia ser uma nota comprometedora mas não questionava o *status* das duas citadas.

⁹⁴ - "Carteira de um peru", Rio Nu, 21 de dezembro de 1904.

⁹⁵ - "Carteira de um peru", Rio Nu, 9 de maio de 1906.

Há dois aspectos a serem atentados nestas fofocas: o que elas revelam sobre as vidas das prostitutas que podem ser consideradas "*chics*", considerando a possibilidade de verossimilhança; por outro lado, o que elas sugerem sobre a difícil relação entre as prostitutas e o redator da seção.

No que diz respeito às dificuldades de ser uma prostituta "*chic*", destaca-se, principalmente, a ameaça de um passado comprometedor, quer como criada ou mesmo prostituta em zonas de nível mais baixo. Ao contrário da prostituta do Sans dessous, o bom gosto, o comportamento elegante e civilizado que elas representam são, em grande parte, adquiridos, resultado de um esforço de ascensão social dentro da prostituição.

As fofocas publicadas no Rio Nu, portanto, podem ser lidas como um contraponto da imagem de prostituta civilizada e "*chic*" construída por Sans dessous e em grande parte reiterada pelos memorialistas⁹⁶. As situações concretas que inspiram a seção possibilitam a mistura de preconceito dos redatores com seu interesse nas prostitutas como leitoras e atrativo de leitores e anunciantes, o que acaba fazendo com que a abordagem sobre elas se torne pelo menos mais ambígua que a do Sans dessous e talvez que a do próprio Rio Nu em outros momentos.

A começar pelos indícios de utilização que as próprias prostitutas fazem do espaço da seção e das intenções dos redatores. As prostitutas não estavam simplesmente à mercê da utilização de seus nomes e vidas como recurso para aumentar a vendagem do jornal, ou como meras vítimas de chantagistas e aproveitadores. Marietta Meleca, por exemplo, de acordo com o redator, "fez novo sortimento de *toilette* à custa dos reclames do Rio Nu", em 1904.⁹⁷

Muitas vezes, mantendo a relação ambígua que caracterizava a seção, as denúncias podiam estar tanto a favor como contrárias às prostitutas, indicando inclusive diferenças entre elas e aspectos das relações que estabeleciam entre si, com seus amantes e cáftens. Eram comuns notas

⁹⁶ - Sobre a prostituta francesa "civilizadora", ver, entre outros, Gilberto Freire, Ordem e Progresso Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1959, idéia que também é utilizada por Margareth Rago na recuperação de uma "dimensão positiva" da prostituição, Margareth Rago, op. cit.

⁹⁷ - "Carteira de um peru", Rio Nu, 2 de julho de 1904.

em que se protestava contra as atitudes das proprietárias ou administradoras de "colégios" ou "conventos", por exemplo, por não deixarem

"as alunas abarracar nas noites vagas com seus *amants du coeur*!... Elas protestam e com muita razão!"⁹⁸

Tomando partido das prostitutas, o redator reconhece a existência de relações amorosas mais ou menos duradouras, simultaneamente às práticas de prostituição. Era comum a diferenciação entre o *amant du coeur*, geralmente um homem sem dinheiro, e o *vieux marcheur*, que provia o luxo material e ostentava a posse da prostituta como uma mercadoria de luxo.

Se as relações estabelecidas com as donas das casas eram tensas e por vezes "injustas", o mesmo podia ocorrer com os próprios amantes, ou "perus":

"Milta, peru azarado, deu agora para *valente*.

Por isso todos os dias cerca-se de capangas para dar bordoadas em uma mulher. Isso é que é *coragem*!

O fato já é tão conhecido que a Amália tem por si toda a simpatia da rapaziada das diversas zonas do *demi-monde*.

Desta vez o Milta tomou para o seu tabaco e poderá ir rodando porque está barrado de vez pelo mulherio que tem vergonha no rosto."⁹⁹

A condenação ao espancamento da mulher, de um lado, revela a possibilidade de utilização do espaço desta seção para inibir certas práticas consideradas condenáveis, numa coincidência de interesses da prostituta com os do periódico. Neste caso, utiliza-se o mecanismo de ridicularizar a "valentia" do "peru", o que devia contribuir em muito para piorar sua imagem pública.

Ao mesmo tempo, a nota indica a existência de relações de solidariedade entre as pessoas que se envolvem em relações em torno da prostituição, acionadas em certas situações conflituosas, e reconhece momentos de atuação independente por parte das prostitutas, chamadas, neste caso, a recusar o "peru" em questão. O reconhecimento de laços de

⁹⁸ - "Carteira de um peru", Rio Nu, 28 de setembro de 1904.

⁹⁹ - "Carteira de um peru", Rio Nu, 5 de novembro de 1904.

solidariedade e de possibilidades de atuação presente nesta nota sugere um ponto significativo de proximidade entre os critérios dos redatores e os da "rapaziada das diversas zonas". Em outras palavras, o reconhecimento consensual de uma situação conflituosa, quando o "peru" ultrapassa o aceitável com sua amante, explicita um momento de lógica compartilhada que se sobrepõe a outras diferenças.

Momentos como este, no entanto, são relativamente escassos. Mais frequente é o tom de denúncia é dirigido à polícia, invocada para fiscalizar a exploração excessiva:

"A Lola, Maioral da casa de modas do Beco do Tesouro, é uma cafetina das mais indecentes que perambulam pelas zonas. Além das funcionárias levarem as *pacas* para morrerem no aluguel do quarto, a Maioral exige que as mulheres lhe dêem uma comissão da gratificação que elas recebem deles por meia hora de aluguel de suas carícias.

E a polícia não deposita essa indecente espanhola!"¹⁰⁰

Trata-se, aqui, de defender as "funcionárias" de uma dupla exploração levada adiante pela cafetina. Mais uma vez, a seção transforma-se em espaço de denúncia, não à prostituição em geral, mas a um certo modo de exercê-la que, por algum motivo, passa a ser considerado "injusto", "imoral" ou "anti-higiênico" pelos redatores¹⁰¹. Com isso, o Rio Nu passa a se auto-atribuir uma função de regulamentar e fiscalizar a prostituição em boa parte da cidade. A "Carteira", e depois, "Nas zonas...", de certo modo, pretendem preencher a ausência de "indicadores especiais" da cidade, reclamados por um viajante¹⁰².

¹⁰⁰ - "Nas zonas...", Rio Nu, 6 de março de 1912.

¹⁰¹ - Em 1911, a seção inaugura um item no qual figuram "os funcionários e funcionárias" que estão estragados, intitulado "Assistência nas zonas...", o que é também uma forma de alertar os frequentadores das zonas, "Nas zonas...", Rio Nu, 19 de abril de 1911. No mesmo sentido é a seção "Reclamam", em que os redatores denunciam casas de prostituição e prostitutas sem higiene, como em 11 de maio de 1912, em que se protesta contra "o estado lastimável em que se encontram certas funcionárias da rua Tobias Barreto", e em 25 de maio de 1912, quando se reclama da falta d'água na zona Mem de Sá, "a preferida hoje em dia pelos aventureiros mais galantes da nossa metrópole. (...) Nessa rua, em que existem centenas de mulheres mais ou menos bonitas, e às quais a profissão que exercem impõe o banho todos os dias e ainda as lavagens ligeiras à miúdo (...)".

¹⁰² - "Por **indicadores especiais** entendem-se esses pequenos livros de informações como os que há em Buenos Aires e que indicam a rua, número, preço especialidades e nome das melhores funcionárias das grandes cidades", Rio Nu, 1 de junho de 1912. Ver também as descrições das melhores e piores "casas de modas" da capital nos últimos meses de 1910.

Ao defender uma "funcionária" e seu amante das calúnias que um "peru" tentara publicar na seção, o redator compara-a com a amante do caluniador, declarando que:

"Olinda faz-se valorizar como mulher mundana, sendo querida na roda dos que a frequentam e o seu passado é bem conhecido; no entretanto, quanto à sua *estrela encantadora, formosa e elegante*, ninguém poderá afirmar porque motivo emigrou da sua pátria e quais os seus costumes da atualidade"¹⁰³.

A defesa de Olinda em relação à prostituta preferida pelo "caluniador" revela que, das práticas valorizadas pelos redatores, destaca-se a importância de possuir um passado conhecido, o que não significa necessariamente ser francesa, ou ter sido casada. Reconhecendo os movimentos de ascensão e decadência comuns em suas vidas, trata-se simplesmente de buscar a autenticidade de suas trajetórias, ao invés de valorizar uma suposta garantia de ascendência social, como ocorre no Sans dessous, o que é sempre mais improvável. "Antes ter sido criadinha em seu torrão natal do que ser tocadora de clarinete em país estrangeiro"¹⁰⁴, ressalta o redator comparando as mesmas prostitutas. A valorização de um passado autêntico e honesto, apesar de pobre, se contrapõe a um passado de prostituição cujo sentido degradante é reforçado pela referência a formas tida como exóticas de práticas sexuais, como sexo oral.

Isso estava longe de significar que as prostitutas pudessem sempre contar com a seção como um lugar de defesa. As notas sobre Marietta Meleca exemplificam que, quando as prostitutas são abordadas pessoalmente, as fofocas, muitas vezes reflexos de conflitos cotidianos, têm maior chance de se sobrepor a esta "moral" dos redatores. Para que se perceba o quanto elas podiam ser prejudiciais, basta ver que o prêmio de um dos muitos concursos de beleza promovidos pela seção era justamente um "habeas corpus perpétuo", isto é, a vencedora nunca mais veria seu nome naquela parte do jornal¹⁰⁵.

¹⁰³ - "Nas zonas...", Rio Nu, 20 de dezembro de 1911.

¹⁰⁴ - "Nas zonas...", Rio Nu, 3 de janeiro de 1912.

¹⁰⁵ - O concurso se intitulava "A mais querida das zonas", e seus prêmios eram um "objeto de valor", o "retrato publicado nesta seção", e o habeas corpus, que garantirá que a

Além disso, se o critério de julgamento dos redatores da seção podia levar a notas com tons de denúncia que favorecessem certas prostitutas, coincidindo com seus interesses, também podia causar efeitos opostos:

"A Chica Trem anda com uma *dor... furiosa* pelo Roque do 'Chopp', e como o homenzinho não lhe dá mais importância, a esbogue vinga-se tomando cocaína às dúzias.

Por que você, sá Chica, não se suicida de uma vez?"

Ou

"A Alice Murrinha arranhou um vestido novo só para os domingos e nestes dias a funcionária toma ares de *cocote chic* sem se lembrar do papel triste que está fazendo.

Só caixeiros de venda!"¹⁰⁶

Por trás de circunstanciais coincidências de interesses entre prostitutas e redatores, é provável que houvesse uma guerra não só entre prostitutas, como também entre elas e os "perus", que muitas vezes usavam a coluna para se vingar de ex-amantes. É certo, porém, que na maioria das vezes, as relações abordadas são extremamente pessoalizadas, nada tendo a ver com a imagem da prostituta que se vende de forma impessoal e indiferenciada.

É interessante notar que, um pouco depois de 1910, as notas comecem a se referir cada vez mais a prostitutas como "Chica" ou "Alice Murrinha". O tom preconceituoso dos redatores permanece em relação a elas e a seus frequentadores, que, aliás, deviam ser leitores do Rio Nu. O tom de denúncia, ou de ridicularização das prostitutas, aliás, parece servir justamente para que os redatores disfarcem a proximidade com as relações estabelecidas em torno destas prostitutas¹⁰⁷.

No mesmo sentido, a visão preconceituosa pode ser identificada em situações coletivas, como esta:

vencedora "poderá cavar honestamente a sua vidinha, a coberto das más línguas". Note-se que a vencedora, Maria da Luz, recusou-se a dar seu retrato para a publicação. Rio Nu, 5 de julho de 1911 e 14 de outubro de 1911, quando foi anunciada a vencedora.

¹⁰⁶ - Rio Nu, 11 de abril de 1914.

¹⁰⁷ - Em "Rio à noite", o autor, Notívago, narra sua experiência com as "sacerdotizas" que cobram apenas três mil réis, na rua da Conceição, e conclui: "A ocasião faz o ladrão... E é pensando assim que essa polaca da rua da Conceição cava fregueses exibindo-lhes a sua nudez". O sentido geral é muito próximo daquela atração de D. Villafior pelo "exótico", já demonstrado anteriormente. Rio Nu, 10 de janeiro de 1914.

"As *polacas* ficaram alvoroçadas no dia 10 do corrente, por ter falecido uma sua patricia, e pretenderem a muque enterrá-la com as formalidades da religião israelita, que professam, mas nada conseguindo, fizeram grande escândalo na zona Mem de Sá havendo a intervenção da polícia que efetuou algumas prisões.

Então vocês, suas *wesughts*, julgam que aqui o Brasil é a Rússia.

Ora vão *lamber*... sabão!"¹⁰⁸

Situações de morte dão bem a medida do distanciamento entre redatores e leitoras. Não mais um distanciamento forjado para criar uma distância entre o jornal e as práticas "imorais" que ele tematiza, mas a impossibilidade de compreensão por parte dos redatores de alguns valores diferentes dos seus. Em momentos como este, por não se tratar de nenhuma nota de fofoca enviada por leitor, evidencia-se bem a medida dessa incompreensão dos redatores.

Essa incompreensão pode levar a comentários cruéis diante de ocorrências trágicas como o suicídio frustrado de Lulu Pombinho, prostituta da rua do Regente.

"O caso permite (...) observações: em primeiro lugar, a presença da Assistência desde logo me pareceu inútil porque a rapariga não podia morrer por aquele meio, atendendo a que de leite e cabeças ela usa e abusa constantemente, sem risco e até com regalo."¹⁰⁹

A tentativa de suicídio com "leite da Mantiqueira misturado com cabeças de fósforos" dá margem às usuais piadas das seções de comentários do cotidiano, dada a excepcionalidade do ocorrido.

A incapacidade de sair deste registro preconceituoso, porém, não pode ser avaliada nem como um sinal de incompreensão total nem, na direção inverso, de uma romantização da prostituta. Os comentários e observações cotidianas, na maior parte das vezes, são suficientemente maleáveis para oscilar entre estes extremos, daí, provavelmente, o sucesso da seção. A despeito do preconceito e das distâncias entre redatores e

¹⁰⁸ - Rio Nu, 15 de janeiro de 1916.

leitores, notas como a que registra a morte da Libânia, uma prostituta famosa, ao invés de ser vista como um sinal de idealização de uma imagem sobre a prostituta, pode ser tomada como uma tematização que permite que, em certa medida, a "Carteira" e o próprio jornal sejam um espaço de diferenças:

"Musa, alegre, brejeira,
Suspende um pouco a troça!
A Libânia morreu segunda feira.
Deixa um vácuo profundo
Na zona em que se faz a *brincadeira*...
Com certeza vai, logo que possa,
Promover casamentos no *outro mundo*..."¹¹⁰

Ao lado das observações de defesa dos abusos cometidos contra as prostitutas, homenagens carinhosas como esta, se na pena de memorialistas podem ser tomadas como a invenção de um passado idealizado, quando publicadas no Rio Nu aumentam a possibilidade de compreensão e reconhecimento por parte de muitos leitores e leitoras diminuindo circunstancialmente a falta de comunicação.

Desta forma, pode-se concluir que, em primeiro lugar, a seção de fofocas é um revelador contraponto para a imagem idealizada da prostituta tematizada no Sans dessous. Indicando em que termos ela foi idealizada, o que inclui a sua própria civilidade, o Rio Nu permite um olhar crítico sobre seu colega na medida em que confirma que suas páginas podem conter não apenas uma intenção "civilizatória" sobre leitores ricos e ignorantes das práticas imorais elegantes, mas também sobre as próprias prostitutas, em especial na seção "No dorso da luxúria".

Ao mesmo tempo, a forma como o Rio Nu tematiza essas e outras prostitutas menos cotadas revela indícios de relações que, no mínimo, se caracterizam pela ambiguidade e pelo conflito. De um lado, a seção indica que o jornal podia ser visto pelas prostitutas e pelos "perus" como um espaço de expressão de seus conflitos cotidianos; por outro, indica que, para os redatores, a seção podia ser uma oportunidade de intervenção "do jornal"

¹⁰⁹ - Padre Amaro, "À margem", Rio Nu, 11 de dezembro de 1915.

¹¹⁰ - Padre Amaro, "À margem", Rio Nu, 3 de junho de 1916. Destaques no original.

como um agente de regulamentação de relações estabelecidas em torno da prostituição. Neste sentido, a construção de um personagem-narrador nos contos, que se excita com o sexualmente “exótico”, pode ser a chave para a compreensão da especificidade do Rio Nu, e dos sentidos de suas tematizações. Os redatores parecem estar entre o objetivo de estimular a excitação sexual dos leitores e a função de estabelecer prescrições para leitoras e leitores. Trata-se de um dilema que os redatores do Sans dessous resolveram a partir da instrumentalização de personagens e atitudes transgressoras para a afirmação de distinção social.

No caso do Rio Nu, porém, a relação entre a função de excitar e prescrever comportamentos é mais complicada. Uma personagem como “Stella”, por exemplo, uma mulher que deveria ser regida pelos seus instintos, mas que consegue controlá-los, nem por isso deixa de ser vista como uma “desviante”, como de resto qualquer mulher “independente”. Ela revela como um recorte de classe pode ser instrumentalizado para relativizar a identidade feminina baseada no desejo sexual, e com isso revela, também, os preconceitos do próprio redator: só por ser uma mulher rica é que “Stella” e as viúvas alegres podem escapar das normas de gênero atribuídas a elas, assumindo uma identidade que não se restringe às determinações de seu sexo. Este sentido da personagem sobrevive simultaneamente a outro sentido, enfatizado pelos juristas na década seguinte: o reconhecimento de que todas as mulheres teriam desejos sexuais é, principalmente, uma justificativa para que elas sejam controladas e vigiadas de perto; ou, do ponto de vista do conquistador, a principal fraqueza que permite a conquista.

O mesmo ocorre com o “Zé”, nos dois sentidos da palavra. Uma série de possibilidades se abrem com a invenção de um personagem “popular-masculino”, marcado pela virilidade, e que pode, pela sua posição particular, falar o que o redator ou um personagem elegante não poderia. Novamente, é no cruzamento de recortes sociais e de gênero que se constrói um personagem moral e socialmente transgressor. Mas as possibilidades de um popular viril, regido pelos seus instintos, só são radicalizadas quando a linguagem maliciosa, que permite os dois sentidos do “Zé”, é substituída por

uma linguagem explícita e direta - o que só acontecerá em 1914, com os "Contos Rápidos".

A construção de estereótipos sexuais nas páginas do Rio Nu e no Sans dessous, assim, são reveladoras das possibilidades de associação entre recortes sociais e normas de gênero para viabilizar um conteúdo que tenha, ao mesmo tempo, um sentido prescritivo e excitante. Além disso, as diferenças nas formas como os dois periódicos viabilizaram esta associação, e as possibilidades de transgressão moral decorrentes em cada um deles, expressam uma diferença de visões sobre as próprias relações sociais e de gênero tematizadas.

Considerações finais

Era comum que folhetins publicados em capítulos no rodapé do Rio Nu posteriormente reaparecessem em volumes separados, na maior parte das vezes livros de encadernação simples, pequenos e vendidos por preços baixos. As oficinas gráficas do jornal viabilizaram um mercado de livros anunciados como leitura "maliciosa... e picante", "leituras reservadas", "leitura só para homens"¹ que se desenvolveu simultaneamente ao próprio periódico.

Aos poucos, porém, ocorreram diferenciações significativas entre esses dois mercados. Surgia, de um lado, a possibilidade de que os romances fossem primeiramente "testados" nas páginas do periódico e só depois de terem comprovado seu sucesso junto ao público, passavam a ser publicados como livros. Por outro lado, como a circulação destes últimos era mais restrita do que a polêmica ostensividade que envolvia a circulação do Rio Nu - os livros eram vendidos principalmente pelo correio, além de revendedores especializados em publicações "para homens"² - podiam ganhar maiores "liberdades" na linguagem³. Assim, as especificidades deste mercado de livros possibilitaram, em alguns momentos, o rompimento dos

¹ - Termos utilizados como sinônimos em anúncio em Rio Nu, 2 de junho de 1909.

² - Ver, entre outros, o anúncio da "Biblioteca dos Solteirões", que apresentava títulos como O Coitadinho, "leitura amena", Madame Minet, a 500 réis; Contos Frescos, "novelas brejeiras" e O Fanchula, a 1\$000; todos vendidos por pedidos enviados à redação do Rio Nu, além de estarem disponíveis nas "agências do Rio Nu e nos Estados", Rio Nu, 9 de novembro de 1904. Sobre venda avulsa, ver anúncio de "Braz Lauria, agentes de jornais, revistas, romances, magazines e toda sorte de publicações estrangeiras e nacionais", oferecendo livros da "biblioteca do Rio Nu", localizado na rua do Ouvidor, ao lado de um ponto de encontro de boêmios, o café Java, Rio Nu, 11 de maio de 1907. A "Biblioteca do Solteirão", com títulos como Álbum de Caliban, "contos alegres por Coelho Netto", Filhotadas e Casos com pimenta, por Pierrot (Pedro Rabelo), Pimentões, por Puff & Puck (Olavo Bilac e Guimarães Passos), era anunciada na famosa editora Laemmert & C., no Rio Nu, 13 de dezembro de 1905.

³ - Muitos folhetins de rodapé, depois transformados em livros, eram anunciados com mudanças no texto ou acrescentados de ilustrações. É o caso, entre outros, da A Sala Preta, de D. Villafior, que quando virou publicação foi anunciado na forma de um "elegante volume", e ilustrado "com fotografias do natural", Rio Nu, 30 de maio de 1906. Destaca-se também o folhetim Serralho do Padre, que teve sua publicação no rodapé do jornal suspense com a seguinte explicação: "Tendo Frei-Tiço descambiado para uma linguagem um tanto livre, fomos obrigados a amarrar a lata no folhetim O Serralho do Padre, que, no entanto, está à venda em nosso escritório, reunido em volume e escrito ao sabor dos apreciadores desse gênero de literatura. Ficam assim satisfeitos aqueles que diariamente nos importunavam com inúmeras cartas perguntando onde ia parar o desbragamento do famigerado padre Lucas", Rio Nu, 26 de setembro de 1903. Ver também anúncio de O Coitadinho, "espírituoso e sensual romance que tanto sucesso fez, quando publicado no rodapé do Rio Nu, está à venda a 1\$000 o exemplar, *modificado ao paladar dos leitores*", Rio Nu, 12 de agosto de 1903.

limites da "malícia" da forma como foram definidos pelo próprio Rio Nu ao longo da sua consolidação no mercado como um periódico de "gênero alegre".

Nenhuma "liberdade" de linguagem, porém, foi tão longe como a que se apresentou, em 1914, na série "Contos Rápidos". Os livros que compunham a coleção, além de trazerem descrições explícitas de relações sexuais, acompanhadas de palavrões e gírias, também exibiam ilustrações fotográficas de práticas sexuais, em substituição aos "sugestivos" desenhos do jornal. Esta série de livros, assim, parece configurar um momento em que as possibilidades de utilização dos estereótipos sexuais no Rio Nu são levadas às últimas consequências, explicitando o que antes era apenas insinuado nas páginas do jornal. Resta saber que significados podem adquirir em virtude destas novas condições.

Foram editados aproximadamente dezoito livros, vendidos avulsamente a 300 réis, e pelo correio, a 500 réis⁴. Todos eram publicados pela "Casa editora Cupido & Comp., Ilha de Vênus", sem nenhum indício do local e data reais de publicação. Eram, porém, anunciados no Rio Nu, onde se alardeava que os contos eram escritos em "linguagem ultra-livre, contendo uma gravura cada um, narram as mais pitorescas cenas de amor para todos os paladares"⁵. Além disso, os pseudônimos dos autores eram os mesmos utilizados para assinar as seções do jornal, o que comprova a vinculação dos romances com o periódico.

A situação financeira do jornal, nesta época, não era das melhores. Na verdade, a empresa passava por dificuldades que, em 1913, acabaram levando seu diretor a reduzir a periodicidade para uma vez por semana - e, em novembro de 1914, a piorar a qualidade do papel, devido à crise mais geral provocada pela guerra⁶. A mudança da linguagem com vistas a agradar a "todos os paladares" pode ser pelo menos parcialmente entendida como um recurso para aumentar o número de leitores e superar a crise: antes de mais nada, este parecia ser um lucrativo negócio.

Dos livros publicados, foi possível obter seis volumes, que podem ser tomados como constitutivos de um padrão de estilo e de conteúdo. Logo à primeira vista, por exemplo, percebe-se que os contos lidam com os mesmos estereótipos utilizados nas páginas do Rio Nu e Sans dessous: maridos

⁴ - Segundo Lima Barreto, com 200 a 400 réis fazia-se uma compra diária por parte da população pobre, aquela parte que raramente via incluídos na sua refeição meio quilo de carne seca ou um de feijão"; Lima Barreto, Clara dos Anjos, apud Sylvia Damazio, op. cit., p. 55.

⁵ - "Biblioteca do Rio Nu", Rio Nu, 28 de março de 1914.

⁶ - "O 'Rio Nu' e a crise", Rio Nu, 28 de novembro de 1914 e Rio Nu, 19 de abril de 1913, quando deixa de ser bi-semanal, passando a sair somente nas sextas feiras, para "o nosso querido jornalzinho sair do ramerrão em que está".

traídos, coristas baratas, prostitutas, meninas falsamente "honradas" e esposas falsamente "honestas", homossexuais. Algumas histórias são narradas em primeira pessoa, sendo o personagem-narrador não raro o conquistador. Predomina um tom que se aproxima muito mais do "exotismo" de D. Jasmim do que do sedutor elegante representado por D. Villaflor ou pelas histórias de Sans dessous. Mas, ao contrário de D. Jasmim, que se colocava de fora deste mundo exótico, nos "Contos Rápidos", o próprio narrador passa a fazer parte do "exotismo".

Assim, a construção de uma identificação masculina, pelo menos na intenção dos redatores, pressuposta em muitas narrativas ao mesmo tempo em que era elaborada em cada uma delas, pode ser aqui problematizada mais detidamente. Como saber de que forma esta "identificação" chegava no leitor? Será que alguns deles efetivamente se reconheciam, ou gostariam de reconhecer no elegante D. Villaflor, ou nos "extravagantes" gostos de D. Jasmim? Ou, por outro lado, o excitante da leitura estava justamente na "segura" distância entre ele e o narrador?⁷ Quais leituras eram possíveis no caso de supostas leitoras? No caso dos "Contos Rápidos", as prováveis respostas a estas questões parecem estar ainda mais inalcançáveis. Ao contrário dos contos "aperitivos" apresentados no Rio Nu ou no Sans dessous, trata-se aqui de histórias que têm muito mais claramente uma função masturbatória. A questão, como já colocou R. Darnton, é menos de saber se o desejo sexual a ser excitado é masculino ou não, mas se podemos reduzir os contos à essa sua função material⁸.

Quais leitores se excitavam, e por que em especial com esta ou aquela situação parece fazer parte, em grande medida, de uma dimensão de desejos e fantasias sexuais pessoais e, para o historiador, irrecuperáveis. No entanto, a investigação da circulação destes periódicos, de como eram vistos por alguns setores e de como seus estereótipos operavam de acordo com as intenções dos redatores, constituem, juntos, elementos que criam condições para uma análise dos "Contos" que enfatize sua especificidade social e histórica. Apesar da sua função "masturbatória", a pornografia pode ser remetida ao contexto social em que foi produzida, e, da mesma forma que os

⁷ - Uma das características da pornografia como um gênero diferenciado é a exploração do voyeurismo: "o leitor é obrigado a inclinar-se sobre alguém que observa por uma fechadura um casal copulando em frente a um espelho ou sob quadros nas paredes representando casais em cópula", segundo R. Darnton, op. cit., p. 24. Lynn Hunt ressalta que a pornografia constrói uma identificação masculina através da representação de corpos femininos, op. cit., p. 44. Ver a ilustração de um dos contos rápidos, O Marchante, no apêndice.

⁸ - "Não se trata então de saber se a pornografia visava excitar o desejo sexual em geral ou apenas o desejo masculino, mas sim de saber se podemos reduzi-la à sua função material de masturbação", R. Darnton, "Sexo dá o que pensar", op. cit., p. 33.

contos maliciosos, pode evidenciar certas visões das relações sociais e de gênero, e possibilitar leituras que ultrapassem as intenções dos redatores.

Assim, para a análise dos "Contos rápidos", há que se levar em conta a crise financeira do jornal, sua intenção de que os livros atinjam um público masculino amplo, de gostos diferentes, e que, com estes objetivos, entre em cena a linguagem pornográfica. Levando em conta a própria trajetória e as estratégias narrativas do Rio Nu, é verossímil considerar que a escolha desta linguagem sirva, na intenção dos redatores, à criação de um cenário de "exotismo", no registro do D. Jasmim. Afinal, as relações descritas nestes contos remetem-se, de uma forma ou de outra, a pessoas excluídas da "nova ordem social" da *belle époque*.

O narrador-conquistador é, antes de mais nada, definido pela sua exclusão social. Em Na zona...⁹, por exemplo, ele é um recém desempregado que estranha ter sido despedido simplesmente por ter sido flagrado pelo patrão "comendo o Bacalhau numa gostosa punheta". A partir daí, narra suas aventuras pelas zonas da cidade. Em O Marchante, o narrador é um "Gibirú atrevido", um frequentador sem cerimônia dos bastidores teatrais. Nenhuma referência a emprego fixo; o dinheiro é incerto. Este narrador, aliás, se orgulha de não gastar um vintém com mulheres.

"Está visto! Se eu sou um pronto!... Mas mesmo que não fosse! Quer-me parecer que, ainda que tivesse uma bonita fortuna, o meu fraco seria não gastar dinheiro com putas."¹⁰

"Pronto" é uma gíria que significa não ter dinheiro. É este "fraco" do narrador que acaba levando sua amante corista, a procurar um "marchante" que a sustente. Do mesmo modo, em O Cachorro¹¹, o autor apenas consegue possuir uma italiana que circulava pelas "altas rodas da putaria" porque depenou um "fabaréu cheio de massa" numa banca de bacarat. Descobre então que, como a italiana só se prostituía por prazer, ela sempre se utilizava da língua de seu pequeno e treinado cachorro para se excitar antes de receber um homem em sua cama.

Contos não narrados pelo personagem conquistador trazem outros personagens "excluídos" para o primeiro plano. Em O Menino de Gouveia, o narrador é "Bem-bem" que, na cama com Capadócio Maluco, pseudônimo de

⁹ - Dom Felício, Na zona... Contos Rápidos, n. 11. Casa Editora Cupido & Comp., Ilha de Vênus. (1914)

¹⁰ - Homem de Ferro, O marchante Contos Rápidos, n. 18. Casa Editora Cupido & Comp., Ilha de Vênus, (1914)

¹¹ - Zé-Teso, O Cachorro Contos rápidos, n. 13, Casa Editora Cupido & Comp., Ilha de Vênus, (1914)

um redator do Rio Nu, conta-lhe sua história como homossexual "com todos os não-me-bulas de putro matriculado"¹². Em A Pulga e O Brinquedo, a narração é em terceira pessoa, mas a ênfase recai sobre personagens femininos¹³. No primeiro, trata-se das peripécias de D. Zizi com Ambrósio Minhoca, colocado em casa por seu marido para vigiá-la durante suas constantes ausências. Com a desculpa de uma pulga, D. Zizi o provoca e o seduz, levando-o a praticar com ela o que não poderia ser feito com o marido: sexo oral, sexo anal¹⁴. No segundo, descreve-se a luta de Guedes, noivo de Chiquinha, contra um concorrente insólito: "um formidável caralho de borracha" com o qual a menina se divertia na falta do original.

O narrador, nos primeiros contos, e a linguagem explícita, comum a todos eles, contribuem para aproximá-los não só quanto à conformação de um estilo "obsceno". Podem ser lidos também como formas de evidenciar a lógica atribuídas a pessoas que, de alguma forma, se acham socialmente excluídas, quer por opções sexuais "exóticas" (O menino do Gouveia, O Cachorro, A Pulga, O Brinquedo), ou pela instável inserção social e econômica (Nas zonas..., O Marchante). Os personagens masculinos são desempregados, "prontos", jogadores espertos, figuras abrutalhadas como o Ambrósio, "capadócios", ou homossexuais. Personagens pobres, brancos ou "desviantes", possuidores de uma sexualidade tão exuberante que se transforma na principal causa dos acontecimentos das suas vidas. Se no caso dos personagens masculinos, a caracterização dessa sexualidade quase "animalizada" é acompanhada de uma posição inferior na hierarquia social, no caso das mulheres a relação é outra. Qualquer mulher, rica ou pobre, prostituta, atriz, "livre" ou "honrada", pode viver em função do sexo: as situações de maiores dificuldades colocadas para os protagonistas são justamente aquelas em que eles precisam lidar com o desejo invariavelmente insaciável das mulheres com as quais se envolvem.

Apesar das diferenças em relação ao narrador-conquistador dos contos de D. Villaflor, o narrador dos "Contos rápidos" também forma uma "teoria sobre as mulheres", cujos termos são centrais para a sua identidade e para expressar sua lógica. Em Nas zonas..., por exemplo, D. Felício,

¹² - Capadocio Maluco, O menino do Gouveia Contos rápidos n. 6, Casa Editora Cupido & Comp., Ilha de Vênus, (1914).

¹³ - Zé Fidelis, O Brinquedo Contos rápidos n. 12, Casa Editora Cupido & Comp., Ilha de Vênus, e Lucio d'Amour, a Pulga, Contos Rápidos, n. 7, Casa Editora Cupido & Comp., Ilha de Vênus, (1914).

¹⁴ - "O nosso homem, que já estava maluco, principiou a fazer um bom *minette* em D. Zizi, que há muito tempo desejava tal prazer que vira descrito no Rio Nu, e jamais de atrevera a pedi-lo ao marido.", Lucio d'Amour, op. cit., p. 13. Neste e em vários outros trechos, os efeitos aperitivos da leitura do Rio Nu eram sugeridos; aqui destaca-se o suposto efeito "perigoso" que essas leituras exerceriam em mulheres de "temperamento fegoso" como D. Zizi.

despedido do emprego e "sempre com a idéia de foder", procura diferentes prostitutas. Primeiro, chega à "zona das marrequinhas", quando encontra uma francesa das que ficam à janela. A prostituta se define pelas especialidades e pelo preço:

"- Eu non tome ne bunda. (...) Tem também especialidade, mossiú. (...) Bouchet! Mim chupe muito bene."¹⁵

Corroborando a fama das francesas de especialistas em sexo oral, o narrador aceita a proposta. Qualquer *glamour* em torno da nacionalidade da prostituta, no entanto, passa longe da descrição de D. Felício sobre o encontro:

"A francesa, retirando um instante a boca, porém sem largar-me os colhões que ela vinha afagando delicadamente com as mãos macias desde o princípio do *bouchet*, perguntou-me:

- Quer que põe fora ou engole?
- Que diferença faz isso, madama?
- Nós tem table. 5\$ põe fora e 10\$ engole.

Eu, que já estava quase a despejar a meleca no carão da puta respondi:

- Engula, madama, engula para você amanhã cagar um queijo!"¹⁶

Predomina uma relação sem nenhum encanto ou erotismo, e distante de qualquer refinamento, especialmente do ponto de vista da prostituta: ela age de acordo com sua técnica, parando em circunstâncias favoráveis para discutir preço e sendo bem sucedida nessa estratégia. O preço mencionado, aliás, ajuda a dar a medida do status desta prostituta: sem ser das mais baratas (na rua da Conceição, ou no Núncio, cobrava-se 2\$ ou 3\$), também não estava próxima da prostituta padrão "sans dessous", que cobrava pelo menos 20\$.¹⁷

A relação, então, se mostra insatisfatória para Felício, cujo desejo não arrefecido leva-o ao Passeio Público. Lá, vendo os "rapazotes de calcinhas justas, paletó mostra bunda", conclui que "a única coisa que me podia abrandar a tesão era um rabo!". Dirige-se, então, à zona Gomes Freire, "pois

¹⁵ - D. Felício, op. cit., p. 4.

¹⁶ - Idem, p. 5.

¹⁷ - Na coluna "Rio à noite", Notívago narra um episódio em que ele frequenta uma "polaca" da zona "estragada", na rua Conceição, a três mil réis, Rio Nu, 10 de janeiro de 1914; em Sans dessous, 9 de dezembro de 1909, um redator observa: "Já vai longe o tempo em que por três mil réis amava-se farta e consoladoramente; hoje a unidade monetária do Amor não desce de vinte mil."

para negócio de enrabação não há puta que chegue à brasileira. São todas especialíssimas."

Em contraste com a francesa, a descrição valoriza os atributos da prostituta brasileira que ele encontra:

"Era um tipo bonito de mestiça nacional; os seios pequenos e bastante rijos não pareciam ser de puta; tinha as coxas grossas e com pernas bem torneadas; a boca, de lábios carnudos e sensuais, era naturalmente vermelha e pequena; o ventre arredondado encimava a pentelheira basta e negra donde emergia o cono papudo e certamente quente. Quanto à bunda, só lhes posso dizer que era um cuzão de três assobios".¹⁸

Ao contrário dos seios flácidos e a bunda "gelatinosa" da francesa, a brasileira merece uma minuciosa descrição, que antecipa a relação qualitativamente melhor com esta. A mulata, confirmando a valorização do narrador, não só se gaba de não ser estrangeira "prá chupá pica de home", como depois de uma breve resistência, aceita a relação anal proposta pelo narrador. O envolvimento desta prostituta com o freguês contrasta com a técnica e a indiferença da francesa. No fim, ela nem cobra e acaba se interessando pelo narrador:

"O mulatão bateu palmas e atirou um dos coxões para cima de mim:

- Pois putinho, está tudo feito! Ficas sendo o meu home. Quanto tu ganhavas?

- 150\$000.

- Faço-te uma diária de dez, fora os extraordinários.
(...)"¹⁹

O narrador, assim, passa a ser sustentado pela prostituta. A relação anal transforma-se numa espécie de desvirginamento simbólico ("afinal quem descabara aquele cu fora eu que lhe arrombara a prega mestra"), com a dor e o posterior prazer que o caracterizariam aos olhos do narrador.

A total falta de culpa de D. Felício ao aceitar seu novo "emprego" revela-se na sua ótica:

"A *cuja* quer a nossa porra, logo... marche com o bronze na manutenção da dita."²⁰

¹⁸ - D. Felício, op. cit., p. 8.

¹⁹ - Idem, p.11. O salário do narrador, provavelmente um empregado no comércio, se compara ao salário de um funcionário público como um contínuo, que em 1910 é de 175\$000; o de um servente é 75\$000, e de um amanuense, 300\$000, Sylvia Damazio, op. cit., p.48.

A situação de desemprego do narrador é substituída pelo seu novo status, resultado dos seus próprios dotes, a mesma lógica das conquistas do narrador do Rio Nu. Felício, porém, não só conquista a prostituta como passa a ser sustentado por ela. Se existe alguma impressão de exotismo em toda a situação, ela está nos olhos do leitor; para o narrador, tudo parece muito natural.

Apesar de se estar sempre reafirmando um ponto de vista masculino, os "Contos Rápidos" sugerem o quanto este ponto de vista pode ser radicalmente diferente dependendo de onde e por quem é formulado: o fascínio pela "francesa" - que na verdade é uma "polaca" - é aqui substituído pela valorização da autenticidade da mulata "nacional", algo impossível de acontecer, por exemplo, nas páginas do Sans dessous. A construção de uma linguagem que pressupõe uma identificação masculina, assim, não apaga a diversidade de desejos e fantasias, revestidos em alguns casos por um clima de elegância e refinamento, e em outros, exibidos em sua "cruzeza".

Em O Marchante, o narrador poderia ser perfeitamente o mesmo D. Felício, só que desta vez passeando pelas "caixas teatrais". Considerando-se "um dos poucos e bons conquistadores", o narrador consegue atrair a simpatia de Claudina, corista numa revista "vagabunda e pretensiosa". Mais uma vez, a falta de dinheiro do narrador transforma-se em aspecto positivo, uma garantia de que, neste caso, Claudina achara-lhe "bonito, elegante... eu sou tudo isso. Gostou do meu todo."²¹ Só por estes motivos Claudina se envolveria com o narrador posto que ele, por princípio, não dava dinheiro a putas - e na lógica, como na de muitos dos seus contemporâneos, não haveria grande diferença entre elas e atrizes. Estas, "raparigas livres", nunca recusavam um convite para "uma noite de amor, seja por dinheiro, por amor, ou, simplesmente, por simpatia". Tornaram-se então amantes o que, do ponto de vista do narrador, era quase inevitável:

"Ela estava livre; precisava de um homem;
era, pois, natural desde que não lhe desagradava,
preferisse a foder com muitos, a tranquila situação
de só foder comigo."²²

A visão de mundo autocentrada, presente nos contos de D. Villafior, é aqui levada a uma explicitação proporcional à da linguagem. Os narradores sempre se gabam de seus dotes e qualidades, que compensam a falta de

²⁰ - D. Felício, op. cit., p. 13.

²¹ - Homem de Ferro, op. cit., p. 5.

²² - Idem, p. 7.

dinheiro. Assim, o pressuposto de que a liberdade feminina esbarra na necessidade de homem tem duas dimensões: aparece como uma necessidade "natural", de satisfação de desejos sexuais, e como uma necessidade de "sobrevivência" em termos financeiros. Na relação entre o narrador e a corista, enfatiza-se a primeira dimensão; a segunda, indesejável, estaria associada ao "marchante" - um tipo de homem que se deixa explorar pelas mulheres. A relação com a corista, do seu ponto de vista, seria a mais simétrica possível - baseada no desejo sexual mútuo, sem dinheiro envolvido.

Por isso, mesmo passando a viver com Claudina, o narrador continuou a não lhe dar um tostão. Mas sob a aparência de manutenção de princípios estava a situação de penúria que se abatia sobre ambos. Mesmo declarando-lhe seu amor, Claudina resolve que procurará um homem que lhe dê dinheiro. E mesmo reconhecendo que ela o fará por "necessidade", o narrador se zanga e a abandona.

Passa, então, vinte dias de agruras, fiel à sua amada, convencido de que ela não o substituirá por outro. Todas as noites, olhando para o retrato dela, "fazia uma punheta". Depois dos vinte dias procura-a e, vendo-a com outro homem, provoca um escândalo:

"És uma puta! - disse. - És como todas, afinal! Só pensas em dinheiro e só queres os homens para foder! O teu amor por mim - esse amor intenso e belo que tantas vezes me juravas e que eu, infelizmente, cheguei a acreditar, nunca o sentiste! (...) Para ti somente a piça e o dinheiro têm valor! Odeio-te!"²³

A acusação do interesse da amante por "piça e dinheiro" reforça uma lógica masculina que considera uma desonra mortal o interesse de uma mulher por dinheiro. Ao agir fora da lógica explicitada pelo narrador no começo do conto, não se conformando com uma vida de privações, Claudina se comporta como uma "puta"; deixa de ser a amada do narrador para ser "como todas". Ou, pelo menos, como todas as personagens femininas dos "contos rápidos": da mesma forma que as fogosas D. Zizi e Chiquinha, a noiva do Guedes, Claudina não se contentaria com um homem que assumisse simplesmente o papel de "provedor" ou que apenas a satisfizesse sexualmente. A ausência do marido, no caso de D. Zizi, as pequenas proporções do Guedes em comparação com o consolo de borracha de Chiquinha, e a falta de dinheiro do amante da corista são circunstâncias que levam as mulheres a procurar outros homens para suprir uma das duas

²³ - Idem, p. 12.

necessidades femininas que o marido, amante ou namorado não seria capaz de cumprir. Do mesmo modo, ao descobrir que a prostituta italiana precisava de um providencial cachorro para se excitar, o narrador, circunstancialmente endinheirado, paga mais do que o preço pedido mas recusa-se a retornar diante da possibilidade de "ir na sopa de um cachorro"²⁴.

Voltando às peripécias da corista Claudina e seu amante: o escândalo faz efeito e Claudina explica-lhe que não o substituirá por outro, mas simplesmente arranjará um "marchante brocha", que lhe dava dinheiro e nada exigia em troca. Ficando atrás da porta durante o encontro de ambos e comprovando a impotência sexual do marchante, o narrador volta a encontrar-se às escondidas com Claudina. Até que um dia são flagrados. O marchante, no entanto, não só não se zanga como se transforma em amigo do narrador. Este, um dia, lhe pergunta:

" -Diga lá: você não se importa mesmo que eu foda a mulher que você sustenta?

E sabem o que ele me respondeu? Apenas isso:

- Não meu amigo! Não porque amo esta mulher! Ora, como sabe, eu sou *brocha*... não a posso foder! Mas amo-a! Sustento-a, portanto, foda-a você, que seremos assim todos felizes!"²⁵

Na divisão de trabalho para saciar as necessidades femininas, o narrador termina com seu orgulho próprio salvaguardado. O dinheiro, associado à impotência sexual do marchante, toma novamente ares de algo degradante, oposto à virilidade exaltada pela figura do narrador.

Este conto, assim, pode ser tomado como uma ridicularização explícita do protagonista rico das histórias do Sans dessous. O marchante, já ridicularizado no próprio Sans dessous como o homem que não sabe usar o seu dinheiro e se deixa enganar pela mulheres, é admitido por este narrador como uma função necessária; mas tanto melhor que não seja exercida por ele. Na lógica explicitada nos contos, o objetivo primeiro do conquistador é se garantir na função sexual: assim, o desafio do Guedes é provar à sua noiva que um homem de verdade, mesmo com proporções duvidosas, seria muito melhor que um consolo de borracha; D. Felício se orgulha de ser tão eficiente em satisfazer a mulata a ponto de passar a ser sustentado por ela, como uma compensação pelos prazeres proporcionados; e até mesmo o bruto Ambrósio pode dispensar a inteligência para abrandar com êxito o furor de D. Zizi.

²⁴ - Zé Teso, op. cit., p. 16.

²⁵ - Idem, p. 16.

Se a elegância de Sans dessous era para homens que tivessem dinheiro para pagar as francesas, nestes contos a exacerbação dos sentidos sexuais é atribuída a homens brutalizados, sem nenhuma sombra de bom-gosto. Talvez não seja por acaso que predomine, nas histórias, a lógica de uma mulher, Claudina, e não a do seu amante. No fim das contas, ele se curva à realidade: as funções demandadas pelas mulheres não necessariamente se encontram num único homem. Só um homem "inferior" poderia viver as situações absurdas decorrentes dessa lógica "feminina", dividindo sua mulher com outro ou sendo sustentado por uma prostituta, e ainda assim, encontrar uma justificativa (na história, a impotência do amante) para manter intacto seu orgulho masculino de ter a exclusividade sobre a mulher.

Por outro lado, os personagens são sempre naturalizados: as mulheres, todas iguais, regidas pelos instintos e possuidoras de uma irreprimível energia sexual, independente de sua origem; nisto não parece haver diferenças significativas entre estes contos e aqueles publicados por Sans dessous e pelo Rio Nu. Mas, quando os homens deixam de ser os elegantes conquistadores tematizados por uma linguagem sugestiva, e também passam a ser consumidos por desejos sexuais incontroláveis, sendo tematizados por uma linguagem obscena, encarnam o elogio da virilidade. Esses homens pobres, possuindo uma sexualidade exuberante têm, como as mulheres, sua posição subalterna naturalizada. Aprendem, no entanto, a tirar partido de sua inferioridade. A falta de dinheiro é compensada pelos dotes naturais, que às vezes até servem como fonte de renda. Ao contrário das mulheres, que quase sempre acabam subjugadas por algum tipo ousado, estes homens não só sobrevivem bem na condição de inferiores, como, de onde estão, podem rir dos seus "superiores" - os ricos e talvez brochas.

Assim, se neste período, a posse de uma amante é sinal de *status* e o fascínio pela prostituição elegante ressalta a importância do dinheiro, nos "Contos rápidos" tudo se inverte. Aqui, o que viabiliza a posse da mulher desejada são, ao contrário do dinheiro, as características inatas ao narrador: sua esperteza, sua virilidade, seus dotes físicos, sua beleza. Esta é uma das possibilidades de leitura que já era sugerida nos contos de D. Villaflor, e que é aqui levada às últimas consequências, viabilizando a estratégia de atrair um contingente amplo de leitores - e possibilitando diferentes leituras.

Mesmo a importância primordial conferida até agora à heterossexualidade e à virilidade para construir o narrador pode ser questionada nos termos dos "Contos rápidos".

É o que ocorre na história de Bem-bem. Sendo o narrador um personagem homossexual, ele explica ao "Capadocio Maluco", pseudônimo (significativo, posto que os dois estão na cama), utilizado no jornal, o porquê de sua diferença:

"Eu tomo dentro por vocação; nasci para isso como os outros nascem para músicos, militares, poetas ou até políticos. Parece que quando me estavam fazendo, minha mãe, no momento da estocada final, peidou-se, de modo que teve todos os gostos no cu, e eu herdei também o fato de sentir todos os meus prazeres na bunda"²⁶

O tom é ridicularizador, mas esconde alguma dimensão de interesse ou curiosidade pelo assunto. De certa forma, assim, a comicidade serve ao redator como a linguagem científica serve ao médico que escreve sobre o mesmo tema: uma garantia de distância, que viabiliza a abordagem²⁷. A visão do homossexualismo como uma espécie de predestinação conforma uma explicação "naturalizada" da diferença de Bem-bem. A partir dela organiza-se toda a narrativa de sua vida, a começar pela incompreensão de seu tio, com quem morava, e por quem se interessou dos treze para os quatorze anos.

Incompreendido pelo tio, Bem-bem é expulso de casa, e vagando pela cidade, inevitavelmente vai dar no largo do Rocio. Lá então conhece "Gouveia", velhote simpático que o leva ao cinema. Depois lancham chocolate com pão de ló e, finalmente, o Gouveia leva-o para seu quarto. "Gouveia" designa, de modo geral, o velho libertino, frequentador do Rocio à procura de meninos como Bem-bem.

Daí para o fim, enquanto descreve sua iniciação, Bem-bem ressalta suas características "femininas", como se fossem as provas físicas, visíveis, da sua predestinação:

"O meu iniciador na putaria deixou-me então a boca e veio sugar-me os pequenos bicos de meus peitos. Recebi como um choque elétrico; a natureza, para provar que vim ao mundo

²⁶ - Capadocio Maluco, op. cit., p. 3.

²⁷ - Ver Magali Engel, op. cit., p. 59, sobre a linguagem científica legitimando a abordagem médica de temas interditos. Ver também a tese do dr. Pires de Almeida, em que ele justifica o tema: "o que cumpre, portanto, é salvar os menos corrompidos com a descrição verdadeira, embora repugnante, dos males que os aguardam", Pires de Almeida, op. cit., p.3.

para tomar na bunda, pôs-me nos seios a qualidade feminina, isto é, às carícias do Gouveia eles responderam ficando eretos, empinadinhos, tal qual eu fosse mulher."²⁸

A sexualidade "invertida" de Bem-bem é constantemente naturalizada, inclusive por ele próprio. Se este mecanismo viabiliza o reconhecimento da diferença, ele não impede a manifestação do preconceito do autor na construção do personagem.

Não há, por exemplo, outra possibilidade de resolução do homossexualismo masculino que não a prostituição. Não é por acaso que a iniciação sexual de Bem-bem seja retratada como uma iniciação, segundo ele mesmo, na "putaria". Sendo expulso da casa do tio, é apenas no largo do Rocio, reconhecido como lugar de concentração de homossexuais que ele - longe da família e guiado pelos seus instintos - pode viver de acordo com a sua "natureza". A ênfase na prostituição, assim, confere um sentido unívoco à homossexualidade²⁹.

Pode ser que contos como esse fossem dirigidos a "paladares" mais específicos, mas é curioso que o mesmo tema reapareça, ocasionalmente, n' O Cachorro, que trata da prostituta italiana e seu animal de estimação. Mesmo que se direcionasse a uma certa parcela do público, o homossexualismo era um tema que devia suscitar um interesse mais geral - nem que fosse por curiosidade. Como um assunto incidental, é curioso perceber o jogo entre o preconceito indisfarçável por parte do redator, e sua própria prática de escrever sobre um assunto que certamente devia interessar, por muitos motivos a seus leitores e até a ele mesmo.

A abordagem do assunto se segue a uma rápida análise das utilidades dos cães para abrandar os desejos de meninas de família e de prostitutas de alto bordo, destacando-se as vantagens da situação para o próprio cachorro, que afinal de contas, "também são gente, quero dizer, também têm instinto..."³⁰. O narrador, então, revela que os animais também podem ser úteis a "certos homens...". Revela que um "conhecido homem de letras", tendo se apresentado candidato a um certo cargo, foi acusado através de um carta enviado aos homens que iriam elegê-lo, de "se fazer enrubar por um cachorro". Ninguém teria acreditado e o homem foi eleito,

²⁸ - Capadócio Maluco, op. cit., p. 13.

²⁹ - Sobre homossexualismo, ver Luis Carlos Soares, op. cit., cap.VI, "O homossexualismo e a prostituição masculina", em que o autor se baseia principalmente em Pires de Almeida e Ferraz Macedo. Ver também Peter Fry, "Leónie, Pombinha, Amaro e Aleixo: prostituição, homossexualidade e raça em dois romances naturalistas", Caminhos cruzados: linguagem, antropologia e ciências naturais São Paulo: Brasiliense, 1982.

³⁰ - Zé Teso, op. cit., p. 4.

mas, segundo o narrador, a acusação indica a existência de homens que sentem prazer em relações com animais.

Do mesmo modo, o fato do autor resolver tratar do tema indica a existência de leitores que gostam de ler sobre homens que se fazem "enrabar por cachorros", a despeito da opinião do narrador sobre o assunto. Para ele, a motivação das pessoas é mais ou menos imponderável, já que "cada um dá o que é seu a quem quer", seja a um cachorro ou a outro homem, não importa. A animalidade da situação sobrepõe-se a outros comentários, e é provável que seja exatamente isso que faz com que o assunto tenha sucesso entre parte dos leitores.

A idéia de que certos homens "tomam no cu por gosto, por prazer", parece ser das mais abjetas para o narrador, e este é o único registro no qual ele pode abordar o tema, e atingir com ele os leitores supostamente interessados no assunto. Mas, se para o redator tudo aquilo é abjeto e exótico - ainda que talvez seja excitante exatamente por isso - há indícios de que muitos leitores não estranhassem tanto essas relações. Prostitutas como aquelas frequentadas por D. Felício eram familiares para muitos leitores. Qualquer um que lesse a seção de fofocas "Carteira de um peru", posteriormente "Nas zonas..." - denominação que, longe de ser coincidência com o título do conto, é mais uma estratégia para atrair leitores - não estranharia muito as situações vividas por Felício, e talvez concordasse com sua preferência pela "mulata nacional" à "francesa". Do mesmo modo, ao ser publicado, O Marchante deve ter levado em consideração os leitores da seção "Gambiarras", fofocas dos bastidores teatrais, que se identificavam com o narrador, ou pelo menos gostariam de ser bem sucedidos com as coristas como ele.

De um lado tudo isso indica que a "introjeção", como quer Needel, dos códigos franceses de comportamento sexual não foi unívoca, e se misturou com uma infinidade de outras projeções e práticas sexuais. Os periódicos de gênero alegre podiam fazer com que essas fantasias "elegantes" com prostitutas francesas circulassem de uma forma mais ampla do que simplesmente entre a elite, mas também propiciavam a circulação de outras fantasias para os mais variados "paladares". Vem daí o segundo aspecto: estes significados eram mais do que uma afirmação de diferenciação social. Tratava-se da naturalização dos estereótipos - adúlteras, homossexuais, homens pobres e brutais - que veiculavam uma visão hierarquizada dos lugares destinados a cada um na sociedade e, ao mesmo tempo, carregavam ambiguidades que certamente ultrapassavam as intenções dos redatores para alcançar um público diversificado.

A criação de uma identidade viril para o homem pobre, a possibilidade de se falar do homossexualismo com humor - portanto fora dos cânones médicos que o classificavam univocamente como anomalia - ou o reconhecimento de que as mulheres possuíam desejos sexuais como os homens, mas que eram socialmente reprimidos constituem abordagens que, de forma crítica, pressupunham uma sociedade regida por homens, heterossexuais, elegantes, ricos, e eventualmente impotentes.

Os "Contos Rápidos", assim, podem ser lidos, entre outras possibilidades, como uma reelaboração das diferenças sociais do ponto de vista dos inferiorizados na hierarquia social. É claro que este ponto de vista é construído principalmente pelo viés do "exotismo". Ele serve, em primeiro lugar, para veicular relações e identidades sexuais que podiam ser excitantes para homens como os redatores, mas que eles não podiam atribuir a si próprios ou a personagens elegantes. Este mecanismo, mesmo com toda a sua lógica de naturalização das desigualdades, é significativo da pornografia como uma alternativa para os que não partilhavam de uma certa identidade masculina construída (e pressuposta) a partir da posse da prostituta francesa. Os limites entre o "exotismo" e uma identificação entre leitor e narrador, portanto, podem ser suficientemente ambíguos para que os próprios "excluídos" dos padrões dominantes de comportamento masculino, como um homem heterossexual pobre ou um homossexual, possam se reconhecer ou, pelo menos, se excitar com essas histórias e personagens de "gênero alegre".

* * *

Talvez agora seja possível responder à pergunta inicial: por que estes periódicos eram ameaçadores e para quem? Que limites eles romperam com seu humor de conotações sexuais a ponto de chegarem a ser proibidos? De certa forma, os três capítulos tentaram responder estas questões a partir de diferentes enfoques.

Como vimos, as relações tematizadas por estes periódicos nada tinham de "permissivas", no sentido de constituírem um universo que se oporia a um mundo cotidiano "normatizado". Ao contrário, essas abordagens podem ser tomadas como a expressão de um certo entendimento das relações sociais "cotidianas". De especial, esta forma de expressão parece ter a possibilidade de naturalizar as hierarquias e os lugares sociais, por

representá-los através de identidades de gênero fixas e também naturalizadas. As transgressões morais tematizadas nos dois periódicos, neste sentido, podem até ser lidas como uma forma de reafirmar algumas normas de gênero: é o que se percebe, por exemplo, na caracterização como “desviantes” das personagens femininas “independentes” do Rio Nu ou, no caso do Sans dessous, a condenação de mulheres “histéricas” que agem como conquistadoras.

É claro, porém, que esta não é a única leitura possível, sendo extremamente significativo que alguns homens pudessem pensar em mulheres que rompessem com suas identidades de gênero, assumindo características “masculinas”, como a racionalidade. Por outro lado, a construção de personagens “masculinos” que podem expressar uma visão crítica da política e das relações sociais devido à sua condição de excluídos, como o Vagabundo, o “Zé” ou os narradores dos “Contos Rápidos”, indica uma outra possibilidade de associação entre identidades sociais e de gênero: os homens pobres têm uma sexualidade exacerbada; sua situação de inferioridade social faz com que eles se diferenciem dos seus “superiores” parecendo-se, nessa inferioridade, com mulheres. Mas, como não deixam de ser homens, continuam tendo a prerrogativa de afirmar uma identidade diferenciada através das suas características “naturais” vantajosas, principalmente a virilidade.

Os periódicos de gênero alegre podem ser então vistos como um lugar de tematização de identidades sociais e de gênero, e também de expressão de algumas possibilidades de leituras alternativas delas que parecem ter se tornado possíveis devido ao objetivo primeiro dos seus conteúdos: provocar excitação sexual. Foi o que tentei mostrar em especial com os “Contos Rápidos”. Portanto, ao invés simplesmente de expressarem “desejos” fora dos padrões, estes periódicos viabilizaram diferentes utilizações das identidades sociais e de gênero, através de tematizações de relações e personagens moralmente transgressores - para além dos conteúdos normativos pretendidos pelos redatores destas “leituras aperitivas”. Os jornais, nos seus próprios conteúdos, constituem assim uma arena de disputas em torno dos limites da moralidade sexual.

Para além do conteúdo destas folhas, no entanto, a própria existência bem sucedida das publicações de gênero alegre em grande parte se deveu ao ineditismo de se tematizarem assuntos relacionados ao sexo de uma forma humorística e com uma possibilidade de circulação também inédita. O desenvolvimento deste gênero diferenciado, porém, não ocorreu sem conflitos. A discussão sobre a moralidade sexual e seus limites no que diz respeito à imprensa se referiram, de um lado, à definição do público leitor destes jornais e à possibilidade de leitores indesejados terem acesso a eles. Do ponto de vista dos redatores dos periódicos, a afirmação de um público delimitado era central para a própria criação de uma identidade dos jornais na imprensa; para as autoridades, essa discussão expressava um conflito mais amplo entre alguns setores sociais, em especial os católicos e os juristas, para definir a quem caberia a prerrogativa de exercer um controle social sobre a moralidade de certas parcelas da população.

A associação entre mulheres e "pobres", implícita ou explicitamente, ao longo da polêmica sobre a proibição na imprensa diária, passava por duas características e eles atribuídos: a infantilidade, e principalmente, o perigo que representariam caso não fossem mantidos sob controle. Curiosamente, os periódicos não pareciam estar muito distante desta lógica: afinal, a invenção de um "popular" que assume características "obscenas" não é mais do que a garantia de uma distância segura do que podia ser moralmente ameaçador. Do mesmo modo, o registro preconceituoso dos autores e redatores na tematização das relações estabelecidas "nas zonas" pode ser indicativo de uma dificuldade maior, por parte deles mesmos, de se lidar com uma inédita visibilidade em torno de muitas formas de comercialização do sexo.

A consolidação dessa imprensa de "gênero alegre", portanto, pode ser vista como simultânea à percepção de que sexo, entre outras coisas, podia servir não só para que homens ricos afirmassem uma identidade socialmente distinta, na busca do prazer europeizado de bordéis elegantes. Graças à apropriação de recursos da imprensa humorística do período, também podia servir para divertir os que não foram diretamente beneficiados por esta imitação de belle époque francesa exaltada nas páginas do Sans dessous. A

polêmica em torno da proibição destes periódicos começou a evidenciar que eles não apenas podiam romper com um senso compartilhado de moralidade sexual, mas que, fazendo isso, abriam possibilidades de entendimentos que podiam sair do controle, não só da polícia ou do católico diretor dos correios, mas das intenções dos próprios redatores.

Fontes e bibliografia

I - Fontes

A - Periódicos

Almanaque do Teatro, 1906/1907.

O Arara, 1901.

Boletim Policial, 1911.

O Coió, 1901, 1902.

Correio da Manhã, 1905,

O Filhote da Careta, 1910.

Fon-Fon, 1907, 1909, 1910.

Gazeta da Tarde, 1898.

Gazeta de Notícias, 1896, 1898

Gigolette, 1916.

João Minhoca, 1901.

Jornal do Brasil, 1902.

O Malho, 1903, 1904.

O Nu, 1901.

O Parafuso, 1915.

A Pimenta, 1903 (PE)

Revista da Semana, 1903.

Rio-chic, 1909.

Rio Nu, 1898-1916.

Sans dessous, 1909-1910.

Tagarela, 1902, 1904.

B - Memorialistas

AMADO, Gilberto, Mocidade no Rio e primeira viagem à Europa Rio de Janeiro: Liv. José Olímpio, 1958.

BARBOSA, Orestes, Bambambã Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1993.

MARTINS FONTES, Boemia Galante - Poesia Cômica Santos: Bazar Americano, s.d.

CAMPOS, Humberto de, Diário Secreto Rio de Janeiro: Ed. "O Cruzeiro", 1954.

COARACY, Vivaldo Memórias da cidade do Rio de Janeiro Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1988.

C - Outros

ASSIS, Dilermando de. A Tragédia da Piedade Rio de Janeiro: "O Cruzeiro"

BOCK (J. Brito), Dicionário Moderno Rio de Janeiro: Ed. Rebello Braga, 1903.

CAPADÓCIO MALUCO, O menino de Gouveia Contos Rápidos, n.6, Casa Editora Cupido & Comp., Ilha de Vênus. (1914)

DOM FELÍCIO, Na zona... Contos Rápidos, n. 11. Casa Editora Cupido & Comp., Ilha de Vênus. (1914)

HOMEM DE FERRO, O Marchante Contos Rápidos, n. 18, Casa Editora Cupido & Comp., Ilha de Vênus. (1914)

LUCIO D'AMOUR, A Pulga Contos Rápidos n. 7. Casa Editora Cupido & Comp., Ilha de Vênus. (1914)

LUDORO, Lenita - cenas pecaminosas do Rio de Janeiro Pompéia: Cupido, s. d. (1899)

PIRES DE ALMEIDA, Homossexualismo - A libertinagem no Rio de Janeiro Rio de Janeiro: Laemmert, 1906.

SABÓIA, Gilberto Ribeiro de, O Lenocínio Rio de Janeiro: Tip. Lit. de Carlos Schmidt, sucessor de H. Lombaerts, 1896.

SOARES, Oscar Macedo de, Código Penal da República dos Estados Unidos do Brasil Rio de Janeiro: H. Garnier, s.d.

TOBIAS, Padre Manoel, 2a. Conferência Interna, realizada a 15 de agosto de 1915... União Católica Brasileira. (Núcleo da Paraíba). Paraíba do Norte: Tip. d'A Imprensa, 1915.

VAGABUNDO, A cabeça do carvalho - novela de arroxó Casa Editora Cupido & Comp., Ilha de Vênus, s.d..

VIVEIROS, Custódio de O Gomes (episódios da vida acadêmica) Rio de Janeiro: Tip. do Jornal do Comércio, de Rodrigues & C., 1915.

ZÉ FIDÉLIS, O Brinquedo Contos Rápidos, n. 12. Casa Editora Cupido & Comp., Ilha de Vênus.(1914)

ZÉ TESO, O Cachorro Contos Rápidos n. 13. Casa Editora Cupido & Comp., Ilha de Vênus. (1914)

BOB (Olavo Bilac), Contos para velhos Rio de Janeiro: Casa Mont'Alverne, 1897.

BOCK (J. Brito), Dicionário Moderno Rio de Janeiro: Ed. Rebello Braga, 1903.

PUFF & PUCK, Pimentões - Rimas d'O Filhote Rio de Janeiro: Laemmert, 1897.

Don Felício, Na zona... Contos Rápidos, n. 11. Casa Editora Cupido & Comp., Ilha de Vênus. (1914)

D - Manuscritos

- Correspondências dos delegados ao chefe de polícia, Pacote 418 A, caixa 5557, Arquivo Nacional, 1911 e 1912.

- Pedido de licença ao segundo delegado auxiliar, por Eurico Silva, Pacote 179, caixa 5360, Arquivo Nacional, 1906.

- Correspondência ao Chefe de Polícia, Pacote 417, caixa 5555, Arquivo Nacional, 1912.

II - Bibliografia citada

- ANDRADE, Jeferson de. Anna de Assis - A história de um trágico amor Rio de Janeiro: Codecri, 1987.
- BUTLER, Judith. Gender Trouble: Feminism and the subversion of identity New York: Routledge, 1990.
- CARTER, Angela. The Sadeian woman and the ideology of pornography New York: Pantheon Books, 1978.
- CARVALHO, Lia de Aquino/ ROCHA, Oswaldo Porto. Habitacões Populares. Rio de Janeiro, 1886-1906/ A Era das Demolições. Cidade do Rio de Janeiro, 1870-1920 Rio de Janeiro: Sec. Mun. de Cult., 1986.
- CAULFIELD, Sueann. "Getting into trouble: Dishonest women, modern girls and women-men in the conceptual language of *Vida Policial*, 1925-1927", Signs: Journal of women in culture and society, vol. 19, n.1, 1993, pp.146-176.
- CAULFIELD, Sueann. In defense of honor: the contested meaning of sexual morality in law and courtship, Rio de Janeiro, 1920-1940 Dissertation for the degree of doctor of philosophy, Department of history, N.Y. University, May, 1994.
- CHALHOUB, Sidney. Cidade Febril. Corticos e epidemias na Corte Imperial São Paulo: Cia. das letras, 1996.
- CHALHOUB, Sidney. Trabalho, lar e botequim São Paulo: Brasiliense, 1986
- COSTA, Jurandir Freire. Ordem médica e norma familiar Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- CUNHA, Maria Clementina Pereira. O espelho do mundo Rio de Janeiro: Paz e terra, 1986.
- DAMAZIO, Sylvia. Retrato social do Rio de Janeiro Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1996.
- DARNTON, Robert. O Grande massacre de gatos e outros ensaios Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- DARNTON, Robert. "Sexo dá o que pensar", in Adauto Novaes (org.), Libertinos Libertários São Paulo: Cia. das letras, 1996
- DARNTON, Robert. The Forbidden Best-Sellers of Pre-Revolutionary France New York, WW Norton, 1996.

DOTTIN-ORSINI, Mireille. A mulher que eles chamavam fatal: textos e imagens da misoginia fin de siècle Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

ENGEL, Magali, Meretrizes e Doutores, São Paulo: Brasiliense, 1989

ESTEVES, Martha de Abreu. Meninas perdidas: os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque Rio de Janeiro: Paz e terra, 1989.

FREIRE, Gilberto. Ordem e Progresso Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1959.

FRITSCH, Lilian, e PECHMAN, Sergio, "A reforma urbana e seu avesso: algumas considerações a propósito da modernização do Distrito Federal na virada do século", in Cultura e Cidades São Paulo: Marco Zero, 1985.

FRY, Peter. "Leónie, Pombinha, Amaro e Aleixo: prostituição, homossexualidade e raça em dois romances naturalistas", Caminhos cruzados: linguagem, antropologia e ciências naturais São Paulo: Brasiliense, 1982.

GINZBURG, Carlo. O queijo e os vermes São Paulo: Cia. das letras, 1987.

GRAHAM, Sandra. Proteção e obediência São Paulo: Cia. das letras, 1992

HUNT, Lynn (ed.). The Invention of Pornography - obscenity and the origins of modernity, 1500-1800 New York: Zone Books, 1996.

LAQUEUR, Thomas. Making sex: body and gender from the Greeks to Freud Cambridge: Harvard University Press, 1990.

LIMA, Herman. História da caricatura no Brasil Rio de Janeiro: José Olímpio, 1963.

MACHADO, Roberto et. al., Danação da norma Rio de Janeiro: Graal, 1978.

MENCARELLI, Fernando. A cena aberta - a interpretação de O bilontra no teatro de revista de Arthur Azevedo Campinas: Dissertação de mestrado em História Social, Unicamp, 1996

MENEZES, Lená Medeiros de. Os estrangeiros e o comércio do prazer nas ruas do Rio Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1992.

MENEZES, Raimundo de, Dicionário Literário Brasileiro, Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

MENEZES, Raimundo de. Bastos Tigre e a Belle Époque São Paulo: Edart, 1966.

- NEEDEL, Jeffrey. Belle Époque Tropical São Paulo: Cia. das letras, 1993
- PEREIRA, Cristiana Schettini. "Nas barbas de momo: os sentidos da presença feminina nos carnavais das "Grandes Sociedades" nos últimos anos do século XIX", Monografia Campinas, 5 (6), 1995.
- PEREIRA, Leonardo. O carnaval das letras Rio de Janeiro: Sec. Mun. de Cult., Dep. Ger. de Doc. e Inf. Cult., Divisão de Editoração, 1994
- PERROT, Michelle., Os excluídos da história Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988
- PONTES, Eloy. A vida exuberante de Olavo Bilac Rio de Janeiro: José Olympio, 1944
- PRETI, Dino. A linguagem proibida: um estudo sobre a linguagem erótica São Paulo: T. A. Queiroz, 1983.
- RAGO, Margareth. Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar. Brasil, 1890-1930 Rio de Janeiro: Paz e terra, 1985
- RAGO, Margareth. Os Prazeres da noite Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- SCOTT, Joan. "Prefácio a Gender and Politics of history", Cadernos Pagu , 3, 1994, pp. 11-27
- SEVCENKO, Nicolau. Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República São Paulo: Brasiliense, 1989.
- SOARES, Luiz Carlos. Rameiras, ilhoas e polacas- a prostituição no Rio de Janeiro do século XIX São Paulo: Ática, 1992
- SODRÉ, Nelson Werneck. A história da imprensa no Brasil Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.
- SOIHET, Raquel. Condição feminina e formas de violência: mulheres pobres e ordem urbana, 1890-1920 Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.
- THOMPSON, E. P. . Tradición, revuelta y conciencia de clase Barcelona: Crítica, 1984.
- VELLOSO, Mônica. Imaginário humorístico e modernidade carioca Tese de doutorado em História Social, São Paulo, FFLCH/USP, 1995
- VARIKAS, Eleni. "Gênero, experiência e subjetividade: a propósito do desacordo Tilly-Scott", Cadernos Pagu, 3, 1994.

ABYSSMO!...



Oh! que sublime posição!
Até parece abacaxi!...
Ai! se eu pudesse ser sity
Logo arranjava habitação!

Aquellas formas delicadas...
Nossa senhora! que perigo!...
Ui! que picadas pelo umbigo!
Ui! pelo umbigo... que picadas!...

Ai! se eu pudesse ser a lua,
Meu S. Chrispim! que tentação!
Projectaria o meu clarão
N'aquella peina grossa, nua!...

Visto só ter azar aos molhos,
Uma esperança em mim me resta
Passar de longe, olhar, co os olhos...
Depois ficar lambendo a testa!...

JOSÉ GILLES

Figura 1 - Rio Nu, 21 de abril de 1900

NA CASA DE BANHOS



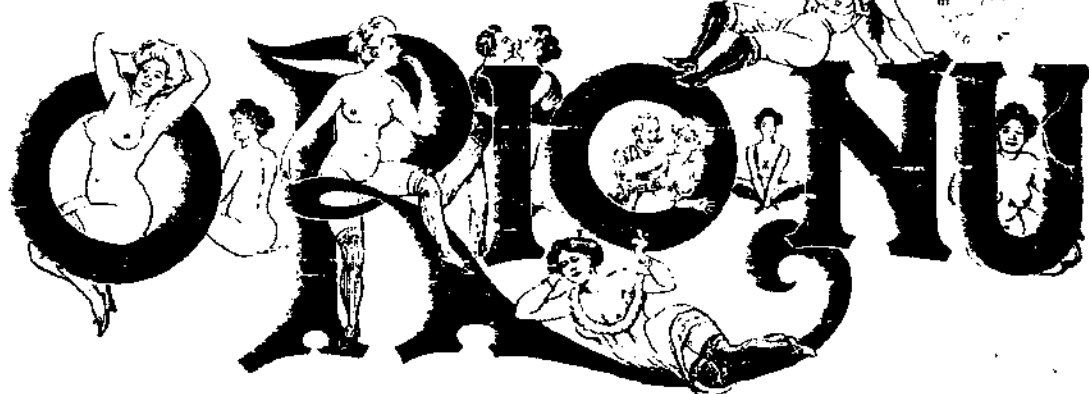
- (1) BANHISTA. — Ah! grandíssimo patife estás ahí espiando as banhistas! Morrete a vida!
 (2) SUJEITO (sem deixar de espiar). — Vem com teu pau, que eu cá te espero com outro mais duro...

Figura 2- Rio Nu, 8 de abril de 1905

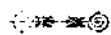
Anno VIII-- Rio de Janeiro-- 8 de Abril de 1905

(R)

1. 205



Periodico bi-semanal, humoristico e illustrado



Redacção e administração, rua da Assembléa, 73

Figura 3- Idem

DE RIO SANS DESSOUS DE



A hora do lunch no continuado collegio da Professora Augusta, que e a que esta sentada, ao centro. Ao lado della, tambem sentadas, Nona, a gaucha e Marietta... a neneca

Em po, duas damas bem aproveitavam do pause... nocturno.

Figura 4 - Sans dessous, 17 de março de 1910

O Brazil na Europa



Figura 5 - Sans dessous, 24 de fevereiro de 1910

Esta figura, como muitas outras, já tinha sido publicada no Rio Nu, mas com outra piada.



Figura 6 - Sans dessous, 17 de fevereiro de 1910.

.....



© 2000 Blackwell Science Ltd *Journal of Internal Medicine* 247: 101–108



Figura 8 - Sans dessous, 28 de outubro de 1909.



Eu obrigado a fazer punheta. É verdade que foi uma só.

Figura 9 - Homem de Ferro, O Marchante, Contos rápidos no. 18 (1914).